

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CINTHIA RAQUEL DE SOUZA

CIENTISTAS NEGRAS NOS CURSOS DE CIÊNCIAS EXATAS: (RE)EXISTÊNCIAS

CURITIBA
2024



CINTHIA RAQUEL DE SOUZA

CIENTISTAS NEGRAS NOS CURSOS DE CIÊNCIAS EXATAS: (RE)EXISTÊNCIAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, no Setor de Ciências Exatas, na Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação em Ciências e em Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Elenilton Vieira Godoy

CURITIBA

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS
BIBLIOTECA CENTRAL – SEÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

- S729 Souza, Cinthia Raquel de, 1985-
Cientistas negras nos cursos de ciências exatas [recurso eletrônico] : (re) existências \ Cinthia Raquel de Souza. – Dados eletrônicos. – 2024.
1 arquivo (233 f.) : PDF.
- Requisitos do Sistema: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: World Wide Web.
“Orientador: Prof. Dr. Elenilton Vieira Godoy”.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e em Matemática, 2024.
Bibliografia: f. 140-144.
1. Mulheres cientistas - Negras. 2. Feministas negras. 3. Racismo na educação. 4. Sexismo na educação. I. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e em Matemática. II. Godoy, Elenilton Vieira, 1973-. III. Título.

CDD: 305.435
CDU: 396(=414)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA - 40001016068P7

ATA Nº017

**ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DOUTORADO PARA A OBTENÇÃO DO
GRAU DE DOUTORA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA**

No dia vinte e oito de fevereiro de dois mil e vinte e quatro às 14:00 horas, na sala <https://bbb.c3sl.ufpr.br/rooms/ele-ten-0sq-ai3/join>, por meio da Plataforma UFPR, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de tese da doutoranda **CINTHIA RAQUEL DE SOUZA**, intitulada: **CIENTISTAS NEGRAS NOS CURSOS DE CIÊNCIAS EXATAS: (RE)EXISTÊNCIA**, sob orientação do Prof. Dr. ELENILTON VIEIRA GODOY. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: ELENILTON VIEIRA GODOY (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), JOYCE ALVES DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO), GLADIS ELISE PEREIRA DA SILVA KAERCHER (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL), VANESSA FRANCO NETO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL), GABRIELA ISABEL REYES ORMEÑO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de doutora está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, ELENILTON VIEIRA GODOY, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 28 de Fevereiro de 2024.

Assinatura Eletrônica
29/02/2024 13:52:34.0
ELENILTON VIEIRA GODOY
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
05/03/2024 11:47:12.0
JOYCE ALVES DA SILVA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE
JANEIRO)

Assinatura Eletrônica
01/03/2024 09:50:11.0
GLADIS ELISE PEREIRA DA SILVA KAERCHER
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO
SUL)

Assinatura Eletrônica
29/02/2024 14:12:23.0
VANESSA FRANCO NETO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO
SUL)

Assinatura Eletrônica
12/03/2024 12:37:13.0
GABRIELA ISABEL REYES ORMEÑO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua Coronel Francisco Heráclito dos Santos, 100 - Centro Politécnico - Edifício da Administração - 4º. Andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 81531-980 - Tel: (41) 3361-3696 - E-mail: ppgecm@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 340554

**Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 340554**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA - 40001016068P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **CINTHIA RAQUEL DE SOUZA** intitulada: **CIENTISTAS NEGRAS NOS CURSOS DE CIÊNCIAS EXATAS: (RE)EXISTÊNCIA**, sob orientação do Prof. Dr. ELENILTON VIEIRA GODOY, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 28 de Fevereiro de 2024.

Assinatura Eletrônica
29/02/2024 13:52:34.0
ELENILTON VIEIRA GODOY
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
05/03/2024 11:47:12.0
JOYCE ALVES DA SILVA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)

Assinatura Eletrônica
29/02/2024 14:12:23.0
VANESSA FRANCO NETO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL)

Assinatura Eletrônica
01/03/2024 09:50:11.0
GLADIS ELISE PEREIRA DA SILVA KAERCHER
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL)

Assinatura Eletrônica
12/03/2024 12:37:13.0
GABRIELA ISABEL REYES ORMEÑO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua Coronel Francisco Heráclito dos Santos, 100 - Centro Politécnico - Edifício da Administração - 4º. Andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 81531-980 - Tel: (41) 3361-3696 - E-mail: ppgecm@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 340554

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 340554

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Professor Elenilton Vieira Godoy.

Às irmãs, incríveis mulheres que compartilharam suas trajetórias para construção dessa tese.

Às maravilhosas Professoras que compuseram a banca, Gabriela Isabel Reyes Ormeno, Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher, Joyce Alves da Silva e Vanessa Franco Neto pelos conselhos e pela extrema delicadeza.

À minha amada mãe, Lourdes. Sem sua força e obstinação eu não teria chegado tão longe.

Aos queridos amigos, Arthur, Ewerton, Karina, Lucelina e Orliney, pelo apoio e pelo conforto que me ofereceram em tantos momentos difíceis.

RESUMO

A presente tese, produzida no âmbito do Grupo de Estudos Curriculares, Decolonialidade, Diversidade e Subalternidade (GECUDEDIS), teve como objetivo principal produzir sentidos a partir das trajetórias e experiências vividas por um grupo de pesquisadoras negras que atuam nos cursos de Ciências Exatas da UFPR. Em um primeiro momento busca-se articular títulos e resumos de trabalhos socializados no âmbito do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (CTD-CAPES), e nos principais eventos na área de Educação em Ciências e em Matemática, Educação e produções de pesquisadores negros, correlacionados à trajetória pessoal e profissional de mulheres negras. Para discussão dos dados obtidos, buscou-se através da Interseccionalidade como Teoria Social Crítica traçar paralelos entre as produções e a intersecção entre gênero, raça, classe entre outros. Em um segundo momento, apresenta-se definições e referenciais teóricos que deem lastro à discussão das trajetórias das pesquisadoras entrevistadas. Para geração dos dados foram realizadas entrevistas narrativas, nas quais procurou-se identificar e discutir elementos de racismo institucional e estrutural, assim como os assédios vividos por essas pesquisadoras tanto em suas vidas pessoais quanto no âmbito profissional. A análise e discussão realizadas foram movimentadas a partir das proposições de referenciais teóricos negros, que tratam das relações interraciais no âmbito institucional, pessoal, bem como as vicissitudes das relações entre pessoas negras e brancas no ambiente acadêmico, com ênfase na perspectiva interseccional. Nesse sentido, a análise das entrevistas narrativas nos permitiu discutir as semelhanças entre suas trajetórias em um local dominado pela cultura cisheteronormativa, branca e patriarcal. Dentre as conclusões, destaca-se que o racismo e o sexismo atuam de forma sistêmica, interseccionando gênero, raça e classe, na trajetória das pesquisadoras negras participantes da pesquisa.

Palavras-chave: cientistas negras nas Ciências Exatas; interseccionalidade; mulheres negras; feminismos negros; racismo institucional e estrutural; sexismo.

ABSTRACT

The present thesis, produced within the scope of the Group of Curricular Studies, Decoloniality, Diversity and Subalternity (GECUDEDIS), had as its main objective to produce meanings based on the trajectories and experiences lived by a group of black women researchers who work in the Exact Sciences courses at UFPR. Initially, we seek to articulate titles and summaries of works published within the scope of the CAPES Theses and Dissertations Catalog (CTD-CAPES), and in the main events in the area of Science and Mathematics Education, Education and productions by black researchers, correlated to the personal and professional trajectory of black women. To discuss the data obtained, Intersectionality as a Critical Social Theory sought to draw parallels between productions and the intersection between gender, race, class, among others. Secondly, definitions and theoretical references are presented to support the discussion of the trajectories of the researchers interviewed. To generate the data, narrative interviews were carried out, in which we sought to identify and discuss elements of institutional and structural racism, as well as the harassment experienced by these researchers both in their personal lives and in the professional sphere. The analysis and discussion carried out were based on propositions from black theoretical references, which deal with interracial relationships at institutional and personal levels, as well as the vicissitudes of relationships between black and white people in the academic environment, with an emphasis on the intersectional perspective. In this sense, the analysis of the narrative interviews allowed us to discuss the similarities between their trajectories in a place dominated by cisheteronormative, white and patriarchal culture. Among the conclusions, it is highlighted that racism and sexism act in a systemic way, intersecting gender, race and class, in the trajectory of the black researchers participating in the research.

Key-words: black scientists in in STEAM; intersectionality; black women; black feminisms; institutional and structural racism; sexism.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Relação de dissertações e teses mapeadas e analisadas.	26
TABELA 2 – Ranking das instituições mapeadas nas dissertações e teses do CTD-CAPES.	28
TABELA 3 – Ranking das regiões brasileiras <i>versus</i> produções.	29
TABELA 4 – Direcionamento das pesquisas mapeadas no CTD-CAPES.	30
TABELA 5 – Metodologias de análise dos dados encontradas nas teses e dissertações mapeadas no CTD-CAPES.	31
TABELA 6 – Número de pesquisas mapeadas por ano pesquisado no CTD-CAPES.	32
TABELA 7 – Relação de pesquisas mapeadas e analisadas no ENPEC.	49
TABELA 8 – Ranking das instituições mapeadas nos anais do ENPEC por regiões brasileiras.	50
TABELA 9 – Ranking das metodologias de pesquisa mapeadas nos anais do ENPEC.	50
TABELA 10 – Ranking do público-alvo (direcionamento) mapeado nos anais do ENPEC.	51
TABELA 11 – Relação de pesquisas mapeadas e analisados no SIPEM.	52
TABELA 12 – Ranking das instituições mapeadas nos anais do SIPEM por regiões brasileiras.	53
TABELA 13 – Ranking das metodologias mapeadas nos anais do SIPEM.	53
TABELA 14 – Ranking do público-alvo (direcionamento) mapeados nos anais do SIPEM.	54
TABELA 15 – Relação de pesquisas mapeadas e analisados nos anais das Reuniões Nacionais da ANPEd.	55
TABELA 16 – Ranking das instituições mapeadas nos anais das Reuniões Nacionais da ANPEd por regiões brasileiras.	56
TABELA 17 – Ranking das metodologias mapeadas nos anais das Reuniões Nacionais da ANPEd.	57
TABELA 18 – Ranking do público-alvo (direcionamento) mapeados nos anais das Reuniões Nacionais da ANPEd.	57
TABELA 19 – Relação de pesquisas mapeadas e analisados no COPENE.	58
TABELA 20 – Ranking das instituições mapeadas nos anais do COPENE por regiões brasileiras.	59
TABELA 21 – Ranking das metodologias mapeadas nos anais do COPENE.	60
TABELA 22 – Ranking do público-alvo (direcionamento) mapeados nos anais do COPENE.	60

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Distribuição de dissertações e teses mapeadas no CTD-CAPES por estado brasileiro.	29
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Evolução das produções mapeadas no CTD-CAPES.....	32
---	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1– Direcionamento das dissertações por enunciação geral e específica. 37	37
QUADRO 2 – Direcionamento das teses por enunciação geral e específica.38	38
QUADRO 3 – Direcionamento dos trabalhos mapeados em anais de evento por enunciação geral e específica.62	62

LISTA DE SIGLAS

ABPN	Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as)
ABRAPEC	Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências
ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CEFET-MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
CEFET-RJ	Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro
CEFET-SP	Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COPENE	Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) Negros(as)
CTD-CAPES	Catálogo de Teses e Dissertações CAPES
ENEM	Encontro Nacional de Educação Matemática
ENPEC	Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FURB	Universidade Regional de Blumenau
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
FUVATES	Fundação Vale Do Taquari De Educação e Desenvolvimento Social
IFBA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
IFES	Instituto Federal do Espírito Santo
IFF	Instituto Federal Fluminense
IFG	Instituto Federal de Goiás
IFMA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

IFNMG	Instituto Federal do Norte de Minas Gerais
IFPB	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba
IFPE	Instituto Federal de Pernambuco
IFPR	Instituto Federal do Paraná
IFRJ	Instituto Federal do Rio de Janeiro
IFRN	Instituto Federal do Rio Grande do Norte
IFS	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe
IFSC	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
IFSP	Instituto Federal de São Paulo
IFSul	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense
IFTM	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Triângulo
IPA	Centro Universitário Metodista do Sul
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PUC-Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SBEM	Sociedade Brasileira de Educação Matemática
SEED-SP	Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
SIPEM	Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática
Uchile	Universidad de Chile
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
UEL	Universidade Estadual de Londrina

UEM	Universidade Estadual de Maringá
UENF	Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIFEI	Universidade Federal de Itajubá
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNIJUI	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa
URI	Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I: O LUGAR DA MULHER NEGRA NA ACADEMIA, INTERSECCIONALIDADES E EXISTÊNCIAS NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO ...	24
1.1 MAPEAMENTO EM TESES E DISSERTAÇÕES NO CTD-CAPES	25
1.2 MAPEAMENTO EM ANAIS DE EVENTOS	47
CAPÍTULO II: RACISMOS: (R)EXISTÊNCIAS DO POVO NEGRO	67
2.1 RELAÇÃO DO NEGRO E DO BRANCO EM UMA BREVE PERSPECTIVA FANONIANA	67
2.2 RACISMO ESTRUTURAL E INSTITUCIONAL	72
CAPÍTULO III: FEMINISMOS NEGROS: DA MARGEM AO CENTRO	81
3.1 FEMINISMOS NEGROS NO EUA: gênese da insurgência	81
3.2 FEMINISMOS NEGROS NO BRASIL: arrebatando as portas da senzala, de mucama a doutora, nosso trajeto até aqui	90
CAPÍTULO IV: DESIGUALDADES SOCIAIS, RELAÇÕES DE PODER E A MULHER NEGRA NA ACADÊMIA	99
4.1 CONSTRUINDO OS TRAJETOS.....	99
4.2 AS DOCENTES-PESQUISADORAS	102
4.3 INSURGÊNCIAS E DESOBEDIÊNCIAS: mulheres negras na academia.	106
IMPRESSÕES FINAIS	133
PÓS-FÁCIO	137
REFERÊNCIAS	140
ANEXOS	145

INTRODUÇÃO

A presente tese tem como objetivo geral produzir sentidos a partir das trajetórias e experiências de pesquisadoras negras¹ atuantes nos cursos de Ciências Exatas da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Assim, a partir de suas narrativas busca-se identificar e discutir elementos de racismo institucional e estrutural, e os possíveis assédios vividos por elas, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional, e também, se pretende discutir as semelhanças entre a minha trajetória, como pesquisadora negra, e a das entrevistadas vividas em um ambiente dominado pela cultura cisheteronormativa², branca e patriarcal, sabidamente predominante na área de Ciências Exatas.

Nesse momento, preciso me inserir no texto, explicar minha ânsia por discutir questões de gênero, raça e classe. Vinda de família pobre uma de minhas maiores alegrias era receber o livro didático de ciências no início do ano letivo, e mesmo antes das aulas começarem eu lia o livro inteiro, na verdade fazia isso várias vezes durante o ano, na época o acesso a livros por crianças pobres era muito escasso. Quando fiquei um pouco mais velha ia aos faróis do saber³, lia tudo que estava disponível sobre ciências, aquele era um mundo de riqueza e felicidade, mas sobretudo eu sempre achei que a ciência me libertaria, abriria as portas para uma vida melhor.

No Ensino Médio consegui ingressar no Colégio Estadual do Paraná (CEP), que era uma das melhores escolas públicas do Estado do Paraná, com inúmeros laboratórios e recursos, e apesar de ainda estarmos em muitas dificuldades financeiras naquela época, considero que foram os anos mais felizes da minha vida. Na época, eu ainda não tinha consciência da minha negritude, portanto, não consigo pontuar situações de racismo que enfrentei.

¹ Pessoas negras, entenda-se com grupo formado pelos grupos étnicos dos pretos e pardo, conforme definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

² “A cisheteronormatividade é a naturalização e normatização de uma forma específica de se relacionar afetivo- sexualmente: um homem cisgênero se relacionando com uma mulher cisgênero, supondo uma linearidade entre corpo somático, prática sexual e identidade de gênero, linearidade que mantém o binarismo masculino-feminino” (COSTA; COSTA; KAHHALE; BRAMBILLA, 2023, p. 67).

³ São bibliotecas de bairro, em Curitiba/PR, localizadas em praças, que prestam atendimento à comunidade em geral. Oferecem serviços de consulta local aos acervos e de empréstimo de livros e outros materiais, proporcionam ações e projetos culturais e educativos, e disponibilizam computadores com acesso gratuito à Internet. Disponível em < <https://educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/farois-do-saber-em-pracas/7362>>, acesso em 16 de janeiro de 2023.

Contudo hoje, quando volto no tempo, me lembro da creche que frequentava na infância, na qual o público era formado majoritariamente por crianças brancas. O número de cadeiras era inferior ao número de crianças, lembro que com frequência a professora me tirava da cadeira e me colocava para comer no chão, o meu lugar à mesa era sempre destinado a uma criança branca, havia apenas duas crianças negras na escola. Lembro de um dia que a professora, no horário do almoço, me trancou dentro de um cômodo e me esqueceu lá, sem comer, só fui tirada de lá no final da tarde e ela me disse que a culpa era minha por ter ficado presa, já que eu permaneci quieta durante todo o tempo. Só depois de muitos anos que eu percebi todo o racismo e classicismo dessa situação, e por isso tomo uma frase de Neusa Santos Souza (2021), “não nascemos negros, nos tornamos negros”.

FOTOGRAFIA 1 – Festa junina, 1988.



Fonte: acervo pessoal (2023).

Retornando à minha vida escolar, com a paixão pela ciência aumentada no Ensino Médio, decido prestar vestibular para Química na UFPR, com a dificuldade em obter informações quanto à gratuidade para inscrição, a internet não era acessível a famílias de baixa renda, nossa situação financeira permitiu a inscrição somente em uma instituição. Na verdade, não sei se existiam políticas de acesso a estudantes

pobres naquele período, fiz um cursinho solidário ofertado pelo próprio CEP, mesmo com um valor relativamente acessível, anos depois descobri que minha mãe tinha emprestado dinheiro para pagar a taxa do cursinho e a inscrição no vestibular. Contudo fui aprovada, nova caloura da UFPR, meu score foi bastante baixo, em cursos mais concorridos não teria conseguido, mas apesar de todas as dificuldades me agarrei a essa chance.

O período da graduação foi difícil, eu não tinha uma “boa base” escolar, em comparação a colegas oriundos de escolas particulares, e também, considero hoje a pouca maturidade que tinha à época. O dinheiro era sempre contado, andava em média duas horas de ônibus de manhã, mais duas à tarde, o dinheiro para almoçar no Restaurante Universitário e para cópias era muito escasso. Mesmo assim, resisti e permaneci, me formei e ingressei no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Química (PPGQ) na UFPR, na ocasião tinha passado em um concurso no sistema penitenciário, tinha dispensa para assistir às aulas, mas tinha que repor toda carga horária. Trabalhava acerca de trinta e cinco quilômetros da universidade, todos os dias saía às 16h30min e chegava às 17h30min, trabalhava em meus experimentos até próximo da meia-noite e voltava para casa, essa foi minha rotina por dois anos e meio. Hoje, percebo as consequências físicas e psicológicas que essa rotina causou na minha vida, a carga extenuante, que por um lado me fizeram desistir da carreira acadêmica em Química, mas também pelos inúmeros casos de assédio e sexismo vividos.

Nesse ponto, devo ressaltar também os aspectos positivos, a importância das pessoas que fizeram parte dessa história, meu orientador à época, Professor Andersson Barison, ajudava com os experimentos e me incentivou a permanecer no curso e defender o mestrado. Sem o apoio que tive, especialmente da parte dele, jamais teria conseguido, e o fato de não ter marido e filhos também me permitiu continuar nessa empreitada extremamente cansativa, que seria impossível se ainda tivesse que assumir o papel de dona-de-casa, e denota o apagamento que muitas mulheres são obrigadas a se submeter em relação à sua vida pessoal para conquistar a almejada ascensão social.

Dois anos após o término do mestrado em Química fui aprovada em concurso para trabalhar como servidora técnico-administrativa na UFPR, após a aprovação e com o incentivo de inúmeros professores, cito alguns, Alexandre Kirilov, Marcelo

Muniz, Adriana Prado e Lucelina Batista, todos do Departamento de Matemática da UFPR, aos quais sou imensamente grata, decidi voltar aos estudos, prestei processo seletivo para o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da UFPR e fui aprovada. Entretanto, apesar da experiência muito construtiva e enriquecedora desse mestrado, ainda não tinha me encontrado totalmente com a minha negritude, eu sabia que era negra, mas não tinha consciência do peso que isso exercia na minha vida. Eis que então, conheço orientador dessa tese, recém-chegado à UFPR, esse foi um ponto de transformação na minha vida em relação ao letramento racial, quando começamos a conversar, ainda como colegas de trabalho, sobre a relação da pessoa negra com a academia, muitas coisas que eu tinha vivido e que não relacionava com a cor da minha pele. Agora estou aqui, escrevendo essa tese.

Com isso, pode-se partir do preceito que uma parcela significativa da sociedade, historicamente, associa a imagem da mulher, sobretudo de mulheres negras, aos serviços domésticos e braçais. A elas, conforme discutido por Angela Davis⁴ (2019), é destinado o que sobra dos homens brancos, mulheres brancas e homens negros. Por esse motivo, mas não só, a inserção das mulheres negras na academia ainda é muito pequena, sendo importante ressaltar que não se nega que os homens negros também são vítimas do racismo estrutural e institucional, estando inclusive abaixo de mulheres brancas na pirâmide social (Djamila RIBEIRO, 2019). Entretanto essa tese foca na emergência em tratar as mulheres negras em uma categoria a parte dos feminismos propostos por mulheres brancas, e de condutas antirracistas aplicadas à comunidade negra como um todo (Natércia V. BAMBIRRA; Teresa K. LISBOA, 2019).

Nesse sentido, de acordo com dados do Censo do Ensino Superior de 2022, somente 2,5% das professoras universitárias no Brasil são negras (BRASIL, 2023). Assim, é imperativo voltar esforços a inserção e permanência dessas mulheres nesse espaço que tradicionalmente é ocupado por homens brancos. Com isso, o surgimento

⁴ Inspirada na tese de doutorado da professora Megg Rayara Gomes de OLIVEIRA (2017), propõe-se nesse texto uma fuga à linguagem sexista. Dessa forma, na primeira vez que houver citação de uma pessoa autora transcrever-se-á seu nome por completo para facilitar a identificação de seu gênero, dando, assim, mais visibilidade para outras pessoas que não apenas homens pesquisadores.

e a popularização dos feminismos negros visibilizaram a necessidade de tirar a mulher negra da condição de fome e extremo abandono nas políticas públicas. Contudo, novos passos adiante são necessários, a inserção de pessoas negras em espaços tradicionalmente ocupados por homens brancos está ocorrendo, mas ainda a passos muito curtos, e a inserção especificamente de mulheres negras cis e trans, ocorre a passos ainda mais curtos.

É importante frisar que não se desconsidera a importância do feminismo proposto por mulheres brancas, tampouco a necessidade da luta antirracista voltada aos homens negros. O que se destaca aqui, é a necessidade de políticas voltadas especificamente às mulheres negras, já que nos encontramos muito à margem na inserção no ambiente acadêmico. Desse modo, o papel da mulher negra⁵, objeto desse estudo, na sociedade, de acordo com Davis (2016), sempre esteve mais voltado às atividades externas e às ocupações domésticas, proporcionalmente, às suas irmãs brancas. Contudo, o padrão estabelecido durante os anos de escravidão destinou às mulheres negras uma condição de subalternidade, inclusive em relação aos homens negros⁵, que eram vistos como unidades de trabalho lucrativas de seus proprietários, no mercado de trabalho (DAVIS, 2016).

Nesse sentido, retoma-se as falas de Bamberger e Lisboa (2019), e se destaca a necessidade premente de discussão, a partir dos feminismos negros, dos processos de marginalização das mulheres negras, principalmente no ambiente acadêmico. Considera-se que a discriminação de gênero e a estratificação do trabalho, entre outros fatores, nos deixam, dentre outros sujeitos subalternizados, à margem dos debates e políticas públicas próprias para acessar a tão almejada ascensão social e acadêmica. Todavia, graças às lutas travadas ao longo de muitas décadas, as questões de discriminação de gênero e de raça e a divisão do trabalho vêm sendo discutidas e combatidas pelos feminismos negros, que será o “carro-chefe” das discussões da presente tese.

⁵ Utiliza-se o termo negros(as) para agrupar o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pelo IBGE, ou que adotam autodefinição análoga. Disponível em: <https://portal.unit.br/blog/noticias/preto-pardo-e-negro-entenda-quais-sao-as-diferencas/>, acesso em 17 de janeiro de 2023.

Desse modo, o Capítulo I apresenta um breve mapeamento e discussão sobre as dissertações e teses produzidas nas áreas de Educação e de Ensino de Ciências e Matemática que discutem a inserção de pessoas negras no mercado profissional e as barreiras enfrentadas por elas. Também se expõe um mapeamento dos principais eventos das áreas de Educação e de Ensino de Ciências e Matemática e de um congresso voltado aos pesquisadores negros de todas as áreas do conhecimento, com intuito de abordar a socialização de trabalhos voltados às demandas de inserção profissional da população negra nesses eventos. Essa discussão das produções mapeadas é inspirada nos pressupostos da Análise de Discurso (AD) proposta por Eni Orlandi e Sérgio Freire com aporte teórico na interseccionalidade como teoria social crítica, proposta por Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge.

O Capítulo II apresenta os fundamentos teóricos sobre os conceitos fanonianos das relações entre negros e brancos e os conceitos propostos por Sílvia Almeida que me dão lastro para discutir os racismos estrutural e institucional que emergem das entrevistas.

O Capítulo III apresenta uma breve gênese, nos contextos estadunidense e brasileiro dos Feminismos Negros, e a importância de ambos para ascensão e libertação das amarras das mulheres negras como potências sociais e profissionais.

O Capítulo IV apresenta a construção das entrevistas narrativas, o perfil das entrevistadas e excertos das entrevistas narrativas nas quais movimenta-se uma discussão baseada nos pressupostos dos feminismos negros e nas teorias que envolvem o relacionamento entre negros e brancos nas relações pessoais e profissionais, e procura-se identificar elementos dos racismos estrutural e institucional que permearam e ainda permeiam a trajetória das pesquisadoras entrevistadas. Por fim, serão apresentadas as impressões finais, e as considerações decorrentes da construção da presente tese.

CAPÍTULO I: O LUGAR DA MULHER NEGRA NA ACADEMIA, INTERSECCIONALIDADES E EXISTÊNCIAS NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Para Nilma Lino Gomes (2019), a instituição escolar tem grande responsabilidade na educação no que diz respeito à constituição do gênero. Assim, concordando ou não, nascemos em sociedades hierarquizadas, social e culturalmente, por classe, raça e gênero. Nesse sentido, a escola, como instituição formadora, “não nos socializa apenas no que se refere às questões do conhecimento científico, das artes, da literatura” (GOMES, 2019, p. 610). A instituição escolar, incluindo o ambiente universitário, também nos socializa e influencia nas formas como nos relacionamos com o mundo, reforçando, subvertendo e transmitindo valores e comportamentos, participando da esfera de subjetividade e desejos dos atores sociais (GOMES, 2019).

Assim, pode-se afirmar que as relações de gênero e raça, objeto desse estudo, perpassam as instituições escolares transcendendo o ambiente familiar, cultural e a vida social dos indivíduos. Nesse sentido, dados do Portal Geledés, mostram que apenas 0,4% do corpo docente dos cursos de Pós-Graduação no Brasil são compostos por mulheres pretas. Ao somarmos o quantitativo de mulheres pardas, que junto com as pretas formam o grupo das mulheres negras, o percentual total não chega a 3% dos docentes de Pós-Graduação (Lola FERREIRA, 2019). Esses dados evidenciam, conforme Gomes (2019), a baixa representatividade ou mesmo a ausência de mulheres negras em diversas áreas do conhecimento e cursos acadêmicos.

Com isso, inegavelmente, os indivíduos devem se colocar no centro de uma luta emancipatória no sentido de desconstruir as hierarquias de poder e as práticas conservadoras e autoritárias. Para isso, argumenta-se a necessidade de realização de pesquisas e o entendimento não só de como se dá o ingresso de mulheres negras, nos espaços de poder, mas também ocorre a permanência nesses locais, para que se possa aprender a desnaturalizar a desigualdade de gênero, classe e raça.

Nessa tese, realiza-se, inicialmente, um levantamento bibliográfico, com objetivo de identificar dissertações, teses e resumos nos principais eventos

direcionados à Educação e ao Ensino em Ciências⁶ e em Matemática, nas quais os autores e as autoras estabelecessem relações com meu objeto de estudos. É importante salientar que o levantamento foi realizado com vistas a identificar dissertações, teses e resumos (em anais de eventos) que socializem estudos voltados à inserção de pessoas negras no Ensino Superior, com ênfase em mulheres negras. Salienta-se que não foram mapeadas pesquisas produzidas somente por pessoas negras, ou seja, não houve distinção entre a cor da pele dos autores.

1.1 MAPEAMENTO EM TESES E DISSERTAÇÕES NO CTD-CAPES

O mapeamento proposto se divide em dois momentos principais. O primeiro momento condiz com o direcionamento quantitativo das pesquisas, e uma análise diretiva desses dados quantitativos. Em um segundo momento, propõe-se uma análise inspirada pela Análise de Discurso (AD), partindo-se dos pressupostos de Eni P. Orlandi (2013) e Sérgio Freire (2014), com objetivo de produzir sentidos a partir dos resumos das pesquisas mapeadas, que estão envolvidos direta ou indiretamente com os objetivos dessa tese.

A pesquisa, foi realizada entre os meses de fevereiro e maio de 2022 com uma atualização realizada em janeiro de 2024, na qual obteve-se mais três dissertações, todas publicadas no ano de 2022, no Catálogo de Teses e Dissertações CAPES (CTD-CAPES), com os conceitos-análise⁷: gênero no ensino de Ciências, gênero no ensino de Matemática, mulheres no ensino de Ciências e mulheres no ensino de Matemática, o que não gerou resultados significativos. Durante o refinamento da pesquisa, emergiram os conceitos-análise a *posteriori*: feminismo negro e feminismos negros, esses conceitos-análise geraram resultados diferentes, totalizando 747 (setecentos e quarenta e sete) pesquisas mapeadas.

⁶ A área de Ciências abrange os componentes curriculares: Ciências Naturais (anos iniciais do ensino fundamental), Biologia, Física e Química.

⁷ Os conceitos-análise são o objeto da análise, podemos dizer que quando propomos a realização de uma análise queremos investigar com um texto constrói um determinado sentido sobre um determinado tema. O conceito-análise pode surgir a partir da definição do interesse do analista (conceito-análise a priori) ou pelo surgimento do mesmo durante o próprio processo de análise (conceito-análise a posteriori) (FREIRE, 2014, p. 21).

Assim, foram pesquisadas dissertações e teses defendidas entre os anos de 2003 e 2023, utilizando como marco teórico, para delimitação temporal, a promulgação da Lei 10639/2003, que alterou as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

Como a pesquisa proposta se insere na área de Ensino de Ciências e Matemática, foram utilizados como filtros: "Grande Área de conhecimento" - as áreas de Ciências Humanas e a Multidisciplinar; no item "Área de Conhecimento", selecionamos - Ensino de Ciências e Matemática, Ensino e Educação; para "Área de Avaliação" destacamos - Educação e Ensino.

1.1.1 Momento 1: Direcionamento quantitativo das pesquisas

A partir dos filtros citados foram mapeadas 159 (cento e cinquenta e nove) dissertações e teses, sendo 78 (setenta e oito) com relações diretas e 81 (oitenta e um) com relações indiretas. Entendemos que se relacionam diretamente com o objeto da tese pesquisas que problematizem a inserção da mulher negra no mundo do trabalho, especialmente em áreas dominadas por homens brancos, heterossexuais e cisgêneros. Já pesquisas com relação indireta, tratam da inserção de pessoas negras, sem o recorte de gênero, e de mulheres de outras raças/etnias nesses ambientes.

Na TABELA 1, apresenta-se a relação de dissertações e teses mapeadas e analisadas, por conceitos-análise. É importante salientar que essa tabela possui um número superior aos 156 (cento e cinquenta e seis) trabalhos mapeados, pois inúmeros trabalhos se encaixam em mais de um conceito-análise pesquisado.

TABELA 1 – Relação de dissertações e teses mapeadas e analisadas.

Conceitos-Análise	Pesquisas mapeadas	Dissertações	Teses
Mulheres	92	73	19
Mulheres Negras	95	76	20
Gênero	97	79	18
Feminismo Negro	12	11	1
Feminismos Negros	13	12	1
	309	251	59

FONTE: Elaborada pela autora (2023).

Nesse sentido, para fins quantitativos, são analisadas 131 (cento e trinta e um) dissertações e 28 (vinte e oito) teses dentro dos conceitos-análise estabelecidos nos descritores, com relação direta e indireta ao objeto dessa tese. Sendo que 121 (cento e vinte e um) desses trabalhos foram produzidos na rede pública federal, 32 (trinta e dois) na rede pública estadual, 3 (três) na instituição pública de caráter fundacional e 3 (três) em instituição privada, sem fins lucrativos. Assim, juntas, as redes públicas federal e estadual concentram 95,15% dos trabalhos produzidos, com destaque ao CEFET-MG, com 13 (treze), UFRGS com 12 (doze), UFBA com 11 (onze) e para UFRJ e UNESP com 10 (dez) cada.

Cabe destacar que houve distinção dos *campi* para contabilização dos trabalhos produzidos na UNESP. Dos 13 (treze) produzidos no CEFET-MG, 6 (seis) foram orientados pela mesma docente, mostrando uma consolidação da pesquisa voltada às mulheres nas Ciências nessa instituição. Na TABELA 2, se apresenta o *ranking* de instituições *versus* número de trabalhos produzidos que se afiliam direta ou indiretamente ao objeto de pesquisa dessa tese.

TABELA 2 – Ranking das instituições mapeadas nas dissertações e teses do CTD-CAPES.

Universidade	Total de pesquisas mapeadas	Universidade	Total de pesquisas mapeadas
CEFET-MG	13	FIOCRUZ	1
UFRGS	12	FURB	1
UFBA	11	FUVATES	1
UFRJ	10	IFBA	1
UNESP	10	IFF	1
UEL	8	IFMA	1
UFSC	7	IFNMG	1
CEFET-RJ	5	IFPB	1
IFRN	5	IFPE	1
UEM	5	IFPR	1
FURG	4	IFRJ	1
UFABC	4	IFS	1
IFES	3	IFSC	1
IFSP	3	IFTM	1
UFMS	3	UDESC	1
UNIFESP	3	UEA	1
UNIJUI	3	UERJ	1
IFG	2	UFG	1
IFSUL	2	UFJF	1
UEPB	2	UFMA	1
UESB	3	UFOP	1
UFPE	2	UFPEL	1
UFPR	3	UFRN	1
UFS	2	UNB	1
UFSCAR	2	UNICAMP	1
UNIFEI	2	URI	1
UNIPAMPA	2	USP	1
UFRRJ	1		
Total	159		

FONTE: Elaborada pela autora (2023).

Com relação à região nas quais os trabalhos foram produzidos, foram encontradas, uma grande concentração nas regiões Sul e Sudeste, com aproximadamente 78% do total de trabalhos socializados no CTD-CAPES. Na TABELA 3 e na FIGURA 1 são apresentadas a distribuição de trabalhos por região brasileira e por Estado da Federação, respectivamente.

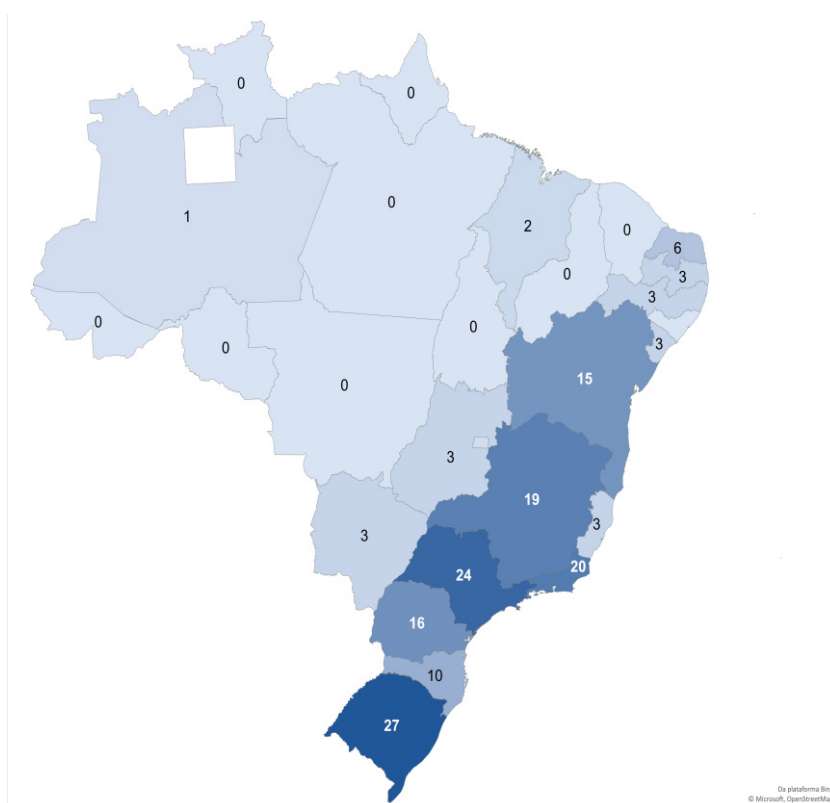
TABELA 3 – Ranking das regiões brasileiras *versus* produções.

Região	Total de pesquisas mapeadas	Porcentagem
Centro-Oeste	8	5,03%
Nordeste	27	16,98%
Norte	1	0,63%
Sudeste	70	44,02%
Sul	53	33,33%

FONTE: Elaborada pela autora (2024).

A partir dos dados da FIGURA 1, pode-se observar a grande concentração de dissertações e teses produzidas nos estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santos agregando mais de 57% do total de produções.

FIGURA 1 – Distribuição de dissertações e teses mapeadas no CTD-CAPES por estado brasileiro.



FONTE: Elaborada pela autora (2024).

Ao analisar os sujeitos da pesquisa presentes nos trabalhos mapeados pode-se observar que as pesquisas estão direcionadas às mulheres, sem recorte de raça (67,95%), o que era esperado devido à natureza dos conceitos-análise escolhidos para formar o *corpus* de pesquisa; em segundo lugar trabalhos voltados à discussão

de gênero e sexualidade (12,18%). Cabe salientar ainda que, as pesquisas cujo direcionamento são mulheres negras e às discussões de raça e gênero com caráter interseccional, somam apenas 7% do total de trabalhos, indicando a necessidade do fortalecimento da pesquisa voltada a esses indivíduos. Os dados completos relacionados ao direcionamento das pesquisas são apresentados na TABELA 4.

TABELA 4 – Direcionamento das pesquisas mapeadas no CTD-CAPES.

Direcionamento	Pesquisas mapeadas	Porcentagem
Mulheres, sem recorte de Raça	106	66,67%
Discussão de gênero e sexualidade	19	11,95%
Negros, sem recorte de gênero	13	8,18%
Mulheres Negras	9	7,55%
Discussão de sexualidade	4	2,25%
Discussão de raça, classe e gênero	1	0,63%
Mulher Asiática	1	0,63%
Mulher Judia	1	0,63%
Recorte de gênero, classe, religião e raça	1	0,63%
Sem recorte de raça e gênero	1	0,63%

FONTE: Elaborada pela autora (2024).

Em relação à metodologia adotada para realização das pesquisas, destaca-se o conjunto de técnicas baseadas na Análise de Conteúdo e suas variações, somando um total de 36 (trinta e seis) trabalhos, seguida pela análise qualitativa, com 14 ocorrências, História Oral, Análise de Discurso e suas variações, e análises a partir dos referenciais teóricos da pesquisa. Considera-se para esse levantamento, a Análise de Discurso Foucaultiana como pertencente ao grupo de metodologias de análise baseadas nas proposições filosóficas de Michel Foucault, já as demais pesquisas que utilizam a AD como metodologia, a partir de Eni Orlandi e Michel Pêcheux, estão agrupadas na metodologia “Análise de Discurso”. Os dados referentes às metodologias aplicadas nos trabalhos mapeados são apresentados na TABELA 5 e no ANEXO I.

TABELA 5 – Metodologias de análise dos dados encontradas nas teses e dissertações mapeadas no CTD-CAPES.

Metodologia de análise	Trabalhos mapeados	Porcentagem
Análise de conteúdo/análise de conteúdo contextualizada/análise de conteúdo temático categorial e qualitativa	36	22,93%
Análise qualitativa	14	8,92%
História oral	12	7,64%
Análise de discurso	12	7,64%
Análise a partir do referencial teórico	12	7,64%
Análise a partir da Arqueologia foucaultiana/análise de discurso foucaultiana/arqueogenealogia/escrita de si/genealogia	8	5,10%
Análise de narrativas/trajetórias	7	4,46%
Análise textual discursiva	6	3,82%
Análise quantiquitativa	6	3,82%
Resumo e/ou trabalho completo indisponíveis.	5	3,18%
Análise histórica	3	1,91%
Análise do materialismo histórico-dialético/dialética	3	1,91%
Análise crítica de discurso	3	1,91%
Análise a partir dos estudos Pós-Críticos/Pós-Estruturalista/cunho Pós-Crítico	3	1,91%
Análise a partir dos Estudos Culturais	3	1,91%
Software EVOCAÇÃO/IRAMUTEQ	2	1,27%
Análise documental	2	1,27%
Outras metodologias	23	12,80%

FONTE: Elaborada pela autora (2024).

Conforme os dados presentes na TABELA 6, pode-se observar um aumento acentuado no número de publicações que abordam os conceitos-análise utilizados para realização do mapeamento. Entretanto, o número de teses voltadas à temática ainda permanece muito aquém do esperado, demonstrando a necessidade de fortalecimento e consolidação dos Grupos de Pesquisa voltados à temática. Outro fator que merece destaque é a indisponibilidade de dissertações e teses publicadas antes da implementação da plataforma Sucupira em 2012, no CTD-CAPES, dificultando o mapeamento antes 2012. Para realização desse levantamento seria necessário entrar em contato com as bibliotecas de todos os Programa de Pós-Graduação com linhas de pesquisa nessa área, porém como o objetivo dessa tese não é um levantamento minucioso e realização de pesquisa do Estado da Arte, optou-se por realizar o levantamento a partir dos dados disponíveis no CTD-CAPES. Entretanto, vale destacar, que é urgente o regaste e a facilitação de acesso a estas produções.

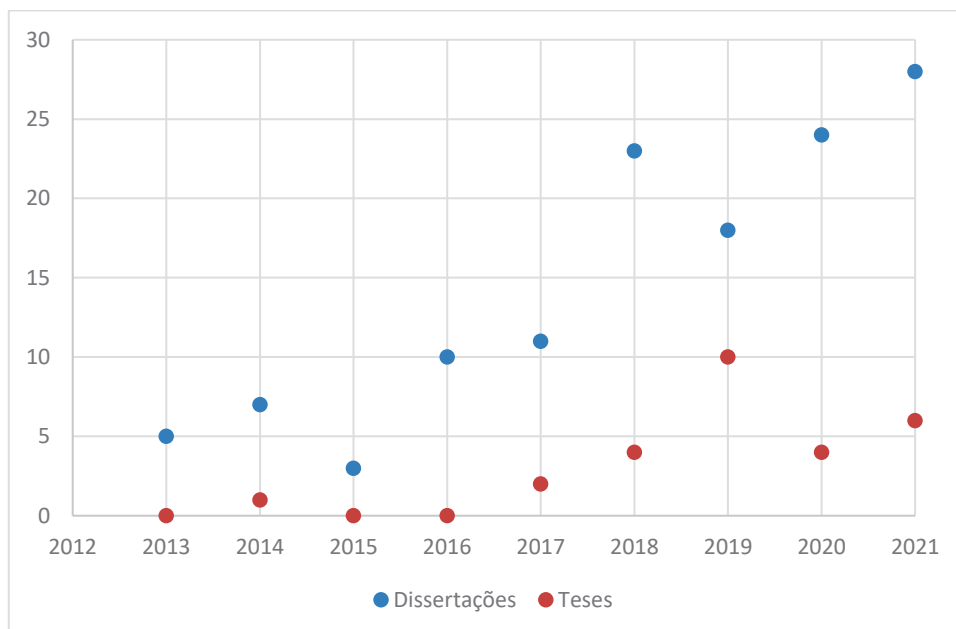
TABELA 6 – Número de pesquisas mapeadas por ano pesquisado no CTD-CAPES.

Publicações por ano	Dissertações	Teses	Total
2013	5	0	5
2014	7	1	8
2015	3	0	3
2016	10	0	10
2017	11	2	13
2018	23	4	27
2019	18	10	28
2020	24	4	28
2021	28	6	34
2022	3	0	0
2023	0	0	0
Total	131	28	156

FONTE: Elaborada pela autora (2024).

O GRÁFICO 1 apresenta a evolução das produções dos trabalhos voltados ao objeto dessa tese.

GRÁFICO 1 – Evolução das produções mapeadas no CTD-CAPES.



FONTE: Elaborado pela autora (2024).

1.1.2 Momento 2: Direcionamento qualitativo das pesquisas

No segundo momento, se apresenta, com inspiração na Análise de Discurso proposta por Orlandi (2017) e Freire (2014) uma análise qualitativa dos dados. Para tanto, considera-se que a AD se baseia na estrutura e acontecimento, que o uso da linguagem está impregnado de história e a linguagem é vista como uma prática social, Freire (2014, p. 9) salienta que “Ao aprender uma língua, aprendemos junto com ela sua estrutura e todo um conjunto de sentidos que forma matriz semântica pela qual atribuímos sentidos ao mundo”. Nesse sentido, optou-se por uma análise inspirada na AD tendo em vista que nada na linguagem é aleatório, e que existe um sentido e uma ideologia que devem ser levadas em conta e o uso de palavras e frases é resultado da liberdade do enunciador. Assim, a posição de fala do sujeito remete ao seu lugar de fala e está encharcada de sentidos, já que a AD se dedica à prática da linguagem e às mensagens e ideologias que dela decorrem. Procurando compreender a constituição do indivíduo e sua história social, a AD é o estudo da língua e seus sentidos.

A compreensão da AD a respeito da língua como prática social, permite esclarecer os conceitos ideológicos presentes nas dissertações e teses. Estabelecendo conexões entre as vivências dos enunciadores e a estrutura heteropatriarcal-branca predominante no ambiente acadêmico. Assim, partindo de pressupostos foucaultianos, Freire (2014, p. 12) salienta que “não nascemos racistas, de esquerda, de direita, sexistas, progressistas, reacionários. Nós temos aprendido a pensar da forma que pensamos porque praticamos pensar de determinada forma durante nossa vida”. Dessa forma, nossos discursos são práticas de pensamento.

Nesse sentido, procura-se classificar as pesquisas em enunciados que as representem a partir de um processo no qual se utiliza os efeitos metafóricos, propostos por Orlandi (2013) e Freire (2014), como um fenômeno semântico em substituições textuais, criando um processo de síntese e produção de sentidos, a partir dos títulos e resumos, para construção de um indivíduo comum às pesquisas mapeadas. Assim, é fundamental, apresentar o conceito de interseccionalidade pelo qual se balizou a construção dos enunciados de direcionamento geral:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (COLLINS; BILGE, 2021, p. 13-17).

Assim, Collins e Bilge (2021, p. 17) apresentam essa definição como um direcionamento prático ao entendimento “do que é” ou “do que trata” a interseccionalidade. Acredita-se que devemos ter em mente que, “em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes”. Com isso, essas categorias irão se sobrepor e funcionar de maneira unificada, pois apesar de invisíveis as relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social.

Além disso, a utilização de conceitos abordados pela interseccionalidade, como ferramenta analítica, permite abordar questões da desigualdade social, em intersecção com questões de raça, gênero, sexualidade e classe social. Desse modo, Collins e Bilge (2021), reforçam que a desigualdade social afeta diversamente pessoas trans (ou cis) negras (brancas ou amarelas) de diferentes etnias. Nesse sentido, a interseccionalidade propõe olhar essas questões sem divisões e não tratar as pessoas como “massa homogênea e indiferenciada, fornecendo estrutura analítica para analisar populações diferentes de maneira a se considerar todas (ou o máximo possível), das variantes que compõe e influenciam um grupo. Sobretudo grupos marginalizados e mais vulneráveis às mudanças sociais e econômicas”, nesse sentido, tornando-se importante destacar que “A interseccionalidade fornece uma estrutura de intersecção entre desigualdades sociais e desigualdade econômica como medida da desigualdade social global” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 35).

Outro ponto fundamental, quando se emprega esses pressupostos, como inspiração para análise, é considerar que a interseccionalidade não utiliza somente a categoria classe social para explicar desigualdades econômicas. Nesse sentido, tanto o pensamento social marxista, usado prioritariamente na Europa, quanto a visão neoclássica estadunidense, não levam em consideração o quanto raça, gênero,

sexualidade, deficiência e etnia definem e fazem parte da desigualdade econômica global. Com isso, para poder traçar um esboço da conjuntura das desigualdades sociais é fundamental 35ratar-la a partir de análises inspiradas na intersecção total ou parcial dessas categorias, ou seja, desenhar um mapa mais sofisticado no qual se considera que as desigualdades econômica e social vão muito além da classe.

Assim, retornando-se as proposições de Orlandi (2013) e Freire (2014), com aporte teórico na perspectiva interseccional, e mediante a leitura dos títulos e resumos das dissertações e teses foi possível identificar nove predominâncias que sustentam os sentidos que são expostos pelos enunciados específicos para a constituição de um sujeito comum a todas as pesquisas englobadas no mapeamento, a saber:

- i. Contextualização do papel da mulher na História e construção das Ciências.
- ii. Problematização através de aportes teóricos feministas.
- iii. Problematização do papel da mulher nas Ciências com direcionamento ao sistema educacional.
- iv. Problematização interseccional de gênero e classe.
- v. Problematização interseccional de gênero e raça.
- vi. Problematização interseccional de gênero e sexualidade.
- vii. Problematização interseccional de raça e classe.
- viii. Problematização interseccional de raça, gênero e classe.
- ix. Relações étnico-raciais.

Desse modo, a partir das predominâncias que constituem os enunciados específicos se pode estruturar, com base nas proposições críticas de interseccionalidade apresentadas por Collins (2022), seis enunciados de direcionamento geral, a saber:

E1: Pesquisas que partem da desigualdade social como constituinte interseccional provisório para entender e explicar suas complexidades no mundo, das pessoas e das experiências humanas. E1 abrange 35 pesquisas.

E2: Pesquisas guiadas pelas relações de poder interseccionais, a partir de um olhar do poder sob diversas perspectivas com o objetivo de questionar qual tipo de relação está mais visível em um determinado contexto. E2 abrange 8 pesquisas.

E3: Pesquisas orientadas pelo contexto social, com a finalidade de vislumbrar esse contexto de modo a respeitar as particularidades históricas interseccionando à importância do contexto global, de forma consciente de que os contextos históricos, culturais, intelectuais e políticos moldam a investigação e a prática da interseccionalidade. E3 abrange 35 pesquisas.

E4: Pesquisas abarcando a relacionalidade que visam construir conexões entre ideias, discursos e projetos políticos, a partir do exame das possibilidades de interconexões e novas relações políticas de grupos historicamente marginalizados e subalternizados, dando forma a desagregação dos Estados-nação e a decolonialidade como um fenômeno global. E4 abrange 23 pesquisas.

E5: Pesquisas cujo direcionamento se dá através da complexidade, no qual o enfrentamento do desafio de manter a tensão criativa entre o investigar e o praticar, fomentam a complexidade. Por meio da complexificação de argumentos, são cultivados diálogos com ativistas do Sul Global, e assim apresentar argumentos que não são foco da interseccionalidade cultivada no Norte Global. E5 abrange 32 pesquisas.

E6: Envolve pesquisas nas quais a justiça social é diferenciada de desigualdade social, mesmo que esses conceitos sejam utilizados de forma intercambiável muitas vezes, vislumbrando que a razão de ser da interseccionalidade não pode apresentar “as razões de ser” da persistência das desigualdades sociais, mas trabalhar para corrigi-las por intermédio de um engajamento crítico dentro da interseccionalidade como um campo de investigação das questões relacionadas à justiça social, transpondo a fronteira entre trabalho acadêmico e ativismo. E6 abrange 23 pesquisas.

Os enunciados específicos, gerais, resumo completo e o título de cada trabalho são apresentados nos ANEXOS II e III. No QUADRO 1, apresenta-se as informações das dissertações que foram selecionadas para construção da análise.

QUADRO 1– Direcionamento das dissertações por enunciação geral e específica.

Enunciado Geral	Título da pesquisa	Enunciado específico	Autoria/orientação	Universidade	Ano
E1	Interseccionalidade de gênero e raça na docência do ensino superior: representatividade, visibilidade e resistência	Problematização interseccional gênero e raça.	Cristiane Barbosa Soares/Fabiane Ferreira da Silva	Universidade Federal do Pampa	2020
E2	Entre mitos e interditos: uma reflexão sobre a segregação feminina na matemática	Contextualização do papel da mulher na História e construção das Ciências.	Jane Cleide de Almeida Cordeiro/Pedro Lucio Barboza	Universidade Estadual da Paraíba	2019
E3	Vozes de mulheres na academia: dismantelando armadilhas para nos invisibilizar	Contextualização do papel da mulher na História e construção das Ciências.	Carolina Salviano Bezerra/Victor Augusto Giraldo	Universidade Federal do Rio de Janeiro	2020
E4	A invisibilidade do gênero nas discussões das professoras de matemática	Problematização através de aportes teóricos feministas.	Juliana Boanova Souza/Rochelle de Quadros Loguercio	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2020
E5	Ser mulher em Ciências da Natureza e Matemática	Contextualização do papel da mulher na História e construção das Ciências.	Renata Rosenthal/Daisy de Brito Rezende	Universidade de São Paulo	2018
E6	Histórias de Vida de Professoras Negras da Educação Profissional no Ifba: e Eu, Eu Não Sou Uma Cientista?	Problematização interseccional de raça e classe.	Caliane Costa dos Santos da Conceicao/Luzia Matos Mota	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia	2021

FONTE: Elaborado pela autora (2024).

No QUADRO 2, encontram-se as informações das teses que foram selecionadas, de forma aleatória, para construção da análise no tópico seguinte.

QUADRO 2 – Direcionamento das teses por enunciação geral e específica.

Enunciado Geral	Título da pesquisa	Enunciado específico	Autoria/orientação	Universidade	Ano
E1	Identidades Racializadas e a Atitude de Negras(os) Frente à Física	Problematização interseccional de raça e classe.	Rodrigo Fernandes Moraes/Antônio Carlos Fontes dos Santos	Universidade Federal do Rio de Janeiro	2019
E2	Relações de gênero, poder e resistências: narrativas de mulheres cientistas no continente antártico	Mulheres na história da Ciência	Maria Rozana Rodrigues de Almeida/Paula Regina Costa Ribeiro	Universidade Federal do Rio Grande	2020
E3	Trajetórias de mulheres na pesquisa em ensino de ciências na região norte do Brasil	Contextualização do papel da mulher na História e construção das Ciências.	Josinete Pereira Lima/Luciana Maria Lunardi Campos	Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho (Bauru)	2020
E4	Uma proposta para a formação inicial de docentes acerca de uma educação científica equitativa em gênero	Problematização através de aportes teóricos feministas.	Juliane Priscila Diniz Sachs/Irineia de Lourdes Batista	Universidade Estadual de Londrina	2019
E5	Atividades laboratoriais: desenvolvimento do autoconceito e das crenças de autoeficácia e a minimização dos estereótipos de gênero na escolha profissional das meninas na área das ciências	Problematização do papel da mulher nas Ciências com direcionamento ao sistema educacional.	Alexandra Moraes Maiato/Fernanda Antoniolo Hammes de Carvalho	Universidade Federal do Rio Grande	2019
E6	“Tudo que nós têm é nós”: lugares da negritude e práticas político-pedagógicas de coletivos negros na universidade	Problematização interseccional de raça, gênero e classe.	Tamiris Pereira Rizzo/Alexandre Brasil Carvalho da Fonseca	Universidade Federal do Rio de Janeiro	2021

FONTE: Elaborado pela autora (2024).

1.1.2.1 Análise dos dados e discussão

A partir do conjunto de enunciados e da leitura dos resumos dos trabalhos, serão esboçadas algumas conclusões. Inicialmente, cabe destacar, que os elementos que são discutidos pelos pressupostos da interseccionalidade, propostos por Bilge e Collins (2021), são fortemente explorados nas pesquisas abordadas. As pesquisas interseccionam, sobremaneira, as questões de raça, classe e gênero, e em menor número, sexualidade. Essa tendência interseccional na realização dos trabalhos demonstra que cada vez mais o olhar das pesquisas está voltado às pessoas subalternizadas, conseguindo relacionar gênero, raça, classe e sexualidade. Na sequência são apresentados alguns exemplos oriundos dos resumos das pesquisas:

- E1: Diante da **invisibilidade das mulheres negras** no campo educacional e frente a um cenário permeado por **processos históricos, sociais, culturais, econômicos e políticos**, destacam-se as mulheres negras professoras do ensino superior que se inserem num âmbito que, tradicionalmente, sempre foi **ocupado por homens brancos**, e recentemente, por mulheres não negras. Assim, quando falamos em mulheres negras falamos de **demandas específicas que devem ser articuladas a gênero e raça**, pois tais questões tratadas isoladamente não satisfazem a análise da dinâmica das interações sociais existentes (SOARES, 2020, p. 8, grifos meus).
- E1: Esta tese apresenta reflexões **sobre a forma como a qual o ensino de física se correlaciona com questões étnico-raciais**. Durante pesquisa realizada em um colégio público do Estado do Rio de Janeiro, foram verificados no seio do **processo ensino/aprendizagem aspectos da colonialidade atrelados ao corpo discente, majoritariamente composto por negras(os)**. Neste contexto, foram elaboradas e trabalhadas atividades/ações afirmativas de caráter decolonial que tiveram a finalidade tanto de reduzir a alienação colonial e consequentemente reforçar a identidade das(os) estudantes quanto de aproximar essas(es) jovens das áreas de exatas, em particular a física (MORAIS, 2019, p. VII, grifos meus).

Nesse sentido, cabe destacar que os complexos problemas sociais enfrentados por negras e negros relegou a abordagem da desigualdade social a uma lente monofocal dos movimentos sociais, em detrimento aos complexos problemas sociais enfrentados pelas mulheres negras. Contudo, para Bilge e Collins (2021), nenhum movimento social pode abordar sozinho a ampla gama de discriminações que as mulheres sofriam e sofrem. Nesse sentido, os feminismos negros se valem da

interseccionalidade para “dar conta”, mesmo que de forma incompleta, e fornecer respostas para esses desafios. A interseccionalidade, como ferramenta analítica crítica, não permaneceu circunscrita ao Norte Global, tornando-se também instrumento de análise das demandas sociais do Sul, sob influência dos femininos latino-americanos e dos estudos decoloniais.

Assim, pode-se apontar a interseccionalidade como uma ferramenta analítica crítica que visa tratar de várias dimensões da crescente desigualdade social no mundo. Com isso, é importante destacar que a desigualdade social, conforme Bilge e Collins (2021), não deve ser aplicada igualmente às mulheres, crianças, negros, deficientes, indígenas e pessoas LGBTQIA+, mesmo estando todas, muitas vezes, em situação de vulnerabilidade social.

Para isso, a interseccionalidade fornece diferentes estruturas para explicar como os grupos classificados de acordo com a sua raça, classe, gênero, idade, entre outros, se colocam de maneiras singulares, posicionando esses grupos de formas diferentes das demais, respeitando sua vulnerabilidade em relação às flutuações da economia global, que afetam de forma desproporcional às populações marginalizadas e subalternizadas. Para tanto, a interseccionalidade fornece um *lócus* de interseção que permite mudar a forma como se compreende a distribuição das riquezas com indicadores sociais da desigualdade econômica.

A tese de Moraes (2019) e a dissertação de Soares (2020), correlacionam o ensino de Física às questões étnico-raciais e à invisibilidade de mulheres negras no Ensino Superior, respectivamente, a partir de um viés interseccional, abordando a marginalização dessa população em ambientes majoritariamente heterossexuais, masculinos e brancos, do ponto de vista da desigualdade social às quais esses grupos subalternizados estão submetidos.

Com isso, a interseccionalidade leva a pensar e questionar que a disparidade de riqueza e acesso a determinadas profissões não está desconectada das categorias raça, gênero, classe, sexualidade, etnia. Essas diferenças, para Bilge e Collins (2021), devem ser analisadas não apenas de forma racializada, mas também através das demais lentes interseccionais às quais essas categorias de pessoas fazem parte.

Uma crítica fundamental levantada por Bilge e Collins (2021) é a análise dessa população por recortes familiares e não pela perspectiva individual de cada elemento da família, essas análises dos grupos familiares não permitem uma discussão que leve em consideração principalmente gênero e sexualidade, desconsiderando elementos fundamentais da interseccionalidade como ferramenta de análise crítica, assim “Análises interseccionais mostram como a estrutura da disparidade de desigualdade é, simultaneamente, racializada e orientada por gênero para as mulheres de cor.” (BILGE; COLLINS, 2021, p. 34).

- E2: Ao longo da história, **a presença da mulher em algumas áreas do conhecimento foi questionada, censurada ou esquecida**. Percebe-se uma baixa presença feminina na construção histórica da matemática. Vários fatores contribuíram para tal questão, entre eles os culturais. **Muitos mitos foram se moldando ao longo dos anos acerca da relação da mulher com a matemática**, os mesmos circulam nos ouvidos das crianças desde cedo, no seio familiar, nas escolas, mídias e sociedade em geral, suscitando um efeito danoso na formação e diferenciação dos papéis sexuais, moldando atitudes ante a matemática, que repercutirão em suas escolhas profissionais e em seu desempenho (CORDEIRO, 2019, p. 8, grifos meus).
- E2: A pesquisa foi produzida buscando **articular os estudos feministas e os estudos de gênero, de modo a serem tecidas considerações e entendimentos sobre o feminismo e a crítica feminista à ciência**. [...] Nesse viés, analisamos as enunciações que emergiram das narrativas das pesquisadoras e problematizamos as **redes discursivas construídas, histórica e culturalmente, as quais vinculam alguns atributos inerentes às feminilidades e às masculinidades**, baseados em pressupostos básicos da ciência, os quais, se não impedem, dificultam o avanço e, até mesmo, a permanência das mulheres no fazer científico (ALMEIDA, 2020, p. 10, grifos meus).

As relações de poder interseccionais devem ser analisadas através de interseções específicas, tais como: racismo-sexismo, capitalismo-heterossexismo, a das relações entre os domínios de poder estrutural, cultural, institucional, pessoal etc. Neste sentido, a partir das desigualdades sociais globais pode-se estabelecer que as estruturas interseccionais devem levar em consideração as relações de poder, principalmente as que analisam como o poder do Estado influencia, por meio das diferentes filosofias da social-democracia e do neoliberalismo, domina a problemática da desigualdade social e a combate ou estimula.

Em um outro ângulo, também pode-se analisar as relações de poder com interseção às desigualdades sociais por intermédio da ótica dos movimentos sociais que demonstram como as comunidades se organizam para desafiar as relações de poder estabelecidas pelo Estado e pelas corporações dominantes que prejudicam o desenvolvimento social, fomentando as desigualdades mediante alienação e dominação das massas e sua submissão financeira.

A exemplo do exposto, a dissertação de Cordeiro (2012), bem como a tese de Almeida (2020), apresentam viés interseccional capitalismo-sexismo, explorando a condição do gênero como definidor do ingresso em determinadas profissões, alicerçando o poder masculino aliado ao capitalismo e consequentes ganhos financeiros atrelados a determinadas profissões “destinadas” aos homens brancos heterossexuais, de forma a subjugar o gênero feminino (cis ou trans), a papéis mais à margem ou voltados às profissões de cuidado e notoriamente femininas.

Nesse sentido, é urgente analisar as relações de poder em interseção ao contexto social. Essa contextualização é especialmente importante quando nossa análise é realizada a partir do Sul Global, pois se deve partir de preocupações específicas em um contexto específico de desigualdade econômica global e de peculiaridades dos Estados-Nação localizados no Sul e suas políticas sociais que visam manter o *status quo* das relações de poder.

- E3: Esta dissertação de Mestrado tem como objetivo refletir e compreender situações sobre **vivências de mulheres na universidade**, problematizando ideias, mensagens e situações contidas nos discursos contados por alunas do Ensino Superior, professoras da Educação Básica e do Ensino Superior (BEZERRA, 2020, p. 7, grifo meu).
- E3: Neste estudo, foi investigada a trajetória de pesquisadoras no campo do Ensino de Ciência, da região Norte, buscando-se identificar os caminhos percorridos no processo de constituição de mulheres cientistas. [...] Foram evidenciadas dificuldades na **trajetória das pesquisadoras, relacionadas ao domínio masculino, contribuindo para o registro e a denúncia de algumas condições e para o anúncio da necessidade de que meninas sejam educadas para a ciência**, sem resistência para o conhecimento, a partir de um pensamento feminista. Em relação à pesquisa no ensino de Ciências, explicita-se o papel das mulheres na construção e consolidação dessa área (LIMA, 2020, p. 8, grifo meu).

Com isso, na dissertação de Bezerra (2020) e na tese de Lima (2020), se percebe o caráter de denúncia do contexto social enfrentado por mulheres que desafiam e quebram os paradigmas de relações de poder estabelecidas social e culturalmente. Nesses trabalhos são apresentadas experiências de grupos particulares, em contextos sociais específicos, que podem ser expandidos e ilustrar contextos mais gerais, mediante a análise crítica das estruturas interseccionais que permeiam as relações de poder em determinados contextos sociais. Demonstrando assim, que a interseccionalidade está em constante construção o que permite a análise a partir da interseção de estruturas específicas e construir contextos mais gerais de discussão.

Destaca-se aqui, que um ponto fundamental da interseccionalidade é a não separação das categorias para análise do contexto social. Para Bilge e Collins (2021), não é obrigatório classificar “minha” condição ‘Sou em primeiro lugar negra, brasileira e heterossexual’, minha condição é ‘Sou negra, brasileira e heterossexual’, esse pressuposto permite expandir a análise e ter em mente que cada uma dessas categorias define o que se é, reconceitualizando a identidade e a subjetividade de cada indivíduo analisado. Assim, para Bilge e Collins (2021, p. 211) “esse foco na construção social de identidades interseccionais que podem se realizar diferentemente de um cenário para outro tem servido como um espaço de empoderamento individual.”.

- E4: Considero que há um processo histórico de **produção de discursos sobre a inferioridade feminina que de diferentes formas**, em diferentes tempos, com diferentes práticas interditou a presença das mulheres em lugares de saber poder e, assim, a possibilidade destas mostrarem o quão inconcebível é a diferenciação desigual das capacidades intelectuais baseadas no sexo, ou no gênero. Por conseguinte, esse processo segue sendo invisibilizado e as mulheres seguem afirmando o padrão masculino e também reforçando o perfil matemático, sendo ele visto como neutro, puro e verdadeiro (SOUZA, 2020, p. 7, grifo meu).
- E4: Entre as inferências que decorreram dessa análise encontrou-se que, embora seja essencial que docentes de Ciências estejam sensibilizadas/os quanto **às questões de gênero na Educação Científica e da relação entre os valores e a Ciência**, essas não são suficientes para que concebam uma práxis de ensino equitativa em gênero. Para isso se faz necessário que as abordagens de formação docente integrem e explicitem as relações entre essas concepções com noções acerca das diferentes dimensões de uma Educação Científica equitativa em gênero, além de possibilitar o desenvolvimento de habilidades e competências de reflexão crítica (SACHS, 2019, p. 9, grifo meu).

Assim, a relacionalidade muda o foco da oposição entre as categorias e permite o exame de suas interconexões abrindo novas oportunidades para investigação da prática interseccional. A dissertação de Souza (2020) e a tese de Sachs (2019) analisam a relacionalidade, as relações de poder e os contextos e desigualdade sociais com a condição de inferiorização da mulher nas Ciências, abrindo novas discussões e possibilidade para uma análise crítica da práxis interseccional.

Quando usada como uma forma de práxis crítica, a interseccionalidade se refere às maneiras pelas quais as pessoas, como indivíduos ou parte de um grupo, produzem, recorrem ou aplicam estruturas interseccionais na vida cotidiana. Na família e no emprego, como atores institucionais em escolas públicas, faculdades, universidades e organizações religiosas, como lideranças comunitárias e de movimentos de base, cidadãos e cidadãs comuns recorrem às ideias da interseccionalidade para orientar sua prática. A práxis crítica da interseccionalidade pode ocorrer em qualquer lugar, dentro e fora do mundo acadêmico (BILGE, COLLINS, 2021, p. 56)

Nesse sentido, se destaca ainda, a importância dos movimentos sociais como resposta à desigualdade social na qual esses indivíduos estão submetidos. Infelizmente, de acordo com Sueli Carneiro (2011), os movimentos sociais e a pesquisa acadêmica ainda estão muito deslocados em suas atividades, contudo esse é um tema que não será abordado com profundidade nesse tópico. A capacidade que os movimentos sociais têm de interseccionar racismo, sexismo, exploração da classe

trabalhadora, entre outros, permite reconhecer que a desigualdade social é multifatorial o que adiciona complexidade ao seu entendimento como destacam, Bilge e Collins (2021, p. 48): “Usar a interseccionalidade como ferramenta analítica vai muito além de ver a desigualdade social através de lentes exclusivas de raça ou classe; em vez disso, entende-se a desigualdade social através das interações entre as várias categorias de poder.”.

Com isso, as pesquisas de Rosenthal (2018) e Maiato (2019) apresentam elementos que adicionam complexidade à interseccionalidade abordada em seus trabalhos:

- E5: Em todas as entrevistas analisadas, evidenciou-se que um dos pares de palavras relacionadas mais citado pelas narradoras é “não” e “mulher” que, em conjunto com outras interpretações de falas destas mulheres, sugere que o sentido da negação da própria “feminilidade” não se refira à mudança de suas identidades, mas a uma **possível negação do “lugar de mulher” estabelecido na sociedade como mecanismo de permanência na carreira profissional, inclusive a científica** (ROSENTHAL, 2018, p. 7, grifo meu).
- E5: A pesquisa problematiza a **baixa participação feminina nas ciências, tecnologias, engenharias e matemática (CTEM) desencadeada pelos estereótipos de gênero**. Sendo a escola lócus de interação social e veículo cultural que com suas práticas pode impactar essa problemática, o estudo investigou o entendimento das formandas dos cursos de formação docente Pedagogia – Licenciatura, no Brasil e do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, em Portugal, acerca da AL como estratégia de ensino para promover o desenvolvimento do autoconceito e das crenças de autoeficácia nos/as estudantes, o que direciona a tomada de decisão profissional das meninas na área das ciências, tecnologias, engenharias e matemática, diante dos estereótipos de gênero (MAIATO, 2019, p. 8, grifo meu).

Nesse sentido, é difícil utilizar a interseccionalidade com ferramenta analítica devido ao seu caráter multifacetado. Entender a complexidade do mundo através de suas lentes requer estratégias bastante elaboradas e complexas.

No geral, essas ideias fundamentais sobre desigualdade social, relações de poder interseccionais, contexto social e relacionalidade destacam a complexidade da interseccionalidade. Como interagem entre si, contribuem coletivamente para a complexidade do assunto. Refletir sobre as desigualdades sociais e as relações de poder dentro de um *éthos* de justiça social – e fazê-lo não em generalizações abstratas, mas em seus contextos específicos – complexifica a investigação e a práxis interseccionais. Observar como as relações de poder interseccionais moldam de maneira contextualizada e histórica identidades, práticas sociais, arranjos institucionais, ideologias e representações culturais acrescenta complexidade em tudo. Além disso, a tensão criativa que liga a interseccionalidade enquanto forma de investigação crítica à prática crítica introduz complexidade nos projetos interseccionais (BILGE, COLLINS, 2021, p. 289)

Assim, com a intenção de manter a tensão criativa entre a pesquisa e a prática da interseccionalidade é fundamental estimular a complexidade, ou seja, complexificar questionamentos e argumentos e fomentar o diálogo entre a academia e o ativismo, sobretudo no Sul Global. É urgente a incorporação de mais pessoas para os diálogos que nos conduzam em direção à justiça social.

Por fim, apresenta-se as pesquisas de Conceição (2021) e Rizzo (2021) que enfatizam o tema da justiça social, em termos da interseccionalidade.

- E6: Professoras Negras da Educação Profissional e Tecnológica, que tem como objetivo investigar como o **racismo e sexismo operam como mecanismo de invisibilidade e silenciamento das cientistas negras**, e como tem se constituído as relações das docentes com a pesquisa na instituição (CONCEIÇÃO, 2021, p. 8, grifo meu).
- E6: Esta investigação teve como objetivo identificar de que maneira o **movimento negro se torna um educador coletivo das relações étnico-raciais**, no nível local e singular de uma universidade e, quais são suas práticas educativas e suas estratégias político-pedagógicas (RIZZO, 2021, p. 8, grifo meu).

Assim, para Bilge e Collins (2021), é preocupante versões da interseccionalidade que atentam apenas para justiça social, apenas lamentar as injustiças sociais sofridas não contribui para sua correção, é necessária a inserção da práxis política nas pesquisas que abordam a justiça social em interseção com os demais aspectos interseccionais já abordados.

Explicações melhores sobre a desigualdade social e a injustiça social têm sido usadas há muito tempo para defender essas realidades, não para desmantelá-las. Desigualdade social e injustiça social são coisas distintas, embora essas ideias com frequência sejam usadas de forma intercambiável (BILGE, COLLINS, 2021, p.291).

Nesse sentido, a justiça social deve ser crítica, conforme análise dos trabalhos de Conceição (2021) e de Rizzo (2021), o engajamento crítico é um tema central na interseccionalidade como um campo de investigação, portanto, o trabalho que utiliza a interseccionalidade como teoria social crítica, a partir de questões relativas à justiça social, deve buscar a promoção e não somente a denúncia do tema, contestar suas fronteiras entre o trabalho acadêmico e o ativismo, reconhecendo de que maneira a desigualdade social e a opressão se interseccionam e como podemos ser agentes de mudança social.

1.2 MAPEAMENTO EM ANAIS DE EVENTOS

O próximo mapeamento consiste em uma investigação a partir dos resumos dos trabalhos apresentados nos principais eventos voltados à pesquisa em Ensino de Ciências e em Educação Matemática, a saber, ENPEC, ENEM e SIPEM. Nos anais das Reuniões da Nacionais da ANPEd, evento voltado à pesquisa em Educação e nos anais do COPENE, principal evento voltado a pesquisadores(as) negros(as). A pesquisa foi realizada utilizando os seguintes conceitos-análise: trajetória docente, docência em Ensino Superior, mulheres, mulheres negras. A pesquisa foi realizada nos meses de março e abril de 2022, nos sítios eletrônicos dos eventos. Para tanto, foram pesquisados trabalhos publicados de 2003 a 2021, utilizando como marco teórico para delimitação temporal a promulgação da Lei 10639/2003.

O mapeamento proposto se divide em dois momentos principais. O primeiro momento condiz com o direcionamento quantitativo das pesquisas, em uma análise diretiva destes dados. Em um segundo momento, se propõe uma análise inspirada pela Análise de Discurso (AD), partindo dos pressupostos Orlandi (2013) e Freire (2014), com objetivo de produzir sentidos a partir dos resumos das pesquisas mapeadas, que estão envolvidos direta ou indiretamente com os objetivos dessa tese.

Delimitados esses dois momentos apresentamos os conceitos-análise presentes na primeira etapa do mapeamento:

1.2.1 Momento 1: Direcionamento quantitativo dos trabalhos apresentados

O direcionamento quantitativo (momento 1) das pesquisas mapeadas consiste no levantamento da(s):

- I. Relações entre o número de trabalhos mapeados e o número de trabalhos produzidos por edição.
- II. Região na qual os trabalhos foram produzidos (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul);
- III. Recorte temporal do número de trabalhos mapeados por edição do evento;
- IV. Origem e regionalidade das produções;
- V. Metodologia de pesquisa apresentada nos trabalhos mapeados;
- VI. Público-alvo (direcionamento) das produções mapeadas (raça e gênero dos sujeitos pesquisados).

1.2.1.1 ENPEC

O Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) é um evento realizado a cada dois anos, promovido pela Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC). Sua finalidade principal é a promoção, divulgação e socialização das pesquisas realizadas no âmbito da Educação em Ciências, o evento é realizado desde 1997, ano da fundação da ABRAPEC e conta, atualmente, com 12 (doze) edições.

Assim, de um total de 8.037 (oito mil e trinta e sete) trabalhos presentes nos anais do ENPEC, no período 2003 até 2019, foi possível encontrar 8 (oito) que estão parcialmente inseridos na proposta dessa tese. Em relação ao descritor ano de publicação, a TABELA 7 apresenta o quantitativo de trabalhos que foram publicados e divulgados nos anais do ENPEC por ano do evento.

TABELA 7 – Relação de pesquisas mapeadas e analisadas no ENPEC.

Evento	Ano	Pesquisas mapeadas	Número total de trabalhos
IV ENPEC	2003	0	451
V ENPEC	2005	0	739
VI ENPEC	2007	0	601
VII ENPEC	2009	0	799
VIII ENPEC	2011	2	1235
IX ENPEC	2013	2	921
X ENPEC	2015	1	1107
XI ENPEC	2017	1	1210
XII ENPEC	2019	2	975
Total		8	8038

FONTE: Elaborada pela autora (2022).

Conforme os dados presentes na TABELA 7, pode-se perceber que apenas os anos de 2011, 2013, 2015, 2017 e 2019 tiveram trabalhos publicados nos anais do ENPEC, que contemplam este estudo. Salienta-se que as atas do ENPEC realizado no ano de 2009 não se encontram disponíveis. Os trabalhos que contemplam parcialmente a temática desse estudo, somam cerca de 0,1% do total de trabalhos apresentados entre os anos de 2003 e 2019, denotando que há pouquíssimos trabalhos voltados à docência no Ensino Superior, principalmente voltados à trajetória pessoal e profissional de docentes, tanto no que se refere ao recorte de raça quanto ao de gênero.

Visando conhecer as Instituições que socializam suas pesquisas nos anais do ENPEC, contribuindo com os conhecimentos envolvendo a trajetória docente no Ensino Superior, encontrou-se um total de 22 (vinte e duas) Instituições de Ensino Superior (IES). Este número se deve ao fato de ter ocorrido o mapeamento total de aparições das instituições por meio da quantidade de autores(as) presentes nos trabalhos. Nos casos de trabalhos com mais de um(a) autor(a), contabilizou-se, também, mais de uma vez a instituição, conforme dados apresentados na TABELA 8.

TABELA 8 – Ranking das instituições mapeadas nos anais do ENPEC por regiões brasileiras.

Instituição	Número de aparições	Porcentagem	Região
IFSUL	1	4,35	Sul
UCHILE	1	4,35	Internacional
UEL	13	56,52	Sul
UFRGS	4	17,39	Sul
USP	4	17,39	Sudeste
Total	23	100,00	

FONTE: Elaborada pela autora (2022).

Em relação à vinculação institucional dos(as) autores(as) que se dedicaram à produção desses trabalhos percebe-se que há uma concentração de trabalhos nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (cerca de 95,65% do total de trabalhos socializados nos ENPECs), notadamente produzidos na Universidade Estadual de Londrina (UEL) que concentra 13 (treze) de um total de 22 (vinte e dois) autores(as) que publicaram trabalhos dentro da temática, demonstrando que há uma concentração da pesquisa relativa à trajetória dos(as) docentes que lecionam no Ensino Superior produzida nesta instituição.

Em relação à metodologia adotada para realização da pesquisa, destacam-se o conjunto análise de narrativas, entrevista, entrevista narrativa (somando um total de 3, ou seja, 37,50% dos trabalhos) e a pesquisa bibliográfica (totalizando 3, ou seja, 37,50% dos trabalhos). Foi realizada uma aplicação de questionário e em um dos resumos não foi possível determinar a metodologia para obtenção dos dados da pesquisa. Os dados referentes à metodologia são apresentados na TABELA 9.

TABELA 9 – Ranking das metodologias de pesquisa mapeadas nos anais do ENPEC.

Metodologia	Número de aparições	Porcentagem (%)
Análise de narrativas	1	12,50
Entrevista	1	12,50
Entrevista narrativa	1	12,50
Indeterminada	1	12,50
Pesquisa bibliográfica	3	37,50
Questionário	1	12,50
Total	8	100

FONTE: Elaborada pela autora (2022).

Analisando os sujeitos da pesquisa presentes nos trabalhos mapeados observou-se predominância de mulheres sem recorte de raça (87,5%), seguido de trabalhos voltados à prática da docência no Ensino Superior sem recorte de gênero ou raça (12,5%). Cabe salientar a ausência de trabalhos publicados voltados à docência no Ensino Superior que abordem como sujeitos a população negra ou mulheres negras, conforme dados apresentados na TABELA 10.

TABELA 10 – Ranking do público-alvo (direcionamento) mapeado nos anais do ENPEC.

Público-alvo (direcionamento)	Número de aparições	Porcentagem (%)
Mulheres, sem recorte de raça	7	87,50
Sem recorte de gênero e de raça	1	12,50
Total	8	100,00

FONTE: Elaborada pela autora (2022).

1.2.1.2 SIPEM e ENEM

O Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática (SIPEM) é um evento realizado a cada três anos, e é promovido pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM). Suas finalidades são a promoção de intercâmbio entre os grupos dedicados a Educação Matemática, divulgação das pesquisas brasileiras, no âmbito da Educação Matemática, formação de grupos integrados que congreguem pesquisas brasileiras e estrangeiras e fomento do avanço das pesquisas em Educação Matemática, atualmente o evento conta com sete edições⁸.

O Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM) é um evento realizado desde 1987, sendo anualmente, de 1987 a 1988, a cada dois anos, de 1989 a 1995, e a cada três anos desde 1998. A história do evento está mesclada com a criação da SBEM, fundada no II ENEM, realizado em 1989, que é a Sociedade, até hoje, promotora dos encontros. Entre suas finalidades, o ENEM busca: promover debates e discussões no campo da Educação Matemática. O evento é considerado o mais importante no âmbito da Educação Matemática brasileira, segundo a SBEM, e

⁸ Disponível em < <http://www.sbembrasil.org.br/sbembrasil/index.php/grupo-de-trabalho/historico-sipem>>, acesso em 17 de janeiro de 2023.

apresenta as tendências metodológicas da Pesquisa que constituí a área. Atualmente o evento conta com treze edições.

De um total de 1.431 (mil quatrocentos e trinta e um) trabalhos publicados nos anais do SIPEM no período 2003 a 2019, e 4.422 (quatro mil quatrocentos e vinte dois) nos anais do ENEM, no período 2003 a 2021, foi possível encontrar 4 (quatro) nos anais do SIPEM e nenhum trabalho nos anais ENEM, inseridos parcialmente na proposta dessa tese. Em relação ao descritor ano de publicação, para os anais do SIPEM, a TABELA 11 mostra o quantitativo de trabalhos que foram publicados e divulgados por ano do evento.

TABELA 11 – Relação de pesquisas mapeadas e analisados no SIPEM.

Evento	Ano de realização	Pesquisas mapeadas	Número total de trabalhos
II SIPEM	2003	0	158
III SIPEM	2006	3	209
IV SIPEM	2009	1	193
V SIPEM	2012	0	149
VI SIPEM	2015	0	169
VII SIPEM	2018	0	222
VIII SIPEM	2021	0	227
Total		4	1431

FONTE: Elaborada pela (2022).

Conforme dados presentes na TABELA 11, percebe-se que apenas os anos de 2006 e 2009 tiveram trabalhos publicados que contemplam este estudo. Esses trabalhos somam cerca de 0,2% do total de trabalhos apresentados entre os anos de 2003 e 2021, denotando que há pouquíssimos trabalhos voltados à docência no Ensino Superior, principalmente voltados à trajetória pessoal e profissional de docentes, tanto no que se refere ao recorte de raça quanto ao de gênero.

Visando conhecer as Instituições que estão publicando suas pesquisas nos anais do SIPEM e contribuindo com os conhecimentos envolvendo a trajetória docente no Ensino Superior, encontrou-se um total de 7 (sete) IES. Este total se deve ao fato de ter ocorrido o mapeamento total de aparições das Instituições por meio do número de autores(as) presentes nos trabalhos. Nos casos de trabalhos com mais de um(a)

autor(a), foram contabilizados, também, mais de uma vez a Instituição, conforme dados apresentados na TABELA 12.

TABELA 12 – Ranking das instituições mapeadas nos anais do SIPEM por regiões brasileiras.

Instituição	Número de aparições	Porcentagem (%)	Região
CEFET-SP	1	14,29	Sudeste
PUC	1	14,29	Sem indicação de localidade
PUC-SP	4	57,14	Sudeste
UESC	1	14,29	Sul
Total	7	100,00	

FONTE: Elaborada pela autora (2022).

Em relação à vinculação institucional dos autores que se dedicaram à produção desses trabalhos, percebe-se, uma concentração de trabalhos na região Sudeste do Brasil, cerca de 71,43% do total de trabalhos socializados nos SIPEM, notadamente nos trabalhos produzidos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que concentra 4 (quatro) de um total de 7 (sete) autores(as) que publicaram trabalhos dentro da temática, demonstrando que há uma concentração da pesquisa relativa à trajetória dos(as) docentes que lecionam no ensino superior produzida nesta instituição.

Em relação à metodologia adotada para realização da pesquisa, destaca-se a pesquisa bibliográfica, utilizada em dois trabalhos, um estudo de caso e um trabalho indica “metodologia qualitativa” sem maiores informações no resumo. Os dados referentes à metodologia são apresentados na TABELA 13.

TABELA 13 – Ranking das metodologias mapeadas nos anais do SIPEM.

Metodologia	Número de aparições	Porcentagem (%)
Estudo de caso	1	25
Estudo qualitativo	1	25
Pesquisa bibliográfica	2	50
Total	4	100

FONTE: Elaborada pela autora (2022).

Examinando os sujeitos da pesquisa presentes nos trabalhos analisados, se observou a predominância de trabalhos sem recorte de raça e gênero (66,67%), seguido de trabalhos voltados à prática da docência no Ensino Superior no qual foi realizado um estudo de caso, onde o sujeito foi um professor do sexo masculino. Cabe salientar a ausência de trabalhos publicados voltados à docência no Ensino Superior que abordem como sujeitos a população negra ou mulheres negras, conforme dados apresentados na TABELA 14.

TABELA 14 – Ranking do público-alvo (direcionamento) mapeados nos anais do SIPEM.

Público-alvo (direcionamento)	Número de aparições	Porcentagem (%)
Homem	1	33,33
Sem recorte de raça e gênero	3	66,67
Total	4	100,00

FONTE: Elaborada pela autora (2022).

1.2.1.3 Reuniões Nacionais da ANPEd

As Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), são realizadas com o objetivo de agregar professores e estudantes dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação para promoção, desenvolvimento, aperfeiçoamento e consolidação da pesquisa em Educação⁹. O evento, com início em 1979, foi realizado anualmente até 2015, quando passou a ser realizado a cada dois anos.

De um total de 6.349 (seis mil trezentos e quarenta e nove) trabalhos publicados nos anais das Reuniões Nacionais da ANPEd, no período 2003 a 2021, foi possível encontrar 8 (oito) que estão inseridos parcialmente na proposta dessa tese. Em relação ao descritor ano de publicação, a TABELA 15 mostra o quantitativo de trabalhos que foram publicados e divulgados nos anais das Reuniões Nacionais da ANPEd por ano do evento.

⁹ Disponível em: < <https://www.anped.org.br/sobre-anped>>, acesso em 17 de janeiro de 2023.

TABELA 15 – Relação de pesquisas mapeadas e analisados nos anais das Reuniões Nacionais da ANPEd.

Evento	Ano de realização	Pesquisas mapeadas	Número total de trabalhos
26ª ANPEd	2003	1	329
27ª ANPEd	2004	0	289
28ª ANPEd	2005	0	563
29ª ANPEd	2006	0	346
30ª ANPEd	2007	2	429
31ª ANPEd	2008	0	410
32ª ANPEd	2009	1	372
33ª ANPEd	2010	0	0
34ª ANPEd	2011	0	506
35ª ANPEd	2012	2	286
36ª ANPEd	2013	0	410
37ª ANPEd	2015	0	566
38ª ANPEd	2017	0	455
39ª ANPEd	2019	1	597
40ª ANPEd	2021	1	791
Total		8	6349

FONTE: Elaborada pela autora (2023).

Conforme os dados presentes na TABELA 15, pode-se perceber que apenas os anos de 2003, 2007, 2009, 2012, 2019 e 2021 tiveram trabalhos publicados nos anais das Reuniões Nacionais da ANPEd, que contemplam este estudo. Salienta-se que os anais das Reuniões Nacionais da ANPEd realizada no ano de 2010 não se encontram disponíveis. Os trabalhos que contemplam a temática somam cerca de 0,1% do total de trabalhos apresentados entre os anos de 2003 e 2021, denotando que há poucos trabalhos voltados à docência no Ensino Superior, principalmente voltados à trajetória pessoal e profissional de docentes, tanto no que se refere ao recorte de raça quanto ao de gênero.

Para conhecer as instituições que publicaram suas pesquisas nos anais das Reuniões Nacionais da ANPEd e contribuindo com os conhecimentos envolvendo a trajetória docente no Ensino Superior, encontrou-se um total de 12 (doze) IES. Este total se deve ao fato de ter ocorrido o mapeamento total de aparições das instituições por meio do número de autores(as) presentes nos trabalhos. Nos casos de trabalhos

com mais de um(a) autor(a), contabilizou-se, também, mais de uma vez a Instituição, conforme dados apresentados na TABELA 16.

TABELA 16 – Ranking das instituições mapeadas nos anais das Reuniões Nacionais da ANPEd por regiões brasileiras.

Instituição	Número de aparições	Porcentagem	Região
PUC-MINAS	1	8,33	Sudeste
PUC-RS	1	8,33	Sul
SEED-SP	1	8,33	Sudeste
UENF	1	8,33	Sudeste
UERJ	3	25,00	Sudeste
UFMG	1	8,33	Sudeste
UFMT	1	8,33	Sudoeste
UFSM	3	25,00	Sul
Total	12	100,00	

FONTE: Elaborada pela autora (2022).

Em relação à vinculação institucional dos(as) autores(as) que se dedicaram à produção desses trabalhos, percebe-se, conforme dados da TABELA 16, uma concentração de trabalhos na região Sudeste do Brasil, cerca de 66,67% do total de trabalhos socializados nas reuniões nacionais da ANPEd, seguidos pelos trabalhos produzidos na região Sul do Brasil, com 33,33%. Percebe-se uma concentração de autores(as) filiados(as) à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), localizada na região Sul e na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), cada uma com 3 (três) autores(as) de um total de 12 (doze).

Em relação à metodologia adotada para realização da pesquisa, destacamos pesquisas que utilizam História Oral (62,5%), seguida pelas pesquisas autobiográficas (25%) e por fim entrevistas (12,5%). Salienta-se que por tratar-se de evento voltado para pesquisa em Educação foram apresentadas metodologias para obtenção de dados direcionadas especificamente para exploração das narrativas dos sujeitos, algo que não foi observado nos eventos relacionado ao Ensino em Ciências e em Matemática. Os dados referentes à metodologia são apresentados na TABELA 17.

TABELA 17 – Ranking das metodologias mapeadas nos anais das Reuniões Nacionais da ANPEd.

Metodologia	Número de aparições	Porcentagem (%)
Autobiografia	2	25
Entrevista	1	12,5
História oral	5	62,5
Total	8	100

FONTE: Elaborada pela autora (2022).

Ao examinar os sujeitos da pesquisa presentes nos trabalhos analisados, destacam-se as mulheres negras (37,5%), os trabalhos voltados à prática da docência no Ensino Superior de negros sem recorte de gênero (25%) e os trabalhos sem recorte de gênero e raça (25%). Houve um trabalho voltado à trajetória de um professor negro, conforme dados apresentados na TABELA 18.

TABELA 18 – Ranking do público-alvo (direcionamento) mapeados nos anais das Reuniões Nacionais da ANPEd.

Público alvo (direcionamento)	Número de aparições	Porcentagem (%)
Homem negro	1	12,5
Mulheres negras	3	37,5
Negros, sem recorte de gênero	2	25
Sem recorte de raça e gênero	2	25
Total	8	100

FONTE: Elaborada pela autora (2022).

1.2.1.4 COPENE

O Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) Negros(as) (COPENE) é um evento realizado a cada dois anos, promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN). Sua principal finalidade é articular, divulgar, promover, valorizar e construir uma agenda nacional voltada aos estudos africanos e afro-brasileiros¹⁰, o evento é realizado desde 2000, e conta, atualmente, com 11 (onze) edições.

¹⁰ Disponível em: < <https://copene2022.abpn.org.br/>>, acesso em 17 de janeiro de 2023.

De um total de 3.174 (três mil cento e setenta e quatro) trabalhos publicados nos anais do COPENE, no período 2003 até 2020, foi possível encontrar 21 (vinte e um) que estão inseridos na proposta dessa tese. Em relação ao descritor ano de publicação, a TABELA 19 mostra o quantitativo de trabalhos que foram publicados e divulgados nos anais do COPENE por ano do evento.

TABELA 19 – Relação de pesquisas mapeadas e analisados no COPENE.

Evento	Ano de realização	Total mapeados	Número total de trabalhos
III COPENE	2004	0	173
IV COPENE	2006	1	334
V COPENE	2008	1	425
VI COPENE	2010	5	447
VII COPENE	2012	0	300
VIII COPENE	2014	2	445
IX COPENE	2017	3	268
X COPENE	2018	4	478
XI COPENE	2020	5	91
Total		21	3174

FONTE: Elaborada pela autora (2022).

Conforme os dados presentes na TABELA 19, pode-se perceber uma certa estabilidade no número de trabalhos publicados. Os anais do COPENE entre os anos 2004 a 2012 encontram-se digitalizados, o que dificultou a localização de trabalhos pertinentes à temática, por isso, foi necessária contagem manual nestes anais para determinar o número de trabalhos publicados, o que pode ter gerado discrepâncias entre o número de trabalhos contabilizados e o número real apresentado. A página da ABPN não dispõe de estatísticas referentes aos eventos realizados, dificultando a realização do comparativo entre o número de trabalhos mapeados *versus* número de trabalhos apresentados.

Com objetivo de conhecer as instituições que publicaram suas pesquisas nos anais do COPENE, encontrou-se um total de 23 (vinte e três) IES. Salienta-se que em grande parte dos trabalhos publicados não há indicação da Instituição de origem do(a) autor(a), cerca de 43% dos trabalhos mapeados. Desse modo, em relação à vinculação institucional dos(as) autores(as) que se dedicaram à produção desses

trabalhos, não é possível aferir uma região predominante ou a concentração de publicações em um determinado grupo de pesquisas, conforme dados apresentados na TABELA 20.

TABELA 20 – Ranking das instituições mapeadas nos anais do COPENE por regiões brasileiras.

Instituição	Número de aparições	Porcentagem	Região
Sem indicação de instituição	10	43,48	Indeterminado
UFF	2	8,70	Sudeste
UFMG	5	21,74	Sudeste
UFPA	1	4,35	Norte
UFAM	1	4,35	Norte
Centro Universitário Metodista do Sul - IPA	1	4,35	Sul
CEFET	1	4,35	Indeterminado
UFPI	1	4,35	Nordeste
UFRRJ	1	4,35	Sudeste
Total	23	100	

FONTE: Elaborada pela autora (2022).

Em relação à metodologia adotada para realização da pesquisa, destaca-se a pesquisa bibliográfica, com total de 5 (cinco) trabalhos, seguida do estudo de caso, com 3 (três) e do conjunto história oral/história de vida, somando um total de 3 (três). Não foi possível determinar a metodologia de 3 (três) pesquisas, devido à indisponibilidade dos resumos do VI COPENE, realizado em 2010, dos 5 (cinco) trabalhos mapeados nessa edição, dois apresentavam a metodologia de forma explícita no título, história de vida e estudo de caso. Os dados referentes à metodologia são apresentados na TABELA 21.

TABELA 21 – Ranking das metodologias mapeadas nos anais do COPENE.

Metodologia	Número de aparições	Porcentagem (%)
Análise CV lattes	1	4,55
Análise institucional de discurso	1	4,55
Entrevista semi-estruturada	1	4,55
Estudo de caso	3	13,64
Exposição fotográfica	1	4,55
História de vida	2	9,09
História oral	1	4,55
Indeterminada	3	13,64
Pesquisa bibliográfica	5	22,73
Pesquisa documental	2	9,09
Pesquisa narrativa	2	9,09
Total	22	100

FONTE: Elaborada pela autora (2022).

Ao examinar os sujeitos da pesquisa presentes nos trabalhos analisados observa-se a predominância de mulheres negras (57,14%), seguido de trabalhos sem recorte de gênero, voltados à prática da docência no Ensino Superior (33,3%). Cabe salientar que o COPENE é um evento voltado a pesquisadores(as) pretos(as) e pardos(as) o que justifica o recorte de raça encontrado em todos os trabalhos mapeados, conforme dados apresentados na TABELA 22.

TABELA 22 – Ranking do público-alvo (direcionamento) mapeados nos anais do COPENE.

Público-alvo (direcionamento)	Número de aparições	Porcentagem (%)
Mulher(es) negra(s)	12	57,14
Homem(ns) negro(s)	2	9,52
Sem recorte de gênero	7	33,33
Total	21	100

FONTE: Elaborada pela autora (2022).

1.2.2 Momento 2: Direcionamento qualitativo das pesquisas

Nesse segundo momento da análise, propõe-se, a partir dos pressupostos de Orlandi (2017) e Freire (2014) referentes à Análise do Discurso, uma análise qualitativa conjunta dos dados a partir dos anais dos eventos. Para isso, se utiliza os enunciados de direcionamento geral propostos para análise das dissertações e teses mapeadas do CTD-CAPES, construídos a partir dos conceitos de interseccionalidade, na perspectiva de Collins e Bilge (2021), conforme apresentado no subitem 1.1.2.

Os enunciados específicos, gerais e o título de cada trabalho podem ser conferidos no ANEXO IV. No QUADRO 3, encontram-se as informações de alguns trabalhos selecionados aleatoriamente utilizados para construção de conclusões no tópico seguinte.

QUADRO 3 – Direcionamento dos trabalhos mapeados em anais de evento por enunciação geral e específica.

Enunciado geral	Título	Enunciados específicos	Autores	Edição
E1	Escurecendo a Universidade: Racismo, saúde mental e subjetividades	Discussão raça; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.	Tainá Aparecida Araújo Ricardo (UFU)	X COPENE
E2	O Jornal da Ciência e a visibilidade de gênero: igualdade e diferença	Discussão de gênero; feminismo.	Juliana Cardoso Pereira (IFSul), <i>et al.</i>	XII ENPEC
E3	Relação com o saber e necessidades profissionais de um professor de matemática	Formação de professores; trajetória profissional.	Marcos Rogério Neves (UESC)	IV SIPEM
E4	A associação brasileira de pesquisadores(as) negros(as) e a produção de conhecimentos: o que pesquisam as mulheres negras?	Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.	Joana Celia Dos Passos	IX COPENE
E5	A trajetória de um professor negro na universidade – questões culturais e currículo	Discussão racial; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional	Thais Barcelos Dias da Silva – UERJ Rebeca Silva Brandão Rosa – UERJ Simone Gomes da Costa – UERJ	32ª Reunião Nacional da ANPEd
E6	Professoras negras universitárias: militância e identidade	Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.	Maria do Rosario de Fatima Vieira da Silva (SE-SP)	40ª Reunião Nacional da ANPEd

FONTE: Elaborada pela autora (2022).

Assim, partir do conjunto de enunciados, da leitura dos resumos e, quando disponíveis, dos trabalhos, procurou-se esboçar algumas conclusões. Inicialmente, cabe destacar, que os elementos que são discutidos pelos pressupostos da interseccionalidade são mais fortemente explorados nas pesquisas presentes nos anais do COPENE e das Reuniões Nacionais da ANPEd, pode-se inferir que essa tendência se deve ao fato do primeiro evento ser voltado a pesquisadores (as) negros (as) e o segundo por socializar pesquisas na área de Educação. Nesse sentido, é fundamental destacar que as pesquisas divulgadas nos eventos, tratam dos

problemas sociais enfrentados por pessoas negras. Com isso, a abordagem dessas desigualdades permite a análise sob as lentes dos movimentos sociais, mesmo que esses não consigam abordar sozinhos a ampla gama de discriminações sofridas por pessoas negras do Sul Global.

Apresenta-se como exemplo, 4 (quatro) pesquisas socializadas nos anais do COPENE e das Reuniões Nacionais da ANPEd, esses resumos dão lastro às conclusões:

- E1: **O racismo possui tipologias institucionais e institucionalizadas tendo como sustentação o preconceito e a discriminação racial.** No Brasil identifica-se discursos e práticas cotidianos que difundem estereótipos pejorativos a determinado grupo racial, que inicia num processo histórico, tendo como base de escravização e comércio de pessoas negras no período colonial, com tentativas constantes de apagamentos subjetivos e culturais. Com promulgação da lei Áurea, os negros experimentam a liberdade, porém sem recursos que garantissem o acesso à saúde, moradia, remuneração e educação. Essas lacunas contribuíram com a situação de abandono social que a população negra herda até os tempos atuais. **O objetivo deste artigo é compreender a forma como as instituições, em especial a Universidade Federal de Uberlândia corrobora com a reprodução do racismo** (RICARDO, 2018, p. 12, grifos meus)
- E4: Essa comunicação apresenta resultados de uma pesquisa que analisou **a trajetória acadêmica e a produção de conhecimentos de pesquisadoras negras.** Como resultado, constatou-se a crescente participação de mulheres nos Congressos de Pesquisadores/as Negros/as identificou-se as áreas e temáticas das pesquisas que realizam e suas contribuições na produção científica. **A interlocução foi priorizada com autores dos estudos decoloniais focalizando: feminismo negro e a participação da mulher negra na ciência** (PASSOS, 2017, sp, grifos meus).
- E5: **Analisando as imagens de um acervo produzido por um fotógrafo oficial de uma universidade pública, onde a presença de um homem negro nos chama atenção,** pois aparece muitas vezes em destaque nos eventos importantes para a universidade num período em que a presença do negro não era tão numerosa. **Identificamos como relevante narrar a história de vida deste professor para discutir as questões raciais articulando-as com os assuntos curriculares** (SILVA; ROSA, 2009, sp, grifos meus).
- E6: O estudo teve como objetivo geral **discutir sobre o processo de formação das identidades da mulher negra que atuam no ensino superior em Parnaíba.** Especificamente: identificar a participação delas em movimentos sociais, ONGs ou outras formas de atuação social e política; conhecer possíveis situações de preconceito e discriminação vivenciadas; refletir de que forma estas experiências impactam na formação/afirmação de suas identidades negras. A abordagem da pesquisa foi de natureza qualitativa de cunho narrativo e teve como instrumento de produção dos dados o memorial de vida e formação (SILVA, 2021, sp, grifos meus).

As pesquisas realizadas no âmbito do ENPEC trazem de forma superficial a discussão de gênero nas Ciências sem o recorte de raça, o que reforça a visão da ciência produzida por pessoas brancas, mesmo com essa apresentação da discussão de gênero, percebe-se que a abordagem interseccional ainda é muito pouco explorada. Desse modo, parece coerente classificar a pesquisa no Enunciado E2, no qual Bilge e Collins (2021), discutem as relações de poder interseccionais questionando qual perspectiva está mais visível em um determinado contexto, o que é problematizado na pesquisa de Ferreira (2019).

E2: Na atualidade, não é possível negarmos a presença de um **sujeito na ciência, um ator, alguém que constrói o universo sobre o qual se diz observador privilegiado e objetivo**. Essa negação do sujeito cientista serviu de alibi para a elisão da discussão sobre **a presença ou ausência das mulheres na ciência**. Nesse artigo problematizamos como tem se dado a discussão sobre a relevância do sujeito mulher cientista no contexto das ciências exatas e educação em ciências, para isso buscamos as falas de cada dia, aquelas mais frequentes sobre as mulheres nas ciências publicadas no Jornal da Ciência de 2002 até 2017. Essas falas de cada dia são analisadas como efeitos de práticas que constituem um saber sobre mulheres e ciência tornadas como texto, ocupando espaço e instituindo um novo e promissor campo nas ciências exatas, configurando e sendo configuradas em novos arranjos de poder (PEREIRA, 2019, sp, grifos meus).

Nos anais do SIPEM não há abordagem referente à trajetória pessoal ou constituição profissional dos docentes do Ensino Superior. Infelizmente, no âmbito da Educação Matemática predomina uma ausência e um silenciamento das questões de gênero, classe, raça e sexualidade. Denotando a ausência de pesquisas voltadas à inserção de grupos subalternizados na pesquisa em Educação Matemática, fato corroborado pela falta completa de trabalhos relacionados à temática nos anais do ENEM. A pesquisa de Neves (2009), foi classificada inicialmente no Enunciado E3 por apresentar, em um primeiro momento, de forma bastante incipiente o contexto intelectual da carreira do professor entrevistado. Entretanto, ela não se vale em nenhum outro momento de qualquer característica interseccional que justifique sua inserção em um determinado contexto social, já que não há recorte, de raça gênero, ou classe.

- E3: No presente trabalho discutimos as relações que **um professor de matemática estabeleceu, durante parte de sua carreira, com os saberes matemáticos que leciona e com os desenvolvidos nas disciplinas do curso de Licenciatura em Matemática.** Trata-se de um estudo de caso, no qual analisamos a maneira como o docente se mobilizou para aprender em relação às suas necessidades pessoais e profissionais. O professor participante da pesquisa tem como características exercer a docência há dez anos, ter ingressado no curso de Licenciatura em Matemática após três anos de exercício da profissão e ter uma relação positiva com a matemática e com seu trabalho. Tomando como base a noção de relação com o saber e a concepção de saberes docentes que ressalta a dimensão discursiva e social destes saberes, investigamos por meio de entrevistas semi-estruturadas os contextos e as práticas nas quais o professor se mobiliza para aprender, ou mobiliza seus saberes na interação com pessoas e materiais, nas circunstâncias de sua profissão. Entre os resultados, constatamos que ao longo de sua carreira, o professor participante apresenta mobilização constante que tem alimentado os processos de aquisição e atualização de seus saberes, a partir de suas necessidades profissionais. Contudo, as experiências deste sujeito no meio universitário pouco oportunizaram o diálogo entre a matemática de nível superior e seus saberes, deixando, por um lado, de contribuir de maneira significativa com sua problematização e reflexão acerca dos conteúdos que ele leciona, por outro, colaborando para consolidar a perspectiva na qual seus saberes docentes vinham sendo construídos a partir de sua prática (NEVES, 2009, sp, grifos meus).

Atribui-se a falta de características interseccionais nas pesquisas do ENPEC e SIPEM, ao fato de se tratar de eventos voltados à Educação em Ciências e à Educação Matemática, segundo Fanon (2008), pessoas negras acabam negando sua negritude, em um processo de branqueamento, para se adaptarem a ambientes dominados por pessoas brancas. Conforme escritos de Lélia Gonzalez (2020), o racismo latino-americano é bastante sofisticado ao relegar aos negros e indígenas uma subordinação às classes sociais dominantes, graças à ideologização de um suposto branqueamento populacional que remonta à invasão dos mouros à Península Ibérica no final do século VIII, e a forma como espanhóis e portugueses aprenderam a lidar com as relações étnico-raciais, criando essa suposta democracia racial baseada na miscigenação entre as raças. Nesse sentido, como herdeiras da ideologia de classificação racial, a sociedade latino-americana sujeita esses grupos subalternizados a organizações sociais altamente hierarquizadas e estratificadas racial e sexualmente, tornando, grosso modo, quase desnecessária uma classificação

social formal, já que as hierarquias tratam de garantir a dominação social dos homens brancos.

Compreende-se a necessidade de investigar com profundidade a reduzida apresentação de trabalhos relacionados à temática dessa tese nos eventos das áreas de Ensino de Ciências e Matemática, porém como tinha-se como objetivo apenas mapear os trabalhos, pretender-se-á num outro momento, retomar tal investigação, inicialmente, analisando as diferentes linhas de pesquisas dos Programas de Pós-Graduação da área de Ensino de Ciências e Matemática.

CAPÍTULO II: RACISMOS: (R)EXISTÊNCIAS DO POVO NEGRO

O objetivo desse capítulo é apresentar uma breve perspectiva do pensamento fanoniano que permitirá traçar um horizonte das relações entre negros e brancos, e a dimensão do comportamento do negro diante de outros negros e dos brancos, sobretudo ao paradoxo do embranquecimento para alcançar a virtude, que se entende pertencente ao branco. Em um segundo momento, são apresentadas as proposições de Sílvio Almeida, que dão lastro a conceitualização dos termos racismo estrutural e institucional, que permitirão discutir o decurso da carreira das pesquisadoras entrevistadas. Ambos foram escolhidos por serem os primeiros referenciais teóricos estudados pela autora, além de serem autores já estabelecidos e respeitados em suas áreas, a escolha se deve em grande parte a questão afetiva, mas, também por ambos oferecerem um arcabouço teórico adequado às análises das entrevistas.

2.1 RELAÇÃO DO NEGRO E DO BRANCO EM UMA BREVE PERSPECTIVA FANONIANA

Nessa seção apresenta-se brevemente a perspectiva do psiquiatra, filósofo, político e ativista martinicano Frantz Fanon, introduzida em sua obra “Pele Negra, Máscaras Brancas” de 1952. Nessa obra, Fanon procura estabelecer a compreensão das relações entre negros e brancos, ambos fechados em sua negritude¹¹ e branquitude¹², respectivamente, buscando estabelecer as tendências desse “duplo narcisismo” e as motivações que ele implica (FANON, 2008, p. 27).

Inicialmente, Fanon (2008) salienta a importância primordial do fenômeno da linguagem, a qual julga fundamental para que se possa compreender os elementos da dimensão *para-o-outro* do negro¹³, já que a linguagem é existir para o outro. Assim, Fanon (2008) estabelece que o negro possui duas dimensões: uma com seus semelhantes e outra com o branco. Nesse sentido, esse é o fruto direto da aventura colonial, o negro é o “meio do caminho” entre o macaco e o homem, e essas “evidências” que dão conta da necessidade e urgência de civilizar o negro, e cabe ao

¹¹ Texto original, publicado em 1952, utiliza o termo “negrura”.

¹² Texto original, publicado em 1952, utiliza o termo “brancura”.

¹³ Texto original, publicado em 1952, utiliza o termo “homem de cor”, para referenciar homens negros.

colonizador o papel de salvador aproximando o negro do “homem verdadeiro” afastando-o do macaco. Assim, o negro se comporta diferentemente com o branco pelo sepultamento de sua originalidade cultural, essa fissura ocorre em consequência da colonização, e é alimentada devido ao complexo de inferioridade imbricado nos povos colonizados. O negro procura assimilar os valores culturais do colonizador para “escapar de sua selva”, logo quanto mais ele rejeitar sua negritude, mais branco será:

Sim, do negro exige-se que seja um bom preto; isso posto, o resto vem naturalmente. Levá-lo a falar *petit-nègre* é aprisioná-lo a uma imagem, embebê-lo, vítima eterna de uma essência, de um *aparecer* pelo qual ele não é responsável. [...] (FANON, 2008, p. 47).

Quando um preto fala de Marx, a primeira reação é a seguinte: “Nós vos educamos e agora vocês voltam contra seus benfeitores. Ingratos! Decididamente, não se pode esperar nada de vocês”. E depois há ainda este argumento-porrete do empresário agrícola europeu na África: “Nosso inimigo é o professor” (FANON, 2008, p. 48).

Para tanto, Fanon (2008) afirma que “Falar é estar em condições de empregar uma sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.” (FANON, 2008, p. 33). Como exemplo de sua fala, Fanon (2008) apresenta o caso dos negros antilhanos que se tornam tanto mais brancos na medida em que adotam a língua francesa, aproximando-se do homem verdadeiro em seu ideal de branqueamento. Ou seja, a posse da linguagem e do que ela expressa implicitamente é uma condição extraordinária de poder. Nesse sentido, o colonizado, no qual foi introjetado um complexo de inferioridade e sepultamento de sua cultura original, toma, ao absorver compulsoriamente a língua do colonizador, posição da cultura diante da linguagem da nação supostamente “civilizadora”, marco de apagamento de sua civilização original, levando o colonizado à subalternidade como membro marginalizado diante de uma nação superior.

Assim, quanto mais nos deslocamos ao encontro do ideal de branqueamento, mais nos desviamos da selva a qual pertencemos, segundo o norte global. Um exemplo desse ideal de branqueamento se encontra na fala do presidente argentino em 2021, na qual afirma que “Os mexicanos vieram dos índios, os brasileiros saíram da selva, mas nós os argentinos, chegamos de barcos. E eram barcos que vieram de

lá, da Europa”¹⁴, o que demonstra que as proposições de Fanon permanecem atuais nos dias de hoje na busca civilizatória do norte global.

Conhecemos no passado e ainda hoje antilhanos que se envergonham quando são confundidos com senegaleses. É que o antilhano é mais “evoluído” do que o negro da África: entenda-se que ele está mais próximo do branco; e esta diferença existe não apenas nas ruas e nas avenidas, mas também na administração e no exército (FANON, 2008, p. 40).

Nesse sentido, Fanon (2008) postula que o colonizado é impelido a assimilar os valores culturais da metrópole, a fim de se afastar da selvageria da colônia, quanto mais se afasta de sua negritude, quanto mais rejeita sua cultura, menos selvagem será. Como exemplo dessa movimentação forçada em direção à branquitude, Fanon (2008) cita o caso dos soldados senegaleses das infantarias do exército colonial, no qual os oficiais nativos eram intérpretes servindo para transmitir as ordens do senhor aos seus compatriotas, desfrutando, dessa forma, de um certo prestígio por parte dos colonizadores. Muitos destes homens, quando retornavam da França, voltavam radicalmente mudados, considerando a si mesmos mais civilizados e evoluídos que seus congêneres, ou seja, mais próximos do ideal de branquitude.

Com isso, é exigido do negro que ele seja “um bom preto”, assim o resto virá naturalmente, o branco trata esse “bom comportamento” como a desalienação do negro e toda vez que ocorre uma incompreensão (ou insubordinação) por parte do negro, o branco atribui essa desobediência a uma ausência de discernimento e incapacidade de alcançar o ideal de branquitude, ou seja, o negro permanece alienado e selvagem diante da “bondade” do branco em proporcionar o alcance da beleza que leva a virtude, que nunca foi negra, ela é branca, pertencem ao branco. Como exemplo desse ideal de branquitude, apresenta-se a fala do vice-presidente brasileiro no período de 2019 a 2022, ainda como candidato: “Gente, deixa eu ir lá que meus filhos estão me esperando. Meu neto é um cara bonito, viu ali. Branqueamento da raça”¹⁵, demonstrando que o ideal de branqueamento discutido por Fanon em 1952, está mais vivo do que nunca, sobretudo em políticos e simpatizantes da extrema-direita, com

¹⁴ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/epoca/presidente-argentino-diz-que-brasileiros-sairam-da-selva-seus-compatriotas-vieram-de-barco-da-europa-25053522>> acesso em 13 de dezembro de 2022.

¹⁵ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/06/mourao-cita-branqueamento-da-raca-ao-falar-que-seu-neto-e-bonito.htm>>, acesso em 19 de dezembro de 2022.

objetivo evidente de supressão de políticas-públicas que beneficiem populações historicamente subalternizadas como negras, indígenas e quilombolas.

Nesse drama narcisista, no qual estão inseridas as relações entre negros e brancos, cada um preso em suas particularidades, Fanon (2008) faz compreender que o negro não pode se satisfazer em seu enclausuramento, para o negro só existe uma porta de saída, atrair a atenção do branco e adquirir suas propriedades de revestimento e tentar alcançar o santuário da branquitude. A sanção do branco é peça fundamental no ideal de branqueamento: o negro é colocado diante de um dilema, branquear ou desaparecer. Esse dilema não pode mais ocorrer, o negro deve estar consciente de uma nova possibilidade de existir, ainda que a sociedade imponha barreiras devido à sua cor.

Fanon (2008) tinha o objetivo de descobrir um sentido nas coisas, de estar na origem do mundo, contudo, se viu objeto em meio a outros objetos, afirmando que quando o negro permanece em casa, não necessita, salvo em ocasião de pequenas lutas internas, confirmar seu ser diante de um outro sujeito. Entre seus congêneres o negro não precisa ser sê-lo, mas diante do branco é obrigatório ser o bom preto, se fixando em duas dimensões, a de seus costumes e realidade, e a metafísica do branco, se inserindo menos pretensiosamente, mas se adaptando e moldando a uma cultura imposta, já que sua realidade não faz parte do marco “civilizatório” do colonizador. Em um trecho marcante de *Pele Negra, Máscaras Brancas*, Fanon descreve uma de suas experiências na França:

Mamãe, olhe o preto, estou com medo!" Medo! Medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível. Eu não aguentava mais, já sabia que existiam lendas, histórias, a história e, sobretudo, a historicidade que Jaspers¹⁶ havia me ensinado. Então o esquema corporal, atacado em vários pontos, desmoronou, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial. No movimento, não se tratava mais de um conhecimento de meu corpo na terceira pessoa, mas em tripla pessoa. No trem, ao invés de um, deixavam-me dois, três lugares. Eu já não me divertia mais. Não descobria as coordenadas febris do mundo. Eu existia em triplo: ocupava determinado lugar. Ia ao encontro do outro... e o outro, evanescente, hostil, mas não opaco, transparente, ausente, desaparecia. A náusea... (FANON, 1952, p. 105).

¹⁶ Referência ao filósofo e psiquiatra suíço-alemão, Karl Jaspers (1883-1969).

Outro ponto de grande importância, é a tentativa de desconstrução do mito que negros são preguiçosos, lascivos, selvagens, estúpidos e analfabetos. Essa dimensão de animalização do negro perseguia e atormentava Fanon, que afirmava a necessidade de demolir esse mito ligado ao racismo científico¹⁷ e desmistificar o “negro de alma branca”, citando vários exemplos do “apesar de ser negro...”, “mesmo sendo negro...”, que ainda é tão disseminado, sobretudo no Brasil, onde se vive fantasiando uma suposta democracia racial, que não existe. Para exemplificar, pode-se citar, mais uma vez, a fala do vice-presidente brasileiro, no período de 2019 a 2022, ainda na condição de candidato:

E o nosso Brasil? Já citei nosso porte estratégico. Mas tem uma dificuldade para transformar isso em poder. Ainda existe o famoso ‘complexo de vira-lata’ aqui no nosso país, infelizmente. Nós temos que superar isso. Está aí essa crise política, econômica e psicossocial. Temos uma herança cultural, uma herança em que tem muita gente que gosta do privilégio. Mas existe uma tendência do camarada querer aquele privilégio para ele. Não pode ser assim. Essa herança do privilégio é uma herança ibérica. Temos uma certa herança da indolência, que vem da cultura indígena. Eu sou indígena. Meu pai é amazonense. E a malandragem, Edson Rosa, nada contra, mas a malandragem é oriunda do africano. Então, esse é o nosso caldinho cultural. Infelizmente gostamos de mártires, líderes populistas e dos Macunaímas.¹⁸

Para o negro, o peso da cor de sua pele reside no olhar do branco, mesmo alcançando a tão sonhada ascensão social, ainda paira sobre seu ser o mito da selvageria, estupidez e ignorância. Mesmo sabendo que essas afirmações são falsas, o negro é atormentado e perseguido por elas, é prisioneiro de um círculo infernal que decreta a vergonha de si, a náusea e o desprezo pela cor de sua pele. Fanon (2008), discute o escrutínio de seus irmãos de cor, e a idealização de branqueamento de sua pele para alcançar a aceitação do branco. Sendo o negro a expressão do mal, quando se fala de sujeira, das trevas ou da imoralidade, o negro representa o que é obscuro, todos os problemas são negros. O branco reivindica para si a beleza e a virtude, que nunca foram negras. E, atribuí ao negro, à maldição, o mal é negro, o ruim é negro, a

¹⁷ Sílvio Almeida (2019, p. 24) afirma que “a pele não branca e o clima tropical favoreceriam o surgimento de comportamentos imorais, lascivos e violentos, além de indicarem pouca inteligência. Por essa razão, Arthur de Gobineau recomendou evitar a “mistura de raças”, pois o mestiço tendia a ser o mais “degenerado”. Esse tipo de pensamento, identificado como racismo científico, obteve enorme repercussão e prestígio nos meios acadêmicos e políticos do século XIX, como demonstram, além das de Arthur de Gobineau, as obras de Cesare Lombroso, Enrico Ferri e, no Brasil, Sílvio Romero e Raimundo Nina Rodrigues”.

¹⁸ Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/mourao-diz-que-pais-herdou-indolencia-do-indio-e-malandragem-do-negro/>>, acesso em 19 de dezembro de 2022.

lascívia é negra, o demônio é negro. Assim, ao negro só resta uma porta de saída, do que é negativo, do amaldiçoado, e ela dá no mundo branco, no desejo de ser poderoso como o branco. Ao negro é apresentado um dilema:

[...] **branquear ou desaparecer**, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter as distâncias”; ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de *escolher* a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais (FANON, 2008, p. 95-96, grifo meu).

2.2 RACISMO ESTRUTURAL E INSTITUCIONAL

Inicia-se com a necessidade de destacar a etimologia do termo raça, que segundo Sílvio Almeida (2019), referencial teórico dessa seção, ainda gera uma enorme controvérsia. Seu significado está atrelado ao estabelecimento de classificações que, em geral, são utilizadas para categorizar plantas e animais. Sua associação aos seres humanos é um fenômeno da modernidade, sendo então, relativamente recente, remontando a meados do século XVI. O termo raça é usado para justificar o estabelecimento de **categorias entre seres humanos**. Racializar é categorizar.

Almeida acredita ainda que raça não é um termo fixo, estático “seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há uma **contingência, conflito, poder e decisão**, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico.” (ALMEIDA, 2019, p. 24-25, grifo meu).

Assim, raça pode ser considerada um termo político, atrelado às circunstâncias históricas, o que fornece um sentido específico à ideia de raça. Considerando as circunstâncias históricas, expansão econômica e mercantilista, de meados do século XVI, a colonização de um “novo mundo”. A ideia de uma raça inferior ao homem europeu fornece a mão-de-obra necessária para a expansão da cultura renascentista e comercial burguesa europeia (ALMEIDA, 2019).

Karen E. Fields e Barbara J. Fields (2014) salientam que o conceito de raça é fortemente atrelado ao preceito de que os homens podem ser separados em

diferentes grupos. Assim, se podem estabelecer relações de superioridade e inferioridade entre grupos distintos, utilizando como justificativa, características inatas compartilhadas entre membros de um determinado grupo, como a cor da pele, que diferenciam os indivíduos entre si.

Nesse sentido, a ideia de raça, adquire grande relevância social com a compreensão de “homem” construída pela filosofia moderna. Mesmo que essa compreensão do “ser homem” seja quase intuitiva para nós, ela não é tão óbvia quanto parece. Na verdade, Almeida (2019, p. 25) destaca que esse é “um dos produtos mais bem-acabados da história moderna e exigiu uma sofisticada e complexa construção filosófica”.

Assim, pode-se estabelecer que “o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.” (ALMEIDA, 2019, p. 31). Ainda que exista relação entre os conceitos de racismo, preconceito racial e discriminação racial, é imperativo estabelecer suas diferenças, o preconceito racial é o julgamento estabelecido aos indivíduos pertencentes a um determinado grupo racializado, e pode ou não, levar a práticas discriminatórias. Um exemplo é considerar negros lascivos e preguiçosos, judeus avarentos, orientais inteligentes ou europeus naturalmente belos (ALMEIDA, 2019). Para exemplificar, se apresenta a fala do presidente brasileiro, no período de 2019 a 2022, enquanto ainda exercia mandato de deputado federal, em um evento com membros da comunidade judaica, “O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriar eles servem mais.”¹⁹.

Nesse sentido, a partir do século XX, a antropologia envidou esforços para demonstrar a inexistência de fatores biológicos e culturais que determinem a hierarquização da moralidade, cultura, religiosidade e sistemas políticos atrelados a raça das populações. Como exemplo, Almeida cita o caso do genocídio perpetrado na Segunda Guerra Mundial pelos nazistas, que demonstra que a raça é elemento essencialmente político na organização social. Complemente-se ainda, que a questão

¹⁹ Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2019/06/07/quilombolas-que-foram-alvo-de-bolsonaro-criticam-arquivamento-de-processo-de-racismo>>, acesso em 04 de janeiro de 2023.

da raça está sobretudo ligada às relações de poder e dominação, sem qualquer lastro fora do âmbito social e antropológico (ALMEIDA, 2019).

Ainda que hoje seja quase um lugar-comum a afirmação de que a antropologia surgida no início do século XX e a biologia – especialmente a partir do sequenciamento do genoma – tenham há muito demonstrado que não existem diferenças biológicas ou culturais que justifiquem um tratamento discriminatório entre esses seres humanos, o fato é que a noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários (ALMEIDA, 2019, p. 31).

Pode-se exemplificar com os dados referentes ao número de mortos no Brasil no primeiro ano da pandemia de COVID-19. Em dois estudos realizados – um do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde, grupo da PUC-Rio, e outro do Instituto Pólis – ficou demonstrado, que enquanto 55% de negros morreram por COVID-19, a proporção entre brancos foi de 38%. Na pesquisa do Instituto Polis, realizada na capital paulista, a taxa de óbitos pela doença, entre negros foi de 172 óbitos/100 mil habitantes, enquanto para brancos foi de 115/100 mil habitantes.²⁰

Assim, conclui-se que o racismo é uma forma sistemática de discriminações que são praticadas de maneira consciente ou inconsciente e resultam em desvantagens ou privilégios a indivíduos pertencentes a grupos socialmente racializados. É importante, contudo, conceituar que o racismo difere do preconceito racial (ALMEIDA, 2019). O preconceito racial se baseia em estereótipos associados a grupos racializados, e nem sempre resulta em práticas sociais discriminatórias, um exemplo, é atribuir a região Sul do Brasil um suposto desenvolvimento superior por descenderem de imigrantes europeus. Em uma propaganda veiculada pelo governo do Estado do Paraná é citada a seguinte frase, “Paraná, terra de gente que trabalha!”²¹ o *slogan*, amplamente difundido em inúmeros veículos de comunicação transmite a ideia de que o povo paranaense é mais trabalhador em relação às demais unidades federativas, esse mito, que é amplamente difundido nos estados do Sul do Brasil se baseia no fato da região ter sido colonizada por europeus, o que justificaria, uma maior

²⁰ Disponível em: <<https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil>>, acesso em 04 de janeiro de 2023.

²¹ Disponível em: <<https://miriangasparin.com.br/2019/09/terra-de-gente-que-trabalha-slogan-do-governo-do-parana/>>, acesso em 04 de janeiro de 2023.

disposição ao trabalho e conseqüentemente a um maior desenvolvimento social (Petronilha Beatriz SILVA, 2007).

Já a discriminação racial, atribuí tratamento diferenciado a grupos racializados. Logo, tem como quesito fundamental relações de poder de um grupo, racialmente identificado em relação ao outro. Essas relações de poder estabelecem vantagens e desvantagens a partir da raça. Como principal consequência, as práticas discriminatórias levam à estratificação social, esse fenômeno ocorre geração após geração, e marginaliza determinada raça, diminuindo suas chances de ascensão social e crescimento material. Ainda sobre a discriminação, vale salientar, que existe a possibilidade da discriminação positiva. Como ocorre nas ações afirmativas, que visam corrigir distorções e injustiças causadas pela discriminação negativa a grupos marginalizados. Outro conceito fundamental é a concepção de racismo institucional, no qual o poder é o elemento principal nas relações raciais. Assim, se pode estabelecer que o racismo é um processo de dominação (ALMEIDA, 2019).

Nesse sentido, Almeida (2019) apresenta dois tipos de discriminação, direta e indireta. Na **discriminação direta** se apresenta como um repúdio ostensivo a indivíduos ou a grupos, motivada pela raça, as pessoas são discriminadas de forma desvantajosa a partir de uma característica, seja ela etnia, cor da pele, religião etc. Já a **discriminação indireta** trata da situação específica de grupos minoritários, sua condição é ignorada sem levar em conta a existência de diferenças sociais significativas. A principal consequência, tanto da discriminação direta como da indireta, ao longo das gerações, é a estratificação social, que afeta gerações de grupos socialmente racializados afetando suas chances de ascensão social, sustento material, entre outros.

Com isso, se apresenta o conceito de **racismo institucional**, salientando que seu desenvolvimento e avanço teórico constituí um importante impulso na discussão das relações raciais. Assim, dentro dessa perspectiva, pode-se postular que o racismo não se resume somente a comportamentos e atitudes pessoais, o racismo é resultado da estruturação e do funcionamento das instituições, que tem por objetivo manter o predomínio de uma determinada raça no poder. Assim, a cultura, os padrões estéticos, e as práticas de poder tornam-se objetivo e balizam o horizonte civilizatório da

sociedade. Um exemplo é o predomínio de homens brancos em instituições públicas e no parlamento (ALMEIDA, 2019).

Assim, é importante frisar, que a estabilidade dos sistemas sociais depende da capacidade das instituições em absorver os conflitos e antagonismo que fazem parte da vida em sociedade. Nesse sentido, o estabelecimento de normas, orienta as ações dos indivíduos, ou seja, é dentro desses padrões que serão orientadas as ações individuais, os tornando sujeitos, já que seus comportamentos e atitudes estão inseridos em uma série de significados calcados na estrutura social. Logo, as instituições modelam o comportamento e atitudes de seus membros. Como as sociedades não possuem estruturas homogêneas, os conflitos são absorvidos pelas instituições através das ferramentas de controle institucional, principalmente, do sistema de justiça. Almeida (2019), discute que as instituições são a materialização das determinações formais da vida social, e apresenta duas conclusões a partir dessas determinações:

[...] a) instituições, enquanto somatório de normas, padrões e técnicas de controle que condicionam o comportamento dos indivíduos, resultam dos conflitos e das lutas pelo monopólio do poder social; b) as instituições como parte da sociedade, também carregam em si os conflitos existentes na sociedade. Em outras palavras, as instituições também são atravessadas internamente por lutas entre indivíduos e grupos que querem assumir o controle da instituição (ALMEIDA, 2019, p. 39).

Com isso, a principal tese dos defensores da existência do racismo institucional, se baseia no fato de que os conflitos raciais são parte das instituições. Nesse sentido, a desigualdade social é perpetuada por grupos raciais estabelecidos nas instâncias de poder, que utilizam dos mecanismos institucionais disponíveis para manter a hegemonia racial dessas instâncias para impor seus interesses políticos e econômicos. Assim, a concepção de racismo institucional trata o poder como elemento central das relações raciais por intermédio da dominação de um grupo em relação ao outro, detendo o poder dos que exercem domínio e a manutenção do poder adquirido ao institucionalizar seus objetivos e interesses através de regras e padrões de conduta afim de manter os demais grupos subalternizados.

Assim, o racismo pode ter sua forma alterada pela ação ou inação dos poderes institucionais, esses podem modificar ou não os mecanismos discriminatórios ou conduzir a novos significados para relações raciais, inclusive, atribuindo

discriminações positivas aos grupos historicamente subalternizados. Logo, pode-se inferir que o racismo não se separa das relações de poder, dos projetos políticos e das condições socioeconômicas da população. Os conflitos podem gerar modificações e alterar a forma de funcionamento das instituições, que precisam, mesmo de forma relutante, se adaptar para atender as demandas e os interesses dos grupos subalternizados. Assim, os conflitos e antagonismos, conseguem provocar a alteração dos padrões de funcionamento institucional. Almeida, apresenta como exemplo, as políticas afirmativas, que ainda são alvo de muitas controvérsias, mas vêm aumentando a representatividade racial nas instituições, assim, é importante salientar que:

a) as instituições são conflituosas e sua coesão depende da capacidade de absorver conflitos. Tanto ideológica quanto repressivamente; b) a instituição precisa se reformar para se adaptar à dinâmica dos conflitos sociais, o que implica em alterar suas próprias regras, padrões e mecanismos de intervenção (ALMEIDA, 2019, p. 42).

Nesse sentido, conclui-se que o racismo decorre da própria estrutura social, e do modo como se estabelecem as relações econômicas, sociais, políticas, jurídicas e as relações familiares, percebe-se que o **racismo é estrutural**, e ocorre em uma sociedade na qual o racismo é regra, e não exceção. O racismo é tradição, é legado de geração para geração, é parte do processo social e atualmente, conforme inúmeros crimes, que já não ocorrem de forma velada, o racismo é escancarado e muitas vezes enaltecido através de uma cultura que o define como vitimismo. Assim, além de medidas de coibição dos racismos individuais e institucionais, é fundamental promover profundas mudanças nas relações sociais, políticas e econômicas (ALMEIDA, 2019).

Logo, é importante salientar a importância do estabelecimento do conceito de racismo institucional, inicialmente demonstrando que o racismo transcende as atitudes individuais e estabelece a dimensão “do poder como elemento constitutivo das relações raciais, não somente o poder de um indivíduo de uma raça sobre o outro, mas de um grupo sobre o outro, algo possível quando há o controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional.” (ALMEIDA, 2019, p. 46-47).

Contudo, ainda há algumas questões, apresentadas por Almeida, que devem ser discutidas,

[...] se é possível falar de um racismo institucional, significa que a imposição de regras e padrões racistas por parte da instituição é de alguma maneira vinculada a ordem social previamente existente – com todos os conflitos que lhe são inerentes -, o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa mesma estrutura?

[...] as instituições são apenas materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista? (ALMEIDA, 2019, p. 47).

Almeida apresenta algumas discussões relativas aos questionamentos, “a primeira é a de que, se há instituições cujos padrões de funcionamento redundam em regras que privilegiem determinados grupos raciais, é porque o racismo é parte da ordem social.” (ALMEIDA, 2019, p.38). Logo, o racismo não é criado e sim reproduzido pelas instituições, com a ressalva que todas as estruturas sociais são formadas por diversos conflitos, levando as instituições a agir de maneira conflituosa, quando as instituições não tratam de forma ativa o problema da desigualdade racial, o que ocorre em locais nos quais não há mecanismos que tratem dos conflitos raciais, de sexualidade e de gênero. Nessas relações cotidianas as instituições acabam reproduzindo racismo de forma explícita, ou a mais comum, através de micro agressões (piadas, silenciamento, isolamento etc.), sem tomar parte na responsabilidade dessas violências. Assim, é importante salientar que:

[...] se o racismo é inerente à ordem social, a única forma de uma instituição combatê-lo é por meio da implementação de práticas antirracistas efetivas. É dever de uma instituição que realmente se preocupe com a questão racial investir na adoção de medidas internas que visem: a) promover a igualdade e a diversidade em suas relações internas e com o público externo – por exemplo, na publicidade; b) remover obstáculos para ascensão de minorias em posições de direção e de prestígio na instituição; c) manter espaços permanentes para debates e eventual revisão de práticas institucionais; d) promover o acolhimento e possível composição de conflitos raciais e de gênero (ALMEIDA, 2019, p. 47-49).

Podemos resumir que, o racismo é:

- a) Decorrencia da própria **estrutural social**, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional.
- b) Estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma **sociedade cujo racismo é regra e não exceção**.

- c) Parte de um **processo social** que ocorre “pelos costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição” (ALMEIDA, 2019, p.41). Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre as mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas.
- d) Processo político. Político porque, como **processo sistêmico de discriminação** que influencia a organização da sociedade, depende de poder político; caso contrário seria inviável a discriminação sistemática de grupos sociais inteiros (ALMEIDA, 2019).

Estabelecendo o conceito, de que o racismo é um processo político, se apresenta brevemente alguns conceitos bastante controversos relacionados a discussão das relações raciais. A ideia do **racismo reverso**, que trataria de um suposto racismo contrário, direcionado dos negros aos brancos, ou seja, de uma população historicamente subalternizada, a uma população dominante, é um grande erro. Esse equívoco reside no fato que grupos raciais minoritários ou subalternizados podem até praticar algum tipo de preconceito ou discriminação, mas não conseguem impor nenhuma desvantagem social, direta ou indireta, a grupos majoritários ou dominantes. Assim, para Almeida (2019, p. 53), “Homens brancos não perdem vagas de emprego pelo fato de serem brancos, pessoas brancas não são “suspeitas” de atos criminosos por sua condição racial, tampouco tem sua inteligência ou sua capacidade profissional questionada devido à cor da pele.”

A própria ideia de racismo reverso é curiosa e nos mostra como muitas vezes nos detalhes moram as grandes questões. O termo “reverso” já indica que há uma inversão, algo fora do lugar, como se houvesse um jeito “certo” ou “normal” de expressão do racismo. Racismo é algo “normal” contra minorias – negros, latinos, judeus, árabes, persas, ciganos etc. – porém, fora desses grupos, é “atípico”, “reverso”. O que fica evidente é que a ideia de racismo reverso serve tão somente para deslegitimar as demandas por igualdade racial (ALMEIDA, 2019, p. 53).

Assim, após estabelecer que o racismo é um processo político, pois ele é sistêmico, estratifica a sociedade, e depende das relações de poder; tendo como seu principal objetivo manter a hegemonia patriarcal branca nas posições de poder, causando a discriminação de minorias e grupos raciais inteiros, destaca-se que no

Brasil, infelizmente, o racismo é negado através de uma suposta **democracia racial**, atribuindo a culpa da situação social das pessoas à letargia em suas ações para alcançar a tão sonhada ascensão social. Por meio do discurso da meritocracia, segundo ponto que se enseja destacar, é que o brasileiro afirma que pessoas negras e demais grupos subalternizados são os únicos culpados por sua condição social, que não fazem tudo a seu alcance, como se tudo estivesse ao seu alcance.

Esse comportamento exonera do Estado, da sociedade e das instituições, a situação de miséria, desigualdade social e violências vividas. E encoraja o negro a embranquecer para ser aceito, negando sua raça, suas origens e suas crenças “Assim, a soma do racismo histórico e da meritocracia permite a desigualdade racial vivenciada na forma de pobreza, desemprego e privação material seja entendida como falta de mérito dos indivíduos.” (ALMEIDA, 2019, p. 81). Assim, no Brasil, o discurso da meritocracia é totalmente racista e segregacionista, já que a desigualdade social está completamente ligada à desigualdade educacional, perpetuando a ocupação hegemônica dos espaços de poder.

No próximo capítulo, será brevemente apresentada a insurgência dos feminismos negros nos EUA e no Brasil. Cabe salientar que os textos apresentados aqui não substituem a leitura das obras originais, e a intenção dessa tese é mostrar o contexto histórico dessa insurgência.

CAPÍTULO III: FEMINISMOS NEGROS: DA MARGEM AO CENTRO

O objetivo desse capítulo é apresentar a origem e desenvolvimento dos feminismos negros no Brasil e no EUA. Com o histórico de lutas de mulheres negras e seus apoiadores, como chegamos, onde estamos e nossas vivências.

3.1 FEMINISMOS NEGROS NO EUA: gênese da insurgência

Nessa seção será brevemente apresentada a origem dos feminismos negros, no Estados Unidos da América (EUA), a partir da obra da feminista negra Angela Davis, *Mulheres, Raça e Classe* (2016), que foi importante para a construção do feminismo negro brasileiro.

É fundamental estabelecer que o trabalho exercido por mulheres negras, fora do âmbito domiciliar, sempre foi proporcionalmente maior ao exercido por mulheres brancas, reproduzindo os padrões estabelecidos durante o período escravagista. Nesse sentido, as mulheres negras tinham, e ainda têm, todos os demais elementos de sua vida apagados ou submissos ao trabalho compulsório aos quais eram submetidas. Portanto, a exploração de mulheres negras teve como ponto de partida o regime de escravidão ao qual foram submetidas.

Como o sistema escravocrata, ao qual a população negra foi submetida, tratava os negros como propriedade dos brancos, as mulheres desse sistema eram vistas como unidades de trabalho que tinham o único objetivo de gerar lucro aos seus proprietários, desprovidas de gênero e humanidade. Nesse contexto, a mulher negra era simplesmente e sobretudo uma unidade de trabalho em tempo integral, sem direito a ser mãe, esposa e dona de sua casa. Para Davis (2016, p. 24), “A julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias”.

As mulheres negras, supostamente, desfrutavam de alguns benefícios, bastante duvidosos, em relação aos homens negros no sistema escravocrata. Frequentemente se presume que as escravas negras exerciam, essencialmente o papel de *mammies*, que eram as trabalhadoras domésticas na “casa-grande”. Contudo, esse estereótipo é um absoluto equívoco do papel da mulher negra

escravizada. Assim como, a maioria dos homens escravizados, as mulheres tinham seu trabalho predominantemente realizados nas lavouras, Davis (2016) apresenta um dado de que oito em cada dez pessoas escravizadas, tanto homens quanto mulheres, exerciam trabalho predominantemente agrícola nos EUA. E mesmo quando se tratava da opressão em respeito à produtividade, as mulheres eram submetidas aos mesmos castigos, além dos abusos sexuais.

Nesse sentido, a respeito do gênero, as mulheres se encontravam em situação de maior vulnerabilidade em relação aos homens, pois além dos demais castigos desumanos aos quais eram submetidas, os abusos sexuais eram constantes e de extrema violência. Deve-se salientar que os homens escravizados também eram submetidos a abusos sexuais, com o objetivo de apagar sua masculinidade, porém esse tema não será aprofundado nessa tese. Assim, as mulheres eram exploradas de acordo com a conveniência de seus senhores, submetidas à exploração laboral, como os homens, e torturadas de modo que apenas a condição de seu gênero permitia (DAVIS, 2016).

Quando o tráfico internacional da mão-de-obra escravizada foi abolido, os proprietários de escravos forçaram a reprodução como forma de expandir a população de pessoas escravizadas naturalmente. A partir desse momento, a capacidade reprodutiva de mulheres escravizadas passou a ser valorizada pela classe escravizadora. As mulheres negras passaram a ser valorizadas a partir de seu potencial em gerar novas pessoas escravizadas, contudo, isso não se refletiu, em nenhum momento, em uma melhora em suas condições de vida, pelo contrário, sua fertilidade era convertida em lucro pelos exploradores como um verdadeiro tesouro, sendo meras reprodutoras animalizadas, cujo único objetivo de sua existência era gerar lucro, suas crianças eram vendidas e enviadas para longe como um animal qualquer, cuja criação tinha por objetivo gerar lucro. Quando permaneciam com seus filhos, essas mulheres eram obrigadas a levarem seus bebês às lavouras e deixá-los deitados no chão ou tentavam trabalhar com seus filhos presos em suas costas e caso diminuíssem sua produtividade, devido à presença de suas crianças, eram severamente castigadas.

As mulheres grávidas não apenas eram obrigadas a realizar o trabalho agrícola usual como também estavam sujeitas às chicotadas que trabalhadoras e trabalhadores normalmente recebiam se deixassem de cumprir a cota diária ou se protestassem com “insolência” contra o tratamento recebido (DAVIS, 2016, p. 27).

Além da exploração nas atividades agrícolas, as pessoas escravizadas, incluindo crianças, eram responsáveis pela maior força de trabalho dedicada às atividades fabris. Mulheres e crianças eram forçadas ao trabalho mais pesado do setor fabril como minas de carvão, fundição de ferro, corte de lenha, abertura de valas, transporte de madeira, refino de açúcar, moagem de arroz etc. Assim, ao serem obrigadas a trabalhar em pé de igualdade com os homens escravizados, as mulheres foram profundamente afetadas por suas vivências no período escravocrata, endurecendo e apagando sua feminilidade (DAVIS, 2016).

Nesse sentido, à medida que o conceito de feminilidade se popularizou, as mulheres brancas passaram a ser vistas como habitantes de uma realidade paralela ao mundo produtivo e do trabalho. A separação entre os cuidados domésticos e a economia pública, gerada pelo capitalismo industrial, estabeleceu em definitivo a inferioridade das mulheres, as tornando sinônimo de mãe e dona de casa. É óbvio, que essa fragilidade nunca foi atribuída às mulheres negras, os arranjos capitalistas não permitiam que os papéis de gênero fossem incorporados a elas, logo, esses padrões não foram introduzidos nas relações familiares de pessoas negras. As estruturas familiares negras eram essencialmente matriarcais, tendo em vista que muito exploradores de pessoas escravizadas omitiam o nome do pai dessas crianças em suas certidões de nascimento, na qual a criança herdava a condição de pessoa escravizada da mãe (DAVIS, 2016).

Assim, mesmo os exploradores sendo pais de inúmeras crianças, frutos do estupro de mulheres negras, essas eram normas que regiam as relações domésticas entre escravizados, na qual todos perdiam suas identidades familiares e sua ancestralidade. Davis (2016) salienta que inúmeras análises históricas e sociológicas sobre as famílias negras durante o período escravagista presumiam “simplesmente que a recusa do senhor de reconhecer a paternidade entre seus escravos se converteu de forma direta em um arranjo familiar matriarcal criado pela própria população escravizada.” (DAVIS, 2016, p. 30). Com isso, uma imensidão de famílias

de pessoas escravizadas foi dissolvida através da venda indiscriminada de pais, mães e filhos, uma marca da escravidão estadunidense.

[...] À medida que tentavam desesperada e cotidianamente manter sua vida familiar, usufruindo o máximo possível da autonomia de que conseguiam se apoderar, escravos e escravas manifestaram um talento impecável para humanizar um ambiente criado para convertê-los em uma horda subumana de unidades de força de trabalho (DAVIS, 2016, p. 31-32).

Nesse sentido, pode-se concluir que na vida familiar de pessoas escravizadas se destacava a figura da mulher em relação à figura do homem. As mães, em geral, se aproximavam muito mais de suas crianças do que os pais, controlando as poucas atividades que restavam as famílias escravizadas. Contudo, é importante salientar, que mesmo as mulheres negras não sendo diminuídas por suas atividades domésticas porque, assim como seus parceiros, eram também trabalhadoras, elas não dominavam seus parceiros, essa visão é uma distorção da realidade. Entretanto, foi principalmente através dessa condição, que as mulheres negras conseguiram alicerçar um certo grau de autonomia em relação aos seus companheiros, o que permitiu a sobrevivência da comunidade. Um outro ponto de destaque, é que as mulheres negras defendiam seus companheiros quando eles eram subjugados, essa foi uma marca fundamental na sobrevivência da comunidade negra, essas mulheres queriam que seus filhos crescessem e se tornassem homens fortes, para isso, era necessária uma figura masculina negra forte diante deles, assim como as meninas precisavam de uma figura feminina forte para que crescessem fortes (DAVIS, 2016).

3.1.1 A insurgência

Se passará agora a insurgência dos feminismos negros nos EUA, considerando que todas as informações apresentadas até o momento introduziram o contexto histórico da mulher negra estadunidense.

Com o desenvolvimento²² dos direitos civis estadunidenses e abolição da escravatura, as mulheres negras ainda não tinham seus direitos individuais assegurados, principalmente as residentes na região Sul. Do ponto de vista político,

²² Usaremos o termo “desenvolvimento” no lugar de “estabelecimento”, já que direitos são, em geral, conquistados de forma muito lenta e gradativa através da mobilização de movimentos sociais. Entendemos que a palavra “estabelecimento” dá a entender que os direitos são conquistados de forma rápida, sem a participação de grupos minoritários e subalternizados e sem resistência por parte dos detentores do poder, causando um apagamento da luta dos movimentos sociais.

os homens negros ainda estavam em posição superior, inclusive em relação às mulheres brancas instruídas. Contudo, os homens negros, não acreditavam ser vantajoso estender o sufrágio às mulheres, mesmo após sua fundamental contribuição na libertação da população escravizada como um todo. Nesse sentido, as mulheres negras permaneceram em seu cárcere, já que não tinham direito ao trabalho remunerado, à propriedade e de poder manter seus filhos. No entanto, para advogar em causa própria, mulheres brancas atrelaram sua causa à conquista de direitos civis conquistada por homens negros, deixando de maneira lamentável as mulheres negras de lado (DAVIS, 2016).

Em uma Convenção, em 1866, na cidade de Nova Iorque, as delegadas presentes decidiram criar a “Associação pela Igualdade de Direitos, incorporando as lutas pelos sufrágios das mulheres e da população negra em uma única campanha” (DAVIS, 2016, p. 84). Deve-se destacar que muitas dessas mulheres presentes à Convenção entendiam a necessidade de unir a causa feminina à pauta da população negra, mas a influência do racismo presente em boa parte das participantes não lhes permitia enxergar os benefícios para ambos os lados nessa união:

Em um dos principais discursos à assembleia, o conhecido abolicionista Henry Ward Beecher afirmou que as reivindicações pelo sufrágio feitas pelas mulheres brancas nascidas nos Estados Unidos e instruídas eram muito mais convincentes do que as da população negra e dos imigrantes, a quem ele descrevia de um modo obviamente depreciativo:

“Agora, coloquem esse grande exército de mulheres refinadas e cultas de um lado; do outro, a crescente massa de africanos emancipados e, à frente dela, o numeroso bando de imigrantes da Ilha Esmeralda [Irlanda]. Há força suficiente em nosso governo para tornar segura a concessão do direito de voto a africanos e irlandeses? Há. Nós lhe daremos essa força. Se fizermos isso, perderemos nossa força? E deveríamos nos dirigir à melhor e mais honrada parcela de nossa sociedade, a quem devemos o fato de sermos civilizados; nossas professoras; nossas companheiras; a quem recorremos, mais do que a quaisquer outras pessoas, em busca de conselhos para os problemas; a quem confiamos tudo o que nos é mais caro – o bem-estar de nossas crianças, nossa família, nossa propriedade, nosso nome e nossa reputação e, o que é mais profundo, nossa vida interior, algo que um homem não pode compartilhar com mais de uma pessoa –, deveríamos nos dirigir a elas e dizer que, “afinal de contas, elas não estão aptas a votar onde os irlandeses votam e onde os africanos votam”? [...] Eu digo [...] é mais importante as mulheres poderem votar do que os negros poderem votar.” (DAVIS, 2016, p. 84).

O discurso de Beecher, um clérigo branco, revela o profundo racismo enraizado, mesmo em abolicionistas, a descrição na qual enaltece as mulheres

brancas é fortemente sexista. Na mesma conferência, a feminista Elizabeth Cady Stanton, corroborou com o discurso racista de Beecher, salientando a importância de que mulheres brancas recebessem o direito ao voto conquistado por homens negros, deixando claro o viés racista e oportunista da convenção em garantir voto somente às mulheres brancas, deixando as negras ainda mais à margem da sociedade:

Com o homem negro, não teremos nenhum elemento novo no governo, mas, com a educação e a distinção das mulheres, teremos um poder que consiste em conduzir a raça anglo-saxã rumo a uma vida superior e mais nobre e, assim, pela lei da atração, elevar todas as raças a um patamar mais justo do que aquele que seria alcançado na situação de isolamento político dos sexos (STANTON *apud* DAVIS, 2016, p. 85).

Em resumo, pode-se afirmar que as mulheres brancas não estavam dispostas a apoiar o sufrágio das mulheres negras, defendiam direitos para si, sem intersecção com raça e classe, e acreditavam que o direito ao voto tornaria os homens negros superiores a elas, se opondo mais tarde ferozmente ao sufrágio negro. Para Stanton, conforme discutido por Davis (2016), foi um erro estratégico atrelar pautas feministas à abolição da escravidão nos EUA, mostrando o viés oportunista de sua participação nessa luta ao não conseguir o direito ao voto. Contudo, na agenda política republicana, o sufrágio do homem negro não se configurava em favorecimento ao homem negro, mas sim em uma tática para garantir a hegemonia política dos Republicanos nos estados do Sul. Contudo, ao articular argumentos que ressaltavam a supremacia branca, Stanton e suas correligionárias, mesmo após participarem de causas abolicionistas, defendiam que a conquista de direitos para população negra os elevaria a uma posição comparável aos homens brancos (DAVIS, 2016).

Diante dos conflitos ocorridos em Memphis e Nova Orleans, entre os meses de maio e junho de 1866, Frederick Douglass²³, abolicionista e escritor negro estadunidense, defendeu a necessidade da conquista do direito ao voto pelos homens negros, não como forma de colocá-los em posição superior às mulheres brancas, mas como forma de garantir direitos básico à população negra. Durante os conflitos de

²³ Na avaliação de qualquer pessoa que estude história, Frederick Douglass continua sendo o principal homem que atuou na defesa da emancipação das mulheres em todo o século XIX. Se ele merece qualquer crítica séria por sua conduta na polêmica em torno da décima quarta e da décima quinta emendas, isso não se deve tanto ao seu apoio ao sufrágio do homem negro, mas sim à sua fé aparentemente cega no poder do voto no interior do Partido Republicano (DAVIS, 2016, p. 93).

Memphis e Nova Orleans a população negra foi atacada, ferida e assassinada, muitas mulheres negras foram cruelmente estupradas e assassinadas. Durante esses massacres, escolas e igrejas foram incendiadas, esses ataques foram orquestrados por forças escravagistas estabelecidas no Norte dos EUA, assim, Douglass defendia a necessidade urgente ao voto, para garantir poder político ao povo negro do Sul do EUA (DAVIS, 2016).

Na convenção realizada em 1969, Frederick Douglass fez um apelo às mulheres brancas:

Quando as mulheres, por serem mulheres, forem arrastadas para fora de casa e enforcadas nos postes de iluminação; quando suas crianças forem arrancadas de seus braços e seu crânio for esfaqueado na calçada; quando elas forem alvo de insultos e atrocidades o tempo todo; quando correrem o risco de ter o teto sobre sua cabeça incendiado; quando suas filhas e filhos não puderem frequentar a escola; então elas terão [a mesma] urgência em poder votar (DAVIS, 2016, p. 91).

Para Davis, há uma clareza inequívoca nas palavras de Douglass, por mais ríspidas e polêmicas que elas parecessem, essas palavras dão forma às diferenças nas opressões vividas por pessoas que foram escravizadas, em relação às opressões vivenciadas por mulheres brancas de classe média. Douglass aconselhava seus aliados a não desprezarem a causa do sufrágio feminino, mas evocava o sufrágio a todas as classes que estavam privadas de seu direito ao voto garantindo direitos invioláveis para diferentes raças, classes e gêneros (DAVIS, 2016).

Nesse contexto, Sojourner Truth, que já havia compreendido o racismo imbricado no contexto da luta das sufragistas brancas, como o apoio da poeta negra Frances E. W. Harper, importante defensora do sufrágio feminino negro, insistiam que o direito ao voto dos homens negros era importante demais para que seu povo arriscasse perdê-lo em um momento tão crucial para história do povo negro estadunidense, pois quando se tratava da questão racial, o gênero se tornava um problema menor. Assim, com a dissolução da Associação pela Igualdade de Direito, a aliança entre os movimentos de libertação negra e de libertação feminina foi rompida (DAVIS, 2016).

Com a introdução da discussão dos direitos das mulheres por Frederick Douglass no movimento pela libertação dos negros no Encontro de Seneca Falls, em 1848, Maria Stewart questionou os ataques contra seu direito de ministrar palestras públicas, de modo incisivo ela proferiu a seguinte frase “E daí que eu sou uma

mulher?”. Maria Stewart foi a primeira mulher oradora negra estadunidense a se dirigir a plateias formadas por homens e mulheres. Em 1827 ela já havia publicado uma carta no primeiro jornal negro dos EUA, *Freedom’s Journal*, sob o nome Matilda, na qual reivindicava educação para mulheres negras. Entretanto, muito antes da convenção de Seneca Falls, as irmãs Grimké, em 1837, já haviam criticado a Sociedade Antiescravagista de Nova Iorque por não envolver mulheres negras em suas atividades (DAVIS, 2016).

Dois anos após a convenção de Seneca Falls foi realizada em Worcester a primeira Convenção Nacional pelos Direitos das Mulheres, na qual Sojourner Truth proferiu discursos em defesa dos direitos das mulheres. O conhecido discurso “Não sou eu uma mulher?”, em uma convenção em Ohio, em 1851, é ainda, nos dias de hoje, uma das frases mais citadas pelo movimento feminista negro. Pode-se dizer que Sojourner foi uma das únicas mulheres que enfrentaram com força e agressividade as zombarias e violência dos homens contrários a realização do encontro, demonstrando a força e determinação das mulheres negras, mesmo submetidas às formas mais cruéis de tortura e subjugação (DAVIS, 2016).

Com isso, um quarto de século após a abolição da escravatura nos EUA, muitas mulheres negras permaneciam trabalhando na agricultura. As demais realizavam serviços domésticos em casas de famílias brancas e as poucas que conseguiram trabalhos em indústrias realizavam trabalhos pesados, mais sujos e com os menores salários, além do serviço doméstico em suas casas. A população negra era submetida a ataques do sistema judiciário, sendo as mulheres absurdamente suscetíveis a abusos sexuais e ao resistirem aos ataques de homens brancos eram encarceradas em uma nova forma de escravidão. Qualquer homem negro que protestasse contra o abuso praticado às mulheres negras era preso, torturado e multado pelo sistema judiciário. Davis, enfatiza que:

Desde o período da escravidão, a condição de vulnerabilidade das trabalhadoras domésticas tem sustentado muitos dos mitos duradouros sobre a “imoralidade” das mulheres negras. Nesse clássico “círculo vicioso”, o trabalho doméstico é considerado degradante porque tem sido realizado de modo desproporcional por mulheres negras que, por sua vez, são vistas como “ineptas” e “promíscuas”. Mas as aparentes inépcia e promiscuidade são mitos que se confirmam repetidamente pelo trabalho degradante que elas são obrigadas a fazer. Como W. E. B. Du Bois disse, qualquer homem branco “decente” cortaria o pescoço da própria filha antes de permitir que ela aceitasse um emprego doméstico (DAVIS, 2016, p. 101).

Assim, com a degradante situação social e econômica das mulheres negras, realizando os piores trabalhos disponíveis, desprezado por mulheres brancas, sua reivindicação passou a ser quase que totalmente ignorada, até a entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial, com isso, houve a necessidade de mão-de-obra feminina para que se mantivesse a economia de guerra em funcionamento, assim a presença de mulheres negras na indústria mais que dobrou, tirando cerca de 400 mil mulheres do trabalho doméstico.

Na próxima seção, será apresentado um breve relato da insurgência dos feminismos negros no Brasil. Cabe salientar que os textos apresentados aqui não substituem a leitura das obras originais, a intenção é mostrar o contexto histórico dessa insurgência.

3.2 FEMINISMOS NEGROS NO BRASIL: arrebatando as portas da senzala, de mucama a doutora, nosso trajeto até aqui

Mulher do fim do mundo

Composição: Alice Coutinho / Romulo Froes

Intérprete: Elza Soares

Meu choro não é nada além de carnaval
 É lágrima de samba na ponta dos pés
 A multidão avança como um vendaval
 Me joga na avenida que não sei qual é
 Pirata e Super Homem cantam o calor
 Um peixe amarelo beija a minha mão
 As asas de um anjo soltas pelo chão
 Na chuva de confetes, deixo a minha dor
 Na avenida, deixei lá
 A pele preta e a minha voz
 Na avenida, deixei lá
 A minha fala, minha opinião
 A minha casa, minha solidão
 Joguei do alto do terceiro andar
 Quebrei a cara e me livreí do resto dessa vida
 Na avenida dura até o fim
 Mulher do fim do mundo
 Eu sou e vou até o fim cantar
 Meu choro não é nada além de carnaval
 É lágrima de samba na ponta dos pés
 A multidão avança como um vendaval
 Me joga na avenida que não sei qual é
 Pirata e Super Homem cantam o calor
 Um peixe amarelo beija a minha mão
 As asas de um anjo soltas pelo chão
 Na chuva de confetes, deixo a minha dor
 Na avenida, deixei lá
 A pele preta e a minha voz
 Na avenida, deixei lá
 A minha fala, minha opinião
 A minha casa, minha solidão
 Joguei do alto do terceiro andar
 Quebrei a cara e me livreí do resto dessa vida
 Na avenida dura até o fim
 Mulher do fim do mundo
 Eu sou, eu vou até o fim cantar
 Mulher do fim do mundo
 Eu sou, eu vou até o fim cantar
 Cantar, eu quero cantar até o fim
 Me deixem cantar até o fim
 Até o fim eu vou cantar
 Eu vou cantar até o fim
 Eu sou a mulher do fim do mundo
 Eu vou, eu vou, eu vou cantar
 Me deixem cantar até o fim
 La, la, la, la, la, la, la
 La, la, la, ia, la, la, la, ia

Até o fim eu vou cantar
 Eu quero cantar
 Eu quero é cantar
 Eu vou cantar até o fim
 La, la, la, la, la, la, la, la, la, ia
 Eu vou cantar, eu vou cantar
 Me deixem cantar até o fim
 Me deixem cantar até o fim
 Me deixem cantar
 Me deixem cantar até o fim

Elza Soares, clama nessa canção para a “deixem cantar até o fim”, com essa súplica, nós pessoas negras, lutamos diariamente, por inserção e respeito, e isso nos permanece negado, e por fim, nós nos impomos através de uma extenuante batalha. Assim, nessa seção, inspirados na força de Elza, invocamos nossa ancestralidade e apresentamos, brevemente, a origem da luta e outras discussões dos feminismos negros, no Brasil, com lastro nas obras das feministas negras brasileiras Sueli Carneiro – *Racismo Sexismo e Desigualdade no Brasil* (2011) –, Lélia Gonzalez – *Por um Feminismo Afro-Latino Brasileiro* (2020) – e Djamila Ribeiro – *Lugar de Fala* (2019) –, entre outras. A escravidão de pessoas negras no Brasil ainda marca a sociedade brasileira, e isso se deve à falta de medidas públicas que beneficiassem a população negra ao longo do tempo. Nesse sentido, permanece o cerceamento de direitos humanos ao nosso povo, decorrente do racismo estrutural, científico, institucional e recreativo praticados contra a população negra.

O suposto mito de democracia racial, abordado brevemente na seção 2.2, consolida no imaginário da população brasileira, inclusive nos negros, uma falsa sensação de igualdade com seus compatriotas brancos. Nesse sentido, perdura a “concepção de que certos humanos são mais ou menos humanos do que outros” (CARNEIRO, 2011, p. 14). Assim, as mulheres negras permanecem ainda à margem da sociedade, tendo seus direitos negados, seus filhos, irmãos e maridos brutalmente assassinados pela violência policial, além da múltipla jornada que exercem como mães, donas de casa e trabalhadoras, geralmente forçadas a aceitar trabalhos braçais com jornadas extenuantes e com salários menores em relação aos homens brancos e negros e às mulheres brancas.

Se de um lado, o mito da democracia racial tenta desracializar a sociedade, sob o argumento da miscigenação racial brasileira, por outro oculta as desigualdades

e imputa à pessoa a culpa sobre sua condição social. Nesse sentido, outro mito foi criado pela classe dominante brasileira, a meritocracia, que nada mais é do que convencer o cidadão “se você não conseguiu, é porque não se esforçou o bastante”. A meritocracia condena o indivíduo como único responsável pelas suas possibilidades de ascensão social, retirando do Estado e da sociedade qualquer responsabilidade em relação à situação de penúria de sujeitos marginalizados e subalternizados.

O esforço da parcela progressista da sociedade brasileira, ao priorizar a luta de classes, sem intersecção com raça e gênero, deixa de lado a condição das mulheres negras na pirâmide social brasileira. Essas mulheres, são a base da pirâmide, são arimos de suas famílias, exercem múltiplas jornadas e recebem os menores salários, como já se destacou anteriormente. Sua condição de miséria e falta de perspectivas vêm dos tempos de escravidão e estão muito longe de ser superados, essa fala pode estar centrada em um lugar comum, mas nunca é demais retomar essa situação para demonstrar de onde viemos, onde chegamos e onde pretendemos chegar.

Apresenta-se, a seguir, o marco inicial dos Feminismos Negros no Brasil, o Manifesto das Mulheres Negras, no Congresso das Mulheres Brasileiras promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1975. Nesse Manifesto, mulheres negras chamaram atenção para suas condições sociais, econômicas, familiares e sexuais, e como sua situação se interseccionava com sua raça, gênero e classe. Com a indiferença do feminismo branco ou sua incapacidade em reconhecer as lutas travadas por mulheres negras, mulheres como Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez, entre outras feministas negras, travaram (e ainda travam) a batalha em prol da condição da mulher negra brasileira ainda sob a opressão da ditadura militar brasileira (1964-1975) (COLLINS, 2021, p. 16).

O contexto desse período ditatorial, combatia qualquer tipo de ativismo social, baseado no mito da democracia racial brasileira, segundo qual não existem “raças” no Brasil, e essa posição dava lastro a forma pela qual o governo não reconhecia os negros com membros de um grupo racialmente reconhecido. Assim, com o apagamento da identidade racial, sob a égide da inexistência de diferentes raças, a negação da negritude, como sujeito político, eliminou a possibilidade de reconhecimento da raça como determinante na descrição das desigualdades sociais, que afetavam a população negra e o conseqüente fomento do racismo estrutural e institucional de nossa sociedade (COLLINS, 2021 p. 17).

As mulheres negras brasileiras, como o Brasil não estabelecia raças, não eram consideradas uma categoria de população “oficialmente” reconhecida, desse modo, para o poder público, não necessitavam de políticas específicas às suas condições de vida. Nessa esteira, essas mulheres desafiaram o mito da democracia racial brasileira e iniciaram um levante contra o apagamento de suas necessidades. E foi nessa base, que feministas negras organizaram o Festival Latinidades, e estabeleceram laços intergeracionais, que permitiram, às mais jovens, expor o ativismo feminista negro, criando intersecções entre raça, gênero e classe, antes mesmo das discussões sobre a interseccionalidade como teoria social crítica iniciarem (COLLINS, 2021).

O uso que o Festival Latinidades fez da interseccionalidade como ferramenta analítica para estruturar a conferência ilustra questões mais amplas ligadas ao fato de que o compromisso de longa data das afro-brasileiras de desafiar o racismo e o sexismo é reflexo do contexto social específico de suas experiências. Não obstante, o mito da democracia racial e a história específica do Brasil, com escravidão, colonialismo, ditadura e instituições democráticas, moldaram padrões distintos de relações interseccionais de poder quanto a raça, gênero e sexualidade. Encontros sexuais, consensuais e forçados, entre populações de ascendência africana, indígena e europeia geraram um povo com variadas texturas de cabelo, cores de pele, formas físicas e cores de olhos, além de uma série de termos complexos e historicamente voláteis para descrever as misturas resultantes. A cor da pele, a textura do cabelo, as características faciais e outros aspectos físicos tornaram-se marcadores raciais de fato para a distribuição de educação, emprego e outros bens sociais (COLLINS, 2021 p. 19).

A diversidade do Festival Latinidades, além da discussão interseccional de raça, classe, gênero, sexualidade, permitiu a interação entre diversos membros da sociedade brasileira, de outras nações da América Latina e do Caribe, e toda essa multiplicidade proporcionou o compartilhamento de ideias e estratégias para o enfretamento do racismo e do sexismo que oprimem as mulheres afro-latinas. O uso da interseccionalidade como teoria social crítica no Festival Latinidades, mesmo antes de estabelecida como tal, permitiu a estruturação de um compromisso de longa data para o desafio assumido por mulheres negras brasileiras com o contexto do racismo e sexismo no nosso contexto social desenvolvendo uma política identitária que permitiu a insurgência dessa identidade feminista negra calcada em pressupostos interseccionais do cruzamento entre raça, classe, gênero, sexualidade, entre outros (COLLINS, 2021).

Nesse ponto, retoma-se a discussão de gênero e raça, interseccionando com as questões de classe que permeiam a discussão de ascensão social e intelectual de mulheres negras. Para Sueli Carneiro (2011, p. 17), as disparidades nos Índices de

Desenvolvimento Humano (IDH) entre a população branca e negra revela que autodeclarados brancos apresentam indicadores socioeconômicos comparáveis aos habitantes da Bélgica, enquanto pretos e pardos (negros) brasileiros apresentam índices inferiores a países em desenvolvimento, como a África do Sul. Esses índices destacam a importância da discussão racial em intersecção com as discussões de raça e gênero. Contudo, o mito da democracia racial e da meritocracia, citados no início deste capítulo, e amplamente difundidos no Brasil, tiram a responsabilidade do Estado e da sociedade, transferindo aos indivíduos a responsabilidade por sua condição social.

Assim, é fundamental retomar o conceito de racismo institucional, que Sueli Carneiro (2011, p. 35) define como:

[...] incapacidade coletiva de uma organização de prover um serviço apropriado ou profissional para as pessoas devido à sua cor, cultura ou origem racial/étnica. Ele pode ser visto ou detectado em processos, atitudes e comportamentos que contribuem para a discriminação por meio de preconceito não intencional, ignorância, desatenção e estereótipos racistas que prejudicam determinados grupos raciais/étnicos, sejam eles minorias ou não.

Assim, é importante destacar que a burguesia branca, cisheteronormativa trava diuturnamente batalhas contra as políticas de igualdade social e desqualifica movimentos negros e seus simpatizantes com base na negação do racismo e da discriminação racial, descartando a magnitude das desigualdades sociais e negando a presença do negro, com lastro na miscigenação racial brasileira. Logo, para essa burguesia, o negro não demanda políticas de discriminação positiva que permitam sua ascensão social e econômica. Apresenta-se como exemplo, a fala classista e racista do então Ministro da Economia, no período de 2019 a 2022, no qual se refere a trabalhadoras domésticas, julga-se, nessa tese, a fala dele racista considerando que a maior parte dessas trabalhadoras são pretas e pardas: “[...] o dólar alto “é bom para todo mundo” e que em outros tempos, quando a economia brasileira estava melhor e o real mais valorizado, era uma “festa danada”, pois empregadas domésticas iam à Disneylândia²⁴.”.

²⁴ Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/12/quedes-defende-dolar-alto-era-empregada-domestica-into-pra-disneylandia-uma-festa>, acesso em 16 de janeiro de 2023.

Foram fatores como esse, e a partir da luta travada pelos movimentos negros brasileiros e a implementação de política de discriminação positiva por governos progressistas, que causaram a ira da burguesia branca, cisheteronormativa, fascista e escravocrata brasileira e que levaram à ascensão de um governo de extrema-direita, no qual, grande parte de nossas conquistas retrocederam. Nesse sentido, Carneiro destaca que:

As pesquisas que vêm sendo desenvolvidas sobre as desigualdades raciais, especialmente por órgãos governamentais como o Ipea, têm sido a principal alavanca para o reconhecimento dos negros brasileiros como um segmento com características específicas e desvantajosas em termos de inserção social no país. Elas cada vez mais desautorizam as ideias consagradas em nossa sociedade sobre a inexistência de um problema racial. Questionam a simplificação de que o problema do Brasil é social, e não racial. Recusam os eufemismos como o do apartheid social e, sobretudo, indicam que as políticas universalistas, historicamente implementadas, não têm sido capazes de alterar o padrão de desigualdades entre negros e brancos na sociedade (CARNEIRO, 2011, p. 50)

Assim, a falta de implementação de políticas públicas de discriminação positiva torna a condição dos negros brasileiros eterna lamentação, ou seja, a desigualdade é conhecida, sabe-se o que deve ser feito para combatê-la, mas nada é feito e continuamos lamentando. Com isso, é premente a necessidade de representatividade da população negra, que se reconheça como tal, nas instâncias de poder e decisão, essa fala, apesar de parecer lugar comum, não é. Muitos negros, conforme Fanon discutiu exaustivamente, negam sua negritude e encontram no embranquecimento sua única saída da condição de animalização do negro na sociedade. Neusa Santos Souza (2021, p. 10), corrobora com as proposições de Fanon e Carneiro e complementa que:

O negro sabe tudo isto e, talvez, muito mais. Porém, a brancura transcende o branco. Eles — indivíduo, povo, nação ou Estado brancos — podem “enegrecer-se”. Ela, a brancura, permanece branca. Nada pode macular esta brancura que, à ferro e fogo, cravou-se na consciência negra como sinônimo de pureza artística; nobreza estética; majestade moral; sabedoria científica etc.

Essa busca pelo branqueamento ocorre devido à ausência de identidade social no Brasil ou confusão racial, conforme Carneiro (2011), causa dificuldade, principalmente nos negros de pele mais clara, em se auto classificar como negros, o que não ocorre com os negros estadunidenses, por exemplo. Isso é um fruto da farsa

democracia racial e da miscigenação, que por sinal, teve como único objetivo branquear a população negra. Assim, a miscigenação racial acaba se prestando a inúmeros propósitos nefastos, tanto políticos quanto ideológicos, dando suporte, como já destacado, ao falacioso mito da democracia racial, e fomentando as relações sexuais entre brancos e negros, muitas vezes devido à fetichização do corpo negro e ao turismo sexual, um ponto profundamente discutido por Fanon, e de uma suposta tolerância dos brancos em relação aos negros, já que muitos indivíduos mestiços do período de escravidão eram frutos de estupros e não de relações consensuais com mulheres negras, não havendo qualquer tipo de afetividade oriunda dessas relações, mas sim da animalização e objetificação de mulheres negras.

Outro ponto importante, são os chamados colorismos, não se utilizará essa terminologia nessa tese, será utilizado o termo “negros de pele clara”. As famílias negras possuem, segundo Carneiro (2011), uma grande variabilidade cromática, isso ocorre devido ao processo de apagamento na identidade racial de negros sequestrados nas diferentes regiões da África para escravização, como forma de minar sua capacidade de organização e conseqüentemente resistência, enfraquecendo sua identidade racial. Carneiro (2011), discute que o deslocamento da negritude, que oferece aos negros de pele clara inúmeras classificações (moreno, mulato, mameluco, caboclo etc.) se prestam a desclassificar as políticas de discriminação positiva e redefine a identidade racial, atrasando a concepção e conscientização dos negros de sua negritude.

A fuga da negritude é a medida da consciência de sua rejeição social e o desembarque dela sempre foi incentivado e visto com bons olhos pela sociedade. Cada negro claro ou escuro que celebre sua mestiçagem – ou suposta modernidade – contra sua identidade negra tem aceitação garantida. O mesmo ocorre com aquele que afirma que o problema é somente de classe, e não de raça. Esses são os discursos politicamente corretos de nossa sociedade. São os discursos que o branco brasileiro nos ensinou e gosta de ouvir e que o negro que tem juízo obedece e repete. Mas as coisas estão mudando... (CARNEIRO, 2011, p. 68).

Com esse breve panorama, das condições socioeconômicas do negro brasileiro, fruto das desigualdades raciais produzidas pela discriminação e pelo racismo, salienta-se a importância da realização de estudos sobre o impacto psíquico e os danos na autoestima causada em suas vítimas.

Dado esse breve relato da condição do negro brasileiro, será introduzida a condição da mulher negra nesse panorama. Conforme discutido na seção anterior, a questão de gênero, com intersecção de raça, se viu secundarizada pela discussão de classe e uma suposta universalização do gênero, que considera que políticas aplicadas a mulheres brancas são suficientes para suprir as necessidades de mulheres negras. Com o movimento feminista brasileiro se recusando a entender que a dimensão racial, em um país no qual metade da população feminina é negra, e que a raça estabelece desvantagens e privilégios entre mulheres, isso se torna ainda mais preocupante, sobretudo no acesso ao mercado de trabalho. Um exemplo apresentado por Carneiro é a exigência de “boa aparência” pelos empregadores, em um país no qual a beleza está diretamente relacionada ao aspecto físico europeu, “boa aparência” se traduz em: “preferem-se as brancas, melhor ainda se forem louras.” (CARNEIRO, 2011, p. 112).

Com a consciência da exclusão vivida por mulheres negras se deu a insurgência dos feminismos negros, como um estímulo a participação política, à visibilização dos problemas específicos vividos na sociedade brasileira, com vistas a superação da subalternização e marginalidade social na qual se vive.

[...] a conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima; em uma expectativa de vida menor, em cinco anos, em relação à das mulheres brancas; em um menor índice de casamentos; e sobretudo no confinamento nas ocupações de menor prestígio e remuneração (CARNEIRO, 2011, p. 118-119).

Com isso, Souza (2021) defende que as agruras vividas pelos negros que alcançaram a ascensão social e intelectual, nos conduziram à reflexão das violências vividas “Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro” (SOUZA, 2021, p. 7).

Nesse sentido, Lélia Gonzalez e Djamila Ribeiro convergem ao pensamento de Carneiro destacando que a condição da mulher negra brasileira se afasta do feminismo hegemônico brasileiro, europeu e estadunidense que representa a história

dominante e ignora o fato de mulheres negras existirem em suas particularidades e que historicamente já vinham produzindo insurgências contra o modelo dominante de feminismo. Assim, Ribeiro (2019, p. 24), partindo de pressupostos de Gonzalez, destaca a perspectiva da hierarquização dos saberes, como produtos da classificação racial, destacando que:

[...] quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica, conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando - o como dominante e assim inviabilizando outras experiências do conhecimento.

Assim, o movimento contra hegemônico dos feminismos negros permitiu e permite o combate às desigualdades sociais e o enfretamento do capitalismo patriarcal na solução das demandas de mulheres negras, pois a opressão sofrida na intersecção de gênero, raça e classe, necessita de estratégias específicas de resistência. Essas resistências, desobediências, lutas e insurgências, serão tratadas no Capítulo IV dessa tese, a partir das vozes de pesquisadoras negras da área de Ciências Exatas, mulheres essas que nos possibilitam não duvidar que podemos e devemos ocupar quaisquer espaços que desejarmos. Não vamos pedir para cantar até o fim como fez Elza Soares, simplesmente, cantaremos, pesquisaremos, ... seremos desobedientes até o fim do mundo. E parafraseando o velho ditado popular, “as pessoas incomodadas que se explodam”.

CAPÍTULO IV: DESIGUALDADES SOCIAIS, RELAÇÕES DE PODER E A MULHER NEGRA NA ACADÊMIA.

4.1 CONSTRUINDO OS TRAJETOS...

Quanto à natureza da pesquisa com o objetivo de analisar e problematizar a trajetória de pesquisadoras negras nos cursos de Ciências Exatas da UFPR, a investigação empírica demanda a presença da pessoa pesquisadora no espaço em que ocorrem as relações sociais, através de determinadas metodologias, que correspondam a um “conjunto de estratégias para coletar informações acerca da realidade examinada pelo pesquisador e no contexto da realização de uma pesquisa empírica” (Paulo MEKSENAS, 2007, s.p.).

Nesse sentido, a escolha pela metodologia qualitativa, para a realização dessa pesquisa, se justifica devido ao fato de que tal estudo se desenvolve “numa situação natural; é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (Menga LÜDKE, Marli ANDRÉ, 2013, p. 20). Este tipo de metodologia visa compreender e descrever os fenômenos sociais, no interior do contexto em que ocorrem de diversas maneiras diferentes: analisando as experiências de indivíduos ou grupos, através de relatos e histórias; examinando as interações e comunicações que estejam se desenvolvendo; investigando documentos ou traços semelhantes de experiências ou interações. Segundo Graham Gibbs (2009, p. 17):

[...] os dados qualitativos são essencialmente significativos, mas, mais do que isso mostram grande diversidade. Eles não incluem contagens e medidas, mas sim praticamente qualquer forma de comunicação humana – escrita, auditiva ou visual; por comportamento simbolismos ou artefatos culturais.

Deste modo, a fim de recorrer a várias perspectivas dentro de um mesmo contexto, pretende-se adotar a técnica da triangulação de dados, que segundo Augusto N. S. Triviños (1987, p. 138) “tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo”. Portanto, a presente pesquisa articula três dimensões: I) a revisão sistemática da produção acadêmica nacional e internacional na área; II) o levantamento empírico, através da metodologia da entrevista narrativa, junto a docentes-pesquisadoras da área de

Ciências Exatas que atuam no Ensino Superior; III) e a análise dos aspectos ligados ao sexismo e racismo enfrentados pelas pesquisadoras a partir de referenciais teóricos apresentados nos Capítulos II e III.

Assim, para que se realize a constituição dos dados da pesquisa, se estabelece que na pesquisa empírica as informações sobre o fato pesquisado são obtidas direta ou indiretamente, por relatos ou documentos (Melania MOROZ, Mônica H. GIANFALDONI, 2002). Desse modo, é importante explicitar as técnicas e procedimentos que podem compor o presente estudo.

Para construção das entrevistas narrativas (EN), foram propostos direcionamentos temáticos às entrevistadas, inspirados em Jovchelovitch e Bauer (2015). Para os autores, a EN permite à entrevistada, a partir de sua história de vida, colocar os acontecimentos em uma determinada sequência, que propicia encontrar explicações possíveis para episódios da sua vida pessoal e social. Nesse sentido, os direcionamentos levaram às entrevistadas a construir e relembrar eventos relacionados à vivência dos racismos institucionais e estruturais enfrentados em sua carreira acadêmica e como esses episódios marcaram sua vida pessoal sem interrupções. Salienta-se que o roteiro direcionador da entrevista se encontra no ANEXO V.

Para Jovchelovitch e Bauer (2015), a EN deve ser utilizada a fim de dar conta da transição entre um acontecimento e outro. Nesse sentido, a pessoa narradora tende a fornecer naturalmente detalhes dos acontecimentos quantos forem necessários, já que a história narrada deve fazer sentido para quem a lê. A pessoa narradora procura apresentar aspectos que julga relevantes a partir da sua visão de mundo e dos centros temáticos. Nessa tese, os centros temáticos foram movimentados pela entrevistadora para que a narrativa dos fatos se direcionasse aos eventos permeados pelos racismos estruturais e institucionais vividos pelas entrevistadas a partir de um roteiro direcionador que buscava estimular a narrativa desses fatos.

Esses centros temáticos, para Jovchelovitch e Bauer (2015), devem ter início, meio e fim. Nesse sentido, as entrevistadas tiveram liberdade para narrar os fatos que julgassem mais relevantes em suas trajetórias, sem serem interrompidas, mesmo ao

desviarem ou se esquivarem dos centros temáticos sugeridos. Com isso, algumas dessas sugestões não foram atendidas ao se perceber a esquiva das entrevistadas ou que sua narrativa pendia para outro assunto. Pode-se justificar essa opção de direcionamento a partir de Jovchelovitch e Bauer (2015, p. 95):

Conceitualmente, a ideia da entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas. No modo pergunta-resposta, o entrevistador está impondo estruturas em um sentido tríplice: a) selecionando o tema e os tópicos; b) ordenando as perguntas; c) verbalizando as perguntas com sua própria linguagem.

O projeto para a realização das entrevistas narrativas com as pesquisas negras do Setor de Ciências Exatas da UFPR foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFPR, CAAE: 56459422.8.0000.0102. As entrevistas narrativas foram realizadas nos meses de julho e agosto de 2022 e transcritas entre os meses de setembro e outubro de 2022. Após convite enviado por e-mail, para participação da entrevista, 4 (quatro) das 6 (seis) pesquisadoras contactadas aceitaram colaborar. Em relação às pesquisadoras que não aceitaram o convite, uma não se identifica com mulher preta/parda e a segunda não respondeu ao contato. Todas as 4 (quatro) docentes-pesquisadoras entrevistadas autorizaram a utilização da entrevista após receber a transcrição.

Posto isso, considera-se importante movimentarmos nas análises o conceito de interseccionalidade com o objetivo de investigar as relações de poder, permeadas por marcadores com raça, classe e gênero, imbricadas nas falas das entrevistadas.

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (COLLINS; BILGE, 2021, p. 13-14).

Assim, Collins e Bilge (2021, p. 17) apresentam essa definição como um direcionamento prático ao entendimento “do que é” ou “do que trata” a interseccionalidade. Para tanto, deve-se ter em mente que, “em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes”. Com isso, essas categorias irão se sobrepor e funcionar de maneira

unificada, pois apesar de invisíveis as relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social.

Além disso, a utilização de conceitos abordados pela interseccionalidade, permite abordar questões da desigualdade social, em intersecção com questões de raça, gênero, sexualidade e classe social. Desse modo, Collins e Bilge (2021) reforçam que a desigualdade social afeta diversamente pessoas diferentes, mulheres e homens cis e trans, brancos, negros, indígenas. Nesse sentido, a interseccionalidade propõe olhar essas questões sem divisões e não tratar as pessoas como “massa homogênea e indiferenciada, fornecendo estrutura analítica para analisar populações diferentes de maneira a se considerar todas (ou o máximo possível), das variantes que compõe e influenciam um grupo. Sobretudo quando se trata de grupos marginalizados e mais vulneráveis às mudanças sociais e econômicas.

4.2 AS DOCENTES-PESQUISADORAS

Nesta seção serão, brevemente, apresentados os perfis das docentes-pesquisadoras que participaram da pesquisa com alguns pequenos excertos das entrevistas, as transcrições integrais das entrevistas são apresentadas do ANEXO VI ao IX e a discussão a partir dos referenciais teóricos será realizada no Capítulo V. Em seguida, apresenta-se brevemente, através de nomes fictícios, os currículos das entrevistadas. Os nomes dados às entrevistadas foram inspirados em grandes mulheres negras, ativistas e militantes da causa negra, esses nomes têm o objetivo de representar todas as mulheres negras anônimas que lutaram por liberdade ao longo da história.

- Docente-pesquisadora 1, Luísa²⁵:

A docente-pesquisadora possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestrado e doutorado em Matemática Aplicada

²⁵ Em homenagem a Luísa Mahin uma das articuladoras da Revolta dos Malês. Mais informações em < <https://zumbidospalmareseu.br/conheca-luisa-mahin-revolucionaria-negra-brasileira/>>, acesso em 06 de novembro de 2023.

também pela UNICAMP, possui Estágio de Pós-Doutoramento no exterior. É docente-pesquisadora da Universidade Federal do Paraná desde 2004.

Luísa se autodeclara como mulher parda, é cisgênero e heterossexual, sua entrevista foi realizada presencialmente em 26 de julho de 2022, com duração de aproximadamente 56 minutos, a entrevistada tinha quarenta e nove anos na data da entrevista. Seu núcleo familiar direto é composto pelo pai, marceneiro aposentado, mãe, do lar, mas que já exerceu trabalho remunerado como costureira, e um irmão mais novo, que também possui curso superior completo. Vive com o companheiro em união estável há quatro anos e não tem filhos. O primeiro familiar próximo a concluir o Ensino Superior foi um tio, irmão mais novo de seu pai.

Quanto à religião se declara espírita/espiritualista, assim como seu companheiro, sua mãe é evangélica, seu pai é católico não-praticante e o irmão ateu. Relata que a família era “de classe baixa”, mas que nunca faltou alimentação, as condições de vida eram bastante simples, mas sempre tiveram acesso à educação e alimentação. O pai e a mãe sempre incentivaram o hábito da leitura e enxergavam a educação como único meio possível de ascensão social.

Luísa: [...] minha mãe costumava dizer que ela nunca poderia dar nada que fosse material para gente, de herança, a única coisa que ela podia era de fato contribuir e facilitar era me dando estudo.

A entrevistada relata que o ambiente era majoritariamente matriarcal, competindo a mãe as decisões referentes à educação dos filhos. As condições de moradia eram bastante precárias durante a primeira infância, com melhoras significativas durante o passar dos anos. A família não possuía outros bens materiais.

Luísa: [...] a gente morou mal, mas a minha mãe era muito organizada, tinha muito claro, que aquilo era para economizar para poder ter um imóvel, a gente não tinha outra possibilidade. E aí deu certo, a gente foi para Campinas, e a coisa melhorou um pouquinho.

- Docente-pesquisadora 2, Tereza²⁶:

A docente-pesquisadora possui graduação em Física-Biológica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), mestrado e

²⁶ Em homenagem a Tereza de Benguela, líder do Quilombo do Piolho que também era conhecido como Quilombo do Quariterê, mais informações em <<https://www.ufrb.edu.br/bibliotecacult/noticias/220-tereza-de-benguela-a-escrava-que-virou-rainha-e-liderou-um-quilombo-de-negros-e-indios>>. Acesso em, 18 de outubro de 2023.

doutorado em Física pela Universidade de São Paulo (USP), possui Estágio de Pós-Doutoramento no exterior. É professora pesquisadora da Universidade Federal do Paraná desde 2014. É bolsista produtividade CNPq (nível 2).

Se autodeclara como mulher preta, é cisgênero e heterossexual, sua entrevista foi realizada presencialmente em 26 de julho de 2022, com duração de aproximadamente 56 minutos, a entrevistada tinha trinta e nove anos na data da entrevista, é solteira e não têm filhos. Seu núcleo familiar direto é composto pelo pai, pedreiro, mãe, técnica de enfermagem aposentada, e sete irmãos e irmãs mais velhos, dos quais dois possuem Ensino Médio Técnico e os demais possuem Ensino Superior completo. Tereza relata que foi a primeira de sua família a cursar uma universidade pública, todos os demais, que possuem curso superior, custearam seus estudos através do trabalho.

Quanto à religião se declara católica, assim como os demais membros de seu núcleo familiar direto. Relata que a família era “pobre”, mas que nunca faltou alimentação, as condições de vida eram bastante simples, mas sempre tiveram acesso à educação e alimentação e moravam na periferia. O pai e a mãe sempre incentivaram o hábito da leitura e viam a educação como meio de ascensão social. A entrevistada relata que o ambiente era majoritariamente matriarcal, inclusive financeiramente.

Tereza: E por ela saber a importância da leitura, e ter esse olhar além do seu tempo, ela sempre nos incentivou bastante. Ela sempre falava, ó, você tem que estudar, né? Vocês não precisam ser empregados domésticos, como eu fui, como meus irmãos foram, como seu pai, que trabalhou sempre como pedreiro. Vocês podem ir além, então assim que nos incentivou bastante, Cinthia.

- Docente-pesquisadora 3, Katherine²⁷:

A docente-pesquisadora possui graduação em Química pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), mestrado em Química de Produtos Naturais também pela UFAM e doutorado em Química Orgânica pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), possui Estágio de Pós-Doutoramento no exterior. É professora pesquisadora da Universidade Federal do Paraná desde 2011. É bolsista

²⁷ Em homenagem a Katherine Johnson, foi uma matemática, física e cientista negra na agência espacial norte-americana. <<https://impa.br/noticias/a-inspiracao-de-katherine-johnson-para-futuras-geracoes/>>. Acesso em, 18 de outubro de 2023.

produtividade CNPq (nível 2).

Se autodeclara como mulher parda, é cisgênero e heterossexual, sua entrevista foi realizada presencialmente em 27 de julho de 2022, com duração de aproximadamente 45 minutos, a entrevistada tinha cinquenta anos na data da entrevista, é casada e tem uma filha de 4 (quatro) anos de idade. Seu núcleo familiar direto é composto pelo pai, contabilista, mãe, do lar, foi alfabetizada após os filhos já estarem maiores, e três irmãos e irmãs mais velhos, todos possuem Ensino Superior completo.

Quanto à religião se declara católica, assim como os demais membros de seu núcleo familiar direto, o esposo é agnóstico. Relata que a família era de “classe média baixa”, o pai e os irmãos trabalhavam na zona franca de Manaus. O hábito da leitura era incentivado pelo pai, já que a mãe durante a infância dos filhos não era alfabetizada.

Katherine: A casa... era uma casa pequena, não era uma casa muito grande, para uma família de 6 pessoas. Então era uma casa pequena. Nós tínhamos apenas 2 quartos, o quarto dos meus pais e o outro quarto era para os irmãos (risos). Todo mundo junto. Eu lembro dos beliches, e a gente tinha que dividir o espaço físico.

- Docente-pesquisadora 4, Dandara²⁸:

A participante da pesquisa possui graduação em Ciência com habilitação em Química pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), mestrado em Química Inorgânica pela Universidade de São Paulo (USP) e doutorado em Química Analítica pela USP. É professora pesquisadora aposentada da Universidade Federal do Paraná, tendo atuado na instituição no período de 1992 a 2019. Se autodeclara como mulher parda, sua entrevista foi realizada presencialmente em 03 de agosto de 2022, com duração de aproximadamente 66 minutos, tinha 58 (cinquenta e oito) anos de idade na data da entrevista. Seu núcleo familiar direto é composto pelo pai, militar, mãe, do lar, e sete irmãos e irmãs, todos possuem Ensino Superior completo e são servidores públicos nos âmbitos municipal, estadual e federal. É solteira e tem uma

²⁸ Em homenagem a Dandara dos Palmares, liderança do Quilombo dos Palmares, mais informações em <<https://brasilecola.uol.com.br/historia/dandara-dos-palmares.htm>>. Acesso em, 18 de outubro de 2023.

filha de 33 anos.

Quanto à religião se declara espírita/espiritualista, assim como seu pai. Relata que ela e os irmãos foram criados dentro da doutrina espírita, mas que sua mãe era católica. Os irmãos e irmãs seguiram diferentes religiões na idade adulta. Relata que a família era de “classe média”, residiam majoritariamente em vilas militares devidas às constantes mudanças de cidade em virtude da profissão do pai. Ela e os irmãos estudaram predominantemente em escolas públicas, mas que cursou o ensino médio em escola particular, sendo esses estudos custeados por ela mesma. O hábito da leitura e atividades culturais eram praticados pela família, dentro de suas possibilidades financeiras. Os pais não possuíam curso superior, sendo o primeiro membro da família a frequentar a universidade uma tia paterna.

Dandara: Isso, meu pai era militar do exército, então ele trabalhava e minha mãe era dona de casa, porque tiveram 8 filhos, atualmente somos 7. Minha avó morava conosco e ajudava minha mãe criar os filhos, ela cozinhava, pois foi por muitos anos cozinheira do governador do estado do Mato Grosso e empregada doméstica, morava na casa dos patrões, enquanto minha mãe e meu tio ficavam com minha bisavó, pois o avô materno foi trabalhar no garimpo e minha avó não quis acompanhar por conta das crianças e da febre amarela na época, minha mãe tinha 5 anos quando isso aconteceu e nunca mais tiveram notícias dele. Meu pai na sua infância também trabalhava no garimpo com o pai, mergulhava no rio na Bahia procurando pedra preciosa. E é isso mesmo nós, a partir dos 13 (minhas irmãs mais velhas) e 14 anos (eu e a quarta filha), nós mais velhas trabalhamos com registro em carteira porque o meu pai dizia assim, quando terminamos a oitava série, 'se for fazer um Ensino Médio, particular, pago, ele não teria condições de pagar para todo mundo'. Se a gente fizesse numa escola pública que fosse estadual, municipal, que é o meu caso, eu fiz na municipal que tinha o ensino médio no municipal, ... ele poderia comprar o material escolar, ele poderia prover, mas se quisesse fazer qualquer um outro curso que era instituição privada, então a gente teria que trabalhar. Então, eu trabalho com carteira assinada, trabalhei desde os 14 anos e minhas quatro irmãs mais velhas.

4.3 INSURGÊNCIAS E DESOBEDIÊNCIAS: mulheres negras na academia.

Para iniciar essa discussão é importante estabelecer, a partir de Fanon (2008), que os pretos, em geral, são comparação, eles se preocupam invariável e constantemente com a idealização do ego e sua autovalorização. Nesse sentido, advém questões de valoração e mérito, atribuindo sempre a si próprios menor valor, estabelecendo relações de dependência ao valor do outro e seu consequente

desmantelamento. Para a pessoa negra, a comparação aos brancos se estabelece como regra auto infringida, após ser introjetada através do racismo estrutural, buscando sempre “se provar” e muitas vezes estabelecendo padrões meritocráticos aos postos conquistados.

Nesse sentido, é importante destacar o papel das relações de poder, que relegam aos indivíduos de pele não branca a necessidade constante de “se provar capaz” em seu estabelecimento como intelectuais pesquisadores. Um sentimento de inferioridade é introduzido em pessoas de pele não branca desde a mais tenra infância, inclusive por sua família e outros indivíduos negros. Isso ocorre devido a um pacto narcisista e androcêntrico da branquitude, deixando à margem da produção acadêmica qualquer pessoa divergente ao seu grupo hegemônico. Mulheres negras cis e trans e travestis, são as maiores afetadas por esse pacto, tendo sua intelectualidade constantemente posta à prova e inferiorizada (BENTO, 2022).

Mulheres negras da diáspora têm, a despeito de estrutura social excludente, do racismo estrutural e institucional e do sexismo, conseguido se estabelecer como intelectuais produtoras de conhecimento, mesmo em um contexto muito adverso. Nesse sentido, busca-se através das falas de docentes-pesquisadoras da área de Ciências Exatas da UFPR destacar questões concernentes à sua formação e estabelecimento em um ambiente permeado pela cultura cis-branca-masculina-heteronormativa.

Assim, antes de iniciar a discussão das falas, salienta-se que nem todas as questões direcionadoras presentes no roteiro foram feitas e/ou respondidas pelas entrevistadas. Como optou-se pela EN, a intenção foi permitir que as entrevistadas ficassem à vontade para responder ou não a determinados direcionamentos, falando mais longamente sobre assuntos nos quais se sentiram mais confortáveis, aproveitando a oportunidade para tratar de assuntos emergentes durante a conversa.

Com isso, inicia-se a discussão trazendo duas falas sobre as condições sob as quais as pesquisadoras iniciaram suas carreiras, em suas falas elas apresentam algumas adversidades enfrentadas em seu percurso acadêmico.

Tereza: Às vezes eu estava na sala, na graduação, eu olhava meus colegas e muitos, acordaram sete e meia para ir para a escola, para ir para faculdade, para fazer a prova, eu acordei às quatro da manhã, porque eu precisava estudar coisas que eles já sabiam, que para eles era uma coisa muito simples, porque tiveram um estudo bem melhor que o meu, não tiveram que estudar Física no cursinho, mas durante os três anos do ensino médio ou até antes no ensino fundamental. Então, isso é algo que sempre me marcou, eu sempre tive que estudar mais, mas ao mesmo tempo, **eu sempre tive que mostrar minha capacidade, isso é uma coisa que uma pessoa branca não tem que mostrar.** Por quê? Porque para estar ali, e eu não estava ali porque alguém me colocou ali, estava pela minha capacidade. Eu não queria fazer iniciação científica porque iam me dar uma bolsa, eu queria fazer iniciação científica porque o professor pensava que eu podia fazer aquele trabalho. Então, eu tinha que todo momento mostrar o meu valor.

Dandara: Então, isso eu sinto muito, como eu falei no dia a dia mesmo até hoje isso, e na universidade era sempre assim, sempre foi assim, até os últimos dias e horas que eu trabalhei eu sentia isso. **Esse conchavo entre os professores para geralmente diminuir as mulheres, diminuir a sua competência para poder desqualificar e para você não conseguir aquilo que você estava almejando.**

A desigualdade social em suas falas é um fator premente na formação das pesquisadoras entrevistadas, por isso, deve-se olhar suas condições sob a lente interseccional da raça, classe e gênero. Percebe-se que destacam diferentes momentos de suas vidas acadêmicas, Tereza quando cursava a graduação e Dandara já como docente pesquisadora em uma universidade, como as desigualdades de gênero e classe afetam suas vidas. A desigualdade social, nesse sentido, reforça que não é possível analisar a condição de indivíduos diferentes de forma estanque sem levar em consideração o peso de ser mulher, negra e pobre. Assim, a proposta da interseccionalidade de não olhar essas categorias separadamente é intensificada em seus relatos.

Para tanto, deve-se destacar que os complexos problemas sociais enfrentados por mulheres negras não podem ser encarados através de lentes monofocais de alguns movimentos sociais e do feminismo hegemônico estabelecido por mulheres brancas. Essas questões vêm sendo abarcadas pelos feminismos negros e tratadas sob a ótica interseccional devida à ampla gama de questões que envolvem as discriminações que mulheres negras cis, trans e travestis sofrem.

Cabe também salientar que o feminismo negro é ainda muito falho ao tratar das opressões sofridas por mulheres trans e travestis, mas vem engatinhando nessas

questões através das batalhas travadas por essas mulheres em sua inserção na academia. Na UFPR, em 2023, há apenas uma professora travesti, é uma mulher negra docente do Setor de Educação, ela não foi convidada a participar dessa pesquisa por não estar inserida na área de Ciências Exatas. Nesse sentido, nota-se que a condição de vulnerabilidade financeira e social das mulheres negras cis, trans e travesti necessita de uma estrutura própria de combate respeitando as flutuações econômicas e políticas, já que sempre essas mulheres são deslocadas do centro das discussões de justiça social e conseqüentemente acabam marginalizadas e excluídas das ações de inserção social.

Nesse sentido, a interseccionalidade a partir de estudos sobre desigualdade social permite estabelecer um *lócus* de intersecção, que baseada em inúmeras pesquisas (CARNEIRO, 2011; ALMEIDA, 2020; GONZALEZ, 2020), apontam como elas ocorrem. Assim, a partir das análises dos indicadores sociais, são fomentadas discussões e questionamentos de como as disparidades de riqueza e ao acesso a determinadas profissões, não estão desconectadas da raça, classe, gênero e sexualidade. Essas diferenças, para Bilge e Collins (2021), devem ser analisadas não apenas de forma racializada, mas também através das demais lentes interseccionais às quais essas categorias de pessoas fazem parte.

Outro ponto crucial na trajetória das pesquisadoras negras é a falta de representatividade na academia, ao serem indagadas sobre a presença de docentes negros em seu percurso acadêmico, todas entrevistadas relataram a quase inexistência deles:

Luísa: Houve um determinado momento da minha vida que eu não categorizava pessoas por cores ou raças, então isso nunca teve grande importância, sei lá nunca me detive muito nisso, mas isso quer dizer que na época eu não a via como tal, mas tinha uma professora de história que eu lembro que era, vamos dizer afrodescendente, é o que a gente em São Paulo costuma chamar de “moreninho”, que aliás eu demorei para entender que **“moreninho” era uma espécie de eufemismo para mulato**, nunca me toquei, acho que ainda não tinha isso muito claro. Hoje eu tenho e acho que foi a única, inclusive até o Ensino Superior.

Tereza: Essa é uma boa pergunta, o pessoal geralmente pergunta na graduação. É não, por incrível que pareça, no ensino básico eu não tive nenhuma professora negra, minha professora do prézinho, que marca, porque é quando você começa a ler, aprender, aprender a ler, professora Regina (a entrevistada tentou se lembrar se a professora era negra). **Não, eu não tive nenhuma professora preta.** No ensino médio também não e nem na graduação. Eu nunca tive. Eu via professoras pretas na graduação, tinha dois da parte de Humanas e uma que era da parte de computação, na UNESP que eu via, que eu conheci e tal. Mas foram só, que eu vi, que eu sabia que eles davam aula, mas eu nunca tive.

Katherine: **Não tive professores negros.** Sempre professores de cor (pele) branca, não me lembro de ter professor de cor (pele) negra. E isso chama atenção, né, porque no contato é que você percebe que são poucos os que alcançam, esse nível. Então eu não me recordo sinceramente de ter tido um professor da cor (pele) negra.

Luísa ao ser questionada sobre a presença de colegas negros no ensino superior, mestrado e doutorado, relatou que havia apenas uma colega, inclusive que ambas são amigas “até hoje”. E que essa é a única colega negra que prosseguiu os estudos até o doutorado, sendo hoje professora-pesquisadora em uma universidade estadual. Além dessa colega, a entrevistada relata que dos trinta e cinco alunos que ingressaram no mesmo ano que ela na graduação, apenas um estudante era negro, mas que não prosseguiu os estudos além do curso de graduação. Quando questionada se a cor da pele influenciou na aproximação com essa colega, a entrevistada aponta que as duas tinham muitas afinidades e histórias de vida bastante semelhantes, e acredita que esses foram os fatores preponderantes para aproximação.

Nessa esteira, pode-se pontuar que as organizações, ou o mercado de trabalho, no caso dessa tese a academia, costuma construir narrativas de si própria e desconsidera a pluralidade dos membros que a compõe, normatizando a presença de pessoas do sexo masculino, brancas e heterossexuais. Mesmo sob a máscara de “diversidade e equidade” a maior parte das instituições não aplicam essa política efetivamente, a presença de mulheres negras tanto cis quanto trans e travestis é imposta pelos próprios indivíduos à custa de um valor pessoal muito alto, pois esses corpos são sujeitados às violências diárias praticadas pelo pacto não verbalizado narcísico da branquitude (BENTO, 2022).

Cida Bento (2022, p.11) ressalta que “é evidente que os brancos não promovem reuniões secretas às cinco da manhã para definir como vão manter seus privilégios e

excluir os negros”, mas sim esse pacto mantém a exclusão de pessoas negras e perpetua o privilégio branco, silenciando sistematicamente ou negando as diferenças. O pacto narcísico da branquitude é um mecanismo de autopreservação que permite perpetuar pessoas brancas nos locais de poder e de ascensão social, a pessoa negra, nesse sentido, é vista como ameaça a essa hegemonia. Com isso, Bento (2022) ressalta a importância e a urgência de se atacar a relação de dominação, tanto de raça quanto de gênero, que ocorre nas instituições. Portanto, é essencial reconhecer que esse pacto ocorre dentro da academia e combatê-lo diuturnamente. Essa relação de dominação é silenciosa, por isso é fundamental identificá-la, já que dentro desse processo a classe dominante estabelece privilégios entre si para atender aos interesses de seu grupo. Pode-se explicitar esse pacto na fala de Katherine:

Katherine: É, eu acredito assim que os envolvimento que eu tive em grupos, para angariar algum tipo de fomento, eu acho que eu não tive muito apoio, não no sentido do sexismo, mas pelo fato mesmo da situação. **Então, eu acho que o tipo do envolvimento das pessoas na época dos grupos, e eu acho que é pela falta do interesse mesmo sabe, não pelo fato do sexismo em si, nesse sentido eu acho que não, mas que é óbvio é que a gente sempre vê as lideranças mais masculinas, e pelo fato de as lideranças serem mais masculinas, isso já impõem, entendeu? É...** e isso já faz com que a grande maioria das mulheres não se envolvam. Por conta de você ter geralmente essas lideranças, elas serem mais masculinas, eu acredito que mais com relação a isso.

Pode-se perceber pela fala da entrevistada, mesmo afirmando que não acredita que foi preterida pelo gênero, o destaque que ela dá ao fato de as lideranças serem majoritariamente masculinas, e que isso provavelmente é uma imposição de sua dominância. Com isso, se observa a operacionalização das discriminações que ocorrem dentro da academia, esse pacto fica evidenciado em uma agressão passiva que ocorre tanto em relação ao gênero quanto à raça. Vive-se em um racismo e sexismo, na maior parte do tempo velado, perpetuado através de micro agressões e da perspectiva meritocrática das mulheres negras que chegaram nesses locais. Nesse sentido, Bento (2022, p. 13) salienta que “se constatamos representação excessiva de pessoas brancas nos lugares mais qualificados é porque elas mereceram isso, e a ausência de negras e negros e de outros segmentos deve-se ao fato de não estarem devidamente preparados”. O que é corroborado pela fala de Dandara:

Dandara: Você percebe aquele machismo, se é que a gente pode falar em machismo estrutural, que **o pessoal se reúne sempre tentando te desqualificar de alguma forma**, nas reuniões, quando você representa. Quando eu fui representante ali da nossa área de Ensino, nas reuniões, era sempre assim, você percebia como se fosse um assédio moral mesmo, querendo sempre, **sempre exigindo mais de você do que das outras Áreas, por exemplo, quando eram homens que eram representantes**, e aí você tem que ter jogo de cintura para não brigar, **não é assim declaradamente, mas tentando conversar para também não prejudicar o seu trabalho.**

Então sempre comentários, aqueles comentários que eu acho que toda mulher sofre, né. **Se a gente tá brava, tá nervosa, porque estava menstruada, falta de homem, nessas questões aí, eu sempre sentia, sempre existiu, e quando não era comigo, percebia que se fazia com outras colegas**, que alguém que, por exemplo, numa reunião se manifestava contra, fazia às vezes um discurso mais eloquente, não era mais, vamos dizer assim, mais afetiva, demonstrava, um sentimento assim, ou extrapolava, ficava um pouco mais nervosa, falava mais um pouco mais, o tom de voz acima do normal.

Aí esses comentários a gente ouvia, né, nos corredores ou mesmo na reunião, num canto ou no outro, que não se falava alto, mas você ouvia os esses comentários maldosos nesse sentido. Então na universidade o que eu mais senti foi nessa questão, é de você ser mulher. Então, nessa condição de sempre, você tem que fazer um esforço sempre maior para provar a sua competência para provar que você dá conta e para conseguir qualquer coisa, questão de espaço físico para trabalhar, vaga docente para a sua Área, nas discussões, sempre têm esses comentários, e até hoje a gente vê colegas fazendo comentários, dos alunos, quando eu fui coordenadora de curso também a gente percebia muito, em relação às alunas, elas se queixavam muito, dessa condição meio que de assédio sexual por parte dos professores.

Nesse sentido, ainda recorrendo a Bento (2022), a experiência de acesso a hierarquias mais elevadas dentro de uma instituição, em geral, não é possível a grupos historicamente subalternizados e marginalizados. Com isso, percebe-se na fala de Dandara a herança de discriminação e exclusão que ela carrega pelo gênero e raça. A explicação através da racionalidade demonstra que esse sistema meritocrático desconsidera a herança dos grupos dominantes, tais como, a disponibilidade de acesso à educação de boa qualidade e necessidades mais básicas como alimentação e saneamento. Pode-se analisar que a burguesia dominante, presente na academia, teve, durante sua infância, juventude e vida adulta, acesso a todos os benefícios de uma vida na qual a cor de sua pele e seu gênero são hegemônicos e não racializados.

Outro ponto que se pode destacar, é a condição de mestiçagem imposta à população negra brasileira. Percebemos isso anteriormente na fala de Luísa, ao descrever a professora como “mulata”, isso se deve às políticas genocidas de

embranquecimento da população nas quais pretendia-se diluir a cor das pessoas escravizadas e indígenas ao ponto que essa coloração de pele desaparecesse. Entretanto, com a resistência desses povos, a sobrevivência da pele negra resistiu.

Deve-se salientar que essa ação coercitiva estrutural, institucional, social e cultural da imposição do branqueamento fez com que o colorismo fosse adotado inclusive dentro de comunidades negras. Para tanto, o mestiço acaba adotando uma postura de branqueamento, principalmente em ambientes brancos e patriarcais (DEVULSKI, 2021; FANON, 2008). Essa postura é adotada devido a um sistema de castas²⁹ e cores que internaliza o racismo e faz com que os indivíduos aprendam que quanto mais clara for a sua pele, mais sorte você terá. E que branquear ou negar sua negritude permitirá que você ascenda ambientes nos quais o padrão e o desejado é ser uma pessoa branca. Assim o indivíduo julga a si próprio com base na cor de sua pele ou na textura dos seus cabelos, escamoteando suas características fenotípicas como estratégia de sobrevivência (DEVULSKI, 2021).

Através da fala de Tereza, pode-se confirmar o ideal de branqueamento inculcado em indivíduos de pele não-branca como fator preponderante de ascensão social:

Tereza: [...] Eu não sei se isso é inconscientemente ou então, uma coisa que algum colega uma vez me falou aqui **'Se você está com uma mulher branca ou com homem branco, você tem acesso a umas situações, a ambientes, que você não teria se fossem dois negros ou um casal de negros'**. Eu acho que as pessoas buscam isso. Então eu vou ser mais valorizado, se você é um professor negro com uma mulher branca ou vice-versa. E tudo isso me fez refletir, porque eu tive tão poucos namorados, tive tão pouco interesse dos homens durante toda a minha vida, e eu cheguei num ponto, que não sou sozinha por opção, é a minha realidade.

No decorrer da entrevista, Katherine foi indagada sobre alguma preocupação em sua filha ter a pele mais escura e sofrer preconceito por parte da família do genitor, ela relatou que:

²⁹ Utilizamos sistemas de castas para nos referir à estratificação social que ocorre no Brasil.

Katherine: [...] então, existe os processos em que você tropeça, existe, por conta do racismo, existe. Inclusive eu sempre brinco com meu esposo, existe o racismo, isso é fato, é óbvio. É pelo fato, por exemplo, de ele ser branco ou de ele ser de olho azul e para ele não tem sentido tanto isso, ele brinca comigo, **mas eu falo para ele, a sua família é racista, o seu pai é racista, os parentes próximos, alguns são racistas, e eu senti esse racismo quando entrei na família**, entendeu? Então é... a gente sente isso, inclusive até próximo dos familiares, imagina com pessoas que você não conhece, no trabalho? Os pontos positivos são você poder lutar contra isso e fazer outros entenderem que não pode continuar assim. Eu lidei com isso com muita maturidade, pelo fato da armadura, que eu criei, mas que existe, existe. E a gente lida com isso quase no dia a dia. Quanto aos aspectos negativos, é que você sempre vai ficar lidando com algumas pessoas racistas ainda hoje em dia.

[...] Me preocupava, porque quando você passa por um momento ou por vários momentos de racismo, você sabe o quão dolorido isso é. Então eu ficava imaginando, será se a minha filha vai aguentar essa barra? Será se ela vai conseguir superar e criar armadura como eu criei? E eu me preocupava, **tanto é que quando ela nasceu com a pele um pouco mais clara, com o cabelo, com o tom mais claro, eu me senti aliviada**, confesso para você, eu me senti mais aliviada porque com certeza ela não vai passar, por momentos pelos quais eu passei.

Nesse sentido, pode-se retomar Fanon (2008, p. 95) em sua frase “branquear ou desaparecer”, ao preto é imposto o drama narcisista da relação entre brancos e negros”. Ao negro, principalmente aos retintos, é necessário se adequar ao revestimento do santuário da branquitude, negando para si e para seus pares que não se é apenas um “pesquisador” se é um “pesquisador negro”. Esse letramento, do descobrir-se negro ou conforme Neusa Santos Souza (2021), “torna-se negro” é fundamental para estabelecer pessoas de pele não-branca como intelectuais produtores de conhecimento e desmistificar o racismo científico que relega ao povo negro uma condição de subalternidade intelectual.

Outro ponto crucial para se romper a barreira do branqueamento é a desmistificação do mito da democracia racial consolidado no imaginário da população brasileira, inclusive nos negros, essa falsa sensação de igualdade com seus compatriotas brancos, pendura conforme postulado por Sueli Carneiro (2011, p. 14), isto é, a “concepção de que certos humanos são mais ou menos humanos do que outros” (CARNEIRO, 2011, p. 14). Com isso, as mulheres negras permanecem ainda à margem da sociedade, tendo seus direitos negados, e dificultando seu ingresso em atividades de maior escolaridade ou impedindo sua permanência nesses locais. O mito da democracia racial busca desracializar a sociedade brasileira com lastro no argumento da intensa miscigenação racial. Seu objetivo primário é ocultar as intensas

desigualdades sociais que permeiam nossa sociedade. Assim, toda responsabilidade pela ascensão social é depositada no indivíduo, exonerando o Estado e a Sociedade de quaisquer ações na promoção da equidade social.

Com isso, outro mito, o da meritocracia foi difundido pela burguesia brasileira. Nesse sentido, pode-se destacar a fala de Luísa, quando indagada se considerava que o fato de ser mulher causou mais empecilhos que o fato de ser negra:

Luísa: [...] É engraçado, eu realmente sou um ponto fora da curva, porque como eu realmente tomei consciência da minha negritude, não há muito tempo, então **o meu desconhecimento às vezes me poupou de algumas situações**. Então, de certa maneira foi bom, **eu não pude vivenciar o coitadismo** porque, sim, eu sempre vi o problema por ser pobre, mas não por ser negra. A maturidade veio de provar que não era bem assim. O fato de você ser mulher também dificulta as coisas. Mas aí o desconhecimento, a ignorância te privam de algumas coisas, mas ela também acaba sendo benéfica.

Nesse sentido, mesmo havendo um esforço da parcela progressista da sociedade brasileira em priorizar a luta de classes, percebe-se que a intersecção com raça e gênero ainda é muito ignorada. Na fala da entrevistada, durante grande parte da sua vida, ela atribuiu os preconceitos vividos somente à sua classe social. No Brasil, ainda persiste o pensamento de que os complexos problemas sociais vividos devem ser analisados somente sob a ótica da classe social, excluindo a intersecção de raça, gênero e sexualidade. Com isso é criada uma pirâmide social dentro da luta de classes, e mulheres negras, principalmente as trans e travestis, permanecem na base dessa pirâmide, sendo cada vez mais marginalizadas e subalternizadas.

Para Sueli Carneiro (2011), a fuga da negritude é resultado da rejeição social e sempre foi incentivada e vista como benéfica pela sociedade, inclusive pelos negros. Os negros, com pele clara ou escura, segundo a imposição social, devem celebrar a mestiçagem, acabam se colocando como morenos ou mulatos, conforme destaca-se na fala de Luísa, agindo, mesmo inconscientemente, contra sua negritude e assim garantido sua aceitação, “O mesmo ocorre com aquele que afirma que o problema é somente de classe, e não de raça. Esses são os discursos politicamente corretos de nossa sociedade. São os discursos que o branco brasileiro nos ensinou e gosta de ouvir e que o negro que tem juízo obedece e repete” (CARNEIRO, 2011, p. 68). Pode-se afirmar esse ideal de busca pelo branqueamento, na fala de Tereza:

Tereza: Isso é tão verdade que é quando você olha um casal, minha irmã é negra e é casada com um homem branco. Por quê? Porque ele é de classe baixa, é um homem que não fez graduação. Se você olhar aí na Matemática, onde você está, olhar aqui, você vai ver que só poucos docentes são negros. E os docentes negros, a maioria quer mulheres brancas. O que acontece é o seguinte, se você está numa classe mais baixa, todos são pobres, talvez você consiga, talvez você se relacione com pessoas de cores diferentes. Isso é comum, você vê, quando você sobe um pouco de classe (social), no sentido de onde você convive, aqui eu convivo com os docentes, com os técnicos é a minha convivência. Essas pessoas, esse pessoal, eles não querem, eles não querem se relacionar com as mulheres negras. Por quê? **Porque inconscientemente, a gente tem isso que se você tiver um filho da sua cor, que é uma mulata mais clara, ele vai sofrer menos se ele for mais claro que você vai sofrer ainda menos.**

Nesse sentido, pode-se evocar a complexidade dentro da interseccionalidade como Teoria Social Crítica para discutir o enfrentamento do desafio de manter a tensão criativa entre o investigar e o praticar, fomentando a complexidade. Através da complexificação de argumentos, são cultivados em diálogos com ativistas do Sul global, e assim trazer à tona argumentos que não são foco da interseccionalidade cultivada no Norte. Esse esforço, dentro da complexidade, é necessário para que políticas públicas levem em consideração os diversos marcadores sociais que definem o quanto determinados grupos estão marginalizados e quais ações podem ser mais efetivas para trazê-los mais ao centro dessa luta emancipatória.

Quanto às questões financeiras, Luísa e Tereza relatam que contaram com uma rede de apoio familiar, mas que sem a existência de políticas de fomento à pesquisa, seria impossível permanecer no ambiente acadêmico, mas que as mesmas eram ofertadas de forma muito distante ao atendimento das necessidades de sobrevivência.

Luísa: As coisas eram meio complicadas, mas depois que a gente foi para Campinas que a gente já tinha casa própria, as coisas melhoraram um pouco. Eu não vou dizer que eu pudesse viver com folga, mas, por exemplo, é o meu primeiro ano de faculdade, eu trabalhei um ano antes de entrar na faculdade e tinha alguma reserva desse período que eu trabalhei. Então, o primeiro ano eu pude me manter com esse dinheiro guardado. Depois, as coisas começaram a ficar um pouco mais difíceis e foi bem no período que eu consegui a iniciação científica com bolsa. E eu tive muita sorte nesse sentido, porque, desde então, eu nunca fiquei sem nenhum tipo de bolsa, seja de iniciação científica, de mestrado, doutorado, nunca fiquei sem bolsa. Então, foi fundamental, se eu não tivesse esse auxílio as coisas seriam bem difíceis porque meu pai ganhava mal. [...] essas coisas ficariam complicadas e como eu estudava de dia também, era um pouco complicado para trabalhar. Talvez eu tivesse que desistir ou pelo menos mudar de turno.

Tereza: Eu acho que eu fui perceber sim, essa diferença mais no mestrado, eu acho que eu fui muito focada, eu sabia que a oportunidade que eu estava tendo de fazer cursinho e estudar na universidade pública. Eu amava a UNESP, amava a biblioteca. Eu sabia que eu era a única representante da minha família, tinha um pouco dessa consciência, mas não a consciência que eu tenho hoje. Eu acho que esses Quilombos, essa discussão que a gente tem hoje, não tinha na minha época, há 20 anos. Então eu sabia e via que eu era a única ali isso era claro. Eu lembro que no final da minha graduação eu queria fazer um mestrado em São Carlos e ficava a 250 quilômetros dali e a minha mãe falou 'a gente não tem condições de pagar a tua formatura', eu falei não, mãe, e também não quero, gastar dinheiro com isso e eu lembro que os meus amigos chegaram em mim e falaram: "a gente quer te dar de presente, formatura", aí fiquei toda emocionada. Eu falei isso, 'meninas, muito obrigada, mas não é algo que eu quero, porque por mais que eu vá participar da festa, eu vou ter que gastar para ir, com cabelo, essas coisas, e o pouco dinheiro que eu tenho, eu quero ir para São Carlos para prestar mestrado, voltar lá e tal, ver onde eu vou morar. Então eu quero investir nisso'.

Nesse ponto, retoma-se o conceito de desigualdade social como fator interseccional na ascensão social de pessoas negras. Percebe-se pelos relatos a falta de políticas públicas, à época em que as entrevistadas realizaram seus estudos, que proporcionassem sua permanência no Ensino Superior. Não havia políticas direcionadas especificamente à população em situação de maior vulnerabilidade social. Com isso, retoma-se o conceito de meritocracia, no qual todo esforço para conclusão dos estudos esteve depositado no indivíduo, exonerando o Estado e a Sociedade de quaisquer responsabilidades de sua condição social (ALMEIDA, 2019; COLLINS, 2022).

Aqui cabe diferenciar desigualdade social de justiça social, na perspectiva de Collins e Bilge (2021), mesmo que esses conceitos sejam, em inúmeras situações, intercambiáveis, a interseccionalidade busca trabalhar para corrigir as desigualdades sociais e estuda qual o motivo de sua persistência. Entretanto, pode-se inferir que as políticas de incentivo à permanência de grupos historicamente marginalizados perpassam questões de justiça social, e a interseccionalidade opera para diminuí-las através de um engajamento crítico como um campo de investigação das questões relacionadas à justiça social, transpondo a fronteira entre trabalho acadêmico e ativismo.

Quanto a situações de conflito com colegas de trabalho, as pesquisadoras pardas (Luísa, Katherine e Dandara) relatam maiores vivências relacionadas ao sexismo, já Tereza, mulher preta retinta pontua que já viveu situações de racismo.

Contudo, todas acreditam que essas situações influenciaram nas experiências vividas ao longo de sua carreira, com incidência em suas vidas pessoais.

Luísa: Na verdade, foi logo que comecei, foi bem difícil de lidar. Eu era professora substituta aqui na universidade, era uma disciplina complicada de pré-cálculo, eu ministrava essa disciplina para um curso de baixa concorrência, o que torna natural que os alunos tivessem um desempenho ruim. Mas um belo dia, eu estava dando aula, chega o coordenador, interrompe minha aula, a cena é patética, ele interrompe minha aula, era um auditório, ele entra com uma fila de uns seis ou sete alunos, **e sim foi muito desrespeitoso, interrompeu a aula e ficou me criticando, que eu não estava atingindo os alunos, que os alunos não estavam se desenvolvendo no curso, me responsabilizando por isso.** Foi altamente desrespeitoso, no sentido de que ele poderia ter tratado aquilo de uma outra forma. Poderia ser em particular, como você faria com os seus pares, sei lá, se ele realmente achasse a minha postura inadequada, que tivesse realmente prejudicando os alunos de alguma maneira, têm outros caminhos para se resolver isso, mas não precisava interromper minha aula. Aí, enfim, foi bem desrespeitoso, essa é uma lembrança e marcou bastante.

Tereza: Eu sabia que eu era a pobre ali, dos meus colegas, umas colegas eram pobres também, mas não como eu, eu morava, quando eu mudei para Rio Preto para fazer a graduação, na moradia, morei acho que um mês em uma pensão e depois eu já mudei para moradia da UNESP, uma das melhores moradias que tem, muito boa. Mas assim, eu me percebia, **sabia que eu era a única ali pobre, negra, mas eu não tinha isso de ser a única diferente,** e eu acho, eu realmente posso dizer para você, de coração aberto, que se eu sofri, se algum professor ou colega me destratou por eu ser negra, eu não percebia isso. Eu realmente não tinha essa consciência. Então é até difícil, depois que você percebe assim, você toma consciência, você vê os tratamentos, você percebe que existe isso em todo lugar. É claro que devo ter passado por muitas situações assim, morando na moradia, negra, a única negra ali, eu era chata porque eu ficava atrás dos professores. Eu era assim, sabe aqueles alunos que fica atrás dos professores? Então provavelmente os professores, algum professor, talvez algum colega me destratou devido à cor. Mas eu não percebi isso, eu não posso te dizer. Agora quando eu fui para o mestrado, eu já me percebi “Nossa, eu sou a única negra aqui”. Aí os movimentos eles já começaram, sabe? E eu via, que eu fui para Física, o meu mestrado foi em Física Teórica, não tinham mulheres, eu era a única mulher ali. Depois, quando eu fui para o doutorado, era na parte da Astrofísica, aí ele já atraía mais mulheres. Já tinham algumas mulheres, mas eu continuei sendo a única mulher negra. Então você percebe, tem um certo preconceito, é bastante, e existe um estereótipo que é o seguinte, é você é negro, então você é incapaz, então você entrou aqui porque alguém te ajudou. Foi uma cota, foi alguma coisa, né? Existe isso sim! Mas eu posso te dizer, durante toda a minha trajetória, onde eu mais percebi o preconceito ou mais senti, na minha percepção foi quando eu comecei a ser docente aqui, sabe? Aqui na docência, eu continuo sendo, agora entrou um professor pardo na computação, mas eu era a única negra. Eu lembro, muito bem, quando uma professora chegou em mim e falou assim, ela me encontrou em algum lugar fora da universidade, eu estava com uma outra professora e uma amiga que veio me visitar, a gente se encontrou ali no Paraguai, porque aqui a gente vira e mexe vai no Paraguai, que é pertinho, sabe. Ela falou, “Ah, eu vejo sempre você ali na UFPR”, e eu respondi “Eu também sempre vejo a profe, né.” E ela falou: “Você é bolsista?”, não, ela falou: “Você é cotista?”, aí eu falei: “Não, professora, eu sou professora.”, ela falou: “Aí, achei que você fosse aluna cotista, porque você sempre vai lá pegar a chave da sala, achei que você desse monitoria.”, eu falei: “Não, eu sou professora.”, e ela respondeu: “Quem

“você está substituindo?”. Então veja, Cinthia, na cabeça dela, eu negra, provavelmente eu era cotista, você não é cotista você é professora, então você só pode estar substituindo alguém, né?”

Você não pode ter prestado concurso e ser docente como eu. Eu falei, não professora, aí você já muda, né? Está sorrindo feliz, e você já fica... aí, é, eu falei assim, não, professora, eu sou efetiva.

Ela falou assim, “olha quando você precisar de um professor, um bom, de Física, você me fala que eu dou o endereço do meu irmão, irmão é Físico ali no Rio Grande do Sul”. Olha o nível de conversa com a pessoa, Cinthia, e aí eu estava junto com uma colega minha e ela falou assim “Eu queria ter esse sangue de barata que você tem, sabe? Se deveria ter dado uma bofetada na cara”.

Aí eu falei que não adianta, eu acho assim que não vale a pena, ela foi educada comigo. Mas numa dessas eu denuncio, sabe, porque a falta de respeito que a pessoa tem comigo, ela pode ter com uma pessoa, como minha mãe, por exemplo, que não tem condição de denunciar, que não sabe fazer isso. Alguma pessoa mais simples ainda. Então, hoje, eu denuncio, esses crimes de racismo. Mas como você sabe, que o meu campus é muito pequenininho, eu não quis criar caso, porque é muito pequeno e tal, mas eu percebi, que essa questão do racismo ela é muito, muito grande. É muito forte, sabe, eu. Eu agradeço a Deus por não ter percebido isso antes, sabe? Não ter percebido, uma exceção por onde eu passei, mas hoje que para mim está muito claro, é eu vejo o quanto que a gente sofre. Sabe o quanto que eu já sofri só como sendo docente, imagina se eu tivesse percebido isso antes.

As falas das entrevistadas demonstram o desequilíbrio das relações de poder estabelecidas no âmbito institucional. Para Fanon (2008), o branco reivindica para si o poder e a virtude, tratando o negro como amaldiçoado. Assim, mesmo Luísa estando em uma posição de paridade profissional, é tratada como cidadã de segunda classe, ela ocupa o ambiente, mas não pertence a ele. Logo é degradada a uma condição de animalização do ser, condenada a miséria física e moral (SOUZA, 2021).

Com isso, pode-se recorrer à proposição de Bento (2022), em um ambiente dominado por pessoas brancas, elas se identificam e se enxergam como iguais, a presença de brancos é dominante nas instituições de ensino superior públicas e quando isso se rompe, esse grupo hegemônico se sente ameaçado por esse “intruso” dificultando, e em muitos casos impossibilitando a presença dele, o que torna o desafio de inserir pessoas negras ainda mais árduo tanto para o indivíduo em si, quanto para o desenvolvimento de políticas de inclusão.

Tereza foi a única docente-pesquisadora autodeclarada preta entre as entrevistadas, suas falas demonstram que o racismo direcionado às pessoas negras de pele mais escura é escancarado e mais agressivo. Contudo, em algumas de suas

falas pode-se perceber que há uma negação ou atenuação do racismo vivido, possivelmente como estratégia de sobrevivência.

Tereza: É demais você passar por locais que você percebe que você não é bem-visto, que as pessoas olhem para você e falam, não precisa nem falar, só a forma de olhar já diz isso. Então, assim, nós chegamos até aqui onde você está, aonde você chegou, onde eu cheguei é muita resiliência, tá! E a gente precisa continuar caminhando porque outras que virão depois de nós, os outros precisam da nossa força, da nossa fortaleza e do caminho que a gente está fazendo.

Sueli Carneiro (2011), apresenta que as articulações ideológicas que são induzidas pelas escolas e pela sociedade, levam as crianças a crer que ser uma pessoa branca burguesa é o grande ideal a ser conquistado. Com isso, pode-se verificar que diametralmente oposta encontra-se a mulher negra e pobre, é dessa figura que se deve fugir, essa mulher pode ser considerada um dos piores males. Com isso, é inculcado um sentimento de rejeição no qual as crianças negras são submetidas, por exemplo, através da luta pelo branqueamento, buscando sempre se relacionar afetivamente com pessoas de pele branca, ou seja, pela negação de sua própria negritude, na qual o indivíduo finge, e muitas vezes se convence, que seu gênero e a cor de sua pele não tiveram nenhuma influência em sua condição social. Cabe salientar, que mesmo em situação de imensa inferiorização, a mulher negra teve papel crucial na união da comunidade negra e sua sobrevivência resistindo aos valores capitalistas e da cultura eurocentrista.

Percebe-se nas falas de Luísa, Katherine e Dandara, todas mulheres pardas, que para elas o sexismo se sobrepõe às situações de racismo vivenciadas.

Luísa: Tenho certeza, a gente não tem certeza de nada nessa vida, mas eu diria que ser mulher atrapalha. Ser negra, talvez atrapalhe, talvez atrapalhasse, tem atrapalhado. Eu tinha um contrato de trabalho bastante instável porque eu não era contratada na época. Então tudo isso, depois do que eu fui me tocar, que isso é assédio moral, não tem outro nome. Mas com certeza complicaram, **se eu fosse um homem, tenho certeza de que ele não faria aquilo**. Então eu acho que essa foi uma situação que eu me lembro. Com assim, com muita nitidez.

Katherine: Na universidade, no nosso caso, pelo fato de ter ascendência indígena eu senti muitas vezes esse olhar diferente. Pelo fato do sotaque também, e isso marcou um pouco para mim, então como nortista, eu sempre fui uma pessoa que a gente chama de ressabiada, eu sempre tinha um pé atrás e sempre tentei marcar o meu território com uma voz mais altiva, mas um conselho que eu sempre tive do meu pai, que antes dele sair de casa, ele falou para mim: 'minha filha, independente da cor da sua pele ou da sua ascendência, se você estudar bastante, você terá o que é teu, é o teu ensino, isso ninguém vai tirar de você'. Então a gente ganha das outras pessoas com inteligência.

Dandara: Aí, eu acho que sim, eu acho que sim, eu acho ô Cinthia, acho que se fosse pelo que a gente vê, o que a gente vê é horrível. A gente vê, tem amigas, tenho é essa questão, **mais inclusive de conotação mais sexual, né, como se estivesse, é disponível, como se a mulher negra tivesse aí para isso, servisse para isso.** Então, pode até ser que sejam as duas coisas. Mas não tenha dúvida, eu tenho certeza que sim. E isso tem relação com o local que você entra, acho que principalmente aqui no sul do país, sabe? Eu acho que em Curitiba tem lugares que você vê, percebe, a forma que a pessoa te trata, te olha, eu tenho certeza de que sim, não tenho dúvida nenhuma.

Com isso, as mulheres negras consideram a militância do feminismo branco secundarizar a raça e classe em suas discussões. O feminismo hegemônico não se presta a considerar a necessidade de uma visão multifocal de como as opressões afetam as diferentes mulheres de diferentes formas, pregando uma universalidade de gênero. As questões que atravessam as trajetórias de mulheres negras não podem ser subitens de uma temática geral, que enxerga o gênero como único fator a ser observado. As dimensões racial e de classe demonstram que a cor e a condição financeira estabelecem privilégios sociais e econômicos entre as mulheres. O que torna dramática a situação de mulheres negra cis e praticamente impossível a inserção de mulheres trans e travestis na academia (GONZALEZ, 2020).

Isso se torna mais dramático no mercado de trabalho, no qual mulheres negras são preteridas (no acesso, em promoções e na ocupação de bons cargos) em função do eufemismo da "boa aparência", cujo significado prático é: preferem-se as brancas, melhor ainda se forem louras (GONZALEZ, 2020, p. 112).

Para Gonzalez (2020, p. 112), a consciência dessa exclusão foi, e ainda é, determinante para o combate ao racismo e ao sexismo, assim como

[...] o estímulo à participação política, à visibilidade, à problemática específica das mulheres negras na sociedade brasileira, à formulação de propostas concretas de superação da inferioridade social gerada pela exclusão de gênero e raça, e à sensibilização do conjunto do movimento de mulheres para as desigualdades dentro do que o racismo e a discriminação racial produzem.

Quando questionadas sobre os motivos que as levaram a seguir a carreira de docentes pesquisadoras, apesar de todas as adversidades, têm-se os seguintes relatos:

Luísa: Eu confesso que num primeiro momento eu não me via como pesquisadora, eu queria ser professora de Matemática, aluna de licenciatura, terminei meu curso. [...] eu trabalhei como professora substituta durante a graduação, isso no meu segundo ano de faculdade, e aí eu percebi que eu gostava de dar aula, e gosto, mas dar aula para criança é algo delicado, então eu me identificava com determinadas faixas etárias, e simplesmente detestei dar aula para 6ª série, e foi aí que eu me toquei, falei "não vai dar" eu não vou conseguir, eu não quero passar os próximos vinte, trinta anos com essa faixa etária, eu vou enlouquecer. Nesse meio tempo, eu percebi que o meu desempenho acadêmico era acima da média, não vou dizer que era genial, mas era acima da média e pensei: - bom, acho que o caminho vai ser prosseguir os meus estudos, tentar fazer um mestrado, mas eu confesso que eu ainda não tinha muita ideia de como seria e de quão difícil seria, eu só queria escapar da sexta série.

Tereza: Acho que minha mãe teve um peso bem grande, porque a gente é influenciado, por tudo, sempre. E eu achava muito lindo ver minha mãe de branco. Nossa, eu achava um status, e eu queria, a gente quer sempre além, eu não queria ser enfermeira como a minha mãe, técnica de enfermagem, queria ser médica. E até hoje se você faz essa pergunta, as criancinhas e as crianças querem ser médicas, é uma coisa de status. E quando eu fui fazer o ensino médio é, eu tinha isso na cabeça, eu quero ser médica.

Katherine: Eu sempre exerci a profissão da docência, quando eu estava no mestrado eu tive que trabalhar, e eu já fui docente em universidades particulares. Eu já dava aula, desde sempre. Eu lembro que na época com 18 anos de idade, quando eu entrei na universidade, a primeira coisa que eu fiz foi em busca de uma bolsa, porque eu não tinha mais o pai e a mãe para me dar o sustento. Então, estava sozinha, a gente tinha casa, não tinha que pagar aluguel, mas a gente tinha que sobreviver do restante. Então, higiene pessoal, transporte, tinha que correr atrás. Desde o início, eu sempre procurei, né, então eu disse no meu pensamento, se eu ficar dentro da universidade ganhando alguma coisa, vai ser mais fácil do que arranjar um emprego fora, que tentar conciliar as duas coisas. Então, desde a iniciação científica, sempre trabalhando com pesquisa, foi o que fez eu amadurecer sempre essa ideia de ser pesquisadora e docente. Então, eu lembro que eu ganhava 242,24 reais (bolsa de estudos), esse valor não sai da minha cabeça porque foi com o que eu me sustentei, durante muito tempo, então, desde cedo, sempre trabalhando, e eu acho que veio daí essa ideia de fazer pesquisa.

Dandara: E aí, no ensino superior, eu participei de alguns projetos da CAPES³⁰, do PADCT³¹, que era dessa área de produzir material didático, experimentos, enfim, e aí eu gostei e vi realmente que o que eu queria fazer era Química, porque depois que eu tive algumas disciplinas no meu curso, de operações unitárias, eu entendi o que o engenheiro químico faz, e não era aquilo que eu queria fazer, então eu gostei muito do curso. Me formei só que o meu curso era licenciatura, não era bacharelado. Terminei o curso e no último ano eu tive a minha filha. Então, como eu imaginava assim, olha, acho que com o salário de professor, da educação básica, eu não vou dar conta, de manter, de criar uma filha. Então eu fui fazer um mestrado, uma porque eu gostava de estudar, gostava de Química e queria continuar, então eu fiz um mestrado na USP de Ribeirão Preto, que era perto de Franca onde meus pais residiam. No início viaja todos os dias, depois me mudei com minha filha para Ribeirão Preto.

A possibilidade de ascensão a determinados postos de trabalho, e nisso se encaixa a função de pessoa docente universitária e pesquisadora, tem sido praticamente nula para a maioria da população negra brasileira. Mesmo com o crescimento, nos últimos setenta anos da classe média, o processo de acesso ao mercado de trabalho pela população negra ainda está muito distante de seu percentual na população brasileira, ainda estando relegada a uma condição de marginalidade, principalmente quando se fala de mulheres trans e travestis. Com isso, o estabelecimento de políticas de discriminação positiva ainda permanece nas mãos de uma burguesia que, mesmo progressista, não está familiarizada com as necessidades específicas dos grupos marginalizados.

Nesse sentido, é premente a necessidade do estabelecimento de intelectuais negros que saibam o porquê e para quem essas políticas devem ser pensadas. Gonzalez (2020), pontua que ser mulher negra no Brasil é ser triplamente discriminada, já que os estereótipos do racismo e do sexismo as colocam nos níveis mais altos de opressão e inferiorização. As mudanças conquistadas pelo feminismo negro estão ecoando, mas ainda há muito a ser alcançado, como salientado nas falas de Luísa e Tereza sobre a ascensão intergeracional que as lutas de raça, classe e gênero proporcionaram:

³⁰ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

³¹ Programa de Apoio do Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Luísa: Não é como se eu não tivesse tido alguém que me incentivasse a estudar, muito possivelmente, aliás, pensando uma geração antes da minha mãe, **se eu tivesse sido filha da minha avó, talvez eu fosse analfabeta hoje**. É daí que eu gosto de enxergar, poxa, fez muita diferença. Se eu não tivesse tido a oportunidade de estudar, a disciplina de estudar e tivesse encontrado as pessoas certas, não só em termos de pessoas, também a questão de você ter ensino público e gratuito no país, foi imprescindível para mim, eu não teria conseguido, de outra forma é interessante ver isso como que teria sido e como foi, eu não sei.

Tereza: se a gente não estivesse na condição que a gente nasceu, mas numa era em que a educação não era incentivada, **nós estaríamos provavelmente limpando alguns banheiros por aí**.

Gonzalez (2020), postula que a mulher negra ainda desempenha um papel extremamente negativo na sociedade brasileira, estando associada à imagem da doméstica ou da mulata “tipo exportação”. Nesse sentido, prevalece uma alienação a superexploração a qual está submetida, com isso “há que se colocar, dialeticamente, as estratégias de que ela se utiliza para sobreviver e resistir numa formação social capitalista e racista como a nossa” (GONZALEZ, 2020, p. 53).

Na sequência, as entrevistadas foram indagadas sobre as influências para escolha da carreira de pesquisadoras.

Luísa: Se hoje eu trabalho numa determinada linha de pesquisa, eu devo muito a ele (orientador) por ter me feito enxergar que tinha potencial para isso, ter confiado em mim, porque na verdade ele nunca foi meu professor de fato, ele não me conheceu em sala de aula, ele apostou no escuro, e eu fui desenvolvendo as tarefas, enfim evoluindo de maneira satisfatória e continuamos até hoje, a gente trabalha junto e acho que é a pessoa mais importante nesse processo acadêmico.

Katherine: Sim. Teve uma professora que ela não era de Manaus, ela era de Ribeirão Preto. Eu assisti uma palestra dessa professora na universidade. Ela era uma professora convidada que tinha ido para dar uma palestra e eu fui assistir a palestra dessa professora. E aí, nesse dia que eu assisti a palestra me encantei com ela. É... eu já tinha saído da iniciação científica e eu já estava buscando fazer o meu mestrado e as condições eram muito precárias naquela época, sabe? A gente não tinha muito incentivo, não tinham muitos consumíveis³², para fazer pesquisa. A gente tinha muita matéria prima da região para trabalhar, mas a gente não tinha muita infraestrutura, de equipamentos, de insumos... E aí, com toda essa dificuldade e assistindo a palestra dessa professora, eu fui até ela e perguntei “você não quer me adotar?” (risos). E daí, ela falou assim para mim, eu te adoto, desde que você consiga o dinheiro para a tua passagem, se você for para Ribeirão Preto, eu te sustento por um período até você conseguir obter os teus dados. E aí eu lembro disso como se fosse hoje, eu e uma amiga minha, também na mesma situação, a gente começou a bater nos gabinetes dos vereadores, dos deputados e pedir dinheiro da passagem para a gente para poder ir para Ribeirão Preto, e a gente conseguiu o dinheiro da passagem e foi para lá. E foi lá que abriu meus horizontes, de pensar em fazer um doutorado e ganhar mundo. Então, foi a partir daí que tudo mudou.

Tereza: Eu acho que quando eu terminei a graduação, não tinha essa consciência ainda, eu quero ser pesquisadora-cientista. Mas eu queria ir para a Física, eu queria estudar física, porque lembro que quando eu fui fazer Física-Biológica, durante o curso, percebi que a minha paixão era física, não era a área de Biologia, eu gostava muito de Biologia e hoje é muito bacana porque eu consigo ler e contribuir com outras coisas na área de Biologia, mas eu queria Física, aí eu fui fazer o mestrado em Física. No mestrado em Física eu percebi que eu queria seguir a carreira, queria ser uma cientista, e para poder fazer pesquisa eu precisava fazer mestrado, doutorado e continuar. Então foi um processo contínuo, na graduação eu me dediquei bastante, por exemplo, na iniciação científica, tanto que eu tive um artigo publicado, o professor falou “Ah, seus resultados ficaram bacanas, vamos publicar.” Então, acho que na iniciação eu fui bem incentivada a ler artigos, publicar, eu terminei de fazer o mestrado e dei continuidade.

Segundo Souza (2021), para que o sujeito seja hábil a construir enunciados sobre sua identidade com a criação de uma estrutura psíquica harmoniosa, existe a necessidade de que seu corpo seja pensado e vivido como uma estrutura prazerosa e satisfatória. Nesse sentido, na ascensão profissional de pessoas negras seus corpos são sujeitos a inevitáveis situações de sofrimentos, que podem ser atribuídas ao acaso, ou imputadas por fatores externos, tais como, os racismos estruturais e institucionais.

Com isso, esse sujeito deixa de amar e cuidar desse corpo, que é essencialmente sua condição de vida, ou seja, “A relação persecutória com o corpo

³² A entrevistada refere-se à verba par aquisição de produtos químicos para usos em experimentos e materiais de consumo, em geral.

expõe o sujeito a uma tensão mental cujo desfecho, como seria previsível, é a tentativa de eliminar o epicentro do conflito” (SOUZA, 2021, p. 12). O epicentro do conflito, no caso de pessoas expostas a ambientes racistas e hostis, é possivelmente o que proporcionará sua ascensão social e econômica, tornando cíclica a situação de pobreza intelectual e financeira as quais são relegadas às populações de pele não branca. Contudo, as entrevistadas conseguem, devido aos esforços extremos, fazer a ruptura desse paradigma, contudo acabam por aderir inconscientemente a um discurso meritocrático.

Conforme discutido no Capítulo III, as mulheres negras brasileiras, devido ao mito da democracia racial, não são racializadas, nesse sentido, o poder público vem estabelecendo ao longo dos anos poucas políticas públicas que atendam às suas condições específicas de inserção no mundo social, do trabalho. Essas mulheres têm desafiado o mito da democracia racial e buscado se inserir em espaços ocupados majoritariamente por homens e mulheres brancas, em muitos casos o fazem de maneira inconsciente, já que os feminismos negros permanecem circunscritos a uma elite intelectual dentro da academia que pesquisa a condição da mulher negra, mas falha ao difundir o ativismo dos feminismos negros fora da academia.

Ao serem questionadas “o que é ser uma pesquisadora negra na área de Ciências Exatas?”. As entrevistadas relatam:

Luísa: Eu não me considero uma heroína, encontrei as pessoas certas no meu caminho. Se eu não tivesse uma mãe que falasse ‘a única coisa que eu tenho para te dar é o estudo’ e é a única maneira que você tem para melhorar a vida, eu não teria chegado aonde eu cheguei. Se eu não tivesse encontrado o meu orientador, que foi a primeira pessoa que academicamente confiou em mim. Então foi uma série de coisas que aconteceu da forma correta, tem o meu método pessoal, seguramente que tem. Mas que foi facilitado por ter encontrado essas pessoas corretas no meu caminho, e eu quero crer que isso inspire pessoas, por exemplo, nós somos professores e formamos opiniões, os alunos, por incrível que pareça, se inspiram na gente. [...] A motivação é você querer ir para frente, e eu sei que sou minoria, e isso me enche de orgulho, mas sei que foi facilitado porque encontrei as pessoas certas no meu caminho e fiz a minha parte, acho que isso deu certo, de alguma maneira.

Dandara: É, na verdade é isso aí, sempre que talvez a gente que não perceba, né, Cinthia? Assim, é essa questão de a gente achar, por exemplo, como eu falei, que eu sempre achei, foi pela questão feminina, sexista, você é mulher. Mas também poderia estar por trás disso, essa questão de ser negra também. Então, eu pelo menos nunca ouvi explicitamente de ninguém, assim no meu ambiente profissional, pouquíssimas vezes, eu acho que eu fui aquilo que eu te falei. Eu acho que por estar na Universidade, um ambiente que acho que os professores, por mais que tenham preconceito, mas eles conhecem um pouco mais as consequências desse tipo de atitude racista, de preconceito, eles podem até pensar, mas eu acho que eles evitam falar, sabe, mas o que eu senti mais mesmo na pele, isso é, até hoje, até hoje, o lugar que você vai, você toma Uber, a pessoa pergunta, mas você é casada? Você mora sozinha? Umas coisas assim que se fala. E qual é o problema? O que até hoje é isso aí... eu acho que é isso, é muito forte, sabe? É muito forte.

Tereza: Eu acho que ser uma pesquisadora é uma responsabilidade muito grande, é a responsabilidade de fazer uma pesquisa de excelência, mas ao mesmo tempo uma responsabilidade em relação à comunidade negra. **É deixar claro para as crianças negras que elas podem estar onde eu estou.** Então, eu descrevo que a pesquisadora negra é diferente das demais pesquisadoras, elas têm essa responsabilidade, as demais pesquisadoras já têm essa responsabilidade de mostrar para as meninas que elas podem ser pesquisadoras, que elas podem ser do jeito que elas quiserem e escolher o que elas quiserem ser. A pesquisadora negra ela tem esse item a mais, tem que mostrar para as meninas e mostrar para os meninos e mostrar, em especial, para a comunidade negra que eles podem estar aqui. E como que você vai falar isso com uma criança? É muito difícil, porque a gente sabe a realidade de nossa população negra, que é a base da base da base da pirâmide econômica no país. **Não é simplesmente você chegar e falar, olha, eu consegui, você também consegue isso é muito ilusório.** Eu acredito que ser pesquisadora negra hoje, é eu estar aqui, você está aí, foi uma sorte, uma sorte de onde nós nascemos e do tempo que nós nascemos, porque às vezes você discute com algumas pessoas, elas falam “Ah! Mas veja, no esporte os negros eles são ricos, como Pelé, e se destacam.”, ou o Neymar que é pardo. Foi sorte, se eles tivessem nascido, em outras épocas em que o futebol não é valorizado, eles não seriam ricos e seriam negros, se eu e você se a gente não estivesse na condição que a gente nasceu, mas numa era em que a educação não era incentivada, nós estaríamos provavelmente limpando alguns banheiros por aí.

Então, hoje você ser negro, é uma mistura de oportunidade com sorte, não é simplesmente olha, eu cheguei, você vai chegar. Não, talvez daqui quinze ou vinte anos as coisas mudem, e a pessoa que nasceu, ela não vai ter a mesma sorte que a gente teve. Então, eu acho um pouco ilusão, mas ao mesmo tempo a gente está caminhando para uma época que existe uma valorização da educação. Então isso nos dá esperança de falar assim, ‘eu fiz tudo isso para chegar aqui, e eu estou aqui, você está aí’. Com o objetivo de daqui uns quinze anos, quem tiver no nosso lugar e não vai falar eu fiz tudo isso, e o meu caminho foi esse, então vai ser um caminho de luta, mas um caminho mais suave. **Então, respondendo essa pergunta, eu descrevo a pesquisadora negra, eu como uma pesquisadora, com uma responsabilidade muito grande de mostrar para as meninas negras que não é fácil, mas que é possível, que elas vivem num momento em que é possível sim, nos próximos vinte, ou nos próximos quarenta anos, se elas quiserem estar aqui, vai ser possível.**

Katherine: Os aspectos positivos eu sempre pensei nessa maneira, com relação a essa diferença que você vai criando uma armadura ao longo do tempo. Eu criei essa armadura, eu já não me vejo mais tão frágil, por exemplo, se uma pessoa falar alguma coisa para você e você ficar quieta, não retrucar, não se impor. Mas eu acredito que muitas pessoas não consigam fazer isso, né? Então muito do que eu consegui para mim como profissional e o fato de chegar aonde cheguei é que eu fui muito positiva com relação a isso. Então a minha luta ela foi mais diária comigo mesma do que com o que estava me atacando, então por conta de eu criar essa armadura, eu consegui ir mais longe, sem muito sofrimento.

Lógico, é óbvio que a gente sente, ainda tenho algumas lembranças ruins, de alguns episódios, que aconteceram, quem diz que não existe racismo, está mentindo, existe hoje em dia, muito próximo da gente, a gente ainda tem isso, as pessoas fecharem os olhos para isso é que é o pior ainda, né? É, e o fato de eu sempre lidar de uma maneira muito natural com isso, pelo fato dessa armadura que eu criei, é que fez com que eu chegasse onde eu cheguei. Então, existe os processos aonde você tropeça, existe, por conta do racismo, existe. [...] Os pontos positivos são você poder lutar contra isso e fazer outros entenderem que não pode continuar assim. Eu lidei com isso com muita maturidade, pelo fato da armadura, que eu criei, mas que existe, existe. E a gente lida com isso quase no dia a dia. Quanto aos aspectos negativos, é que você sempre vai ficar lidando com algumas pessoas racistas ainda hoje em dia.

Nesse trecho, pode-se observar o caráter sistêmico do racismo. Em uma sociedade tão estratificada socialmente como a brasileira, se percebe nas falas das entrevistadas um discurso que remete à meritocracia, no qual, o único responsável por sua ascensão é o esforço pessoal, e no caso das entrevistadas o incentivo recebido por terceiros e até a própria sorte.

Quando questionadas sobre os efeitos da cor de sua pele em relação aos momentos difíceis que enfrentaram em sua carreira, as entrevistadas refletem que a falta de consciência de sua negritude, de alguma forma, as poupou de sofrimento, já que em muitas situações não faziam relação entre as violências sofridas e a cor de sua pele. Entretanto, as questões de classe social e gênero, sempre pareceram ser decisivas nas discriminações sofridas.

Luísa: Vamos dizer que não facilitou, eu não sei se relaciona com essa questão ou não, mas antes de vir para cá, trabalhar aqui no departamento, neste departamento, eu tive uma passagem relâmpago por uma outra instituição em Joinville, e ali eu acho que realmente eu me toquei desse tipo de coisas. Porque insisto que até não muito tempo atrás, eu não tinha muita consciência de aspectos raciais e de como isso impactaria. Para falar bem mesmo, **eu me nem enxergava como negra. Repito, não me enxergava como tal e também não via como isso tinha afetado na minha trajetória, eu não via simplesmente, não via.** E ali aconteceu, algumas coisas aconteceram, alguns episódios meio interessantes, eu tinha recém-chegado à universidade e estava procurando casa para alugar, e aí um colega do departamento, chegou a falar: 'Ah! Vai, marca com a minha mulher que a minha mulher vai te ajudar, nisso', não preciso de ninguém que me ajude basta o endereço da imobiliária, não disse de maneira tão grosseira, mas não preciso. Aí ele foi e falou, 'Mas ela é loira', e eu quase respondi: e eu com isso, né! Mas aí você começa a se tocar de certas coisas, por exemplo, se eu fosse um homem eu precisaria de acompanhante? Provavelmente não, seria capaz de ir à imobiliária sozinha. Se eu fosse loira, eu precisaria de outra loira para me acompanhar até a imobiliária? Não, mas seja por simpatia, ou no intuito de ajudar ou de ou mesmo de sei lá de esculachar mesmo, ali ficou claro que não era o meu lugar, eu me senti naquele momento, me sentia fora de lugar e talvez, se eu tivesse permanecido naquele ambiente eu teria tido problemas, de fato, de me enxergar como uma pesquisadora de valor, de me sentir uma profissional de valor, porque essas coisas seguramente me afetariam, essa foi uma experiência que eu me recordo.

Tereza: Tá, essa é uma pergunta complexa, mas é muito importante. Eu acho que a comunidade negra, falando um pouco de mim, que abduquei de muita coisa para estar aqui, enquanto os meus amigos, às vezes era uma percepção que eu tinha, mas eu tinha sim. [...] Então, eu tinha que a todo momento mostrar o meu valor. Eu sabia que eu tinha que ser mais. Eu sabia que eu não poderia ser nível mediano, sabia que tinha que ir além para mostrar minha capacidade e isso acaba cansando, isso nos cansa, porque todo mundo diz 'se você vai ficar no emprego, tem que mostrar que você tem capacidade', de que aquilo não foi algo que você ganhou porque alguém que te achou bonito, não. Eu estou aqui pela minha capacidade. Então essas coisas eu posso dizer que configura a vida de qualquer pessoa negra, seja homem, seja mulher, mas principalmente mulher. A gente tem que mostrar que a gente é bom, por isso que a gente está ali e isso foi sempre, principalmente durante a graduação, mestrado, doutorado, para as pessoas acreditarem.

Katherine: Eu acho que prejudica em todos os sentidos, nós mulheres, todas nós mulheres, né? Nós sempre temos algo que nós deixamos de fazer a contento por conta de sermos mulheres, porque ainda nós vivemos numa cultura machista e a gente lida com isso.

Tanto é que a gente ainda, além de ser mãe, tem que ser esposa, tem que ser pesquisadora, tem que ser professora e a tem que ainda ser amiga.

A gente ainda tem os amigos, né? A gente tem que viver uma vida social e é muito difícil para nós, como mulheres, porque a gente sempre tem que estar fazendo alguma coisa a mais, temos que trabalhar mais porque nós somos mulheres? Eu sempre discuto isso em casa, porque nós somos pesquisadores, o meu marido é também pesquisador, professor e pai. Eu sou mãe, pesquisadora, mas com certeza, por exemplo, se eu chego em casa, eu ainda vou trabalhar. E a gente discute muito isso, porque existem alguns homens que pensam: ah, porque, eu sou homem, eu vou chegar em casa, eu vou sentar, vou ficar de perna pro ar. Não, não é assim. A mesma coisa que eu, eu estou trabalhando fora, por que que eu tenho que sair do trabalho e ir para casa, e fazer mais coisas sem ter um apoio do meu cônjuge? Porque que eu não posso ter o privilégio também, de sentar e descansar, eu acho que o pensamento deles ainda continua muito machista, é por conta da cultura machista que ainda impera. Então, é essa dificuldade, eu poderia fazer mais coisas, vivenciar mais coisas, e ter prazer em mais coisas. Eu poderia ter tudo isso a mais, se eu fosse um homem? Sim, é verdade, isso é verdade, para algumas famílias. Por que eu tenho que sofrer tudo isso?

Então a gente ainda tem, né? Então, por isso eu acho que hoje em dia, isso tudo tem que ser debatido, isso tudo tem que ser discutido. A criação que você dá ao seu filho, ela pode mudar tudo isso.

Porque a partir do momento que você diz para o teu filho, olha, você tem que chegar em casa, você tem que lavar o copo da água que você tomou, esse seu sapatinho que você jogou aqui, você vai lá e põe numa sapateira, você arruma a sua cama, você vai ter que ir lá, você tem que lavar a louça, não quer lavar louça, mas você vai então vai fazer a janta. Então, se você criar este menino, nesta cultura, ele não vai ser aquele adulto com aquele pensamento machista que ele tem que chegar em casa, sentar no sofá e assistir televisão enquanto que a irmãzinha dele, a menina tem que ir para a cozinha e tem que cozinhar. Entende? Então, nós, mulheres, por conta de a gente ter vivido dentro dessa cultura machista, a gente ainda continua com alguns hábitos machistas, a gente já chega em casa, já vai assim doutrinada, chega e vai fazendo as coisas. Não, não tem que fazer as coisas, você tem que dividir primeiro porque eu tenho o mesmo trabalho que o seu. Eu trabalho, inclusive até muito mais, entende? Por que eu tenho que fazer tudo? Não, não tenho que fazer tudo, né? **E eu acho que essa cultura machista ainda está na nossa cabeça, como uma tatuagem e a gente tem que mudar esse ponto de vista.** É, a gente tem que dividir mais, né? E, principalmente, a contribuição do parceiro. Ela é fundamental dentro desse círculo vicioso.

Dandara: Na verdade, a vida pessoal eu sempre me coloquei assim, você está sempre, vamos dizer assim, com a faca, com as armas, está armada, para tudo, porque você passou por isso, sentiu e aí como eu te falei ainda passo por isso. Se a gente se cala, se você não fala, se você não exige, se você não se impõe, eles passam por cima. É essa a impressão que eu tenho, sabe? Então, a gente passa por ser, às vezes assim belicosa, briguenta. Enfim, mas eu sempre fui assim porque eu penso que a gente tem que mostrar para as pessoas, não é porque eu sou mulher, não é porque eu sou negra, eu sou menos. É, vamos ver assim, pela competência, pela habilidade, enfim, do que você tem, mas a capacidade que você tem que desenvolver. Então isso influenciou, eu penso nisso, eu sempre já vou armada, esperando que isso possa acontecer mais, já vamos dizer com o argumento, e já esperando que isso pode acontecer, porque algo assim que eu acho que deve ser muito difícil, no dia a dia você se deparar com isso e não estar esperando.

Então você está sempre armada assim, sabe? Você está sempre pronta, né, para essas coisas, como responder, como enfrentar esses problemas, suas dificuldades, seja com homem, seja cantada, seja algumas coisas que você ouve do pessoal no interior, eu já fui em festa de família, família não a minha, família de parente, do meu cunhado, que é como o pessoal, bem assim da roça, pessoal muito machista mesmo, 'Você é solteira?', 'Você é xoxoteira?' Esse tipo de coisas. Então influencia na minha vida isso, eu estou sempre armada, sempre preparada, estou sempre me defendendo, estou armada, pensando em argumentos. De como me defender, porque se você não se defender, se você deixar, o pessoal tratora, passa por cima.

Então eu não me calo não, sabe? Não me deixo nem abater, não deixo ser algo, se alguma coisa assim que não vale a pena, se eu tenho outra opção, que é um serviço, alguma outra coisa e tal, deixo para lá, mas a gente não pode, eu acho que isso aí é uma luta que se a gente aceitar. É o que acontece que a gente vê aí na televisão, né? Quantas mulheres negras aí que são mortas diariamente, né? Por marido, por parente, pelo pai. E a gente tem filhos e essa sociedade, se a gente não lutar... Eu acho que a esperança nunca a gente pode perder e lutar sempre, sabe? Então acho que isso influencia muito nesse meu jeito de me impor, a sociedade, em todas as situações da minha vida, acho que é isso.

A violência enfrentada por pessoas negras, leva, coercitivamente, ao ponto central de seu desenvolvimento. Para além dos impeditivos sociais e financeiros, essas pessoas são simbolicamente violentadas de forma contínua e cruel. Sem direito a descanso, pausa ou repouso, restando anular a negritude de seu corpo com o único objetivo de sobreviver ao ambiente branco, masculino e cisheteronormativo do mundo acadêmico (SOUZA, 2021). Logo, ao encarar esse ideal, acabar por embranquecer para sobreviver, conforme postulado por Fanon (2008).

Nesse ponto, me permito utilizar a primeira pessoa do singular para concluir minha análise. Ser uma mulher negra pobre é ser triplamente violentada, diariamente travo minha batalha por sobrevivência, nós somos solidão, nossa batalha é tão extenuante que constantemente penso em desistir. Sempre digo que chegamos nesse local com nossos dentes e garras, brigando e resistindo. A batalha travada pelas irmãs

que nos antecederam, nos permitiu estar aqui hoje, mas a nossa ainda é muito pesada. Temos que “nos provar” sempre, somos desqualificadas constantemente por nossos pares. Mas mesmo assim, a esperança de que nossas filhas, sobrinhas, netas e todas as meninas negras que virão travar suas próprias batalhas tenham um caminho mais livre nos faz continuar e foi essa esperança que me permitiu concluir essa pesquisa.

No próximo capítulo, serão apresentadas as impressões finais decorrentes da confecção dessa tese.

IMPRESSÕES FINAIS

Para Fanon (2008), a alienação da pessoa negra é de natureza intelectual, na medida em que é desligada de sua raça na concepção de uma cultura voltada ao Norte Global, os negros são subalternizados por uma cultura narcisista na qual o pacto da branquitude permanece baseado na exploração de indivíduos subalternizados e de sua dominação ao serem estabelecidos como “raça inferior” para burguesia opressora e detentora dos processos sociais de dominação.

Nesse sentido, é fundamental buscar desconstruir o mito de que negros são biologicamente preguiçosos, lascivos, selvagens e burros. De acordo com Fanon (2008), a animalização da pessoa negra afirma a necessidade de desconstruir o mito do racismo científico e desmistificar a “negra de alma branca”, citando vários exemplos do “apesar de ser negra...”, “mesmo sendo negra...”, que ainda é tão disseminado, sobretudo no Brasil, onde se vive fantasiando uma suposta democracia racial, que não existe.

Nesse sentido, pode-se afirmar que as entrevistas produzem sentidos através de um esforço para desalienação, que é de natureza intelectual, pois se vive numa sociedade que concebe a cultura europeia como um meio de desligar a população negra de sua raça, estabelecendo um ideal de branqueamento ao qual a pessoa negra deve almejar se desligando de sua raça e de sua ancestralidade. Um ponto que se pode destacar é o fato de nenhuma das entrevistadas, bem como a autora dessa tese, seguir religião de matriz africana, todas estão inseridas em religiões cristãs, evidenciando um desligamento de sua ancestralidade.

Percebe-se que o racismo e o sexismo atuam de forma sistêmica, interseccionando gênero, raça e classe, na trajetória dessas mulheres, e são praticados de maneira consciente ou inconsciente, mas são opressões constantes vivenciadas desde o início de suas carreiras até sua aposentadoria. Como a UFPR está localizada na região Sul do Brasil, que foi colonizada principalmente por imigrantes europeus, essas opressões são acentuadas pela baixa representatividade de indivíduos de pele não-branca, criando um ambiente hostil a sujeitos marginalizados e subalternizados.

É importante frisar que as relações de poder são desiguais estratificando socialmente indivíduos que deviam ocupar as mesmas posições dentro do ambiente

acadêmico. Evidenciando o racismo estrutural, institucional e o sexismo que permeiam as organizações. As entrevistadas possuem a mesma qualificação profissional de seus pares, mas relatam constantes sabotagens, discriminações e opressões ligadas ao seu gênero e raça. Nesse sentido, mesmo galgando uma suposta ascensão social, elas são tratadas como indivíduos de segunda classe, precisando constantemente provar sua capacidade intelectual sob intensa pressão psicológica. Ao se imporem são taxadas como agressivas ou loucas, e ao se conterem são silenciadas.

Nesse ponto, retorna-se ao postulado por Almeida (2019), o racismo não se resume apenas a comportamentos e atitudes pessoais, está estruturado e enraizado no funcionamento das instituições perpetuando os brancos no poder, aqui não se utiliza o termo “raça branca”, já que brancos não são racializados. Essa perpetuação de uma burguesia branca nos locais de poder, permite também, que as micro agressões sejam toleradas e até mesmo normalizadas no ambiente acadêmico. Se sabe que elas ocorrem, mas poucas medidas são adotadas para que elas cessem.

Isso é fruto da estabilidade das instituições nos sistemas sociais, elas absorvem esses conflitos e antagonismos, e os comportamentos e ações dos indivíduos permanecem calcados em uma estrutura racista estável. Entretanto, cabe destacar que todas as entrevistadas e a autora dessa tese, ingressaram no ambiente acadêmico em período anterior ao estabelecimento de políticas afirmativas, que vêm permitindo a inserção de pessoas negras no ambiente acadêmico. Com isso, se pode inferir também, que o sentimento de abandono vivido por essas mulheres é também fruto de um isolamento social imposto aos sujeitos subalternizados que conseguiram ingressar na academia antes da criação dessas políticas.

As falas das entrevistadas corroboram com as ideias de Almeida (2019), ou seja, de que o racismo institucional se baseia no fato que os conflitos raciais são parte das instituições, a pessoa negra é vista como intrusa nesses espaços e sua permanência ali é constantemente combatida. E assim se perpetua a branquitude nas instâncias de poder, os brancos se utilizam dos mecanismos institucionais disponíveis para manter a hegemonia racial dessas instâncias para impor seus interesses políticos e econômicos. Assim, a concepção de racismo institucional trata o poder como elemento central das relações raciais por intermédio da dominação de um grupo em relação ao outro, detendo o poder dos que exercem domínio e sua manutenção,

adquirido ao institucionalizar seus objetivos e interesses através de regras e padrões de conduta afim de manter os demais grupos subalternizados.

Vê-se que o racismo se perpetua pela inércia das instituições que podem e devem combater os mecanismos discriminatórios e ressignificar as relações raciais, atribuindo, inclusive, discriminações positivas aos grupos historicamente subalternizados. Assim, pode-se concluir que o racismo é decorrente da própria estrutura e de como se estabelecem as relações econômicas, sociais, políticas, jurídicas e as relações familiares. Percebe-se, nesse sentido, que o racismo relatado pelas entrevistadas é estrutural, uma vez que ocorre em uma sociedade na qual o racismo é regra, e não exceção, e isso se perpetua dentro das organizações (ALMEIDA, 2019).

Os racismos estrutural e institucional e o sexismo são tradição no Brasil, são legados de geração para geração, são parte dos processos sociais e em muitas situações, como se pode perceber pelas falas das entrevistadas, já não ocorrem de forma velada, o racismo é escancarado e muitas vezes enaltecido através de uma cultura que o define como vitimismo. Assim, além de medidas de coibição dos racismos individuais e institucionais, é fundamental promover profundas mudanças nas relações sociais, políticas e econômicas (ALMEIDA, 2019). Essa exacerbação do racismo e do sexismo no Brasil, também pode ser atribuída ao incentivo desses comportamentos pelo governo de extrema-direita do período de 2019 a 2022, que incentivou constantemente o ataque às mulheres, membros da comunidade LGBTQIA+ e negros, mesmo a universidade sendo, em geral, *lócus* de combate ao fascismo, os ataques às pessoas subalternizadas e marginalizadas foram exacerbados.

Por fim, é fundamental compreender o racismo e o sexismo como processos políticos que estão arraigados nas relações de poder, sendo seu principal objetivo manter a hegemonia branca nas posições de poder, negando sua própria existência através do mito da democracia racial. Nesse ponto, é fundamental observar que mulheres negras têm combatido o racismo e o sexismo e vêm sistematicamente se estabelecendo como intelectuais pesquisadoras e combatentes das desigualdades sociais e lutando pela justiça social. Essas mulheres, a despeito da estrutura social vigente, produzem conhecimento em contexto de extrema adversidade. Com isso, é

preciso perceber através de lentes multifocais, bem como da discussão de raça, classe, gênero e sexualidade, como componentes interseccionais para manutenção dessas desigualdades, e assim a partir dessas adversidades promover e estabelecer políticas comprometidas com a justiça social.

POSFÁCIO

Escrever esse posfácio é uma tarefa muito difícil, tão difícil quanto ser uma pesquisadora negra, quanto ser uma mulher negra. Tudo nos é diuturnamente negado, a educação, a ascensão financeira, o crescimento profissional, a afetividade e o amor. É nossa obrigação ser forte, mas sem deixar de ser cordata, mansa, qualquer coisa que ousemos falar mais alto ou se somos minimamente incisivas em nossas opiniões, somos lidas como raivosas, parece que sempre estamos atacando, mesmo que estejamos apenas nos defendendo, mesmo os que “se dizem aliados” quase nunca enxergam os ataques que sofremos, só veem quando reagimos.

Todo esse cenário, é desgastante. Além de nos ser exigido uma dedicação muito maior, temos que provar constantemente nossa capacidade. Nossas dores são sempre diminuídas, estamos posicionadas no local do “ela aguenta”, e essa é a herança do período de escravização. Além de toda opressão de gênero, há a opressão racial, e essa não dá trégua. Estamos fora do “padrão”, somos esteticamente menosprezadas e atacadas, vivemos a solidão e o abandono afetivo quando ousamos ascender intelectual, profissional e financeiramente. Nos vemos sozinhas, lutando, são tantas batalhas e tão poucas vitórias que essa luta vai se tornando extenuante, eu mesma não consigo mais chorar, não vivemos, sobrevivemos.

Outro dia, conversando com uma irmã preta, falei de minhas dores, ela falou das delas, mesmo estando em profissões totalmente diferentes, essa irmã, cujo nome não consigo mais lembrar, nos conhecemos em uma feira de artesanato, me marcou profundamente, estar diante dessa mulher parecia em frente a um espelho. Sofremos as mesmas dores, temos as mesmas preocupações, a mesma solidão. Temos amigos, pessoas especiais, elas nos fazem felizes, mas a certeza de que podemos perder essas pessoas, nos entristece e aflige. É fato que eu, Cinthia, tenho muito a agradecer, encontrei pessoas incríveis, que me amaram e me ajudaram, eu também as amei e ajudei, mas ainda sinto que a minha luta e de tantas outras irmãs é solitária.

Ser uma mulher negra é um ato de resistência, é sobreviver em condições inóspitas e degradantes. Mas também, devo dizer, que é um ato de amor, do amor pelas nossas ancestrais, e pelas nossas descendentes e pelas meninas nem

conhecemos. É solitário, mas também é coletivo. É solitário porque a luta é muito intensa é cansativa e dolorosa. Mas é coletivo, porque lutamos por todas, por cada uma de nós, cada vitória que alcançamos permite que mais uma menina negra vença no futuro.

A Cinthia de hoje, a mulher pesquisadora negra, e ressaltado pesquisadora negra já que minha cor foi determinante na minha trajetória pessoal e profissional, não é a mesma Cinthia pesquisadora de dez anos atrás, aquela, que foi importante, mas achava que era necessário embranquecer para ser aceita, que estava ali porque merecia, porque se esforçou mais que os outros, essa não existe mais. A de hoje, é essa que ostenta com orgulho o título de pesquisadora negra. Mesmo ainda sendo muito difícil para mim dizer “a pesquisadora Cinthia”, confesso que não consigo enxergar essa mulher no espelho todos os dias. Ela é como uma dupla personalidade, está dentro de mim, mas nem sempre se manifesta. Ela ainda está insegura, presa aos estereótipos de que uma mulher como eu não pode estar nesse lugar que hoje ocupo. Nesses dias tenho vontade de desistir, de me esconder e deixar tudo de lado, mas esses dias estão sendo vencidos, um por um.

Nesses dias, busco força nas minhas irmãs pretas, na fabulosa mulher que conheci na feira, que me abraçou e disse “Irmã! Não sobreviva, viva! Estou orgulhosa de você!”. As mulheres que dividiram suas trajetórias para que essa tese pudesse ser construída, reavivando sentimentos que as dilaceram, momentos que preferimos esquecer, mas que nos transformaram no que somos hoje. Nossas mães e avós, que passaram por vidas de exploração, física, mental e financeira, mas que mesmo assim nos trouxeram até aqui.

Então, digo a Cinthia, pesquisadora negra do futuro “Resista! Isso está dentro de você”, e como uma de minhas irmãs-entrevistadas disse “mantenha sua voz ativa!”. Tenho certeza de que as lutam doerão menos, serão travadas com mais calma e amor, sem machucar tanto a mim e as pessoas que me rodeiam, pois as vezes tudo é tão intenso que acabamos ferindo quem nos ama e apoia. Mas essas batalhas sempre estarão lá e temos que travá-las.

A Cinthia de amanhã, não sei como estará. Mas espero que ela seja mais segura e confiante que a de hoje, que as lutas machuquem menos e que ela possa fazer mais que a de hoje, com mais calma e com muito mais amor. Mas sempre com

a voz altiva, com a força que só uma mulher negra possui. Assim, cada vez mais irmãs estarão no mesmo local que estou agora, finalizando uma tese de doutorado, fazendo suas pesquisas. Sei que isso vai demorar, mas um dia estaremos lá. E é por isso que a Cinthia de ontem e a Cinthia de hoje não desistiram da Cinthia do amanhã, e de tantas outras que virão depois de mim.

Obrigada minhas irmãs, as suas dores e suas batalhas me fizeram chegar aqui, no final dessa tese.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Rozana Rodrigues de. **RELAÇÕES DE GÊNERO, PODER E RESISTÊNCIAS**: narrativas de mulheres cientistas no continente antártico. 2020. 156 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2020.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais).
- ANDRADE, Sandra S. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. *In*: MEYER, Dagmar E.; PARAÍSO, Marlucy A. **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições LTDA, 2012. p.173-194.
- BAMBIRRA, Natércia Ventura; LISBOA, Teresa Kleba. “Enegrecendo o feminismo”: a opção descolonial e a interseccionalidade traçando outros horizontes teóricos. **Revista Ártemis**, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 270-284, 11 jul. 2019. Portal de Periódicos UFPB. <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.40162>.
- BEZERRA, Carolina Salviano. **VOZES DE MULHERES NA ACADEMIA**: desmantelando armadilhas para nos invisibilizar. 2020. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ensino e História da Matemática e da Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Censo do Ensino Superior**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>, acesso em 07 de janeiro de 2021.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade Social no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011. 190 p.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021. 287 p.
- COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022. 422 p.

CONCEIÇÃO, Caliane Costa dos Santos da. **HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS NEGRAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO IFBA: e eu, eu não sou uma cientista?** 2021. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal da Bahia, Salvador, 2021.

COSTA, Luisa Brandão; COSTA, Júlia Pagano; KAHHALE, Edna M. S. Peters; BRAMBILLA, Beatriz Borges. **Ansiedade ou cisheteronormatividade?** Um estudo de caso na clínica em psicologia sócio-histórica. Mosaico: Estudos em Psicologia, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 65-82, 2023.

CORDEIRO, Jane Cleide de Almeida. **ENTRE MITOS E INTERDITOS:** uma reflexão sobre a segregação feminina na matemática. 2019. 78 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Acadêmico em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244p.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** Salvador: Edufba, 2008. 194 p.

FERREIRA, Lola. **Menos de 3% entre docentes da pós-graduação, doutoras negras desafiam racismo na academia.** 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/menos-de-3-entre-docentes-da-pos-graduacao-doutoras-negras-desafiam-racismo-na-academia/>. Acesso em: 01 jul. 2021.

FIELDS, Karen E.; FIELDS, Barbara Jeanne. **Racecraft: the soul of inequality in American life.** London: 2014.

FREIRE, Sergio. **Análise de Discurso:** procedimentos metodológicos. São Paulo: Instituto Censur: Educação e Gestão do Conhecimento, 2014. 57 p.

GIBBS, Graham R. **Análise de Dados Qualitativos.** Tradução de: COSTA, Roberto Cataldo. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOMES, Nilma. L. Libertando-se das Amarras: reflexões sobre gênero, raça e poder. **Currículo Sem Fronteiras**, [S.L.], v. 19, n. 2, p. 602-627, 15 set. 2019. Currículo sem Fronteiras.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: ensaios, intervenções e diálogos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 375 p.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Josinete Pereira. **TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS NA REGIÃO NORTE DO BRASIL**. 2020. 179 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Para Ciência, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2020.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

MAIATO, Alexandra Moraes. **ATIVIDADES LABORATORIAIS**: desenvolvimento do autoconceito e das crenças de autoeficácia e a minimização dos estereótipos de gênero na escolha profissional das meninas na área das ciências. 2019. 228 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande, 2019.

MEKSENAS, Paulo. **Aspectos metodológicos da pesquisa empírica**: a contribuição de Paulo Freire. Revista Espaço Acadêmico, n. 78, ano VII, nov/2007. Disponível em:
<http://www.espacoacademico.com.br/078/78meksenas.htm>

MORAIS, Rodrigo Fernandes. **Identidades racializadas e a atitude de negras(os) frente à física**. 2019. 197 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ensino de Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MOROZ, Melania e GIANFALDONI, Mônica Helena T.A. **O processo de pesquisa: iniciação**. Brasília: Editora Plano, 2002.

MULHER do fim do mundo. Intérprete: Elza Soares. Compositor: Alice Coutinho; Rômulo Fróes. *In: A MULHER do fim do mundo. Intérprete: Elza Soares. [S. l.]: Circus, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6SWIwW9mg8s&ab_channel=ElzaSoares. Acesso em: 1 dez. 2023.*

NEVES, Marcos Rogério *et al.* Relação com o saber e necessidades profissionais de um professor de matemática. **Anais do IV SIPEM**, Taguatinga, v. 1, n. 1, out. 2009.

PASSOS, Joana Celia dos *et al.* A associação brasileira de pesquisadores(as) negros(as) e a produção de conhecimentos: o que pesquisam as mulheres negras? **Anais do IX COPENE**, Dourados, v. 1, n. 1, p. 1-1, jul. 2016.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. São Paulo: Pontes, 1997.

PEREIRA, Juliana Cardoso *et al.* O Jornal da Ciência e a visibilidade de gênero: igualdade e diferença. **Anais do XII ENPEC**, Natal, v. 1, n. 1, jun. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 112 p. (Feminismos Plurais).

RICARDO, Tainá Aparecida Araújo *et al.* Escurecendo a Universidade: racismo, saúde mental e subjetividades. **Anais do X COPENE**, Uberlândia, v. 1, n. 1, out. 2018.

RIZZO, Tamiris Pereira. **“TUDO QUE NÓS TÊM É NÓS”**: lugares da negritude e práticas político-pedagógicas de coletivos negros na universidade. 2021. 304 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

ROSENTHAL, Renata. **Ser mulher em Ciências da Natureza e Matemática**. 2018. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ser Mulher em Ciências da Natureza e Matemática, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SACHS, Juliane Priscila Diniz. **UMA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO INICIAL DE DOCENTES ACERCA DE UMA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA EQUITATIVA EM GÊNERO**. 2019. 552 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação

em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

SILVA, Maria do Rosario de Fatima Vieira da. Professoras negras universitárias: militância e identidade. **Anais da 40ª Reunião da ANPEd**, Belém, v. 1, n. 1, p. 1-1, out. 2021.

SILVA, Thais Barcelos Dias da *et al.* A trajetória de um professor negro na universidade questões culturais e currículo. **Anais da 32ª Reunião da ANPEd**, Caxambu, v. 1, n. 1, p. 1-1, out. 2009.

SOARES, Cristiane Barbosa. **INTERSECCIONALIDADE DE GÊNERO E RAÇA NA DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR: REPRESENTATIVIDADE, VISIBILIDADE E RESISTÊNCIA**. 2020. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Pampa, Uruguai, 2020.

SOUZA, Juliana Boanova. **A invisibilidade do gênero nas discussões das mulheres professoras de Matemática**. 2020. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 171p.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXOS

ANEXO I – METODOLOGIAS DE ANÁLISE DOS DADOS ENCONTRADAS NAS TESES E DISSERTAÇÕES MAPEADAS NO CTD-CAPES.

METODOLOGIA DE ANÁLISE	TRABALHOS MAPEADOS	PORCENTAGEM
ANÁLISE DE CONTEÚDO/ANÁLISE DE CONTEÚDO CONTEXTUALIZADA/ANÁLISE DE CONTEÚDO TEMÁTICO CATEGORIAL E QUALITATIVA	36	22,64%
Análise Qualitativa	16	10,06%
Análise De Discurso	13	8,18%
Análise A Partir Do Referencial Teórico	12	7,55%
História Oral	12	7,55%
Análise A Partir Da Arqueologia Foucaultiana/Análise De Discurso Foucaultiana/Arqueogenealogia/Escrita De Si/Genealogia	8	5,03%
Análise De Narrativas/Trajelórias	7	4,40%
Análise Quantiqualitativa	6	3,77%
Análise Textual Discursiva	6	3,77%
Resumo E/Ou Trabalho Completo Indisponíveis.	5	3,14%
Análise A Partir Dos Estudos Culturais	3	1,89%
Análise A Partir Dos Estudos Pós-Críticos/Pós-Estruturalista/Cunho Pós-Crítico	3	1,89%
Análise Crítica De Discurso	3	1,89%
Análise Do Materialismo Histórico-Dialético/Dialética	3	1,89%
Análise Histórica	3	1,89%
Análise Documental	2	1,26%
Software Evocation/ Iramuteq	2	1,26%
Análise A Partir Da Perspectiva Interpretativista	1	0,63%
Análise A Partir Da Teoria De Aprendizagem Significativa	1	0,63%
Análise A Partir Da Teoria Do Conhecimento Conectado	1	0,63%
Análise A Partir Da Teoria Do Reconhecimento	1	0,63%
Análise De Cadernos De Campo	1	0,63%
Análise De Caráter Observacional	1	0,63%
Análise De Gênero	1	0,63%
Análise De Núcleos De Significação	1	0,63%
Análise Descritiva	1	0,63%
Análise Dos Sentidos Produzidos	1	0,63%
Análise Fenomenológica	1	0,63%
Análise Por Triangulação Dos Dados	1	0,63%
Cartografia	1	0,63%
Design Participativo	1	0,63%
Dispositivo De Visibilidade	1	0,63%
Etnografia Documental	1	0,63%
Hermenêutica De Profundidade De Thompson	1	0,63%

Método De Análise Compreensiva-Interpretativa	1	0,63%
Método S-Ivam	1	0,63%
Metodologias Informadas Por Arte	1	0,63%

FONTE: Elaborada pela autora (2022).

ANEXO II – ENUNCIADOS ESPECÍFICOS E GERAIS DO MAPEAMENTO DE DISSERTAÇÕES NO PERÍODO DE 2003 A 2022.

E1: Desigualdade social – constituí a interseccionalidade provisoriamente para entender e explicar as complexas desigualdades sociais do mundo, das pessoas e das experiências humanas.				
Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Negritude e formação teatral: vozes de mulheres na cena de Porto Alegre - Brasil	Edilaine Ricardo Machado	2017	Gilberto Icle	UFRGS
Enunciado específico				
Discussão de gênero; epistemologias feministas; trajetória pessoal e/ou profissional				
Resumo				
<p>A dissertação trata sobre o modo como mulheres atrizes negras constituem a si mesmas a partir da formação teatral e do exercício profissional em teatro. A partir do depoimento de cinco atrizes negras de Porto Alegre, Brasil, o trabalho aborda o discurso do embranquecimento, engendrado pelo projeto colonizador como modo de subjetivação que frequentemente atua sobre as mulheres negras. Demonstra a ocorrência de práticas sociais que revelam a influência de tal discurso sobre os corpos das atrizes e sobre a forma como elas se conduzem no mundo. Examina a reprodução de estereótipos relacionados à imagem das mulheres negras na dramaturgia como rastros do discurso do embranquecimento nessas áreas, que obstaculizam o desenvolvimento profissional das atrizes negras. Relaciona os elementos abordados pela formação teatral e pelas práticas teatrais contemporâneas com os estudos de Michel Foucault, à luz do conceito de cuidado de si e de uma prática ascética associada a ele, a escrita de si. Por meio dessa relação, a pesquisa apresenta alternativas para a elaboração da subjetividade das atrizes negras como resistência aos processos de embranquecimento, mostrando a formação como possibilidade de dizer de si no teatro.</p>				
Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Deslocamentos identitários de gênero e raça de professoras negras na Educação Escolar Quilombola em Minas Gerais	Jairza Fernandes Rocha da Silva	2018	Shirley Aparecida de Miranda	Universidade Federal de Minas Gerais
Enunciado específico				
Discussão de gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional				
Resumo				
<p>A presente pesquisa buscou analisar quais são os possíveis deslocamentos de gênero e raça vivenciados por professoras inseridas no contexto da Educação Escolar Quilombola (EEQ). Assim sendo, a realização desta investigação foi norteada pela seguinte questão central: quais são os deslocamentos identitários de gênero e raça que estas sujeitas realizam exercendo a sua atuação docente quando confrontadas com a EEQ. Desta forma, buscamos compreender a partir da metodologia de narrativas (auto)biográficas através das vivências e experiências de vida dessas mulheres como noções de raça, gênero e classe são por elas articuladas. Os aspectos metodológicos das entrevistas narrativas permitiram uma maior aproximação das sujeitas desta pesquisa. Dessa forma, dialoguei com cinco mulheres autodeclaradas pretas, que atuavam como professoras na EEQ e que participaram do I Curso Formação de Professores/as da Educação Básica nas Comunidades Remanescentes de Quilombo de MG. As narrativas dessas sujeitas são carregadas de potência naquilo que cada uma delas tem de singularidade e coletividade. Os resultados apontam para a necessidade de romper com a ideia de representação de mulheres negras docentes ainda arraigada no imaginário social brasileiro. Em outras palavras, significa dizer que o modo que as sujeitas constroem a sua experiência no magistério na EEQ se dá de maneira bastante singular. Essa singularidade se concretiza a partir de deslocamentos tais como: feminização do magistério, feminismo negro quilombola e enfrentamentos sociorraciais, políticos e territoriais. É nesse sentido que produções a respeito do feminismo negro em interface com o conceito de interseccionalidade auxiliam a compreender diferentes formas de opressão que perpassam as suas vivências. O estudo revelou que a formação continuada e o movimento quilombola consiste em um dos principais agentes educativos na atuação sociopolítica dessas mulheres. Afinal, a partir do engajamento delas nesse movimento que é possível perceber em suas narrativas a defesa do território, dos direitos das mulheres negras e da EEQ. Em sua atuação elas buscam inserir novas práticas pedagógicas em sala de aula para a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais</p>				

para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (DCNEEQEB). Foi possível perceber que elas vivenciam enfrentamentos específicos do que aqueles vivenciados por docentes que atuam nos centros urbanos. Compreendemos que lidamos com deslocamentos os quais dizem respeito à emergência de um novo sujeito político, ser mulher, professora negra no contexto social quilombola. Por fim, a pesquisa evidenciou ainda que a feminização do magistério é construída pelas docentes de maneira resignificada, uma vez que elas passam a ocupar um lugar na hierarquia sociorracial, a princípio não reservado. Tal situação ocasiona a posituação de deslocamentos de pertencimentos de gênero e raça gerando com isso um processo o qual nomeamos como subalternidade invertida.

Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Trajetórias de professoras negras lésbicas no ensino público: Rompendo o Ciclo de Silêncios	Tainah Mota do Nascimento	2020	Rodrigo Manoel Dias da Silva	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Enunciado específico

Discussão de gênero; epistemologias feministas; feminismo negro; trajetória pessoal e/ou profissional

Resumo

Esta dissertação trata da análise das trajetórias de professoras negras lésbicas do sul do Brasil, atuantes no ensino público e sua (in)visibilidade no espaço educacional, problematizando cotidianos escolares historicamente marcados por produções monoidentitárias. O estudo problematiza as estratégias e recursos de sobrevivência construídos pelas professoras negras lésbicas no decorrer de suas trajetórias percorridas na educação. Evidenciando como produziram e produzem práticas pedagógicas como metodologias essenciais das rachaduras de um sistema que invisibiliza suas trajetórias e a partir disso, demonstra as práticas de resistência intelectual e pedagógicas elaboradas por três professoras negras lésbicas que atuam no ensino público. A resistência nessa perspectiva, é compreendida, como um conjunto de mecanismos e práticas que procuram a redefinição e resignificação da vida, do ser professora negra e lésbica, de autodeterminação e de dignidade. Constitui-se no campo da Educação, com abordagem qualitativa, empregando enquanto estratégia metodológica a entrevista compreensiva. Operando com a interseccionalidade enquanto base conceitual e ferramenta de análise, demonstra a impossibilidade de compreendermos os sistemas de resistência e dominação sem considerarmos o modo como raça, classe, gênero e sexualidade se comunicam e operam interligando os mecanismos de dominação. Ressalta-se como considerações finais que a interpelação interseccional permite analisar e compreender a multiplicidade de diferenças presentes nas trajetórias docentes de mulheres negras lésbicas, que interagem e atuam em diferentes espaços balizados por inúmeras discriminações, como o racismo, o machismo e a lesbofobia. A análise realizada a partir de uma perspectiva teórica/empírica, demonstra como as esferas de desigualdades se sustentam umas nas outras para a conservação do status quo. Simultaneamente ressalta-se que a entrevista compreensiva, empregada não apenas como técnica, mas também como um expediente diferenciado para a elaboração teórica apoiada nos dados, revela aspectos do protagonismo das professoras negras lésbicas, possibilitando a restauração de compreensões teóricas do feminismo negro lésbico inexploradas, proporcionando orientação epistemológica no trato das fontes, que são entrevistas de professoras negras lésbicas, autoras de suas próprias histórias. Tais mulheres, resignificam o lugar de exclusão e o convertem em espaço de luta, de experiências emancipatórias e em cenário para pensamentos teóricos e produção de conhecimento. As brechas criadas nos microespaços conquistados por essas professoras, tensionam as barreiras institucionais e produzem diversas possibilidades epistemológicas que as professoras negras lésbicas proporcionam ao ocupar o espaço docente, visibilizando o que embasa os processos de exclusão e anulação dessas existências.

Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Feminismos em debate: Reflexões Sobre a Organização do Movimento de Mulheres Negras em Salvador (1978-1997)	Silvana Santos Bispo	2011	Márcio dos Santos Macêdo	Universidade Federal da Bahia

Enunciado específico

Discussão de gênero; epistemologias feministas; feminismo negro

Resumo

Indisponível				
Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Perspectivas invisibilizadas: as questões de gênero e raça na educação pelos olhos de mulheres negras	Fernanda Dartora Musha	2022	Elenilton Vieira Godoy	Universidade Federal do Paraná
Enunciado específico				
Discussão de gênero; epistemologias feministas; feminismo negro				
Resumo				
<p>O presente trabalho é proposto como dissertação do Mestrado em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE/UFPR) e é vinculado ao Grupo de Estudos Curriculares, Decolonialidade, Diversidade e Subalternidade (Gecudedis). Esta pesquisa tem como objetivo perceber a influência de processos educativos para a formação das mulheres negras militantes a partir da perspectiva de integrantes da Rede de Mulheres Negras do Paraná (RMN-PR). Como metodologia de pesquisa, propõe-se uma investigação qualitativa, utilizando-se a narrativa, com a produção de um documento a partir das entrevistas com integrantes da RMN-PR, e elementos da análise de discurso subsidiada em obras de Eni P. Orlandi para o material produzido. Teoricamente, filiou-se a estudos e pesquisas que abordam as temáticas de gênero e raça em uma perspectiva de aspiração decolonial e interseccional. Os discursos das integrantes da RMN-PR apontam para escolas que tem a possibilidade de acolher, e o fazem em algumas situações, mas repetidas vezes negligenciam, subalternizam e discriminam esses sujeitos, em processos de coerção rotineiros. Ainda, destaca-se o silenciamento das discussões de gênero e étnico-raciais na família das integrantes da RMN-PR. Há a possibilidade, entretanto, de uma educação de luta e resistência a partir do conhecimento experiencial da mãe, além da potencialidade de acolhimento através da RMN-PR, transformando os ambientes escolar e familiar.</p>				
Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Discussão de gênero; epistemologias feministas; feminismo negro	Natalia Rodrigues Stoco	2022	Joyce Alves da Silva	Universidade Federal Rural do Rio De Janeiro
Enunciado específico				
Discussão de gênero; epistemologias feministas; feminismo negro				
Resumo				
<p>Este trabalho visa analisar as atuações de mulheres negras na Baixada FluminenseRJ, em suas encruzilhadas de gênero, raça, sexualidades e educação sob a lente do feminismo negro. Narro as trajetórias feministas negras, destacando a postura de fortalecimento dessas mulheres que têm viabilizado alterações sociais. Busco compreender o processo formativo que parte de suas atuações e o modo como tais vivências as impactam enquanto sujeitos sociais, bem como nas múltiplas situações de opressão que vão experimentar. A análise histórica deste trabalho se dá com investigações no campo da educação e as questões raciais e de gênero na Baixada Fluminense-RJ. O percurso dessa pesquisa foi feito através de revisão bibliográfica e entrevistas com nove mulheres negras que residem e atuam neste território, para, através das escrituras destas colaboradoras, ser dada a ênfase aos olhares de feministas negras de periferias. As entrevistas foram realizadas através de um grupo de WhatsApp criado para este fim, sendo usado como dispositivo comunicacional da cibercultura nesta pesquisa. Os resultados obtidos revelaram que as narrativas de feministas negras desta região, como contribuição ao pensamento feminista negro enquanto teoria crítico-social, configuram-se em peças-centrais para a compreensão das estruturas políticas acerca das sexualidades, desigualdades raciais, socioeconômicas e de gênero da Baixada Fluminense- RJ, uma vez que as escrituras estão situadas no fazer científico de representação coletiva, não se restringindo somente a autobiografia ou narrativas isoladas. Viabilizando, deste modo, o resgate histórico deste território no que concerne ao tema central deste trabalho.</p>				

E2: Relações de poder interseccionais – olhar o poder como sob diversas perspectivas e questionar qual tipo de relação está mais visível em um determinado contexto.				
Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Políticas públicas em educação para mulheres negras: da prática do falo à construção da fala	Lia Maria dos Santos de Deus	2011	Denise Maria Botelho	Universidade de Brasília
Enunciado específico				
Decolonialidade; discussão de gênero; epistemologias feministas; feminismos negros				
Resumo				
<p>A partir da consciência da origem colonialista do racismo e sexismo estrutural que operam de forma desumanizadora nas vidas negras, configurando as relações sociais estabelecidas em uma sociedade de histórico escravocrata, falocêntrico e misógino, este trabalho se propõe a apresentar uma análise de categorias e teorias feministas de mulheres negras. O aparato teórico em questão nos brinda com práticas e reflexões sobre a utilização de princípios de interseccionalidades, feminismo negro, humanização feminina – womanização – e Educação Transgressora na análise de políticas públicas educacionais, como necessidade ao empoderamento social e intelectual com ênfase em gênero e raça. A educação formal, espaço de poder social, é um dos palcos de reprodução das diversas violências que atingem minorias e se configuram no processo de exclusões sociais. Visibilizar e enfrentar tais celeumas de outras perspectivas teóricas, como as aqui propostas, faz-se imprescindível para sugerir que o escopo teórico em questão seja um subsídio para o enfrentamento de políticas universalistas, capazes de fundamentar um trabalho sólido voltado a reflexão proposta por mulheres negras em seus processos de empoderamento social via trajetória educacional formal.</p>				
Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Narrativas entrecruzadas de professoras negras: trajetórias, pactos políticos e prática docente	Treyce Ellen Silva Goulart	2016	Marcio Rodrigo Vale Caetano	Universidade Federal do Rio Grande
Enunciado específico				
Formação de professores; políticas-públicas; trajetória pessoal e/ou profissional				
Resumo				
<p>Este trabalho consiste em um relato de pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. A dissertação apresenta os caminhos investigativos percorridos a partir de narrativas autobiográficas de quatro mulheres negras no município de Rio Grande/RS. A produção dos dados foi inspirada na metodologia de ateliês biográficos de projeto e deu-se por meio de encontros coletivos e individuais na escola em que atuavam três das sujeitas, entre os anos de 2014 e 2015. As narrativas autobiográficas da autora e das docentes, que estiveram reunidas desde 2006 em torno de uma prática docente política e pedagógica em direção à efetivação da Lei Federal 10.639/2003, foram problematizadas a partir de um viés interseccional interpelado pelas perspectivas teórico-políticas dos Estudos Culturais, feministas e decoloniais. As aproximações com as falas das sujeitas possibilitaram a compreensão dos diversos atravessamentos e imbricação entre as questões de raça/racismo, gênero/sexismo e classe/classismo de modo a percebermos estes elementos não enquanto estruturas sólidas, atômicas ou imutáveis, mas como um amálgama que é interpretado/interpelado e interpreta/interpela as sujeitas em seus cotidianos. As estratégias criadas por cada uma e o investimento sobre si na construção de suas narrativas autobiográficas foram peculiares, delineadas/o pelas suas experiências singulares, sublinhando que também não são as mulheres negras, dentro deste microcosmo, uma categoria atômica, uníssona ou uniforme. E, por outro lado, que frente às objetividades culturais e econômicas do racismo, as especificidades do sexismo, que também reiteram suas subalternidades, são diluídas.</p>				
Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Mulheres negras líderes no médio vale do Jequitinhonha: o saber como prática educativa por meio da educação não escolar	Gracia Lorena da Silva Jorge	2022	Cecilia Conceição Moreira Soares	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Enunciado específico
Decolonialidade; discussão de gênero; epistemologias feministas; feminismos negros
Resumo
<p>Esta pesquisa inspirou-se na trajetória de mulheres negras que exercem lideranças no Médio Vale do Jequitinhonha, compreendendo que narrar as histórias dessas mulheres é também um exercício de desvelar o implícito contido nos registros oficiais, as vivências das mulheres negras pertencentes a esse território. Desse modo, este estudo tem por finalidade investigar a trajetória de mulheres negras líderes no Médio Vale do Jequitinhonha e através destas evidenciar práticas no campo da educação não escolar que contribuem para um comportamento social e político relacionado à questão da identidade cultural. Nessa perspectiva, busca-se apreender os saberes e práticas existentes no cotidiano de lideranças femininas negras para então, analisar de que forma os conhecimentos não escolares influenciam suas posturas e colaboram para a construção de uma identidade positivamente afirmada. Assim, esta pesquisa tem interesse em provocar reflexões sobre como educam as práticas cotidianas de lideranças femininas negras no Médio Vale do Jequitinhonha. Em termos metodológicos, este trabalho se fundamenta no método de pesquisa qualitativo de análise, baseado nas teorias de Bogdan e Biklen (1994) e Minayo (2001; 2006; 2015), utilizando como coleta de dados a entrevista semiestruturada. Para alcançar os objetivos da análise, foi utilizada como referencial a análise de conteúdo de Bardin (2010). No campo da educação, das práticas educativas e do currículo, utilizamos como aporte teórico: Bourdieu (1992), Junqueira (2009), Müller e Santos (2014), Brandão (2007), Trilla e Ghanem (2008) e Gomes (2012; 2017). No campo das discussões sobre o protagonismo histórico de mulheres negras, alicerçamo-nos nos estudos de Soares (1994), Davis (2016), Theodoro (1996), Rocha (2012), Gonçalves (2011), Freitas (2017) e Costa (2017). Ao discorrermos sobre memória de mulheres negras e representação identitária, procuramos suporte em Ribeiro (2018; 2021), Evaristo (2005; 2009), Kilomba (2019), hooks (1995; 2019), Gomes (1995; 2005); Figueiredo (2009), Nogueira (2016), Gonzales (1981; 1984), Halbwachs (2013), Jorge e Soares (2020), Soares e Crusoé (2017), Soares e Jorge (2021); Carneiro (2003; 2020) e Moreira (2007; 2016). Nos resultados, emergem questões como: as estratégias utilizadas pelas participantes para contornar as situações cotidianas adversas, o recurso à memória como mecanismo de preservação das identidades afro-referenciadas e os saberes adquiridos no circuito não escolar que educam e contribuem para a construção identitária das participantes da pesquisa.</p>

E3: Contexto social – vislumbrar o contexto de modo a respeitar as particularidades históricas interseccionando à importância do contexto global, de forma consciente de que os contextos históricos, culturais, intelectuais e políticos moldam a investigação e a prática da interseccionalidade.				
Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Uma situação de ensino para uma discussão da temática de gênero na licenciatura em Ciências Biológicas	Nathaly Desirre Andreoli Chiari	2016	Irinea de Lourdes Batista	Universidade Estadual de Londrina
Enunciado específico				
Abordagem didática; discussão de gênero; formação de professores				
Resumo				
<p>A segregação social e política a que mulheres foram historicamente submetidas inclui o empreendimento científico e é objeto de estudo de diversas pesquisas, inclusive no campo da Educação em Ciências. Estes trabalhos consideram a construção social desenvolvida em torno da Ciência como uma atividade masculina e sua tendência patriarcal e androcêntrica como possíveis fatores de desestímulo ao ingresso e à permanência de mulheres em estudos das áreas Científicas e Tecnológicas. Nesse panorama, emergem estudos a respeito de discussões de Gênero no Ensino de Ciências, o que inclui a formação docente. Considera-se que, no âmbito escolar, contribuições de mulheres cientistas podem ser visibilizadas e meninas podem ser estimuladas ao ingresso em carreiras científicas. Destarte, o objetivo desta pesquisa foi identificar elementos teórico-metodológicos pertinentes e necessários para o desenvolvimento de uma abordagem didática para uma discussão de questões de Gênero na Licenciatura de Ciências Biológicas. Para tal, buscou-se elementos teórico-metodológicos na literatura que possibilitaram o êxito de abordagens que</p>				

contemplam o tema Gênero. Também se buscou entender como questões de Gênero são abordadas em cursos de Ciências Biológicas no Brasil. Uma abordagem didática foi construída com base em referenciais teórico-metodológicos, aplicada e avaliada em estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas Universidade Estadual de Londrina (UEL). A partir dos dados obtidos, os quais foram analisados segundo a Análise de Conteúdo, foi possível inferir que houve predomínio de noções prévias nas quais as/os participantes expressaram entendimentos polissêmicos a respeito de identidade de Gênero e desconhecimento de pesquisadoras e suas contribuições com as Ciências. Posteriormente à aplicação da abordagem didática, as/os participantes expressaram, em maior número, noções a respeito de identidade de Gênero que vão ao encontro do que é consenso entre estudiosos/sas do assunto. Também demonstraram conhecer mulheres cientistas e suas contribuições com as Ciências Naturais, incluindo entre elas pesquisadoras da UEL. Por meio destes resultados, foi possível inferir que os objetivos do momento de formação construído foram alcançados, avaliando-o positivamente.

Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Resistências, poderes e transgressões: discursos de cantoras de rap de São Paulo/SP	Flavia Nascimento Giongo	2020	Sonia Maria dos Santos Marques	Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Enunciado específico

Discussão de gênero; epistemologias feministas; feminismo negro

Resumo

Esta pesquisa tem como finalidade tratar sobre os discursos de gênero e diáspora em músicas de rap, compostas por mulheres negras na cidade de São Paulo/SP, entre os anos de 2010 a 2018. Para isso, se inscreve no campo da Análise dos Discursos, com a orientação dada pelo filósofo Michel Foucault, com ênfase na teoria arqueogenológica de análise, relacionada ainda aos Estudos Culturais na vertente pós-estruturalista. Com essa base, e partindo da constatação de que há uma regularidade nas temáticas das canções das mulheres do rap, na medida em que assuntos ligados às questões do ser mulher negra, em suas mais diversas vertentes e interseccionalidades, adquirem centralidade no elemento musical da cultura hip hop, fixamos como problema a indagação de como as relações de poder e saber relacionados aos discursos sobre gênero e diáspora se objetivam e materializam nas músicas de cantoras de rap de São Paulo? O objetivo geral, para tanto, foi analisar os enunciados, materializados nas letras das compositoras/rappers de São Paulo/SP, entre os anos de 2010 a 2018, e, a partir das canções, entendermos como esses discursos são construídos e replicados e o que eles dizem sobre as temáticas voltadas à diáspora e gênero. Os objetivos específicos, por sua vez, foram: a) entender como o rap, elemento musical componente do hip hop, se consolidou histórica e discursivamente enquanto um campo discursivo, por onde transitam diversos enunciados de resistência; b) aproximar as vivências das cantoras com os momentos históricos que definiram o hip hop e o rap, e como elas se subjetivam enquanto sujeitos do discurso; c) classificar as séries enunciativas, a partir das letras das canções, em que constem discursos ligados à diáspora e gênero. Para isso, buscamos compreender a música enquanto espaço para materialização dos discursos, nos quais as cantoras ocupam espaços de sujeitos, e por meio de suas enunciações, apresentam as relações de poder e saber vigentes. Os procedimentos e técnicas eleitos foram basicamente análises bibliográficas sobre o tema, entrevistas semiestruturadas realizadas com os sujeitos (cantoras de rap – Luana Hansen, Negra San, Sharylaine e Pamelozza). Alguns dos autores utilizados na investigação foram: Foucault (1974, 1977, 1979, 1984, 1992, 1995, 1996a, 1996b, 1999a, 1999b, 2000 2001, 2008, 2010a, 2010b, 2002), Hall (1997, 2000, 2001, 2003, 2006, 2009), Veiga-Neto (1996, 2000 e 2006), Louro (1997), Fischer (1996, 2001) e Silva (2009 e 2010). Com isso, o trabalho foi estruturado em um prólogo e uma introdução, bem como outras três seções, nas quais, após a apresentação do aporte teórico utilizado na primeira seção, foi debatido sobre o retrospecto histórico da cultura hip hop na segunda, e na terceira se operaram as visões sobre as séries enunciativas, sendo que, para tanto, os enunciados foram organizados em 03 (três) grupos temáticos, cada com 03 (três) séries enunciativas, e partir deles foram discutidos diversas temáticas, entre elas, feminismo negro, racismo, diáspora, estéticas, entre outros. Ao final, pode-se concluir que as canções analisadas contêm potentes discursos de resistência, os quais fazem aparecer diversas relações de poder e saber que demarcam a vida e os corpos das mulheres entrevistadas.

Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
--------	---------	-----	------------	--------------

Desvendando Luíza Mahin um mito libertário no cerne do feminismo negro	Dulcilei da Conceição Lima Gomes	2011	Paulo Roberto Monteiro de Araujo	Universidade Presbiteriana Mackenzie
Enunciado específico				
Discussão de gênero; epistemologias feministas; feminismo negro				
Resumo				
<p>O presente trabalho discute o processo de mitificação que garantiu a manutenção de Luíza Mahin no imaginário afrobrasileiro. Parte-se do pressuposto de que o Feminismo Negro foi o principal responsável pelo seu desenvolvimento enquanto mito. Para tanto, foram analisadas as produções de Luiz Gama, Pedro Calmon e Arthur Ramos, entendidas aqui como norteadoras das produções das feministas negras. No período estabelecido entre 1980 e 2006 foram analisadas ações do Feminismo Negro que resultaram no fortalecimento de Luíza Mahin no imaginário afrobrasileiro como a cartilha Mulher Negra tem História, poemas das escritoras Alzira Rufino e Miriam Alves, a inauguração da Praça Luiza Mahim entre outras, por fim o romance Um defeito de cor de Ana Maria Gonçalves. Considerada uma das figuras de maior representatividade na memória do movimento negro, Luíza Mahin mãe do poeta, advogado e abolicionista Luiz Gama teria sido uma das líderes da maior revolta de escravos de que se tem notícia no Brasil, o Levante dos Malês, ocorrido na cidade de Salvador em 1835. No intuito de superar a violência simbólica exercida pelos estereótipos em torno da mulher negra, o Feminismo Negro procurou positivar a imagem das afrobrasileiras recorrendo à reelaboração e valorização das histórias de suas antecessoras. Consideradas heroínas, as trajetórias dessas mulheres foram também empregadas no sentido de forjar uma identidade que favorecesse a luta empreendida pelas organizações de mulheres negras. Compreende-se aqui o mito como agente na configuração de identidades individuais ou coletivas conforme a perspectiva de Ernest Cassirer em Filosofia das Formas Simbólicas, segundo a qual o mito como matriz de significação viabiliza a apreensão do mundo permitindo à consciência humana agir sobre ele. Justifica-se assim a afirmação feita pelo historiador João José Reis, em que define Luíza Mahin como um mito libertário.</p>				

E4: Relacionalidade – visa conexões entre ideias, discursos e projetos políticos, examina as possibilidades de interconexões e novas relações políticas “entre grupos de pessoas historicamente privadas de direitos também dá forma à dessegregação nos Estados-nação e à descolonialidade como fenômeno global característico” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 286).				
Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
O uso de epistemologias feministas no desenvolvimento de propostas pedagógicas para um ensino de ciências voltado a promoção de equidade de gênero	Hemilly Cerqueira Souza	2017	Juan Manuel Sanchez Arteaga	Universidade Federal da Bahia
Enunciado específico				
Discussão de gênero; epistemologias feministas; propostas pedagógicas				
Resumo				
<p>A necessidade de inovações sobre as questões de gênero se justifica pelo contexto atual de ensino de ciência no Brasil, caracterizado pela falta de abordagens pluralistas sobre as relações de gênero, por isso buscamos um referencial teórico que satisfizessem o caráter contra hegemônico em respeito as formas de produção científica. Encontramos na literatura as epistemologias feministas para a ciência, que contrapunham a forma preponderante de fazer ciência, questionando valores e métodos científicos consolidados (BUTLER, 1990; FHER, 2011; HARAWAY, 1981;1995; HARDING, 1996, 2007; KELLER, 1985,1995). Nos voltamos então para a seguinte questão: Quais as contribuições das epistemologias feministas no desenvolvimento de propostas pedagógicas no ensino de ciências voltado a promoção de equidade de gênero? Neste sentido a presente pesquisa buscou: desenvolver propostas pedagógicas para um ensino de ciências voltado a promoção de equidade de gênero baseadas nas epistemologias feministas, para atender esse objetivo atendemos aos seguintes objetivos específicos: 1- produzir pressupostos para um ensino de ciências voltado à promoção de</p>				

equidade de gênero, baseados nas epistemologias feministas. 2- elucidar possibilidades de uso das epistemologias feministas no desenho de inovações educacionais promotoras de equidade de gênero no ensino de ciências/biologia. 3- investigar o desenvolvimento de uma inovação educacional para o ensino de ciências voltado a promoção equidade de gênero. Para atender aos objetivos gerais de pesquisa optamos por uma pesquisa de desenvolvimento (PLOMP, 2009), seguindo o desenho metodológico que tem sido empregado pelo Grupo Colaborativo de Pesquisa em Ensino de Ciências (GCPEC) no desenvolvimento de inovações educacionais. Após a sistematização do trabalho, conseguimos sistematizar alguns pressupostos feministas para uma educação voltada a equidade de gênero, baseado na literatura existente, além de responder algumas questões práticas do ensino de ciências através da elaboração, aplicação e avaliação de uma proposta pedagógica. Ressaltamos a dificuldade em se trabalhar com a perspectiva interseccional no ensino e apontamos o aprimoramento da inovação educacional em produção, no contexto do GCPEC.

Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Sexualidade e gênero segundo educadoras de ciências e biologia: limites, resistências e possibilidades da educação sexual na escola	Silmara Silveira Lourenco	2019	Viviane Melo de Mendonca	Universidade Federal de São Carlos
Enunciado específico				
Discussão de gênero; educação sexual; sexualidade				
Resumo				
A educação sexual nas escolas pauta-se, geralmente, em viés biologizante e tecnicista, o que pode acarretar visões universalizantes e essencializadoras sobre sexualidade e gênero. Para essa pesquisa foram entrevistadas educadoras das disciplinas de Ciências e Biologia de escolas públicas de Sorocaba – SP, tendo em vista que, são essas profissionais consideradas detentoras do discurso autorizado para conteúdos curriculares sobre o corpo. No entanto, essas são questões que abarcam também pontos de vista social, histórico e cultural. A pesquisa possui caráter qualitativo e a partir de entrevistas semiestruturadas, utilizando-se dos conceitos de práticas discursivas em concepções bakhtinianas, buscamos entender os diferentes discursos das sujeitas de pesquisa sobre sexualidade e gênero no ensino de ciências e biologia, entendendo que tais discursos não são individuais, mas coletivos; construídos socialmente. Buscamos perceber em quais perspectivas teórico-metodológicas as educadoras pautam suas práticas e quais abordagens consideram pertinentes para o ensino de educação sexual em suas disciplinas. Observamos que há diversos dispositivos que atuam sobre a educação sexual, entre estes, os valores e convicções de ordem religiosa e moral sobre sexualidade e gênero são significativos. Os valores que a gestão escolar e alunas e alunos possuem funcionam como enfrentamento a ser lidado por algumas profissionais da educação. Ainda, a ausência de formação foi apontada nas entrevistas, principalmente em relação à educação sexual para além do discurso médico-biológico, o que causa angústia as entrevistadas que sentem a necessidade de uma abordagem mais plural. Em visto disso, em meio a tais dificuldades, percebemos estratégias e ações construídas pelas educadoras para abordagens dialógicas, realizações de projetos e atividades que consideram a temática de modo mais amplo e democrático.				
Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Determinismo Biológico e Identidades de Gênero: representações sociais de professores de Biologia do Ensino Médio.	Francisco Leal de Andrade	2011	Ângela Maria Freire de Lima e Souza	Universidade Federal da Bahia
Enunciado específico				
Discussão de gênero; formação de professores; sexualidade				
Resumo				
O Determinismo Biológico constitui um importante tema no meio acadêmico em função de suas implicações na sociedade, especialmente no que se refere às diferenças entre indivíduos e populações humanas de um modo geral. Neste contexto, esta discussão também se caracteriza como fundamental no que tange às questões de gênero, integrando-se na agenda feminista desde o surgimento da segunda fase do feminismo, no final dos anos 1960. Alguns estudos destacam que o desenvolvimento da Ciência e Tecnologia (C&T) na última década vem contribuindo para a manutenção de velhos preconceitos de gênero a partir da nova face do determinismo biológico,				

outros apontam para a preocupante presença de estereótipos sexistas no contexto escolar. Considerando estas problemáticas, este estudo objetivou a análise das representações sociais de professores/as de biologia sobre questões de gênero e determinismo biológico – especialmente no que tange à construção das identidades de gênero – e suas implicações para as práticas educativas usadas no ensino de tópicos de genética no Ensino Médio (EM) de escolas da rede pública estadual de Salvador- BA. Para o alcance deste objetivo as Epistemologias Feministas são tomadas como referência, sendo adotada neste trabalho a Epistemologia Feminista Perspectivista (Standpoint Epistemology) proposta por Sandra Harding e Nancy Hartsock, entre outras. O levantamento teórico que fundamentou este trabalho aponta para algumas questões que nortearam a análise dos dados obtidos. Entre elas vale destacar; i) a discussão conceitual que marca a diferença entre o determinismo biológico e o reducionismo; ii) a crítica ao pensamento determinista biológico; iii) a abordagem crítica de alguns estudos de gênero sobre a biologização das diferenças de gênero, e a conseqüente inferiorização da mulher; iv) a discussão conceitual sobre gênero e sexo; v) a posição determinista biológica identificada em alguns estudos sobre as diferenças cognitivas e comportamentais entre homens e mulheres; vi) a avaliação crítica realizada por alguns estudiosos/as sobre os aspectos metodológicos e as conseqüências sociais destes estudos deterministas biológicos; vii) a relevância da história e filosofia da ciência para a compreensão das questões de gênero no ensino de ciências; viii) e por fim, a discussão realizada por alguns estudos de gênero sobre a presença e as conseqüências dos estereótipos sexistas no contexto escolar. A pesquisa, de caráter qualitativo, teve os dados coletados a partir da técnica do Grupo Focal (GF), e da observação direta, sistemática, semi-estruturada e não participante, de práticas educativas em sala de aula. Para a análise de dados obtidos no GF e na observação das práticas educativas, foram utilizados elementos da análise crítica do discurso, propostos por Eni Orlandi, em articulação com a Teoria das Representações Sociais (TRS), concebida por Serge Moscovici. O universo da pesquisa foi composto por doze participantes do GF, docentes da rede pública estadual de Salvador licenciados/as em Biologia, além de duas turmas do terceiro ano do EM, onde foram observadas as práticas educativas realizadas por duas docentes, participantes do GF. Os resultados obtidos respondem ao objetivo desta pesquisa, apontando representações sociais de professores/as de biologia que revelam determinismo biológico sobre questões de gênero, implicadas em suas práticas educativas, que se evidenciam por meio de estereótipos sexistas que, sob a chancela científica de estudos deterministas biológicos, contribuem para a hierarquização das diferenças entre os gêneros, conduzindo à inferiorização das mulheres

E5: Complexidade – enfrentamento do desafio de manter a tensão criativa entre o investigar e o praticar, fomentando a complexidade. Através da complexificação de argumentos, são cultivados diálogos com ativistas do Sul global, e assim trazer à luz argumentos que não são foco da interseccionalidade cultivada no Norte

Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Natureza da ciência, epistemologias feministas e educação popular: produção de conhecimento através da participação na Associação "Cida da Terra" de Promotoras Legais Populares de Campinas e Região	Marina Groschitz	2019	Silvia Fernanda de Mendonca Figueiroa	Universidade Estadual de Campinas
Enunciado específico				
Decolonialidade; Educação popular; epistemologias feministas; produção de conhecimento científico				
Resumo				
Esse trabalho propôs um olhar acerca da produção de conhecimento científico através da crítica feminista à Ciência. Tem o intuito de colaborar para o avanço dos estudos de gênero no ensino de ciências na intersecção entre produção de conhecimento científico e educação não formal. Entende-se que tal propósito é abordado no contexto da História e da Filosofia das Ciências, por meio dos estudos de Natureza das Ciências (NdC) e de Alfabetização científica, além das epistemologias feministas e os estudos sobre Ensino de ciências feminista. Entendemos que essas perspectivas teóricas compõe a crítica à neutralidade e universalidade da ciência. Buscamos através da definição de Educação Popular, compreendida como forma de promoção de processos de busca por igualdade				

e enfrentamento das mulheres na sociedade marcada por questões de gênero, raça e classe, refletir sobre as experiências das mulheres que compõe a “Associação Cida da Terra de Promotoras Legais Populares de Campinas e Região”. Com tal intuito, este trabalho apresenta considerações sobre a prática e reflexões das mulheres deste coletivo nas atividades de formação bem como nos atos e reuniões. E assim, como elas se constituem enquanto ‘sujeitas’ do conhecimento sobre o que é “ser mulher”. Tais considerações, são relacionadas com o processo de conscientização acerca da construção do conhecimento científico a que se dedicam as discussões de Ensino de Ciências.

Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Abioye, Bruna e Cora: uma proposta de reeducação das relações raciais na literatura infantil	Sylvia Soares de Souza	2019	Giovana Xavier da Conceição Nascimento	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Enunciado específico				
Decolonialidade; educação infantil; interseccionalidade; relações étnico-raciais				
Resumo				
A presente dissertação tem como objetivo analisar três obras literárias infantis que apresentam personagens negras como protagonistas: Cinderela e Chico Rei, Bruna e a Galinha D’Angola e O cabelo de Cora assim como apresentar uma proposta de trabalho com reeducação das relações raciais. Cabe ressaltar que o itinerário da investigação dá-se em diálogo com a Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana assim como com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), que versam sobre o reconhecimento, a valorização e o respeito à interação das crianças com as histórias da cultura africana. Nessa direção, analiso as personagens que nomeiam a dissertação a luz dos referenciais teóricos da interseccionalidade, dos feminismos negros e decoloniais, problematizando questões de gênero, raça e classe tanto na literatura quanto na educação infantil e no mercado editorial. Por fim, apresento as oficinas. Tais oficinas estão em sintonia com os princípios do Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras UFRJ, de valorização da autoria de professoras na sala de aula, de compromisso com a educação pública e com a produção de relações simétricas entre escola, movimentos sociais e universidade.				
Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Professoras negras: autoria e protagonismo na construção de práticas educativas anti-racistas e descolonizais na educação infantil	Daiana da Silva	2020	Giovana Xavier da Conceição Nascimento	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Enunciado específico				
Decolonialidade, formação de professores; práticas educativas antirracistas; relações étnico-raciais				
Resumo				
A presente dissertação tem como objetivo compreender de que forma professoras da educação infantil protagonizam e elaboram práticas educativas antirracistas e decoloniais. Considerando o fato de que mulheres negras se organizam em diversos espaços de forma estratégica para visibilizar vozes coletivas e individuais historicamente silenciadas. Assim, tais sujeitas têm ocupado e potencializado os ciberespaços, tornado-os lugares seguros para mobilizar e compartilhar experiências, discussões e ações que constituem a luta antirracista. Com base nos debates de intelectuais negras como Azoilda Loretto da Trindade, bell hooks, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, Nilma Gomes, analiso as postagens do grupo virtual Educação Infantil Antirracista do Facebook, no qual as professoras participantes compartilham projetos e práticas educativas antirracistas, tendo como ferramentas, entre outras, livros infantis em que personagens negras/os são protagonistas. Por fim, alinhada às discussões sobre autoria e “narrativa na primeira pessoa”, apresento uma atividade que desenvolvi com minha turma da Educação Infantil. Isso foi feito com base nas experiências de ensino, pesquisa e extensão vividas no Grupo Intelectuais Negras UFRJ e nas trocas virtuais dentro do grupo Educação Infantil Antirracista. Nesse sentido, resalto que a interlocução com essas autoras aprimora a metodologia de trabalho da escrita de si, nos marcos dos feminismos negros e decoloniais, assim como contribui para conferir visibilidade às questões ausentes das produções hegemônicas. Entre elas: o trabalho intelectual de mulheres negras. Nesse caso específico, professoras da educação infantil.				

Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Capoeranças em verso e prosa: imagens da força matrial afro-ameríndia em literaturas da Capoeira Angola	Elis Regina Feitosa do Vale	2012	Marcos Ferreira dos Santos	Universidade de São Paulo
Enunciado específico				
Decolonialidade; educação do campo; estudos culturais				
Resumo				
<p>Esta pesquisa de mestrado se dedica a dialogar com conhecimentos ancestrais da Capoeira Angola, a fim de tramar suas contribuições para o campo da educação escolar. E assim, contribuir ao processo de implementação das leis 10.693/03 e 11.645/08, especialmente ao que se referem aos recursos didáticos que compreendam saberes de matrizes africana, indígena e afro-brasileira. Trata-se dum estudo de algumas imagens literárias da Mãe-Capoeira em verso e prosa, orais e escritas, e em desenho. Utilizando-se de uma linguagem espiral que mescla o vigor da tradição e o rigor da dissertação acadêmica, os materiais da pesquisa entraram em diálogo com a perspectiva mitohermenêutica de uma educação de sensibilidade; com produções orais e escritas sobre as singularidades das cosmovisões africana, ameríndia e afro-brasileira; e com algumas produções, orais e escritas, do feminismo negro. Neste diálogo, flertamos com imagens dos modos matriais afro-ameríndios de fazer-saber e en-sinar num jogo tenso com os modos patriarcais branco-ocidentais da escolarização. Nesse sentido, flertamos com imagens literárias da Mãe-Capoeira e da família-capoeira. E então, com imagens das partilhas iniciáticas e das ligas vitais Capoeira-mestre-discípulo/a e pessoa-família extensa. Isto porque desejamos favorecer no prosseguimento da construção de uma noção afro-ameríndia de pessoa-comunal, de conhecimento como força vital, de força-alma-palavra e de educação circular. De modo a tramarmos reinvenções antirracistas, antimachistas e não adultocêntricas nas formas e matérias das práticas escolares e acadêmicas de educação.</p>				

E6: Justiça social – Diferenciar desigualdade social e justiça social, mesmo que os conceitos sejam utilizados de forma intercambiável muitas vezes, vislumbrando que a razão de ser da interseccionalidade não pode apresentar “as razões de ser” da persistência das desigualdades sociais, mas trabalhar para corrigi-las através de um engajamento crítico dentro da interseccionalidade como um campo de investigação das questões relacionadas à justiça social, transpondo a fronteira entre trabalho acadêmico e ativismo.

Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Ação educativa em saúde para o enfrentamento da violência doméstica contra as mulheres: a experiência do grupo 'Despertar'	Aquila Bruno Miranda	2018	Adla Betsaida Martins Teixeira	Universidade Federal de Minas Gerais
Enunciado específico				
Contexto social; discussão de gênero; violência doméstica				
Resumo				
<p>Presente estudo buscou compreender em que medida as mulheres que participaram da experiência do grupo 'Despertar' construíram ou não resistências para o enfrentamento da violência de gênero em seus ambientes familiares. Para alcançar o objetivo proposto foram realizadas Entrevistas Narrativas com cinco mulheres que participaram do grupo Despertar, experiência realizada no ano de 2014, em uma UAPS de Betim- MG. Também lançou-se mão de fontes secundárias: caderno de registro do grupo e álbuns de fotografias. Os dados coletados foram analisados segundo a metodologia de Análise de Conteúdo Temática. Neste trabalho, o fenômeno da violência contra a mulher foi lido segundo as teorizações do feminismo negro, interseccional e descolonial. Os resultados foram divididos em cinco eixos analíticos. No primeiro o grupo Despertar é compreendido como espaço seguro de fala, escuta, aprendizagem e desconstrução dos papéis gênero que naturalizam a opressão contra as mulheres. O segundo eixo apresenta as estratégias criadas pelas mulheres para resistir ao ciclo da violência que se relacionam com o Despertar. O terceiro aborda como o acesso a produtos, hábitos, serviços e direitos sociais permitiu que as mulheres resistissem a violência doméstica, mas também corroborou para a manutenção da colonialidade. O quarto apresenta as estratégias que as mulheres criaram para romper e/ou amenizar os efeitos das</p>				

violências que não se relaciona com o grupo. Por fim, o quinto eixo analítico problematiza sobre os alcances e limites da religiosidade para o enfrentamento da violência contra a mulher. Conclui-se que o grupo Despertar, como prática educativa, possibilitou a construção de fraturas nos modos de ser e saber impostos pela colonialidade. O grupo também promoveu a construção de estratégias de resistência aos papéis de gênero e a naturalização da violência e seus múltiplos aportes.				
Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
O direito a olhar: cultura visual, questões de gênero e sexualidade no youtube	André Ricardo Marcelino	2020	Adriana Hoffmann Fernandes	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Enunciado específico				
Discussão de gênero; educação no campo; sexualidade				
Resumo				
<p>Por que eu, criança, não sabia da possibilidade de relacionamentos homoafetivos? Este trabalho nasce do incômodo quanto à resistência, no campo da Educação e nas práticas escolares, de falar-se abertamente sobre possíveis identidades LGBTIA+ futuras. Seu objetivo geral é demonstrar que tais discussões estão presentes na rede mundial de dados brasileira, especialmente na plataforma de compartilhamento de vídeos norte-americana YouTube. Como referencial teórico-metodológico, parto de uma autoetnografia (SANTOS & BIANCALANA, 2017) sobre minha experiência de vida como “criança viada” e das referências visuais que (não) tive sobre o assunto. Em seguida, realizo um diálogo que tangencia os conceitos de vertentes do feminismo (negro/trans), colonialidade de gênero, de María Lugones (2013), e a noção de saberes localizados, de Donna Haraway (1995). Proponho uma interlocução com os conceitos de visualidade e contravizualidade/direito a olhar, de Nicholas Mirzoeff (2016b) e Judith Butler (2019b), “o direito a aparecer”. Esta pesquisa inicia-se com buscas no YouTube brasileiro sobre a tag “criança viada”, referente à polêmica obra da artista Bia Leite, que esteve presente na exposição Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira, em 2017. Tal obra foi produzida a partir da apropriação de fotos publicadas no Tumblr homônimo do jornalista Iran Giusti em 2012. Em primeiro lugar, reflito sobre a necessidade de criar maneiras de considerar o YouTube, e outras plataformas digitais, enquanto campo de pesquisa para a Educação. Em segundo lugar, assinalo um processo crescente de apropriação de “canais identitários” acerca do termo, como autodesignação e união de diferentes corpos em assembleia (BUTLER, 2019b). Em segundo lugar, realizo uma série de quantificações gerais de temas recorrentes num total de 82 vídeos para, enfim, desenvolver uma análise qualitativa com ênfase nos comentários públicos a partir do conteúdo de sete vídeos – dois do Canal Põe na Roda, e um dos canais Liah Bracho, Mandy Candy, Lorelay Fox, Lucca Najjar e Muro Pequeno. Estes canais, que possibilitam representatividades a partir dos marcadores sociais e de interseccionalidades distintas das próprias youtubers (em seus corpos e conteúdo dos vídeos), permitem afirmar que as “crianças viadas” de hoje encontram referências para a sua vida atual e “possibilidade de futuro” (HARAWAY, 1995) para todas as pessoas que habitam identidades e performatividades LGBTIA+ ou não.</p>				
Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Ó paí, prezada! Racismo e sexismo institucionais tomando bonde no conjunto penal feminino de Salvador	Carla Adriana da Silva Santos	2012	Cecília Maria Bacellar Sardenberg	Universidade Federal da Bahia
Enunciado específico				
Discussão de gênero; feminismos negros; interseccionalidade; racismo; sexismo				
Resumo				
<p>Este trabalho tem por objetivo identificar e analisar a intersecção do racismo e sexismo institucionais no Conjunto Penal Feminino de Salvador, Bahia, Complexo Penitenciário Lemos de Brito, utilizando, para tanto, o conceito de interseccionalidade como ferramenta teórico-metodológica e prática à captura dos marcadores do binômio gênero-raça que dão margem à opressão diferenciada das mulheres negras em privação de liberdade. Filia-se à metodologia afrodescendente de pesquisa e à contribuição epistemológica do feminismo negro. Trata-se de uma investigação concentrada em estudos sobre mulheres, gênero e feminismo, trazendo à tona a ausência de políticas públicas em gênero e raça voltadas às encarceradas, agravando as tecnologias de poder na execução penal. O trabalho se baseia em estudo de campo de cunho etnográfico realizado durante os meses de</p>				

dezembro de 2011 e janeiro de 2012 no referido Conjunto Penal Feminino, período em que foram entrevistadas dirigentes, agentes carcerários e internas. O estudo revelou que, a exemplo do que acontece em outras instituições penais femininas, as encarceradas são majoritariamente pobres, negras, semialfabetizadas, presas por tráfico de drogas. Todas são submetidas a situações de constrangimento, perda da privacidade, péssimo atendimento médico, violência psicológica e moral de toda sorte por parte da equipe de agentes, sendo que as negras, por força da sua condição de raça e classe que resulta em baixa escolaridade, não desfrutam nem mesmo das poucas possibilidades de trabalho existentes. O estudo revelou também a pouca tolerância, tanto por parte da instituição quanto das próprias internas, à prática de religiões afro-brasileiras, bem como ao pleno exercício da sexualidade, com destaque para a incidência da lesbofobia. Revelou, ainda, que o conjunto penal estudado está longe de fazer valerem as Regras Mínimas de Tratamento de Presas, em vigor desde 2010.

E1: Desigualdade social – constituiu a interseccionalidade provisoriamente para entender e explicar as complexas desigualdades sociais do mundo, das pessoas e das experiências humanas.				
Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Movimentos de mulheres periféricas na zona leste de São Paulo: ciclos políticos, redes discursivas e contra públicos	Jonas Marcondes Sarubi de Medeiros	2017	Maria da Glória Marcondes Gohn	Universidade Estadual de Campinas
Enunciado específico				
Discussão de gênero; educação não-formal; políticas públicas				
Resumo				
<p>O tema desta pesquisa é o associativismo de mulheres nas periferias da Zona Leste de São Paulo e sua relação com a educação não formal. Dois ciclos políticos são comparados: o “Feminismo Popular” e o “Feminismo Periférico”. O recorte conceitual eleito para tal é a categoria de matrizes discursivas, compreendida como esferas públicas que permitem a reelaboração simbólica da vida cotidiana e a emergência de ações coletivas contra situações sociais avaliadas como injustas. O principal procedimento utilizado foi a entrevista semi-estruturada; técnicas complementares foram mobilizadas no caso dos coletivos que constituem o segundo ciclo: observação participante, análise de rede de páginas do Facebook e análise de conteúdo de uma campanha virtual. Os resultados alcançados apontam a complexidade e heterogeneidade das relações entre os ciclos. De um ponto de vista societal, as descontinuidades predominam: para o primeiro ciclo foram identificadas três matrizes discursivas (Comunidades Eclesiais de Base; ONGs feministas; e escolas de samba e blocos afro) e, para o segundo ciclo, duas matrizes diversas (movimentos culturais periféricos e feminismos das esferas públicas digitais). Porém, há continuidades se forem consideradas as dimensões discursivas (o feminismo negro passou de minoritário para hegemônico) e político-institucional (a institucionalização da prática de atendimento de mulheres em situação de violência abriu espaço, paradoxalmente, para práticas menos institucionais).</p>				
Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
A interseccionalidade e suas contribuições para a compreensão do encarceramento de mulheres negras	Camila Simões Rosa	2018	Elenice Maria Cammarosano Onofre	Universidade Federal de São Carlos
Enunciado específico				
Discussão de gênero; feminismos negros; interseccionalidade				
Resumo				
<p>Trata-se de um estudo de cunho teórico e abordagem qualitativa, com aportes no feminismo negro, que ao considerar não haver hierarquia entre as práticas de opressão vivenciadas por mulheres, reconhece a urgência de análises e reflexões sobre o encarceramento em massa de mulheres negras. O contexto a ser estudado, e a opção teórica em feministas negras brasileiras e norte-americanas, alavancaram o interesse em um estudo mais aprofundado sobre um dos conceitos deste movimento social, que orientado pela invisibilidade de pautas da mulher negra nos debates feministas e nos debates de raça, propõe a interseccionalidade. Na etapa da pesquisa que se dedica à compreensão deste conceito, realizou-se discussões históricas que evidenciam que mulheres negras eram afetadas pelas discriminações interseccionais mesmo antes do conceito ser delineado por Kimberlé Crenshaw, na década de 80. Apresentam-se ainda as discussões teóricas do conceito a partir desta feminista norte-americana, de brasileiras e outras que colaboraram no impulsionamento teórico da interseccionalidade enquanto sensibilidade analítica capaz de tirar da invisibilidade grupos atravessados por diferentes práticas de opressão. Ainda nesta discussão, encontra-se um levantamento bibliográfico no banco de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) entre os anos de 2005 e 2015 com o descritor “interseccionalidade”. As pesquisas foram analisadas em relação à quantidade de publicações por ano, gênero e raça dos pesquisadores, e uso da interseccionalidade em diferentes contextos. Adentrando a discussão interseccional para o encarceramento em massa de mulheres negras, apresenta-se um panorama das prisões femininas, análise instrumental de indicadores do sistema prisional feminino e considerações sobre o Sistema Prisional Feminino em uma perspectiva interseccional a partir de Angela Davis. Evidencia-se a potencialidade do conceito interseccional na compreensão de vivências que atingem mulheres negras e outros grupos marginalizados. Ademais,</p>				

este conceito do feminismo negro surge como essencial na discussão das opressões de gênero e raça que atingem a mulher em situação de cárcere.

E2: Relações de poder interseccionais – olhar o poder como sob diversas perspectivas e questionar qual tipo de relação está mais visível em um determinado contexto.

Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras	Cláudia Pons Cardoso	2012	Cecília Maria Bacellar Sardenberg	Universidade Federal da Bahia

Enunciado específico

Feminismos negros; interseccionalidade; trajetória pessoal e/ou profissional

Resumo

Esta tese investiga trajetórias de mulheres negras ativistas brasileiras para compreender como as desigualdades de raça, gênero, classe e sexualidade são transformadas em instrumentos para a construção de uma organização própria, espaço de protagonismo e exercício de experiências exitosas no desafio aos poderes constituídos. Explora, ainda, como o discurso feminista é recriado a partir de demandas específicas das mulheres negras. O argumento central está na afirmativa de que as ativistas negras, no Brasil, elaboraram um pensamento feminista próprio à luz de saberes, práticas e experiências históricas de resistência das mulheres negras. Um pensamento feminista crítico alimentado por valores, princípios e cosmovisão organizados a partir de referenciais negro-africanos, que defende a pluralidade epistemológica para revelar a contribuição das mulheres negras em diversas áreas do conhecimento. Um pensamento feminista negro que sustenta uma teoria e uma práxis, visando não só transformar efetivamente a vida das mulheres, mas a própria sociedade, na medida em que se assenta no enfrentamento de estruturas de poder: racismo, sexismo, divisão de classes e heterossexismo. Um pensamento que visa a descolonização do conhecimento, isto é, aposta no desprendimento epistêmico do conhecimento europeu para pensar a própria história a partir de categorias baseadas em nossas experiências de mulheres negras na diáspora. Adoto na tese como lente para ler a realidade sobre a qual as ativistas se voltam, a perspectiva interseccional, lente usada também pelos movimentos de mulheres negras brasileiras para empreender suas ações de intervenção política. A categoria se mostra útil para o reconhecimento do modo como diferentes eixos de opressão se configuram, produzindo desigualdades e situações adversas de múltiplas discriminações a grupos específicos de mulheres, como as mulheres negras. Utilizo como orientação teórico-metodológica a História Oral para recuperar e registrar os depoimentos de 22 ativistas integrantes dos movimentos de mulheres negras brasileiras, obtidos por intermédio de entrevistas. Na História Oral opto por entrevistas de história de vida realizadas de forma a revelar a relação entre a história social e trajetória individual de cada depoente e assim entender como construíram suas identidades a partir de referências de gênero, raça/etnia, sexualidade, religião, entre outros, tendo por cenário os acontecimentos da sociedade brasileira.

E4: Relacionalidade – visa conexões entre ideias, discursos e projetos políticos, examina as possibilidades de interconexões e novas relações políticas “entre grupos de pessoas historicamente privadas de direitos também dá forma à dessegregação nos Estados-nação e à descolonialidade como fenômeno global característico” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 286).

Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Entre silenciamentos e resistências: educação das relações étnico-raciais nas narrativas de professores/as de Ciências Biológicas'	Patricia Magalhaes Pinheiro	2020	Elison Antonio Paim	Universidade Federal de Santa Catarina

Enunciado específico

Formação de professores; interseccionalidade; relações étnico-raciais

Resumo

A presente tese busca compreender como se dá a educação das relações étnicoraciais (ERER) no âmbito da formação de professoras/es de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa

Catarina, uma vez que acreditamos que a EREER (re)conhece da história e da cultura negra e indígena, e, portanto, a efetiva participação desses povos na construção da sociedade brasileira, desconstrução de estereótipos, quebra de preconceitos, melhor entendimento das hierarquias sociais e processos estruturantes da sociedade brasileira, promoção de uma formação antirracista e anti-discriminatória. Para tal, me fundamento no pensamento decolonial e no feminismo negro, privilegiando o diálogo com teóricas/os terceiromundistas – sobretudo da Abya Yala (América Latina) –, e intelectuais negras/os. O caminho metodológico trilhado envolve tanto a análise de fontes documentais como Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Ciências Biológicas, Planos de ensino das disciplinas obrigatórias e optativas, quanto narrativas orais obtidas por meio de entrevistas de 02 professoras/es formadoras/es, 03 professoras/es em formação inicial e 02 professoras/es egressos em exercício na Educação Básica, sendo essas narrativas transformadas em mônadas. É importante salientar que historicamente houve um projeto colonialista e racista de silenciamento nas Ciências Biológicas em relação à temática étnico-racial, porém este quadro está sendo revertido, em especial, nas últimas décadas por meio da inserção paulatina de intelectuais negras/os e professoras/es engajadas/os com a luta antirracista nas instituições de educação brasileiras. Desta feita, o primeiro capítulo da tese apresenta levantamento histórico dos marcos legais que regem a educação escolar formal destinada aos povos indígenas no Brasil, de 1500 a contemporaneidade. O segundo capítulo expõe o cenário histórico da educação escolar formal para população negra no Brasil, dando ênfase às políticas públicas de ações afirmativas que agem em prol da promoção da equidade racial. Já o terceiro capítulo, aborda a formação de professoras/es de Ciências Biológicas e educação das relações étnico-raciais, buscando os movimentos de silenciamentos e resistências históricas, explicitando a importância dessa área do conhecimento para a desconstrução do racismo. E, por fim, o quarto capítulo é dedicado a compreender o curso de Ciências Biológicas da UFSC, seu histórico, seus princípios político-pedagógicos, entrelaçando a leitura crítica do PPC com mônadas das/os professoras/es. O percurso teórico-metodológico mostrou a dialética constante entre silenciamentos e resistências em relação à educação das relações étnico-raciais na formação de professoras/es de Ciências Biológicas. Os silenciamentos se dão na ausência da temática no documento oficial que rege o curso, o PPC, no qual não há ao menos menção a legislação vigente, como as leis 10.639/03 e 11.645/08 e na permanência de disciplinas “fantasmas” no currículo, durante a investigação três disciplinas optativas foram identificadas como promotoras da EREER, são elas: Estudos Afro-Brasileiros, oferecida pelo Departamento de Antropologia ofertada todos os semestres para o curso de Ciências Sociais; Seminário Temático - Educação Étnica Multirracial, oferecida pelo Departamento de Estudos Especializados em Educação criada e nunca efetivada; e Nade-Práticas Educativas e Relações Étnico-Raciais, oferecida pelo Departamento de Metodologia de Ensino, ofertadas apenas duas vezes, nos anos de 2012 e 2015 para as/os estudantes do curso de Pedagogia, destaca-se que as duas últimas disciplinas elencadas não possuem nem mesmo suas ementas disponíveis. Em contrapartida, as resistências se dão pelo engajamento das/os professoras/es formadoras/es do curso, em especial das disciplinas educacionais/pedagógicas, em promover a EREER positivas em suas aulas; no reconhecimento da importância da temática pelas/os professoras/es em formação inicial e, sobretudo, pela compreensão da potencialidade das Ciências Biológicas na construção de uma docência comprometida com a vida, com a dignidade das pessoas, com a equidade e com a educação antirracista. Desta feita, consideramos necessário pensar numa perspectiva decolonial e antirracista a formação de professoras/es de Ciências Biológicas, de forma articulada e institucional, privilegiando as experiências de EREER positivas que já ocorrem no seio do curso.

E5: Complexidade – enfrentamento do desafio de manter a tensão criativa entre o investigar e o praticar, fomentando a complexidade. Através da complexificação de argumentos, são cultivados diálogos com ativistas do Sul global, e assim trazer à luz argumentos que não são foco da interseccionalidade cultivada no Norte

Título	Autoria	Ano	Orientação	Universidade
Educação libertadora e feminismo negro: uma teia conceitual de resistência à interseccionalidade das opressões de gênero, de raça e de classe	Discussão de gênero; epistemologias feministas; interseccionalidade	2020	Lucia Isabel da Conceição Silva	Universidade Federal do Pará
Enunciado específico				

Discussão de gênero; epistemologias feministas; interseccionalidade

Resumo

O presente estudo, mediante um olhar para a produção de Paulo Freire e a de algumas autoras do campo dos feminismos negros (notadamente Lélia Gonzalez, bell hooks e Patrícia Collins), propõe uma articulação epistemológica entre esses dois campos de saberes, evidenciando a pertinência conceitual da ideia de conhecimentos subjugados e, também, suas tensões e convergências. Com base nessa compreensão, examinaram-se e interpretaram-se pontos centrais de três obras de Freire e sete obras das autoras negras a partir de dois eixos definidos: (i) os principais fundamentos epistemológicos que demarcam as obras investigadas e (ii) os possíveis diálogos entre as abordagens epistemológicas do autor e das autoras. Assim sendo, elaborou-se uma síntese articuladora das ideias analisadas que desvela das afirmações fundamentais expressas nas obras, suas diferenciações e convergências em resposta ao problema formulado na tese: quais são os referenciais epistemológicos da educação libertadora e do feminismo negro e como estes referenciais podem se inter-relacionar na perspectiva de uma prática político-pedagógica de resistência à interseccionalidade das opressões de gênero, de raça e de classe? Dessa forma, poderão ser estabelecidas novas percepções orientadoras de uma práxis transformadora que, mesmo partindo de referenciais teóricos distintos, possibilite pontos comuns de análise, transitando pelo reconhecimento da opressão, pela importância do valor da luta social e pela valorização das identidades e da equidade. O estudo se encaixa na acepção de uma tese teórica, numa abordagem histórico-crítico-dialética, com a adoção de um procedimento metodológico de natureza qualitativa como base da pesquisa bibliográfica dos registros das produções intelectuais das obras selecionadas. Com isso, elaborou-se uma Teia de Articulação Epistemológica de Resistência à Interseccionalidade das Opressões de Classe, de Gênero e de Raça, evidenciando subsídios teóricos convergentes entre as epistemologias de Freire, Gonzales, hooks e Collins. Entre os resultados, apontam-se: o (as) referido (as) teórico (as) compartilham posições epistemológicas convergentes, no que diz respeito à importância da historicidade do processo de luta política e resistência dos oprimidos e oprimidas aos sistemas exploradores e opressores no campo das relações sociais de poder das sociedades hierarquizadas, centrada na prática político-pedagógica de resistência às opressões; os conceitos que demarcam similaridade de forma mais contundente referentes à compreensão do fenômeno da opressão entre as epistemologias são autonomia, conscientização, conhecimentos subjugados, diálogo, identidade cultural, libertação, luta política, opressão de classe, de gênero e de raça, práxis revolucionária e resistência, os quais demandam uma consciência crítica, essencial na luta e resistência às múltiplas opressões e permitem entender a realidade a partir de ponto de vista de diferentes pensamentos, advindos das experiências e sobrevivências das pessoas oprimidas, constituindo-se em elementos fundamentais de resignificação da condição opressora e de sua superação e potencializando uma práxis educativa libertadora.

ANEXO IV – ENUNCIADOS ESPECÍFICOS E GERAIS DO MAPEAMENTO DOS ANAIS DE EVENTOS NO PERÍODO DE 2003 A 2021.

E1: Desigualdade social – constituir a interseccionalidade provisoriamente para entender e explicar as complexas desigualdades sociais do mundo, das pessoas e das experiências humanas

Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Ciência, feminino, vozes e narrativas: com a palavra, as pesquisadoras	Paula Nunes, Rochele de Quadros Loguercio (UFRGS)	Mulheres, sem recorte de raça	Análise de narrativas.	X ENPEC
Enunciado específico				
Discussão de gênero; feminismo; formação de professores.				
Objetivos				
Esse trabalho objetiva analisar o campo da ciência em sua relação com o gênero, nesse sentido, optamos por abrir um espaço de fala para o sexo feminino, dando voz às mulheres que tantas vezes têm sido silenciadas, tanto mais nesse campo. Bem como, investigações sobre os espaços acadêmicos de pesquisa em ciência e os tensionamentos da política da diferença, onde os lugares de saber/poder definem o feminino ali encontrado.				

Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
É possível ser mulher na Ciência?	Rosenthal, R. (USP), Rezende, D. B. (USP)	Mulheres, sem recorte de raça.	Entrevistas.	XI ENPEC
Enunciado específico				
Discussão de gênero; feminismo.				
Objetivos				
Considerando este cenário, está sendo desenvolvida uma Dissertação sobre os fatores que têm contribuído para afastar as mulheres da carreira científica, além de se buscar os que possam tê-las auxiliado na permanência na carreira acadêmica, cujos resultados parciais são relatados no presente artigo				

Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Gênero etnia e identidade científica: construção da identidade de cientistas negras	Katemari Rosa	Mulheres negras	Os anais dessa edição não apresentam resumo.	VI COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Os anais dessa edição não apresentam resumo.				

Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Escurecendo a Universidade: Racismo, saúde mental e subjetividades	Tainá Aparecida Araújo Ricardo (Instituto de Psicologia - UFU)	Negros, sem recorte de gênero	Análise institucional de discurso.	X COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional				
Objetivos				
O objetivo deste artigo é compreender a forma como as instituições, em especial a Universidade Federal de Uberlândia corrobora com a reprodução do racismo. A partir da análise institucional de				

discurso, as maneiras que o preconceito racial pode ser percebido dentro da instituição universitária e seu impacto na vida cotidiana e na saúde mental desses sujeitos, pretende-se dar voz a docentes e discentes autodeclarados negros de referida Universidade situada no Triângulo Mineiro

E2: Relações de poder interseccionais – olhar o poder como sob diversas perspectivas e questionar qual tipo de relação está mais visível em um determinado contexto.

Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
O Jornal da Ciência e a visibilidade de gênero: igualdade e diferença	Juliana Cardoso Pereira (IFSul); Rochele de Quadros Loguercio (UFRGS).	Mulheres, sem recorte de raça	Pesquisa bibliográfica.	XII ENPEC

Enunciado específico

Discussão de gênero; feminismo.

Objetivos

Nesse artigo problematizamos como tem se dado a discussão sobre a relevância do sujeito mulher cientista no contexto das ciências exatas e educação em ciências, para isso buscamos as falas de cada dia, aquelas mais frequentes sobre as mulheres nas ciências publicadas no Jornal da Ciência de 2002 até 2017.

Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Trajetórias de professores universitários negros em Mato Grosso	SANTOS, Tereza Josefa Cruz dos – UFMT	Negros, sem recorte de gênero.	História oral.	26 ANPEd

Enunciado específico

Discussão racial; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional

Objetivos

Nesse sentido, esta pesquisa buscou investigar as trajetórias de vida de professores universitários negros que lecionam em cursos de licenciaturas em Mato Grosso, tendo como objetivo conhecer qual e como foi o processo vivenciado por esses professores, desde sua formação escolar até se tornarem professores de nível superior. Vejo neste trabalho a possibilidade de contribuir para a ampliação dos estudos sobre a educação do negro no Brasil, com um olhar voltado para as conquistas alcançadas.

Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Identidade racial e trajetórias de docentes do ensino superior	Ana Amélia de Paula Laborne – UFMG	Negros, sem recorte de gênero.	Entrevista.	35 ANPEd

Enunciado específico

Discussão racial; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional

Objetivos

A literatura sobre desigualdade racial no Brasil tem apontado a pouca presença dos negros no ensino superior brasileiro desvelando a relação existente entre raça e escolaridade. Articulado a essas discussões, o presente artigo apresenta alguns resultados de uma pesquisa realizada com cinco docentes pretos e pardos da UFMG, analisando suas trajetórias de vida e considerando a vivência da sua condição racial nos diversos espaços pelos quais circularam e ainda circulam. O objetivo é entender as nuances, os conflitos e os dilemas vividos por esses sujeitos e as principais experiências que marcaram e constituíram essa trajetória, buscando compreender os processos de construção de suas identidades raciais. Encontramos trajetórias e percursos de sujeitos de origem popular, marcados pela necessidade de conciliar a vivência do trabalho e do estudo. Enquanto docentes vivenciam situações veladas de estranhamento do ponto de vista racial, porém, a credencial de “ser professor universitário” parece lhes garantir uma certa imunidade diante de situações declaradas de preconceito no meio acadêmico. Ao mesmo tempo, temos identidades raciais construídas a partir de

um complexo jogo de aproximações e distanciamentos, sempre levando em consideração o contexto das relações raciais brasileiras.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Mulheres negras e professoras no ensino superior – as histórias de vida que as constituíram	Maria Clareth Gonçalves Reis – UENF	Mulheres negras	História oral.	35 ANPEd
Enunciado específico				
Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Este artigo tem como objetivo trazer resultados de pesquisa realizada no doutorado em Educação. Como objetivo principal buscou compreender processos de construção de identidades raciais, de gênero e de classe de professoras negras universitárias. Para isto foi utilizada a abordagem qualitativa, optando pelo uso de entrevistas de histórias de vida, considerando as trajetórias das professoras. Pretendia trabalhar com seis entrevistas, mas, percebi que a quantidade de depoimentos coletados já era suficiente para fazer as articulações necessárias. Assim, foram realizadas cinco entrevistas, de acordo com o perfil previamente estabelecido: que fossem professoras do ensino superior e que se autodeclarassem negras, pois o objetivo principal do estudo foi investigar processos de construção de identidades raciais negras. As entrevistadas demonstraram que, muitas vezes, a condição racial se sobrepõe à condição de classe, pois as discriminações apontadas dificultam as ascensões sociais, econômicas e culturais das mulheres negras e, quando estas ascendem, são percebidas como se estivessem “fora do lugar”.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Professoras negras e suas autorias: Um estudo sobre a produção acadêmica de doutoras negras atuantes em Universidades públicas do sul do Rio Grande do Sul	Elida Regina Nobre Rodrigues (PUC/RS)	Mulheres negras	Autobiografia	39 ANPEd
Enunciado específico				
Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Este resumo compõe um recorte do estado do conhecimento sobre professoras negras doutoras, docentes em duas universidades públicas do extremo sul do Rio Grande do Sul. O estudo autobiográfico buscará apresentar a invisibilidade da população negra por meio da análise sobre a produção científica, divulgada publicamente, bem como um estudo dos currículos de professoras autodeclaradas negras, da área de Ciências Humanas. Analisarei se a produção dessas Professoras Doutoras negras é afetada academicamente pela consciência da negritude, por meio de elementos autobiográficos nos seus escritos.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Professores (as) universitários (as) negros (as): percursos e identidades	Ana Amélia de Paula Laborne	Sem recorte de gênero	Estudo de caso.	IV COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Esta investigação tem como objetivo central conhecer as trajetórias de vida de professores negros na UFMG, as condições de ingresso na vida acadêmica, bem como as principais experiências que marcaram e constituíram essa trajetória, buscando compreender os processos de construção de				

suas identidades étnico-raciais e a existência ou não da correlação entre raça e escolaridade na sua história familiar.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Mulheres Negras e professoras no ensino superior: as histórias de vida que as constituíram	Maria Clareth Gonçalves Reis (UFF)	Mulheres negras	História oral	V COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Este estudo tem como objetivo principal compreender processos de construção de identidades raciais de professoras negras atuantes no ensino superior. Como objetivos específicos, busquei perceber como processos de construção de identidades raciais, de gênero e de classe são vivenciados pelas professoras e entender as suas percepções em relação à negritude e às classes sociais nas quais se enquadram.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Trajetórias de docentes do ensino superior: ações afirmativas e o contexto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Ana Amélia de Paula Laborne, Nilma Lino Gomes (UFMG)	Mulheres negras	Os anais dessa edição não apresentam resumo.	VI COPENE
Enunciado específico				
Discussão gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Os anais dessa edição não apresentam resumo.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Racismo institucional e Trajetórias de Professores(as) Negros(as) na Universidade: um estudo de caso	José Gonçalves Silva (UFPA)	Sem recorte de gênero	Estudo de caso.	VI COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Os anais dessa edição não apresentam resumo.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Identidades e Trajetórias de Docentes Negra(o) da UFAM	Ednailda Maria dos Santos (UFAM)	Sem recorte de gênero	Os anais dessa edição não apresentam resumo.	VI COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Os anais dessa edição não apresentam resumo.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento

A inserção das mulheres negras nos cargos docentes das instituições de ensino superior	Dinamara Da Silva Prates - Centro Universitário Metodista do Sul - IPA	Mulheres negras	Entrevista semi-estruturada	VIII COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Busca identificar se racismo interfere como marcador primordial na ascensão profissional de professoras negras e doutoras nas universidades públicas do referido estado.				

Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
A incidência do racismo nas trajetórias profissionais de docentes negras: um estudo de caso nas universidades públicas do Ceará	Maria Simone Euclides	Mulheres negras	Pesquisa bibliográfica/estudo de caso	IX COPENE
Enunciado específico				
Busca identificar se racismo interfere como marcador primordial na ascensão profissional de professoras negras e doutoras nas universidades públicas do referido estado.				
Objetivos				
Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				

Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Docentes negros no IFMG: uma aproximação da produção acadêmica	Márcia Basília de Araújo (UFMG), Shirley Aparecida de Miranda (UFMG)	Sem recorte de gênero	Análise CV Lattes.	X COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Analisar a trajetória e a presença de docentes negros no Instituto Federal de Minas Gerais – IFMG, uma instituição de ensino superior multicampi, com a reitoria localizada em Belo Horizonte e campi distribuídos por diversas cidades de Minas Gerais.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Pesquisadoras negras na produção do conhecimento científico: em estudo em programas de pós-graduação stricto sensu da UFMG	Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.	Mulheres negras	Pesquisa documental	X COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Analisar a participação de pesquisadoras negras na produção de conhecimento científico em Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Federal de Minas Gerais, na				

perspectiva da Interseccionalidade de gênero e raça, a fim de dar visibilidade às mulheres negras nas ciências				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Percurso acadêmico e intelectual de mulheres negras, mestras e doutoras em educação: narrativas e historicidade na docência.	Monique Karine Gomes; Claudia da Silva Santana	Mulheres negras	Pesquisa narrativa	XI COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Finalidade apresentar relato dessa investigação, cujo objeto de estudo consiste em narrativas de mulheres negras, mestras e doutoras em Educação, acerca da escolha da profissão e continuidade no exercício da docência e a influência de relações raça e gênero nesse processo.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
“Docência Negra” - Trajetórias E Vivências Plurais Na Universidade Federal De Minas Gerais	Camila Mendes Moreira; Gabriel Nunes da Silva; Letícia Reis dos Santos; Michelle Corrêa de Souza; Roberth Daylon dos Santos Freitas; Thiago Cordeiro Almeida	Sem recorte de gênero	Exposição fotográfica e entrevistas.	XI COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Desse modo, tem por objetivo geral relacionar os aspectos identitário e afetivo que nos transpassaram durante esse processo de fotografia e entrevista, e como acreditamos que iniciativas como a nossa podem tensionar as matrizes de produção de conhecimento no ambiente universitário.				

E3: Contexto social – vislumbrar o contexto de modo a respeitar as particularidades históricas interseccionando à importância do contexto global, de forma consciente de que os contextos históricos, culturais, intelectuais e políticos moldam a investigação e a prática da interseccionalidade.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Concepções de professores sobre o seu papel como docente na Universidade	João Rodrigo Santos da Silva (USP); Paulo Takeo Sano (USP)	Sem recorte de gênero e de raça.	Indeterminado.	VIII ENPEC
Enunciado específico				
Formação de professores; trajetória pessoal/profissional; políticas públicas.				
Objetivos				
O presente texto que se segue mostra o resultado parcial sobre o que alguns professores de botânica pensam sobre o seu papel na Universidade. A função de professor adotada no Brasil teve origem européia. Essa relação com alguns modelos de docência das Universidades mais antigas mostra que a função de professor pode ser interpretada de forma diferente pelos professores, devido à heterogeneidade dessas influências e das novas possibilidades.				

Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Gênero feminino e formação de professores na pesquisa em educação científica e matemática no Brasil	Irinéa de Lourdes Batista (UEL); Aszuen Tsuyako do Carmo Torejani (UEL); Bettina Heerdt (UEL); Lucken Bueno Lucas (UEL); Maria Lúcia Corrêa (UEL); Roberto Gonçalves Barbosa (UEL); Vinícius Colussi Bastos (UEL)	Mulheres, sem recorte de raça.	Pesquisa bibliográfica.	VIII ENPEC
Enunciado específico				
Discussão de gênero; divulgação científica; formação de professores.				
Objetivos				
Com o intuito de traçar um quadro de como estão as discussões de gênero feminino na pesquisa em formação de professores em Educação em Ciências e Matemática no Brasil, foi realizado um levantamento, no período de 2005 a 2011, em artigos científicos publicados em periódicos e atas de eventos da área.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Saberes docentes e invisibilidade feminina nas Ciências	Irinéa de Lourdes Batista (UEL); Bettina Heerdt (UEL); Lígia Ayumi Kikuchi (UEL); Maria Lúcia Corrêa (UEL); Roberto Gonçalves Barbosa (UEL); Vinícius Colussi Bastos (UEL)	Mulheres, sem recorte de raça.	Questionário.	IX ENPEC
Enunciado específico				
Discussão de gênero; feminismo; formação de professores.				
Objetivos				
Pesquisas na área de Educação em Ciências têm problematizado o desinteresse de jovens mulheres por carreiras científicas e tecnológicas. As razões citadas para essa falta de interesse têm sido a imagem masculina atribuída historicamente às Ciências, o desconhecimento das carreiras científicas, os modos tradicionais de ensinar Ciências e a dificuldade das e dos docentes em identificar e trabalhar pedagogicamente com essas questões				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Professor formador, trabalho docente e saberes: dos caminhos percorridos e das pesquisas da área de Educação Matemática.	Ana Lúcia Manrinque; Laurizete Ferragut Passos (PUCSP)	Sem recorte de raça e gênero.	Pesquisa bibliográfica.	III SIPEM
Enunciado específico				
Formação de professores; trajetória profissional.				

Objetivos				
Um dos questionamentos desse texto relaciona-se aos processos de formação dos formadores e do significado de ser formador de professores hoje.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
A formação dos formadores de professores de Matemática.	Váldina Gonçalves da Costa; Laurizete Ferragut Passos (PUCSP)	Sem recorte de raça e gênero.	Pesquisa bibliográfica.	III SIPEM
Enunciado específico				
Formação de professores; trajetória profissional				
Objetivos				
Formadores de professores de Matemática (sujeitos), com ou sem formação em Matemática, com o objetivo de verificar analisar e discutir a formação do formador de professores de Matemática do Estado de Minas Gerais.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Concepções dos formadores de professores de Matemática e o processo de mudança curricular nos cursos de licenciatura em Matemática.	Armando Traldi Júnior (CEFET-SP); Célia Maria Carolino Pies (PUC).	Sem recorte de raça e gênero.	Estudo qualitativo	III SIPEM
Enunciado específico				
Formação de professores; trajetória profissional.				
Objetivos				
Qual a relação entre as concepções dos formadores de professores de Matemática que ministram aulas de Cálculo Diferencial Integral e as recomendações das diretrizes para os cursos de licenciaturas em Matemática.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Relação com o saber e necessidades profissionais de um professor de matemática	Marcos Rogério Neves (UESC)	Sem recorte de raça e gênero.	Estudo de caso.	IV SIPEM
Enunciado específico				
Formação de professores; trajetória profissional.				
Objetivos				
Relações que um professor de matemática estabeleceu, durante parte de sua carreira, com os saberes matemáticos que leciona e com os desenvolvidos nas disciplinas do curso de Licenciatura em Matemática				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
A formação docente: um estudo sobre os processos formativos de professores do ensino superior	SILVA, Maria Aparecida de Souza – PUCMINAS	Sem recorte de raça e gênero.	História oral.	30 ANPEd
Enunciado específico				
Formação de professores; trajetória profissional.				
Objetivos				

O objetivo desta pesquisa é a investigação dos processos formativos dos professores do ensino superior “não habilitados”, vivenciados em suas trajetórias pessoais e profissionais. São professores bacharéis em Administração de Empresas com diferentes tempos de experiência na docência e na área de formação, que atuam no Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, uma instituição da rede privada de ensino

Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Histórias de vida de mulheres negras que atuam no ensino superior: enfrentando o racismo na escola	Maria Clareth Gonçalves (UFF)	Mulheres negras	História de vida	VI COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Os anais dessa edição não apresentam resumo.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Retratos em preto e branco: configuração racial do corpo docente da Universidade de São Paulo (USP)	. Viviane Angélica Silva - UFMG	Sem recorte de gênero	Pesquisa documental	VIII COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional				
Objetivos				
Este trabalho propõe pensar como estas discussões reverberam na composição racial da docência no ensino público superior no Brasil e na USP especificamente. Articular as discussões sobre relações raciais e docência no ensino superior é propor analisar algumas (in)visibilidades. Onde estão os professores negros e as professoras negras na USP, é uma pergunta que esse trabalho faz, diante da ausência de um censo étnico-racial do corpo docente das universidades públicas brasileiras e da escassez de bibliografia a respeito.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
De estudantes a professoras universitárias: docentes negras construindo práticas de enfrentamento ao racismo	Maria Simone Euclides (UFPI), Joselina da Silva (UFRRJ)	Mulheres negras	Pesquisa narrativa	X COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Docência no ensino superior e o racismo no cotidiano de professoras negras	Aline Nascimento Santos Correia; Itamires Lima Santos Alcantara	Mulheres negras	História de vida	XI COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional				
Objetivos				
Este artigo tem por objetivo refletir sobre o racismo no cotidiano de professoras negras no ensino superior.				

E4: Relacionalidade – visa conexões entre ideias, discursos e projetos políticos, examina as possibilidades de interconexões e novas relações políticas “entre grupos de pessoas historicamente privadas de direitos também dá forma à dessegregação nos Estados-nação e à descolonialidade como fenômeno global característico” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 286).				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Aportes de Jane Marcet a la divulgación y educación química del S. XIX	Johanna Camacho González (UChile)	Mulheres, sem recorte de raça.	Pesquisa bibliográfica	IX ENPEC
Enunciado específico				
Discussão de gênero; divulgação científica.				
Objetivos				
El objetivo de esta investigación consistió en realizar un estudio bibliográfico sobre Conversations on Chemistry de Jane Marcet en la Inglaterra del S XIX. Este libro de divulgación científica fue relevante para difundir las teorías más importantes del conocimiento científico y químico entre diferentes audiencias, especialmente mujeres y jóvenes, así como también para contribuir significativamente a la educación química, particularmente en Estados Unidos. A pesar que existió gran controversia por el inmanejable uso de sus ediciones, es notable que este texto contribuye a comprender la participación activa de las mujeres en la ciencia, su trabajo científico y el aporte de diferentes estrategias como las conversaciones, en la enseñanza – aprendizaje de la química.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
De alunas a cientistas: memórias femininas da educação e da ciência pernambucana	Josefa Martins da Conceição (UFRGS); Maria do Rocio Fontoura Teixeira (UFRGS)	Mulheres, sem recorte de raça.	Entrevista narrativa.	XII ENPEC
Enunciado específico				
Discussão de gênero; feminismo.				
Objetivos				
Em narrativas, oito cientistas das Academias Pernambucanas de Ciência Agrônômica, Medicina Veterinária e Química atenderam ao objetivo deste estudo, resgatar trajetórias femininas no ensino superior pernambucano entre os anos de 1970 e 2000.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
A associação brasileira de pesquisadores(as) negros(as) e a produção de conhecimentos: o que pesquisam as mulheres negras?	Joana Celia Dos Passos	Mulheres negras	Pesquisa bibliográfica	IX COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Essa comunicação apresenta resultados de uma pesquisa que analisou a trajetória acadêmica e a produção de conhecimentos de pesquisadoras negras. Como resultado, constatou-se a crescente participação de mulheres nos Congressos de Pesquisadores/as Negros/as identificou-se as áreas e temáticas das pesquisas que realizam e suas contribuições na produção científica. A interlocução foi priorizada com autores dos estudos decoloniais focalizando: feminismo negro e a participação da mulher negra na ciência.				

E5: Complexidade – enfrentamento do desafio de manter a tensão criativa entre o investigar e o praticar, fomentando a complexidade. Através da complexificação de argumentos, são cultivados diálogos com ativistas do Sul global, e assim trazer à luz argumentos que não são foco da interseccionalidade cultivada no Norte.

Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Trajétórias formativas de professores universitários: repercussões da ambiência no desenvolvimento profissional docente	Adriana Moreira da Rocha Maciel – UFSM Silvia Maria de Aguiar Isaia - UFSM/UNIFRA Doris Pires Vargas Bolzan - UFSM	Sem recorte de raça e gênero.	Autobiografia	31 ANPED

Enunciado específico

Formação de professores; trajetória profissional

Objetivos

O texto decorre de investigação sobre a ambiência docente com oito professores de licenciatura de uma universidade comunitária, considerando tempo de experiência e etapas da adultez. A questão orientadora envolveu a busca de elementos descritivos da ambiência e como essa repercute no desenvolvimento profissional docente.

Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
A trajetória de um professor negro na universidade – questões culturais e currículo	Thais Barcelos Dias da Silva – UERJ Rebeca Silva Brandão Rosa – UERJ Simone Gomes da Costa – UERJ	Homem negro.	História oral.	32 ANPED

Enunciado específico

Discussão racial; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.

Objetivos

Analisando as imagens de um acervo produzido por um fotógrafo oficial de uma universidade pública, onde a presença de um homem negro nos chama atenção, pois aparece muitas vezes em destaque nos eventos importantes para a universidade num período em que a presença do negro não era tão numerosa. Identificamos como relevante narrar a história de vida deste professor para discutir as questões raciais articulando-as com os assuntos curriculares.

E6: Justiça social – Diferenciar desigualdade social e justiça social, mesmo que os conceitos sejam utilizados de forma intercambiável muitas vezes, vislumbrando que a razão de ser da interseccionalidade não pode apresentar “as razões de ser” da persistência das desigualdades sociais, mas trabalhar para corrigi-las através de um engajamento crítico dentro da interseccionalidade como um campo de investigação das questões relacionadas à justiça social, transpondo a fronteira entre trabalho acadêmico e ativismo.

Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Professoras negras universitárias: militância e identidade	Maria do Rosario de Fatima Vieira da Silva (SE-SP)	Mulheres negras	História oral.	40 ANPED

Enunciado específico

Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional.

Objetivos

O estudo teve como objetivo geral discutir sobre o processo de formação das identidades da mulher negra que atuam no ensino superior em Parnaíba. Especificamente: identificar a participação delas em movimentos sociais, ONGs ou outras formas de atuação social e política; conhecer possíveis situações de preconceito e discriminação vivenciadas; refletir de que forma estas experiências impactam na formação/afirmação de suas identidades negras. A abordagem da pesquisa foi de natureza qualitativa de cunho narrativo e teve como instrumento de produção dos dados o memorial de vida e formação.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Escassez de materiais teóricos e didático para discussão da representatividade de mulheres negras na ciência exatas e tecnológicas	Thais Da Silva Gonzaga	Mulheres negras	Pesquisa bibliográfica	IX COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça e gênero; formação de professores; trajetória pessoal e/ou profissional				
Objetivos				
O texto introduz a importância da representatividade de mulheres negras em profissões referentes a essas áreas, conhecidas por serem majoritariamente masculina e branca, pois estas são afetadas de forma diferente ao sofrerem com a desigualdade de gênero e raça.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
Cleber Maciel: Trajetória intelectual de Um negro Capixaba	Oswaldo Martins de Oliveira	Homem negro	Pesquisa bibliográfica	XI COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Analisar a trajetória intelectual de Cleber Maciel.				
Título	Autor(es)	Público Alvo	Metodologia	Edição/Evento
A trajetória do docente Ernest Lasebikan da Universidade da Bahia (1960-1965)	Luiza Nascimento dos Reis	Sem recorte de gênero	Pesquisa bibliográfica	XI COPENE
Enunciado específico				
Discussão raça; trajetória pessoal e/ou profissional.				
Objetivos				
Essa pesquisa busca discutir, através de análise de documentos depositados no acervo do Centro de Estudos Afro-Orientais, basicamente correspondências e recortes de jornais, aspectos dessa experiência inédita.				

1. Socialização

1.1 Posição da família

- a) Antepassados. Quantos membros da família tiveram acesso ao Ensino Superior.
- b) Casamentos e relações afetivas.
- c) Religião.
- d) Hábito da leitura dentro da família.

1.2 Posição econômica da família

- a) Papel e função de cada membro da família em casa e no mundo.
- b) Organização do cotidiano familiar – horários e hábitos.
- c) Espaço físico da casa.
- d) Meios de transporte utilizados e bens materiais como imóveis, automóveis, telefone, etc.

1.3 Transformações na estrutura familiar.

- a) Qual o principal provedor da família (pai, mãe, avós...).
- b) Local de moradia na infância (periférico, central, rural, outros).
- c) Quais atividades culturais eram feitas em família.

1.4 Formação intelectual e profissional.

- a) Qual a influência dos familiares e de outras pessoas nas opções profissionais.
- b) Quais foram as figuras marcantes em sua trajetória acadêmica.
- c) Qual o perfil dessas figuras.
- d) Como você avalia o sistema de ensino e o seu ambiente escolar.
- e) Como você avalia as atividades extracurriculares da sua trajetória escolar.
- f) Como você descreve seu relacionamento com professores e colegas de escola.
- g) Como você avalia seu desempenho individual como estudante.
- h) Você participou de movimentos estudantis e sindicatos durante sua trajetória acadêmica.

2. Ingresso na pesquisa.

2.1 Relações com a socialização.

- a) O que te levou a escolher a carreira de pesquisadora.
- b) Quais foram às influências pessoais nessa escolha (amigos, família, professores, colegas de profissão, etc.)
- c) Quais foram os caminhos percorridos para efetivação na carreira de pesquisadora.

3. Atuação profissional.

- a) Quais cargos de liderança você já exerceu em sua carreira.
- b) Como você foi designada para esses cargos.
- c) Quais eram suas atribuições.
- d) Como eram as pessoas com as quais conviveu.
- e) Quais sentimentos essas relações despertaram.

4. Relações interpessoais na carreira.

- a) Narre suas relações interpessoais com seus companheiros de trabalho.
- b) Narre momentos de conflito com seus companheiros de trabalho.
- c) Para você: O que é ser uma docente-pesquisadora negra na área científica?
- d) Quais os aspectos positivos e negativos?
- e) Como foi se estabelecer como uma docente-pesquisadora negra na área científica? Quais os aspectos positivos e negativos?
- f) Narrar como esses aspectos influenciam sua vida pessoal?

Para iniciar vou perguntar algumas coisas da sua família da sua trajetória de sua vida pessoal: inicialmente como você se declara, preta ou parda?

Parda.

Na sua família, seus antepassados, quantas pessoas da sua família tiveram acesso ao Ensino Superior?

Parentes diretos, você diz? Pai, mãe, irmão?

Isso, tios, avós, familiares que você saiba.

Na verdade, foi meu tio, foi o primeiro, mas de uma família bastante grande, minha mãe teve oito irmãos e só o mais novo que tem Ensino Superior, e em seguida, tenho vários primos também, eu fui, dentre meus primos, eu fui a primeira.

Você diria que na sua família após o seu tio, você foi a primeira pessoa que teve

Ensino Superior. E com isso, você acha que o curso que você escolheu seria um curso menos nobre para você conseguisse ingressar, ou você gostaria de um curso “dito” mais nobre?

Não. Eu nunca me vi fazendo outra coisa que não fosse ser professora, era o que eu queria desde... A percepção do que é ser professora foi mudando com o tempo. Para mim quando entrei na escola ser professora, era ser professora de creche, digamos assim, do Ensino Infantil, conforme o tempo foi passando a gente vai tendo uma percepção diferente do que é ser professor, mas eu nunca quis fazer outra coisa.

Em relação à profissão dos seus pais?

Minha mãe é dona de casa e também trabalhou como costureira em casa, enfim, remunerada de qualquer maneira e meu pai era marceneiro.

Você tem irmãos?

Tenho um irmão.

Então seu núcleo familiar são quatro pessoas?

Quatro pessoas.

O seu irmão tem Ensino Superior?

Sim.

Em relação à sua vida pessoal, você é casada, tem alguma relação afetiva estável?

Sim, tenho uma relação afetiva estável.

Você diria que está satisfeita nessa relação, com quantos anos você iniciou essa relação?

Já faz quase quatro anos, o tempo voou.

E antes disso, você teve outras uniões estáveis?

Não.

Quanto à religião, sua e da sua família?

Ah! É meio misturado, minha mãe é evangélica, meu pai é católico não praticante, meu irmão é ateu (risos) e eu sou espírita.

E o seu esposo?

Ele é espírita também.

Dentro da sua família, pai, mãe e irmão, vocês tinham o hábito da leitura, esse hábito era estimulado?

Muito, meus pais não tinham o hábito, nunca tiveram, mas eles nos estimulavam muito a isso. Desde muito cedo.

Você considera que seus pais incentivam a leitura como se a educação fosse um meio de ascensão social?

Não é só um meio, mas o meio, o único meio que a gente enxergava, minha mãe costumava dizer que ela nunca poderia dar nada que fosse material para gente, de herança, a única coisa que ela podia era de fato contribuir e facilitar era me dando estudo. Dentro das nossas possibilidades, é claro.

Então em relação dos membros da sua família, qual era função de cada um no núcleo familiar?

Meu pai nunca interferiu na educação dos filhos de maneira mais direta, tudo era 'Ah! Sua mãe resolve', mas por outro lado ele era o provedor, foi essa a função dele. E ele nunca interferiu, por exemplo, no estudo. Claro, ele enxergava a importância do estudo e tal, mas efetivamente quem fazia com que a coisa andasse, sempre foi minha mãe.

Ela que tomava "a frente" nos estudos dos filhos?

Exatamente!

Vocês viviam em um ambiente matriarcal?

Em termos de educação de filhos, competia quase que totalmente a ela.

E quais outras responsabilidades que competiam à sua mãe?

Ela ajudava meu pai financeiramente, claro. No sentido de ela não poder trabalhar fora por ter dois filhos pequenos, eram outros tempos. Mas ela trabalhava em casa, com isso auxiliava meu pai na renda familiar, de alguma maneira.

E você diria que em relação à posição financeira?

Nós éramos de classe baixa, é muito difícil para quantificar essas coisas, eu vejo limites entre uma coisa e outra. Eu tenho lembranças de algumas coisas. Vamos dizer: a gente nunca passou fome, que um caso extremo de classe baixa, mas também tenho muitas lembranças de coisas que a gente desejava ter e não teve. Besteirinhas, mas, enfim... Eu, no meu entendimento, sim, eramos de classe baixa.

Essa organização do cotidiano familiar, tudo era organizado pela sua mãe e que vocês tinham uma regularidade desses hábitos?

Sim. Eu creio que sim, porque na verdade, assim, quando criança toda nossa vida, em termos de horário, de alguma maneira era limitada pelos horários de escola. Então, estudo cedo, acordo cedo. Tem o horário de refeição que está atrelado, de

alguma maneira à rotina de estudo. Então, aquilo vai se organizando de maneira mais ou menos natural, então dormia cedo porque tinha que acordar cedo. Não sei se é isso que você estava perguntando?

Isso mesmo.

Ele era bem organizadinho nesse sentido.

E o espaço físico da casa ou das casas que vocês moravam, como você se lembra?

Eu não tenho muita lembrança de período até os três anos, eu não tenho muita lembrança de casa, tenho lembranças de convívio familiar, de algum vizinho que ia brincar com a gente, eu tenho uma lembrança muito vaga, mas a casa mesmo eu não me lembro. Mas da minha lembrança, o primeiro lugar que a gente morou e que eu tenho lembrança, de fato, foi em São Paulo. Isso eu devia ter uns quatro anos, eu acho, uns cinco, talvez. E realmente, a gente morou em casas bastante precárias. Então para que você tenha uma ideia o primeiro lugar que eu me lembro era um espaço que era uma garagem, improvisado como casa, como se fosse um cômodo grande, tinha um banheiro interno, mas era uma garagem, não tinha janela. O segundo que eu me lembro, foi ali também, bem próximo. Na verdade, era tudo meio misturado, era um terreno e o dono tinha vários imóveis ali, vários terreninhos. E outro eu lembro que tinha um sobrado, em cima era ocupado, acho pelo dono, e embaixo, a gente morava literalmente embaixo de uma escada.

Então, eu acho que não eram os locais mais adequados, em termos de residência. Depois, um pouco depois, a gente morou literalmente em um cortiço (risos). Eu acho engraçadinho porque, hoje eu rio muito dessas coisas, sabe a vilinha do Chaves, era mais ou menos aquilo (risos). Então chovia dentro de casa, era mais ou menos a vilinha do Chaves. Mas assim, a gente morou mal, mas a minha mãe era muito organizada, tinha muito claro, que aquilo era para economizar para poder ter um imóvel, a gente não tinha outra possibilidade. E aí deu certo, a gente foi para Campinas, e a coisa melhorou um pouquinho (risos). E é isso. Pausa longa. Foi um começo difícil, digamos assim, mas foi divertido.

E quanto aos meios de transporte e outros bens materiais?

Assim, o carro eu me lembro porque foi “o acontecimento”, meu pai comprou um fusquinha de segunda mão, altamente rodado, era um taxi (risos), mas eu achava um máximo, “meu pai tem carro”, me achava, ninguém me contou que aquilo era de terceira, quarta, quinta mão (risos), sei lá. Mas era divertido, mas aí ele teve que vender. Não ficamos muito tempo com ele, justamente para poder comprar um terreno, que tem uma história engraçada também, porque minha mãe, ao mesmo tempo que ela incentivava que a gente estudasse, mas ela era um pouco descrente da possibilidade de que viéssemos um dia a fazer o estudo gratuito, eu nunca paguei nada para estudar, em momento algum. Então, ela via isso como uma possibilidade bastante remota, então, coitada, ela vendeu o carro para ter um terreninho, que para falar a verdade não valia absolutamente nada, mas que na cabeça dela era para garantir, possivelmente, o meu estudo e que pudesse posteriormente auxiliar meu irmão, uma vez que eu sou mais velha. Afortunadamente não foi necessário, utilizá-lo para isso.

Quantos anos você tem?

Eu tenho 49.

E o seu irmão?

46.

Quais atividades culturais que vocês faziam em família?

Era um pouco complicado, a gente não era muito de passear, porque não tinha grana para isso mesmo, então passeio para gente era ir visitar parente no Natal. Muito do que tinha de cultura vinha da própria escola, então, por exemplo, vai fazer um passeio, vai ao cinema com o pessoal da escola. Minha mãe, claro incentivava muito a leitura, mas de certa maneira ela veio também da escola. Então, claro, um primeiro estímulo é da escola, e minha mãe fazendo firme, incentivando do lado dela. Eu não me recordo de dança, teatro, tinha teatro na escola, mas não que a minha mãe, de fato, pegasse a gente e “vou levar meus filhos ao teatro”, não é o caso.

Então a escola foi a fonte primária de acesso à cultura para você e seu irmão?

Eu diria que sim, num primeiro momento foi a única também.

Você sofreu a influência de algum familiar ou de algum professor para seu ingresso na carreira de Ciências Exatas?

Eu tive uma professora de Matemática que primeiro... Bom vou começar do começo, minha mãe não tem estudo, na verdade, ela fez só até a quarta série e muito tempo depois, eu já era adulta quando ela terminou o Ensino Básico, ela foi até a oitava.

E seu pai?

Meu pai foi só até a quarta mesmo. E aí nessa história toda... Do que eu estava falando mesmo? (risos)

Se teve alguma influência na escolha da sua carreira?

Ah tá, das disciplinas que ela gostava, realmente era matemática, isso de alguma maneira me contagiava.

Você diria que se apaixonou pela Matemática também como uma forma de retribuição para sua mãe ou você só gostava mesmo?

Eu era uma aluna meio sui generis que não vou dizer que eu fosse sensacional, mas eu me dava bem em quase todas as disciplinas, porque estudava para elas, então se eu não fosse matemática eu poderia... não sei se seria feliz fazendo isso, mas poderia ter feito Letras, que em algum momento da minha vida era o que eu queria ter feito, mas (pausa prolongada) em algum momento eu percebi que realmente era (matemática) que eu gostava e acho que uma determinada professora me ajudou a enxergar isso bem.

Essa professora, você lembra em que série foi isso?

Quinta ou sexta série, ela era brava e assim eu achava muito divertido porque ninguém gostava dela (risos), mas eu gostava muito dela como ela me tratava também com muito carinho. Então, acho que aquilo de alguma maneira talvez tenha me afetado, não sei.

Você diria que via nela uma figura de poder, uma figura que você se espelhasse para ser quando adulta?

Sim, ela era aquela pessoa que eu queria ser, séria, professora o que é importante também, porque eu queria ser professora e ela era professora, ela era meio brava, eu gostava da postura dela, eu me via realmente e acho que passados alguns anos, eu acho que até hoje eu tenho algo dela, de postura em sala de aula, eu acho que eu sou mais brincalhona do que ela, ela era muito séria, muito brava. Claro, também eu não dou aula para quinta série (risos), mas eu me vejo um pouco.

E como ela era fisicamente?

Ela era branca, branca, branca, branquinha, branquíssima dos olhos azuis, tinha um cabelo loiro que era coisa mais linda.

E você se lembra de ter tido alguma professora negra?

Deixa eu pensar (pausa longa)... Agora que você menciona o fato, primeiro que para mim, houve um determinado momento da minha vida que eu não categorizava pessoas por cores ou raças, então isso nunca teve grande importância, sei lá nunca me detive muito nisso, mas isso quer dizer que na época eu não a via como tal, mas tinha uma professora de história que eu lembro que era, vamos dizer afrodescendente, é o que a gente em São Paulo costuma chamar de “moreninho”, que aliás eu demorei para entender que “moreninho” era uma espécie de eufemismo para mulato, mas enfim, nunca me toquei, até aquele momento ainda não tinha isso muito claro. Hoje eu tenho e acho foi a única, inclusive até o Ensino Superior.

E como era o ambiente da escola?

Pobre, eu acho que estava todo mundo no mesmo barco, claro tinha alguns mais pobrinhos, mas todo mundo de escola pública, todo mundo morava no mesmo bairro, alguns moravam melhor outros em condições mais difíceis, mas acho que estava todo mundo mais ou menos no mesmo barco. Por ser menina, não sei, eu não me via prejudicada por isso. E por ser negra, como eu mencionei eu não tinha muita percepção disso, e tem uma certa hipocrisia na sociedade que parece que negro é só aquele que é preto de fato, preto, preto, preto, numa escala de cores a última ponta da cor e não é nada disso, e na época eu não tinha uma percepção muito clara disso, então eu sempre fui tratada como a moreninha ou a morena (risos) e isso é meio ridículo porque eu demorei muitos anos, e bota muitos anos nisso, para me enxergar como afrodescendente e não é por preconceitos seja da minha família ou seja da minha parte mesmo é simplesmente porque, não me via como tal e como passei a infância em São Paulo que certamente é muito diferente de morar em Curitiba, onde a sensação que a gente tem que quase todo mundo é descendente de europeus, coisa que também conforme a gente vai observando, a gente sabe que não é bem assim, mas em São Paulo é tudo muito misturado, então eu não me ative muito a isso, eu fui ter um pouco de consciência disso, talvez, eu já era realmente, acho que já estava terminando o Ensino Médio, realmente foi algo bem tardio, o que chega a ser ridículo, meio ridículo.

Você se lembra se tinha alguma atividade extracurricular?

Eu realmente não tenho muita lembrança disso, eu particularmente só tenho lembrança realmente das aulas e se eu for pensar o período que eu morei em São

Paulo e mesmo até o segundo grau, eu não tenho lembrança de atividades extracurriculares.

Suponho que seus também não tinham condições de matricular em curso de inglês e outras atividades?

Não, isso não se cogitava. Eu queria ser bailarina, não deu! (risos)

Você se lembra como era seu relacionamento com os professores?

Tive problema com uma professora de Educação Física, foi a única na verdade em toda minha, e olha que eu acho que já estudei bastante, passei bastante tempo por bancos escolares, mas eu só tive problema com uma professora e era professora de Educação Física, e ali sim, ali eu sofri um bullying danado, na época não se chamava bullying, na época não se chamava nada, a gente só ia para casa chorando, mas eu tenho lembrança sim. Era na verdade a primeira e única disciplina na escola que eu realmente tive nota vermelha. E é claro, minha mãe na maior inocência do mundo foi perguntar para professora se eu tinha algum problema, na maior inocência mesmo, não no sentido de cobrar, porque para minha mãe professor sempre tinha razão, mas ela queria saber se se tinha alguma coisa errada, se eu estava errada, ela não brigou, essa professora não brigou com a minha mãe, mas (lufada de ar) veio e jogou em cima de mim: ‘porque você é uma criancinha, a mamãezinha tem que vir resolver os seu problemas’ e minha vida foi um inferno por dois anos, eu só tive sossego a hora que a gente voltou para Campinas. E é claro, os CDFs nessas horam apanham, era a oportunidade que as outras crianças tinham para encher o meu saco, e criança sabe ser cruel quando quer.

E seu desempenho individual como estudante?

Era bom.

Em algum momento você participou de algum movimento estudantil, sindicatos?

Não, nunca me interessei por esse tipo de questão. Vejo hoje... consigo enxergar a importância deles, mas nunca me envolvi diretamente com isso.

O que você diria que te levou a escolher ser pesquisadora?

Eu confesso que num primeiro momento eu não me via como pesquisadora, eu queria ser professora de Matemática, aluna de licenciatura, terminei meu curso. Entretanto, aqui no Paraná acho que se chama PSS, e eu trabalhei em Campinas, tem uma outra nomenclatura, mas enfim, eu trabalhei como professora substituta durante a graduação, isso no meu segundo ano de faculdade, e aí eu percebi que as coisas, eu gostava de dar aula, e gosto, mas dar aula para criança é algo delicado, então eu me identifica com determinadas faixas etárias, e simplesmente detestei dar aula para 6ª série, e foi aí que eu me toquei, e falei ‘não vai dar’ eu não vou conseguir, eu não quero passar os próximos vinte, trinta anos com essa faixa etária que eu vou enlouquecer. Nesse meio tempo eu percebi que o meu desempenho acadêmico era acima da média, não vou dizer que era genial, mas era acima da média e pensei bom, acho que o caminho vai ser prosseguir os meus estudos, tentar fazer um mestrado, mas eu confesso que eu ainda não tinha muita ideia de como seria e de quão difícil seria, eu só queria escapar da sexta série, e aí nesse meio tempo eu conheci um professor que foi meu orientador de iniciação científica e ele foi a pessoa mais

importante nesse processo, porque foi a pessoa que confiou em mim e acho que seguiu confiando por muito tempo, porque ele foi meu orientador até o final do doutorado, o mesmo orientador, nunca trabalhei com outra pessoa, então eu devo muito a ele.

Você diria que ele foi a maior influência para sua escolha?

Academicamente sim. Se hoje eu trabalho numa determinada linha de pesquisa, eu devo muito a ele por ter feito com que eu tenha enxergado que eu tinha potencial para isso, ter confiado em mim, porque na verdade eu era simplesmente, num primeiro momento ele não tinha (referência), na verdade ele nunca foi meu professor de fato, ele não me conheceu em sala de aula, então ele apostou no escuro, e acho que eu fui desenvolvendo as tarefas, enfim evoluindo de maneira satisfatória e continuamos até hoje, a gente trabalha junto e acho que é a pessoa mais importante nesse processo acadêmico, devo mencionar também, que teve uma amiga minha que também teve uma participação muito importante nesse processo, porque na verdade ele tinha convidado ela para ser aluna de iniciação científica, e a danada acabou fazendo propaganda: 'Eu não posso, mas tem uma amiga minha lá que eu acho que ela vai gostar', e aí ele falou: 'tá, vamos conversar', e deu muito certo, então eu agradeço muito também, porque ela também confiou em mim, então eu acho que são as duas pessoas, essa minha amiga não sabe o quão importante ela foi nesse processo.

E você se lembra de outras pessoas negras nesse processo da graduação, mestrado e doutorado?

Curiosamente essa amiga minha é afrodescendente, e inclusive se autodenomina assim.

E ela seguiu pela carreira acadêmica?

Sim, hoje ela é professora da UERJ. Então, ela, agora puxando da memória acho que que fomos as únicas que prosseguiram os estudos o final do doutorado, fomos ela e eu.

As únicas mulheres negras que você se lembra?

Sim, que foram até o final do doutorado, até o fim. Se eu for puxar da memória mesmo, nós ingressamos na UNICAMP, na minha turma, erámos 35 alunos, muitos desistiram, mas alunos que eu me lembre, erámos três afrodescendentes, eu, essa minha amiga, e um outro rapaz negro também, erámos os únicos.

E vocês tinham uma proximidade, você acha que a cor da pele influenciou nessa proximidade ou não?

É difícil saber, porque a gente não sabe o quão o inconsciente da gente trabalha nessas circunstâncias, com ele eu não tinha tanta afinidade, assim. Mas também é verdade que ele era um aluno mais relapso, então fosse ele verde ou azul, não teria mesmo. Essa menina tem uma história de vida que é um pouco parecida com a minha, contava-se à boca pequena que a gente se parecia (risos), inclusive fisicamente, e perguntavam para gente se a gente era irmã, era interessante isso. Então, com ela eu me identificava no sentido de que, não sei se é pela cor, não sei até que ponto isso realmente tinha importância naquele momento, mas ela era a pessoa que eu queria

ser, super dedicada, super estudiosa, era o meu referencial, e que por acaso ou não, não sei, era negra.

Você não tem filhos, né? Você acha que se você tivesse tido um filho, você conseguiria permanecer na carreira de pesquisadora? Isso dificultado ou impossibilitado?

Dificultado, com certeza, impossibilitado eu acho que não. Acho que a vida é bem mais dura para mulheres, por causa da história de conciliar. São responsabilidades domésticas, todo o trabalho de casa e mais cuidado de filhos e acho que é complicado. Se tivesse atrasado os meus planos de alguma forma, talvez eu não tivesse tido a oportunidade de fazer um pós-doc, como eu fiz, porque das duas uma ou eu teria filho antes de conseguir continuar estudando, ou então, eu não sei como, se eu deixasse se eu postergasse a gravidez mais para frente, não deixasse para depois. Eu ia fazer pós-doc não sei quando. Então, com certeza dificultaria, mas também é verdade que a gente não precisa de um pós-doc aqui para ser um pesquisador.

E nesses momentos de entre iniciação, mestrado, doutorado, você diria que você passou por dificuldades financeiras, que você tinha uma rede de apoio familiar que permitia que você permanecesse com os estudos?

As coisas eram meio complicadas, mas depois que a gente foi para Campinas que a gente já tinha casa própria, as coisas melhoraram um pouco. Eu não vou dizer que eu pudesse viver com folga, mas, por exemplo, meu primeiro ano de faculdade, eu trabalhei um ano antes, de entrar na faculdade e tinha alguma reserva desse período que eu trabalhei. Então, o primeiro ano eu pude me manter com esse dinheiro guardado, depois, as coisas começaram a ficar um pouco mais difíceis e foi bem no período que eu conseguia iniciação científica com bolsa. E eu tive muita sorte nesse sentido, porque, desde então, eu nunca fiquei sem nenhum tipo de bolsa, seja de iniciação científica, de mestrado, doutorado, nunca fiquei sem bolsa. Então, foi fundamental, se eu não tivesse esse auxílio, as coisas seriam bem difíceis porque meu pai ganhava mal, para eu me deslocar até a universidade, tomava dois ônibus. Essas coisas ficariam complicadas e como eu estudava de dia também, era um pouco complicado para trabalhar, talvez eu tivesse que desistir ou pelo menos mudar de período, período que eu digo trocar a tarde por noite.

Então eu vou passar um pouco para atuação profissional e aí eu gostaria que se considerasse esse período em que você é efetivamente professora e pesquisadora na universidade. Você já exerceu cargos de chefia, de liderança, líder de grupo, coordenação de curso?

Não, eu atuo como vice coordenadora, mas eu acho que isso não entraria nesse como liderança. Não, não, não tenho nenhum cargo, nunca trabalhei.

E por que você diria que nunca exerceu esses cargos por qual motivo?

Eu realmente não gosto desse tipo de tarefa. Se eu puder fugir eu vou fugir, nem sei se devia dizer isso, eu não gosto, eu gosto de dar aula, gosto de trabalhar. Toda essa parte burocrática, para mim é complicada, eu tenho uma certa dificuldade.

Mas você diria que você tem dificuldade com a burocracia ou com as pessoas que estão relacionadas às atividades administrativas?

Um pouco de tudo eu acho, mas quando você tem esse desejo, essa facilidade de trabalhar com atividades burocráticas, você de alguma maneira tem facilidade a lidar melhor essas outras lideranças, então, isso é como se fizesse parte do seu trabalho. Quando a gente não tem esse pendor ou esse desejo de trabalhar, exercendo atividades mais burocráticas ou mais... nem sei fugiu um pouco a palavra “mais administrativas”, aí tudo parece que fica complicado. Olha, papelada em si é que me assusta, são tantas instruções normativas, tantas regras e quando você está entendendo uma ela já foi revogada. Para mim, isso é bastante difícil, somando-se a isso uma certa dificuldade pessoal de lidar com, enfim, com determinadas pessoas, porque você vai ter que ter acesso a elas, acho que complica bastante, complica ainda mais no caso.

E como você definiria de uma forma geral, as pessoas com quem você convive no trabalho? Como é a sua relação com os seus colegas, seus pares pesquisadores? E se você acha que eles te enxergam como um membro da comunidade, ou se eles têm algum preconceito em relação a você?

Eu não sei, é difícil responder esse tipo de questão, mas eu sou uma pessoa naturalmente tímida, isso é da minha natureza e eu tenho consciência de que isso é mal interpretado. Então, sei lá, pessoas mais próximas, sabem que sou tímida, então, se ela não fez uma boa apresentação no Congresso, não é por desconhecimento, não é porque ela não é uma pesquisadora séria, não é porque ela não se dedicou, ela está nervosa. Mas eu não tenho a ilusão de que o universo me veja dessa forma com tanta benevolência, da mesma forma, pessoas tímidas se escondem, e com isso dificulta também que as pessoas enxerguem o seu próprio valor, e isso não é culpa deles, em última análise isso é culpa minha, sabe.

Então, gera alguns desconfortos, eu não me vejo valorizada como pesquisadora, isso é um fato, mas eu tenho a minha parcela de culpa no sentido de que eu nunca soube fazer promoção autopromoção, e não é mentir, e falar eu sou sensacional, publiquei 500 artigos, não é isso, mas é valorizar de fato, eu publiquei 2 artigos neste último ano, não é sensacional, mas é o que eu sei fazer e fiz bem. Então a gente precisa saber fazer essa promoção e eu nunca soube, e o preço que se paga é que você é visto talvez com uma certa desconfiança pelos seus pares, mas assim também nunca fui destrutada ou não tenho nenhuma experiência nesse sentido para relatar, eu estou falando do meu ponto de vista, da minha perspectiva, como eu enxergo, mas não, não são fatos em si, são impressões.

Você já chegou a ter algum conflito com algum colega de trabalho, sendo homem ou mulher ou alguma situação que você se sentiu? Que que foi uma situação desagradável pela postura de algum colega, e eu queria que você falasse um pouco.

Sim, eu tenho eu tenho algumas experiências. Na verdade, foi logo que comecei, foi bem difícil de lidar. Eu era professora substituta aqui na universidade, era uma disciplina complicada de pré-cálculo, eu ministrava essa disciplina para um curso de baixa concorrência, o que torna natural que os alunos tivessem um desempenho ruim. Mas um belo dia, eu estava dando aula, chega o coordenador, interrompe minha aula, a cena é patética, ele interrompe minha aula, era um auditório, ele entra com uma fila de uns seis ou sete alunos, e sim foi muito desrespeitoso, interrompeu a aula e ficou me criticando, que eu não estava atingindo os alunos, que os alunos não estavam se desenvolvendo no curso, me responsabilizando por isso. Foi altamente

desrespeitoso, no sentido de que ele poderia ter tratado aquilo de uma outra forma. Poderia ser em particular, como você faria com os seus pares, sei lá, se ele realmente achasse a minha postura inadequada, que tivesse realmente prejudicando os alunos de alguma maneira, têm outros caminhos para se resolver isso, mas não precisava interromper minha aula. Aí, enfim, foi bem desrespeitoso, essa é uma lembrança e essa marcou bastante.

E, você diria que ele teve essa postura por você ser mulher e negra, ou só por ser uma mulher, sem considerar a cor? Se fosse com um homem, ele faria o mesmo?

Tenho certeza, a gente não tem certeza de nada nessa vida, mas eu diria que ser mulher atrapalha. Ser negra, talvez atrapalhe, talvez atrapalhasse, tem atrapalhado. Eu tinha um contrato de trabalho bastante instável porque eu não era contratada na época. Então tudo isso, depois do que eu fui me tocar, que isso é assédio moral, não tem outro nome. Mas com certeza complicaram, se eu fosse um homem, tenho certeza de que ele não faria aquilo. Então eu acho que essa foi uma situação que eu me que eu me recordo. Com assim, com muita nitidez.

Tem alguma outra situação que você se recorde?

Eu sou uma pessoa tranquila, não me lembro realmente, eu não, não me lembro. Claro, você sempre pode se lembrar de uma outra situação do que em que você discorda de pontos de vista, mas eu nunca me senti de fato desrespeitada que não fosse por essa situação que era que eu me recordo com mais clareza e com um pouco mais de mágoa.

O que é para você ser uma pesquisadora negra na área de Ciências Exatas?

Eu não me considero uma heroína, encontrei as pessoas certas no meu caminho. Se eu não tivesse uma mãe que falasse ‘a única coisa que eu tenho para te dar estudo’ e é única maneira que você tem para melhorar a vida, eu não teria chegado aonde eu cheguei. Se eu não tivesse encontrado o meu orientador, que foi a primeira pessoa que academicamente confiou em mim. Então foi uma série de coisas que aconteceram da forma correta, tem o meu método pessoal, seguramente que tem. Mas que foi facilitado por ter encontrado essas pessoas corretas no meu caminho, e eu quero crer que isso inspire pessoas, por exemplo, nós somos professores e formamos opiniões, os alunos, por incrível que pareça, se inspiram na gente.

Então eu quero que eles olhem e falem, ‘olha ela’, embora eu não tenha muito costume de falar muito da minha vida pessoal para os meus alunos, mas até onde me interessa o relato, olha o único jeito de você crescer, tentar melhorar de vida, vamos dizer em termos mais simplistas, é estudando, então vamos estudar, não tem essa, que é preciso motivação, cara a motivação é você querer ir para frente, e eu sei que sou minoria, e isso me enche de orgulho, mas sei que foi facilitado porque encontrei as pessoas certas no meu caminho e fiz a minha parte, acho que isso deu certo, de alguma maneira.

E para finalizar, gostaria que você narrasse os aspectos da sua vida profissional, como pesquisadora, como mulher, pesquisadora negra que impactam na sua vida pessoal, quais foram as mudanças que ao longo dos anos, como elas foram ocorrendo ascensão social, queria que você falasse um pouco disso para mim.

Às vezes a vida passa por você e você não dá muita importância para ela, eu confesso que eu não saberia como te responder isso. Não é como se eu não tivesse tido alguém que me incentivasse a estudar, muito possivelmente, aliás, pensando uma geração antes da minha mãe, se eu tivesse sido filha da minha avó, talvez eu fosse analfabeta hoje. É daí que eu gosto de enxergar, poxa, fez muita diferença. Se eu não tivesse tido a oportunidade de estudar, a disciplina de estudar e tivesse encontrado as pessoas certas, não só em termos de pessoas, também a questão do de você ter ensino público e gratuito no país, para mim foi imprescindível, eu não teria conseguido, de outra forma é interessante ver isso como que teria sido e como foi e não sei.

Você diria que o machismo e o preconceito de raça de alguma forma prejudicaram a tua trajetória como pesquisadora, ao racismo dentro da universidade, essa segregação entre pesquisadores de primeira classe e pesquisadores de segunda classe que ocorre dentro das universidades, no ambiente acadêmico. Você diria que isso atrapalhou?

Vamos dizer que não facilitou, eu não sei se relaciona com essa questão ou não, mas antes de vir para cá, trabalhar aqui no departamento, neste departamento, eu tive uma passagem relâmpago por uma outra instituição em Joinville, e ali eu acho que realmente eu me toquei desse tipo de coisas. Porque eu insisto que até não muito tempo atrás eu não tinha muita consciência de aspectos raciais e de como isso impactaria. Para falar a bem mesmo eu me nem enxergava como negra. Repito, não me enxergava como tal e também não via como isso tinha afetado na minha trajetória, eu não via simplesmente, não via. E ali aconteceu, algumas coisas aconteceram, alguns episódios meio interessantes, eu tinha recém chego à universidade e estava procurando casa para alugar, e aí um colega do departamento, chegou a falar: ‘Ah! Vai, a marca com a minha mulher que a minha mulher vai te ajudar, nisso’, não preciso de ninguém que me ajude basta o endereço da imobiliária, não disse de maneira tão grosseira, mas não preciso. Aí ele foi e falou, ‘Mas ela é loira’, e eu quase respondi: e eu com isso, né! Mas aí você começa a se tocar de certas coisas, por exemplo, se eu fosse um homem eu precisaria de acompanhante? Provavelmente não, seria capaz de ir à imobiliária sozinha. se eu fosse loira, eu precisaria de outra loira para me acompanhar até a imobiliária? Não, mas seja por simpatia, ou no intuito de ajudar ou de ou mesmo de sei lá de esculachar mesmo, ali ficou claro que que não era o meu lugar, eu me senti naquele momento, me sentia fora de lugar e talvez, se eu tivesse permanecido naquele ambiente eu teria tido problemas, de fato, de me enxergar como uma pesquisadora de valor, de me sentir uma profissional de valor, porque essas coisas seguramente me afetariam, essa foi uma experiência que eu me recordo.

Eu lembro que você comentou de uma vez que você foi fazer pós-doc na Espanha e foi barrada no aeroporto. Você podia narrar esse fato?

É isso, foi na verdade, não por ocasião do pós-doc, mas eu fui convidada por um grupo de pesquisadores da Universidade de Sevilha a passar um período lá com eles trabalhando, e eu utilizei uma palavra de maneira inadequada, na hora de conversar ali com a polícia, que eu não sei agora escapou o nome... é imigração, né, na imigração? Eu usei a palavra trabalho porque a gente, academicamente, fala trabalho, e aí eles me mandaram, me separaram, me pediram documentação, e eu não tinha documento nenhum, eu ia fazer uma atividade de pesquisa. Mas eles foram estritos na palavra trabalho, e acho que pensaram que eu estava ali como imigrante ilegal, sei lá o que, que pensaram. Eu fui separada, eu e mais um grupo de pessoas

que possivelmente não puderam entrar no país. E a gente ficou ali exposto, aguardando o comissário que eles chamavam, e a gente, cada um de nós teve que se explicar o que estava fazendo no país. O policial que me atendeu por último, que me entrevistou por último, de fato ele foi muito atencioso, e ele pediu desculpas, ele falou que tudo isso aconteceu pelo mau uso de uma palavra que é a palavra "trabajo". Mas, também é verdade que ali, claramente, tinha umas pessoas, vamos dizer meio esquisitas que foram barradas, algumas claramente, eram prostitutas, não adianta colocar de outra forma, e eu não me refiro a aparência delas, mas há conversas telefônicas que eu escutei, e tinha umas pessoas meio estranhas que talvez estivessem envolvidas com droga. E realmente foi muito desagradável você estudar tantos anos, você ter alguns artigos escritos e ainda passar por esse tipo de situação foi bastante constrangedor. Realmente, o policial que me atendeu por último foi muito amável e se desculpou e tal, mas o primeiro contato a entrada mesmo no país, foi bastante acidentada.

Foi solicitado que a universidade espanhola confirmasse o convite?

Não, não foi, não foi necessário, eu resolvi com conversando mesmo, eu mostrei o meu documento que comprovava vínculo com os pesquisadores Sevilla. Não era um documento tão formal ou tão rigoroso, porque era um período de estadia mais curta. E bem, e mostrei minha documentação da universidade, 'olha, eu sou docente da sua universidade', e isso foi suficiente para o policial com o qual eu conversei por último, que de fato me entrevistou por último, mas os primeiros a ali na imigração não quiseram saber não, só me colocaram em uma salinha.

E tem algum outro fato que você gostaria de narrar?

É engraçado, quando eu penso nisso, porque, curiosamente as lembranças que tenho de preconceito racial, elas não se referem, tudo bem de certa maneira isso passa, passa situação que a gente está comentando, conversando passar, sim e pelo fato de ser mulher também, eu era uma mulher jovem, não era uma menininha, mas jovem, mulher, brasileira realmente não ajudou muito, né?

Então você diria que o fato de ser mulher te causou mais empecilhos na sua carreira do que o fato de ser negra?

Nessa situação em particular, sim. É engraçado, eu realmente sou um ponto fora da curva, porque como eu realmente tomei consciência da minha negritude, não há muito tempo, então o meu desconhecimento às vezes me poupou de algumas situações. Então, de certa maneira foi bom eu não pude vivenciar o coitadismo porque, sim, eu sempre vi o problema por ser pobre, mas não por ser negra. A maturidade veio de provar que não era bem assim. O fato de você ser mulher também dificulta as coisas. Mas aí o desconhecimento, a ignorância te privam de algumas coisas, mas ela também acaba sendo benéfica.

Vou encerrar a gravação, queria te agradecer pela imensa contribuição.

Eu que agradeço, eu que agradeço a confiança e, enfim, me coloco à disposição.

ANEXO VII – TRANSCRIÇÃO COMPLETA ENTREVISTA TEREZA.

Qual é a sua idade?

Hum... eu tenho 38, é Cinthia, eu faço 39 agora em outubro.

É libriana como eu.

É verdade, somos librianas.

Como você se autodeclara preta ou parda?

Ô Cinthia, perdão, Cinthia. Depois terei que editar esses vídeos, né? Perdoa, porque eu sempre me confundo, eu tenho 39, eu tenho quase 40. Ah não! Minto, Cinthia, perdão, perdão, não péra aí! É 2022 é, eu sou de 83, Cinthia, esse ano eu faço 39, né, não é isso?

Sim, 39, é, eu faço 37, você vai fazer 39, eu sou de 85.

Não, péra aí, péra aí. Você é de 85?

Eu vou completar 37.

Você vai fazer 37. Está certo? São 2 anos, um está certo, perdão sim, Cinthia.

Imagina, professora. E você se autodeclara preta ou parda?

É preta, né, preta.

Eu queria saber dos seus antepassados sobre os membros da sua família se algum teve acesso ao ensino superior antes de você?

Como é que fala da minha família atual, os meus irmãos?

Sim, dos seus irmãos, seus pais, avós...

Meus pais não, Cinthia, meus avós não, mas meus irmãos, sim. O único detalhe que eu posso dizer eu tenho 7 irmãos em casa, nós somos 4 homens e 4 mulheres, são 4 casais e só eu que fiz é a (universidade) pública, todos os outros, meus irmãos, eles fizeram ensino privado que eles trabalhavam para pagar tudo.

E eles são mais novos ou mais velhos?

Todos eles são mais velhos. Acho que a sorte, a minha sorte foi que eu fui a última. E aí os meus irmãos mais velhos, em especial minha irmã, uma das minhas irmãs mais velhas, ela me ajudou financeiramente para fazer cursinho e aí eu não precisava trabalhar fora, todos os meus irmãos trabalharam fora, fui a única que trabalhava em casa.

Eu não tive que trabalhar, só em casa ajudando a minha mãe. Os outros também, mas eu consegui só ficar em casa. E por isso foi uma, é eu posso dizer que foi uma sorte de ter sido a última, então poder só estudar e minha irmã poder me ajudar com o cursinho foi, aí que eu entrei na (universidade) pública.

Você é casada ou tem alguma relação afetiva estável?

Não, não. Sou solteira.

Têm filhos?

Não, não.

E quanto a religião sua e da sua família?

Nós somos católicos. É uma coisa tradição que vem dos meus avós católicos. A gente é católico.

E dentro da família, durante a infância, vocês tinham o hábito da leitura, era incentivado pelos pais?

Eu posso dizer da minha mãe, meu pai, meu pai lê, mas não é algo que ele goste de fazer, que tenha prazer. Mas minha mãe não, minha mãe sempre foi uma leitora muito assídua. Ela gosta de ler, hoje ela lê, menos talvez pela idade, mas ela gosta bastante. Ela sempre me incentivou bastante, sabe? E sempre uma coisa que minha mãe sempre falava para mim, que a informação que chegava na gente, nas nossas mãos eram informações prontas, por meio da leitura, mas a gente tinha que ler e também e interpretar aquilo, né? Não ter aquilo como verdade, mas sempre nos incentivou bastante estudar.

É pelo meu pai, ele é pedreiro, minha mãe era técnica de enfermagem e se aposentou como técnica. E ela sempre dizia assim, ela fez até o quarto ano do ensino fundamental, para ela ser técnica, trabalhar no hospital, precisava ter até a oitava série, e ela fez tipo um supletivo muito rápido. Ela fez uma prova e conseguiu o título. Mas ela sempre dizia que ela queria ter tido oportunidade de estudar mais. E às vezes ela fala até com um pouco de pesar, que teve que casar cedo, as famílias que arranjam (casamento), mas ela disse que se ela tivesse tido a oportunidade, ela não teria casado tão cedo e teria se dedicado mais ao estudo. Então tanto meu pai quanto ela fizeram o básico.

E por ela saber a importância da leitura, e ter esse olhar além do seu tempo, ela sempre nos incentivou bastante. Ela sempre falava, ó, você tem que estudar, né? Vocês não precisam ser empregados domésticos, como eu fui, como meus irmãos foram, como seu pai, que trabalhou sempre como pedreiro. Vocês podem ir além, então assim que nos incentivou bastante, Cinthia.

E a função de cada membro da família, como as tarefas eram divididas?

Eu acho que no início, quando minha mãe tinha seus três, quatro filhos era só meu pai que trabalhava, sabe? Aí depois, a minha mãe se viu a necessidade de trabalhar porque os filhos foram crescendo, aumentando o número de filhos, e ela foi fazer esse curso para trabalhar na enfermagem. E aí passaram os ser os dois (trabalhando), eu posso te dizer que depois que minha mãe começou a trabalhar, ela passou a ser a provedora principal, mas como tinha os filhos, e os meus irmãos mais velhos começaram a trabalhar ainda bem novos, sabe? Hoje seria trabalho escravo infantil, né!

Mas eles trabalharam, a minha irmã, por exemplo, ia trabalhar em casa de família como empregada, ainda com sete ou oito anos, lavava louça, fazia de tudo, e meus irmãos começaram a ajudar meu pai nas obras. Mas assim eles ganhavam pouco, quem cuidava, quem provia casa realmente eram os meus pais.

E a profissão dos seus irmãos, qual carreira que eles seguiram?

Meu irmão mais velho, ele fez a técnico em Agronomia e depois ele terminou Engenharia Civil. Aí depois eu tenho a E. e a M., a E. fez pedagogia e a M. fez licenciatura em Letras. A A. e o F., eles fizeram só contador antigamente, ao invés de você fazer o colegial você fazia colegial com contabilidade pararam por aí, foram os únicos que não tiveram superior. O meu irmão, o J. ele fez advocacia, o I. fez Economia.

Os meus são só dois e eu também tenho que puxar pela memória (risos).

É a gente confunde e aí a família vai crescendo e vem membros novos.

Você se lembra do espaço físico da casa ou das casas que vocês moraram durante sua infância?

Sim, minha mãe passou por 3 casas que ela primeiro morou na casa da avó, mãe do meu pai. Aí ela, ela comprou um terreno... eles compraram um terreno, mudaram para uma outra casa, mas foi ficando pequena. Aí comprou um terreno onde a gente mora até hoje, eu nasci nessa casa, é a casa que a gente mora até hoje, a gente porque eles são minha referência ainda. A casa que a gente mora hoje, foi a casa onde eu nasci, ela foi aumentando porque os filhos foram aumentando, eu fui a última, mas aí a minha mãe foi aumentando para a gente ter um pouco mais de espaço. Eu lembro, por exemplo, eu dividia o quarto com duas irmãs, é minha irmã mais velha, tinha um quartinho dela e eu dividia um quarto com as outras, tinha mais dois quartos um quarto do meu pai e da minha mãe e um quarto dos meus irmãos, dos meninos, hoje está quase tudo vazio, todo mundo se casou foi cuidar da vida, mas é lá em casa eram quatro quartos no total. É um para meu pai com a minha mãe e os outros três a gente dividia entre os irmãos.

E além da casa, vocês tinham outros bens, carro, telefone, etc?

Não, eu lembro assim de a gente ter um carro quando os meus irmãos ficaram mais velhos assim, que compraram um carrinho. Mas quando eu era pequena, não, a gente não tinha carro, meu pai sempre andou de bicicleta, até hoje anda de bicicleta, agora não tanto porque ele está muito velhinho.

Era, era zona rural onde vocês moravam ou era próximo da cidade, na periferia?

Era na cidade, não era periferia, mas era um bairro simples. É um bairro simples da cidade.

E vocês, de uma forma geral, vocês tinham alguma atividade cultural em família além da leitura?

Olha, que eu acho que o que a minha mãe e meu pai, gostavam de fazer juntos, em especial, minha mãe puxava mais, era a oração, que é uma coisa que a gente aprendeu a fazer junto, assim rezar. Minha mãe sempre gostou que todo mundo comesse na mesa, então a gente rezava antes de comer. Eu acho que era um momento assim que a gente tinha juntos, eu com os meus irmãos, porque nós somos em oito, mas aí nós somos diferentes em idade, da minha época era um irmão. Então eu cresci junto com o I., a diferença de idade nossa é 2 dois anos.

Depois vem a E., mas aí já era mais velha. Uma atividade era ver desenho, minha mãe gostava muito que a gente assistisse a (TV) Cultura, então ficava sempre na Cultura, a gente assistia, mas eu fazia isso com o I., chegava da escola, fazia as tarefas, brincava ali com meu irmão e assistia desenho. E em família, com todo mundo, era mais a oração mesmo.

E na escola, daí é o normal de atividades culturais da escola, né?

Aí era da escola, passeios, teatro, essas coisinhas assim eu gostava bastante, minha mãe sempre falava para eu participar do que tinha na escola.

Qual classe social você considera que sua família estava inserida?

Ah, Cinthia, a gente era de classe baixa, pobrezinho. Nós éramos pobres, né. A gente assim tinha o que comer, nunca passamos necessidade, graças a Deus, mas era simples, tudo simples, é bem pobrezinho.

Mas, fazendo um parêntese aqui fora do roteiro. Mas é engraçado como as nossas histórias são todas meio parecidas. A minha mãe também trabalhou como empregada doméstica, ela conseguiu ali melhorar, fez um concurso público, trabalhava na limpeza, depois foi para telefonia, daí ela descansou um pouco, porque já estava mais velha e fazer limpeza não é uma coisa fácil. E é engraçado como as nossas histórias, elas não são idênticas, mas elas são todas muito parecidas.

Você sabe que eu fiz entrevista esses tempos, a gente fala entrevista, mas a gente compartilha um pouco da nossa história. Com uma estudante de doutorado, e ela falou para mim, nossa, R., parece que você contando, parece que eu estou me vendo, assim, local diferente, família, mas é o que você passa, o que você passou eu passei? E é aí que veja, Cinthia, a gente nós somos descendentes de uma comunidade que era escravo, e de repente, com muito sacrifício, muita luta, agora vocês estão livres, podem ir, sem dinheiro, sem dignidade, sem nada, esses dias eu estava até pensando sobre isso um pouco e aí você vê sim, o quanto que é essas políticas públicas hoje, de inclusão, e como que isso é tão pequeno para tudo que a gente passou, que os nossos antepassados passaram, uma vida de sofrimentos, começando lá na África, né, olha você, eu vou vender, você, o próprio negro que vendeu o próprio negro, né? E aí esse pessoal chegou aqui, tinha uma qualidade de vida, nem qualidade de vida tinha. Os homens viviam ali 5 anos, desde que chegavam até trabalhar porque não tinham uma refeição, o corpo não aguenta isso.

E hoje você vê o que tanto de situações que a gente tem que passar, e até hoje, e quando você vai analisar, é você vê que é muito triste tudo isso, né? Muito triste, é claro que tem toda uma questão, “Ah! Foi no mundo todo, né!” Eu não sei até que ponto que em algum momento chegou e alguém falou: “Ah! O branco é mais bonito, preto, né? Não sei, o branco é mais belo que o que o que o negro”, eu não sei em que momento que isso começou, mas quando você vê assim a desigualdade, é gigantesca, né? Você vê a essa cota, é isso? Nossa, isso não é nada, perto do que que a gente que que eles poderiam fazer para tentar, para melhorar um pouco da situação dos negros no país. Porque, veja, eu e você, nós somos assim um ponto fora da curva se você pensar na situação (mulher) negra hoje, né? Onde está nossa população negra? Está na cadeia. Continua sendo escravo! Continua sobrevivendo no país. Isso é muito triste depois, mas enfim, o que a gente pode fazer para melhorar a gente faz.

Mas o esforço que a gente faz para chegar até aqui é desumano, né?

É demais você passar por locais que você percebe que você não é bem-visto, que as pessoas olhem para você e falam, não precisa nem falar, só a forma de olhar já diz isso. Então, assim, nós chegamos até aqui onde você está, aonde você chegou, onde eu cheguei é muita resiliência, tá! E a gente precisa continuar caminhando porque outras que virão depois de nós, os outros precisam da nossa força, da nossa fortaleza e do caminho que a gente está fazendo.

É, foi um momento desabafo, nosso, né! Que que tem que trocar essas figurinhas também, por quê. É, é muito difícil, daí às vezes eu olho para mim e penso, “o que que eu estou fazendo aqui?”. A verdade é que aqui é meu lugar.

A gente não se sente representado, não se sente acolhida, é uma luta. É aqui é seu lugar, aí é o seu lugar, eu já passei muito e já tive muitos pensamentos, sabe, e quando eu olho para trás, eu via que era ali o lugar, onde a gente está incomodando, então a gente tem que ficar, é nosso legado, que a gente tem que deixar, essa que é a nossa missão.

É a gente está no mundo para isso e Deus, Deus dá força, não dá um fardo que a gente não pode carregar. Mas vamos voltar ao roteiro. Então os seus familiares, assim, além do que você falou da sua mãe, e outras pessoas também da sua convivência, professores você considera que eles tiveram influência na escolha da sua carreira como como cientista, como a pesquisadora?

Acho que minha mãe teve um peso bem grande, porque a gente é influenciado, por tudo, sempre. E eu achava muito lindo ver minha mãe de branco. Nossa, eu achava um status, e eu queria, a gente quer sempre além, eu não queria ser enfermeira como a minha mãe, técnica de enfermagem, queria ser médica. E até hoje nessa pergunta, com as criancinhas e as crianças querem ser médicas, é uma coisa de status. E quando eu fui fazer o ensino médio é, eu tinha isso na cabeça, eu quero ser médica.

Aí no ensino médio, eu tinha uma professora de Biologia muito boa, muito querida, e aí eu já fiquei entre Medicina e Biologia, talvez tentar algo mais palpável e tal. Ainda mais que eu não tinha condição de fazer cursinho, depois que eu terminei o ensino médio, eu estudei e a UNESP ela pagava algumas inscrições gratuitas para quando você é pobre, tem um nome lá, basicamente é isso.

E aí eu prestei vestibular para Medicina, nessa minha experiência a nota, saí do ensino público, ficou muito aquém. E aí a professora falou, realmente se é o que você quer, você vai ter que estudar. E aí a minha irmã falou, que ia fazer um esforço, e me colocar no cursinho. Tinha começado um cursinho recente, aí eu comecei a fazer, só que aí eu trouxe um pouco para a realidade, eu posso continuar sim fazendo Medicina, mas aí você começa a ver que realmente não é aquilo que queria e que eu gostava. Gostava muito da parte de DNA, quando a professora explicava, então vou tentar Biologia, só que aconteceu que quando eu fui para o cursinho, eu comecei a ter aulas que eu nunca imaginava que podia ter, que era de Física, sabe? Até então não tinha Física na grade (do Ensino Médio), tinha, mas muito poucas aulas, porque a professora tinha problema de rim, faltava muito coitada, ela passava mal até na sala. E aí eu não aprendi física, sabe? Eu fui aprender um pouco de eletromagnetismo no terceiro ano com a professora, que era uma pessoa muito boa, eu estudava à tarde e fui estudar de manhã.

Aí eu tive um contato (maior), mas era aplicação de fórmulas, sabe? Mas aí, mesmo assim, já me despertei um pouco, mas física para mim era aquela coisa muito difícil, aplicação de fórmula e tal. Então quando eu fui pro cursinho, a gente tinha frentes, tinha lá a frente de ótica, nossa, era bem diferente que no ensino médio. Com quantos cadernos e tal, e aí eu tive um professor muito bom, muito bom em (ensinar) física. Então ele começou a mostrar, por exemplo, as equações mais simples e de onde vinha. Eu fiquei deslumbrada e eu comecei a gostar demais. E chegou um ponto que eu queria isso, só física, eu percebi que eu gostava. E nesse meio tempo, nesse um ano de curso, eu fiz um ano e prestei Biologia, cheguei muito próximo, mas

não passei, no segundo ano, minha irmã falou assim, 'olha, eu não consigo mais, é caro'. Eu conversei com o coordenador de cursinho falou, 'você pode frequentar as aulas, mas sem o material novo'. Aí eu pagava tudo, sabe, pagava todo o material para eu poder fazer de novo. E nesse meio tempo que surgiu o curso de Física Biológica na Unesp de São José do Rio Preto, que é onde eu estudei, aí eu falei assim: "Nossa! Um curso para mim, de Física com Biologia", e foi aí que no meio do ano eu prestei, como era física, não era um curso muito procurado, ele foi mais procurado por causa da Biologia, que ainda é algo que chama bastante atenção. E mais como ainda é, tinha Física o pessoal não se envolveu tanto, anota de corte foi uma nota média, não foi tão alta e eu passei ali na metade dos que entraram ali. Eu fiquei toda feliz e comecei a fazer a graduação em Física Biológica, foi basicamente isso.

Você se lembra de ter professoras negras assim ao longo de sua vida escolar?

Essa é uma boa pergunta, o pessoal geralmente pergunta na graduação. É não, por incrível que pareça, no ensino básico eu não tive nenhuma professora negra, minha professora do pré-zinho, que marca, porque é quando você começa a ler, aprender, aprender a ler, professora Regina. Não, eu não tive nenhuma professora preta. No ensino médio também não e nem na graduação. Eu nunca tive. Eu via professoras pretas na graduação, tinha dois da parte de Humanas e uma que era da parte de computação, na UNESP que eu via, que eu conheci e tal. Mas foram só, que eu vi, que eu sabia que eles davam aula, mas eu nunca tive.

E como que você avalia o sistema de ensino como você descreve o ambiente, como eram suas relações interpessoais, quais foram os preconceitos que você vivenciou?

Eu acho que eu fui perceber sim, essa diferença mais no Mestrado, eu acho que eu fui muito focada, eu sabia que a oportunidade que eu estava tendo de fazer cursinho e estudar na universidade pública. Eu amava a UNESP, amava a biblioteca. Eu sabia que eu era a única representante da minha família, tinha um pouco dessa consciência, mas não a consciência que eu tenho hoje. Eu acho que esses Quilombos, essa discussão que a gente tem hoje, não tinha na minha época, há 20 anos. Então eu sabia e via que eu era a única ali isso era claro. Eu lembro que no final da minha graduação eu queria fazer um mestrado em São Carlos e ficava a 250 quilômetros dali e a minha mãe falou 'a gente não tem condições de pagar a tua formatura', eu falei não, mãe, e também não quero, gastar dinheiro com isso e eu lembro que os meus amigos chegaram em mim e falaram: "a gente quer te dar de presente, formatura", aí fiquei toda emocionada. Eu falei isso, 'meninas, muito obrigada, mas não é algo que eu quero, porque por mais que eu que eu vá participar da festa, eu vou ter que gastar com para ir, com cabelo, essas coisas, e o pouco dinheiro que eu tenho, eu quero ir para São Carlos para prestar mestrado, voltar lá e tal, ver onde eu vou morar. Então eu quero investir nisso'.

Eu sabia que eu era a pobre ali, dos meus colegas, umas colegas eram pobres também, mas não como eu, eu morava, quando eu mudei para Rio Preto para fazer a graduação, na moradia, morei acho que um mês em uma pensão e depois eu já mudei para moradia da UNESP, uma das melhores moradias que tem, muito boa. Mas assim, eu me percebia, sabia que eu era a única ali pobre, negra, mas eu não tinha isso de ser a única diferente, e eu acho, eu realmente posso dizer para você, de coração aberto, que se eu sofri, se algum professor ou colega de destratou por eu ser negra, eu não percebia isso. Eu realmente não tinha essa consciência. Então é até

difícil, depois que você percebe assim, você toma consciência, você vê os tratamentos, você percebe que existe isso em todo lugar. É claro que devo ter passado por muitas situações assim, morando na moradia, negra, a única negra ali, eu era chata porque eu ficava atrás dos professores. Eu era assim, sabe aqueles alunos que fica atrás dos professores? Então provavelmente os professores, algum professor, talvez algum colega me destratou devido à cor. Mas eu não percebi isso, eu não posso te dizer. Agora quando eu fui para o Mestrado, eu já me percebi “Nossa, eu sou a única negra aqui”. Aí os movimentos eles já começaram, sabe? E eu via, que eu fui para Física, o meu mestrado foi em Física Teórica, não tinham mulheres, eu era a única mulher ali. Depois, quando eu fui para o doutorado, era na parte da Astrofísica, aí ele já atraía mais mulheres. Já tinham algumas mulheres, mas eu continuei sendo a única mulher negra.

Então você percebe, tem um certo preconceito, é bastante, e existe um estereótipo que é o seguinte, é você é negro, então você é incapaz, então você entrou aqui porque alguém te ajudou. Foi uma cota, foi alguma coisa, né? Existe isso sim! Mas eu posso te dizer, durante toda a minha trajetória, onde eu mais percebi o preconceito ou mais senti, na minha percepção foi quando eu comecei a ser docente aqui, sabe? Aqui na docência, eu continuo sendo, agora entrou um professor pardo na computação, mas eu era a única negra. Eu lembro, muito bem, quando uma professora chegou em mim e falou assim, ela me encontrou em algum lugar fora da universidade, eu estava com uma outra professora e uma amiga que veio me visitar, a gente se encontrou ali no Paraguai, porque aqui a gente vira e mexe vai no Paraguai, que é pertinho, sabe. Ela falou, “Ah, eu vejo sempre você ali na UFPR”, e eu respondi “Eu também sempre vejo a profe, né.” E ela falou: “Você é bolsista?”, não, ela falou: “Você é cotista?”, aí eu falei: “Não, professora, eu sou professora.”, ela falou: “Aí, achei que você fosse aluna cotista, porque você sempre vai lá pegar a chave da sala, achei que você desse monitoria.”, eu falei: “Não, eu sou professora.”, e ela respondeu: “Quem você está substituindo?”. Então veja, Cinthia, na cabeça dela, eu negra, provavelmente eu era cotista, você não é cotista você é professora, então você só pode estar substituindo alguém, né?

Você não pode ter prestado concurso e ser docente como eu. Eu falei, não professora, aí você já muda, né? Está sorrindo feliz, e você já fica... aí, é, eu falei assim, não, professora, eu sou efetiva.

Ela falou assim, “olha quando você precisar de um professor, um bom, de Física, você me fala que eu dou o endereço do meu irmão, irmão é Físico ali no Rio Grande do Sul”. Olha o nível de conversa com a pessoa, Cinthia, e aí eu estava junto com uma colega minha e ela falou assim “Eu queria ter esse sangue de barata que você tem, sabe? Se deveria ter dado uma bofetada na cara”.

Aí eu falei que não adianta, eu acho assim que não vale a pena, ela foi educada comigo. Mas numa dessas eu denuncio, sabe, porque a falta de respeito que a pessoa tem comigo, ela pode ter com uma pessoa, como minha mãe, por exemplo, que não tem condição de denunciar, que não sabe fazer isso. Alguma pessoa mais simples ainda. Então, hoje, eu denuncio, esses crimes de racismo. Mas como você sabe, que o meu campus é muito pequenininho, eu não quis criar caso, porque é muito pequeno e tal, mas eu percebi, que essa questão do racismo ela é muito, muito grande. É muito forte, sabe, eu. Eu agradeço a Deus por não ter percebido isso antes, sabe? Não ter percebido, uma exceção por onde eu passei, mas hoje que para mim está muito claro, é eu vejo o quanto que a gente sofre. Sabe o quanto que eu já sofri só como sendo docente, imagina se eu tivesse percebido isso antes.

Às vezes a gente engole brejos inteiros para “criar caso”, né?

É bem isso, sabe? É tanta coisa que a gente passa, que a gente vai se fortalecendo, tem a A., uma professora negra dali de São Paulo, ela é Geóloga, ela fala assim: ‘Eu me permito 3 dias, uma semana, no máximo de choro, porque tem coisa que machuca muito a gente, aí depois eu limpo as lágrimas, levanto e esqueço, no sentido de não chorar, porque nós somos humanos, né?’ E tem coisa que nos fere muito, mas ao mesmo tempo a gente sabe a oportunidade que ela teve, que eu tive que você está tendo, é muito importante para os que virão.

Então a gente acaba se levantando por esses, que precisam desse caminho para também chegarem lá, como a gente, e mudar a realidade. Por exemplo, até ontem isso não era crime: ‘ô neguinho vem aqui’ você escutava isso na rua de uma forma muito comum, hoje se vem falar isso para mim, eu denuncio, eu peço danos morais. Eu deixo a pessoa pobre, sabe? Ah, mas veja, eu só tenho... Eu deixo a pessoa pobre, porque eu falo, isso é inconcebível.

Que é a pessoa me chamar assim, ou chamar uma pessoa mais idosa, ou chamar uma criança dessa forma. Mas isso vai melhorando, você não precisa gostar, eles não vão gostar da gente, entendeu? Ninguém pediu para gostar, né? A gente não gosta de todo mundo também, mas é o respeito, é a base da sociedade, né? Então, pelo menos isso que a gente a gente está pedindo, e não é muito.

Como você avalia o seu desempenho como estudante?

Eu posso dizer que eu sempre fui uma aluna, até o quarto ano do Ensino Fundamental, eu era uma aluna média, no sentido de que eu fazia o que tinha que fazer e pronto. Chegava em casa, eu gosto muito de balançar, é meu hobby, mas, eu amo balançar, e eu não via a hora de ir para casa, jogar os cadernos e balançar. Então nós chegávamos em casa, minha mãe falava depois do almoço tarefa, após eu ia para o balanço, depois eu ia assistir os desenhos da Cultura, passei a infância assim. E aí, eu percebia assim que a minha mãe começou quando eu comecei a crescer, (a dizer) você precisa investir em estudar, aproveitar mais os estudos. Se você quiser fazer uma faculdade, ter oportunidades. Aí quando fui para o quinto ano, que é antigamente, era quinta série, eu comecei a me dedicar mais. Eu lembro até que tinha um colega que falou assim, “Nossa, você está diferente”. Não era, é porque eu estou estudando mais. E aí eu comecei, não era nunca a primeira da sala. Mas, assim, eu sempre me esforcei o máximo, comecei a mudar as notas e ter essa preocupação, e aí foi até o ensino médio.

Eu sempre ficava ali com as melhores notas entre os alunos e depois na faculdade também sempre me esforcei. Porque eu sabia que era a (minha) oportunidade, e aí a minha irmã falou assim para mim, “na universidade pública, é diferente, ela te dá muitas oportunidades”. A oportunidade de você fazer pesquisa, de você fazer extensão, aproveite todas as oportunidades. Então, a minha mãe já tinha mais essa concepção, e ela sempre me dava dicas, e eu, quando eu entrei na UNESP, eu aproveitava tudo que tinha, eu gostava demais.

Nesse decurso, você participou em algum momento de movimento estudantil ou até depois, como professora de sindicatos? Alguma militância, alguma coisa assim?

Nunca participei, eu não tenho muito esse perfil, cada um é de um jeito, eu acho muito importante essas militâncias, sabe? Esse Aquilombar. Eu vejo o pessoal da

comunidade, dos Quilombos lá da USP - São Paulo, que pessoas falam depois que eu entrei aqui descobri o Quilombo da Química, e você conversa com pessoas que passaram por situações que eu estou passando e te acolhem, isso é tão bom, é tão importante. Mas ao mesmo tempo isso é tão doloroso, tem pessoas que conseguem lidar com isso de uma forma bem fácil, sabe? Fácil não, que conseguem lidar, nunca é fácil.

Eu vejo os professores falando, 'a gente fez palestra sobre isso', aí Cinthia, isso é tão, não sei, para mim é demais, eu participo, 'ah vamos falar de mulher negra, então você vem aqui, pô, dar uma palestra para gente', você faz o projeto com as Meninas na Ciência. Mas assim, vou lá, eu que não vou fazer uma Marielle Franco da vida, eu já não tenho muito perfil em nada, nem na pesquisa, eu faço muito minha pesquisa. Mas, eu não sou assim um expoente não, e nessa parte de militância, eu também não, não tenho perfil.

Eu me culpava, sabe? Porque é pesado. Por exemplo, você pega uma mulher branca, a mulher tem que fazer pesquisa, ela tem que dar aula, ela tem que fazer extensão se ela quiser. Ela não tem que se preocupar com isso, a gente tem que se preocupar, tem que fazer tudo isso, mas tem que se preocupar também com (o fato) 'eu sou uma mulher negra, eu tenho que ser diferente'. Tenho que mostrar que para as meninas negras que elas também podem estar aqui como eu. Sou uma mulher, eu sou uma mulher na ciência, eu sou uma mulher na Física, então eu tenho que olhar para as meninas e falar, olha vocês também podem ser físicas, vocês também podem estar aqui.

Então, talvez que a gente tenha esse, eu não vou dizer fardo, mas acaba sendo um fardo a mais, além de tudo o que a gente já passou, que os nossos antepassados passaram. A gente ainda tem toda essa herança, não pode simplesmente chegar na universidade e fazer o que todo mundo faz, a gente tem que ser diferente, em todo momento a gente tem que mostrar nossa capacidade, aí por sermos mulheres, por ser mulher negra, ao mesmo tempo a gente tem que preparar o terreno para as que virão.

Eu vejo que é uma coisa pesada, sabe? E eu conversando isso com uma professora, ali de São Paulo, ela fala, 'Ah! Eu tenho para mim que a gente tem que ir sim, a gente tem que falar, a gente tem que ser exemplo. A gente tem que mostrar que é possível para as que vierem após a gente estarem aqui (também)'. Mas, ao mesmo tempo, não é nossa obrigação todo o tempo, sabe? Porque não se pode deixar de fazer aquilo que a gente gosta de fazer também. Por exemplo, uma coisa que eu percebo, já percebi em vários pesquisadores, muitas pesquisadoras negras é são da área da Química, e da Física, da Matemática, elas deixaram de ser para começar a trabalhar com a militância. Então as iniciativas que têm de mulheres negras na Química, na Física, você se envolve, é um ambiente que é tão rico para gente trabalhar, que aquilo passa ser sua pesquisa.

Então, por exemplo, já vi muitas colegas negras, muitas não, você mesma começou a entrevista falando que são poucas. que começaram, que tem uma formação na Física, mas aí começou com o projeto Meninas Negras, e acabou com a pesquisa, porque aí você vê que ali você tem estatística, que ali você tem iniciativas e aí você fica no meio em cima do muro. Eu vou continuar fazendo a minha pesquisa como se nada estivesse acontecendo ou eu vou vestir a camisa e vou trabalhar com isso? Eu vou fazer a diferença na comunidade? Então veja que é difícil e a A. falou assim "Seja você. Uma coisa que tem que estar claro para você, é que você não é obrigada a fazer militância, você não é obrigada a toda vez falar sobre mulheres

negras na ciência, às vezes você pode falar de Física, quero falar do que o que eu faço do meu trabalho e tal". Então, e isso me fez refletir um pouco, que eu sempre ficava assim (preocupada), e ainda mais que quando a gente se reúne para fazer mesa redonda, eu passo vergonha, porque aí o pessoal começa a falar 'não, porque eu li tal coisa que não...'. E eu ali, né? Eu percebo que a minha contribuição é muito pequena.

Por exemplo, o A., que é um professor de Astronomia em uma universidade federal, a fala dele é de um grande ativista, veste a camisa e tal e é tão bonita de ouvir, ele fala, 'a gente tem que falar de branquitude', e eu nem sei do que ele está falando, sabe? Alguns termos que ele usa, eu nem sei. Teve uma mesa redonda aqui, que nossa, para mim foi um banho de conhecimento. Aí eu percebi que eu estava dando pouco, ele falou 'Gente, tem professores que vão dar da aula de Física e usa como sua referência (somente) cientistas brancos'. Eu nunca parei para olhar isso, depois, quando ele falou isso, eu pensei "não, pera aí, então eu vou dar aula de física, mas será que eu consigo colocar alguma coisa, eu consigo fazer?". E aí eu sempre falo para eles que eles são minhas referências. É a partir dessas conversas, dessas partilhas de mesas redondas, eu tento mudar um pouco.

Eu vou dar aula de Física I eu vou tentar incluir alguma coisa sobre a Física que iniciou na África, não precisa ser muito, mas é uma leitura, alguma coisa que antes eu não fazia nada disso. Então posso dizer para você, que hoje eu estou em um processo de mudar um pouco, e é essa minha visão.

Eu acho que eu posso colaborar muito mais que isso. É muito importante, pessoalmente, por eu ser negra e Física, mas ao mesmo tempo eu não me cobro tanto, eu vou fazendo no meu tempo. Porque o que acontece, é as pessoas te escutam, quando você está no alto, se você falar lá de baixo, ninguém vai me escutar. Então, se eu hoje abandonar minha carreira de Astrofísica para abraçar a causa negra, eu vou ser mais uma negra a abraçar a causa negra, agora, se eu for referência na minha área de Astrofísica e depois e durante o meu processo de crescimento na carreira eu ir abraçando, digamos assim, em doses homeopáticas, dentro daquilo que eu posso fazer à causa negra, aí eu vou ser a Astrofísica na academia e eu percebo que quando você está num patamar mais alto, as pessoas te escutam mais.

Então, se eu for referência em termos de ciências, que eu faço muito bem, faço com o amor, com carinho, e eu falo "olha, gente, vamos tratar a inclusão", aí as pessoas vão me ouvir melhor, sabe? Isso para mim é, eu tenho que trabalhar com isso, Cinthia. Eu tento trabalhar com isso, tá? E eu posso dizer sim que realmente fazer, é trabalhar com a área de Astrofísica é a minha paixão, é o que eu gosto de fazer, então não posso fazer as 2 coisas de uma forma mais efetiva, eu acredito, sabe?

Pois é, sabe, às vezes eu vejo assim, por exemplo, uma pessoa que eu posso citar, uma pessoa que eu admiro bastante, que é professora, é a S., ela é Física, e fez doutorado fora, nossa, ela fez muita coisa. Só o que aconteceu, ela morreu em termos de pesquisa. Aí, quando ela vai falar sobre a militância, poucas pessoas dão para sua ouvidos. Quem dá ouvido para ela hoje são só pessoas negras. Ah que bonito, que bonito. Só que quando ela grita lá no (instituição), ninguém gosta "Olha lá essa professora" além dela arrumar muita briga lá, por causa de outras situações. Falam assim 'Nem pesquisadora ela é!', 'Ela não produz nada, como que ela quer fazer um projeto aqui com, com essas características'. Agora, se você é referência naquilo que você que você faz, e falar assim "Eu quero um projeto de mulheres negras aqui", quem é que não vai assinar embaixo? Então acho que, é... vendo os colegas falando assim,

por exemplo, quando a professora Z. fala, quando o A. fala, quando a D. fala, as pessoas assinam embaixo, porque eles são referência no que eles fazem. Então eu tenho para mim, que eles conseguem, o A., por exemplo, ele consegue envolver muito essa parte de negritude com Astronomia, eu já não consigo tanto, então eu faço isso no meu limite.

Cada um sabe de si, mas o que eu vejo muito acontecer é as pessoas deixarem suas áreas para começar a se envolver com o tema (negritude) de alguma forma, e é uma área de pesquisa, é o que você está fazendo isso, é uma área de pesquisa. Então se eu começo a me envolver com você, “Ah! Cinthia, vamos discutir isso, vamos fazer isso”, não dá para levar duas pesquisas grandes ao mesmo tempo. Então aí a pessoa acaba a outra área. E eu acho que acaba se desconfigurando, se você tem a formação naquilo, se você se propõe fazer um mestrado, um doutorado nessa área, aí você segue, “Ah! A Cinthia é referência.”, assim como tem muitos negros referências, “Vamos falar da inserção da mulher negra?”, têm nomes que estão referência nisso. Agora vamos falar disso me chamando, eu vou dar uma contribuição pontual, mas não é a minha área de pesquisa.

Eu acho que a gente precisa muito dos pesquisadores negros na ciência, fazendo ciência, fazendo a Astrofísica, fazendo a Química para a gente em algum momento ter essas pessoas falarem assim, olha fulana, ela fez isso, isso, isso a pesquisa dela é tal e tal, você está dando uma contribuição imensa para a causa negra.

É, eu acho que é essa linha que eu penso sabe, a gente precisa Matemáticos negros, a gente precisa de Químicos negros, a gente precisa de Físicos negros e do pessoal da área de humanas e da educação negros, que sejam referência, porque aí você vai fazer um evento, eu quero um evento com diversidade, então eu vou chamar, fulano, fulano e fulano e dentro desses eu tenho pessoas negras que são referência (em suas áreas). Por exemplo, pega o Ted Talks, uma coisa que eu gosto bastante, por estar em inglês, veja as pessoas negras que são convidados para falar no Ted Talks, as pessoas negras sempre falam dos temas de racismo. Tudo bem, eu não vou ter uma pessoa branca para falar de racismo claro, mas porque não convidar uma pessoa negra para falar de um tema que é da área da pessoa, por exemplo, pegar uma pessoa negra para falar sobre comunicação, para falar de fake news. Então você tem esse estereótipo no mundo de que o negro que vai falar sobre racismo, então, é essa quebra, desse cientificismo é muito importante e para isso, e as pessoas precisam criar essa consciência, só não é fácil, principalmente para nós mulheres, porque a gente começa a pensar, poxa será que eu não preciso de um projeto? Ah, será que eu preciso fazer isso? Porque esse, esse encargo que a gente tem, além da pesquisa, além da extensão, além do ensino, a gente tem essa preocupação, pôr a gente ser mulher, por ser mulher negra. Aí quando é mãe, por ser mãe, tudo isso, aí você começa a se envolver com outras coisas e aí você acaba ficando um pouco dividido.

O que você diria que te levou a escolher essa carreira de pesquisadora, foi um caminho natural?

Eu acho que quando eu terminei a graduação, não tinha essa consciência ainda, eu quero ser pesquisadora-cientista. Mas eu queria ir para a Física, eu queria estudar Física, porque lembra que quando eu fui fazer eu fiz Física-Biológica, durante o curso, percebi que a minha paixão era Física, não era a área de Biologia, eu gostava

muito de Biologia e hoje é muito bacana porque eu consigo ler e contribuir com outras coisas na área de Biologia, mas eu queria Física, aí eu fui fazer o mestrado em Física, no mestrado em Física eu percebi que eu queria seguir a carreira, que eu ser uma cientista, e para poder fazer pesquisa eu precisava fazer mestrado, doutorado e continuar.

Então foi um processo contínuo, na graduação eu me dediquei bastante, por exemplo, na iniciação científica, tanto que eu tive um artigo publicado, o professor falou “Ah, seus resultados ficaram bacanas, vamos publicar.” Então, acho que na iniciação eu fui bem incentivada, a ler artigos, publicar, eu terminei de fazer o mestrado e dei continuidade.

E você diria que teve pessoas, amigos, família, professores que foram peças-chave nessa escolha?

Acho que sim, em especial um professor que foi da iniciação científica, ele falou “Nossa, você tem perfil, é muito dedicada, tem perfil de pesquisadora. Se você continuar assim será uma boa pesquisadora.” Então, foi quando estalou, e eu fui fazer o mestrado. Então, foi principalmente o (orientador) da graduação e do doutorado, no doutorado eu tive um incentivo bem grande para continuar na carreira.

Então mudando um pouco o foco, mas ainda na dentro da sua atuação profissional, enquanto professora universitária, você já exerceu cargos de liderança, chefia de departamento, coordenação de curso?

Eu fujo dessas coisas igual ao diabo foge da Cruz porque ocupa muito tempo, para fazer essas coisinhas, então eu nunca quero. Vou ter que mudar, eu sempre falo para os colegas aqui que consigo fazer a pesquisa que eu faço, ganhei prêmio e dinheiro, porque tem pessoas que assumem esses cargos, alguém tem que assumir. Então assim, eu sempre agradeço os colegas que assumem isso. Quando eu ganhei o dinheiro de Serapilheira, eles fazem algumas tutorias com a gente. Então tinha um tutor e ele falava, ‘você principalmente que são de federais, estão em início de carreira, eu dou um conselho, fuja dos cargos administrativos’. O cargo administrativo, ele tem um peso, não vou falar que é só trabalho, você acaba ganhando um espaço interno, porque você começa no curso, vai para o departamento, e passa a ser uma liderança dentro da universidade. Eu vejo que muitos começaram ali no departamento no curso e foram crescendo e querendo ou não, com um cargo desse, quando você solicita alguma coisa, é diferente de um professor que não tem cargo nenhum.

Então você acaba tendo algumas vantagens nesse aspecto. E isso é tentador às vezes, você vê que o colega conseguiu isso ou aquilo, mas ele (o tutor) falou assim ‘Porque se você assume o cargo, como nossa carga horária alta, você tem o trabalho’. E você sabe, em federais, principalmente nos campi no interior, não tem secretário para nada, então para ser coordenador de curso tem que fazer muita coisa. Então ele falou isso, que a realidade dos federais, quem pega cargo administrativo não vão ter tempo para pesquisa. E não é coisa dizer que depois desses dois anos, eu volto a pesquisa, voltar uma é coisa mais complexa, ainda mais com mulher que tem filho. Você volta e você naquele ano, naquele período não tem dinheiro para fazer pesquisa, então são coisas que vão corroborando para você não conseguir voltar para pesquisa. Então penso que nesses meus 8 anos de universidade eu nunca assumi nada administrativo, mas em contrapartida, eu sou uma pessoa que tenta ser consciente, eu sempre colaborei, nunca assumi, mas eu, por exemplo, cuido do site do curso, sou

eu quem mais dá aulas. Então para o coordenador diz que precisa atualizar o site, precisa fazer isso ou aquilo, sou eu que faço. Sou a representante do setor na parte de pesquisa. Eu não pego o cargo grande, mas tento colaborar com os colegas de outras formas, se não acho que é muita injustiça também, se você só quer venha a nós o Vosso Reino.

E como que você classifica as relações interpessoais com os seus pares, os seus companheiros de trabalho?

Eu amo todos eles, eu gosto muito deles sabe, se eu falar para você que eu brigo, eu vou estar mentindo. Às vezes a gente chega num colegiado, fala mais alto e tal, não tem como. Tem hora que tem que dar um grito, mas às vezes tem gente que leva para o lado pessoal e tal, mas eu não ligo, acho que a gente tem que ser justo. Mas eu acho que por ser uma cidade pequena, tem uma característica aqui que a qualidade de vida é muito boa e eu tive muita sorte que quando eu entrei entraram vários professores novos, então a gente acabou fazendo amizade. Então, nossa eu gosto muito daqui, gosto muito dos Físicos, me dou bem com todo mundo.

Tem um que é da área de ensino, então, eu aprendo como dar a melhor aula com ele, um que é da pesquisa, então eu vou pesquisar com ele. Eu vejo beleza em todos eles, a gente se dá super bem. Eu agradeço a Deus todo dia por poder acordar e ir para Universidade, que é um ambiente super agradável, gosto demais. É claro, eu, eu gosto muito aqui daqui e dos colegas. Acho que às vezes a gente tem que ver um pouco da beleza do outro, exceto quando a pessoa não quer trabalhar, e tá ali atrapalhando, aí não tem como. Mas não é o perfil dos professores aqui, a maioria é a gente fina.

O que você é para você ser uma pesquisadora, uma docente e pesquisadora negra na área científica?

Eu acho que ser uma pesquisadora é uma responsabilidade muito grande, é a responsabilidade de fazer uma pesquisa de excelência, mas ao mesmo tempo uma responsabilidade em relação à comunidade negra. É deixar claro para as crianças negras que elas podem estar onde eu estou. Então, eu descrevo que a pesquisadora negra é diferente da pesquisadora, ela tem essa responsabilidade, a pesquisadora já tem essa responsabilidade de mostrar para as meninas que elas podem ser pesquisadoras, que elas podem ser de jeito que elas quiserem e escolher o que elas quiserem ser. A pesquisadora negra ela tem esse item a mais, tem que mostrar para as meninas e mostrar para os meninos e mostrar em especial da comunidade negra que eles podem estar aqui.

E como que você vai falar isso com uma criança? É muito difícil, porque a gente sabe a realidade de nossa população negra, que é a base da base da base da pirâmide econômica no país. Não é simplesmente você chegar e falar, olha, eu consegui, você também consegue isso é muito ilusório. Eu acredito que ser pesquisadora negra hoje, é eu estar aqui, você está aí, foi uma sorte, uma sorte de onde nós nascemos e do tempo que nós nascemos, porque às vezes você discute com algumas pessoas, elas falam “Ah! Mas veja, no esporte os negros eles são ricos, como Pelé, e se destacam.”, ou o Neymar que é pardo. Foi sorte, se eles tivessem nascido, em outras épocas em que o futebol não é valorizado, eles não seriam ricos e seriam negros, se eu e você se a gente não estivesse na condição que a gente nasceu, mas numa era em que a educação não era incentivada, nós estaríamos provavelmente limpando alguns banheiros por aí.

Então, hoje você ser negro, é uma mistura de oportunidade com sorte, não é simplesmente olha, eu cheguei, você vai chegar. Não, talvez daqui quinze ou vinte anos as coisas mudem, e a pessoa que nasceu, ela não vai ter a mesma sorte que a gente teve. Então, eu acho um pouco ilusão, mas ao mesmo tempo a gente está caminhando para uma época que existe uma valorização da educação. Então isso nos dá esperança de falar assim, 'eu fiz tudo isso para chegar aqui, e eu estou aqui, você está aí'. Com o objetivo de daqui uns quinze anos, quem tiver no nosso lugar e não vai falar eu fiz tudo isso, e o meu caminho foi esse, então vai ser um caminho de luta, vai, mas um caminho mais suave. Então, respondendo essa pergunta, eu descrevo a pesquisadora negra, eu como uma pesquisadora, com uma responsabilidade muito grande de mostrar para as meninas negras que não é fácil, mas que é possível, que elas vivem num momento em que é possível sim, nos próximos 20, ou nos próximos 40 anos, se elas quiserem estar aqui, vai ser possível.

Essa é a última pergunta, eu fiquei emocionada com o que você falou. Aí a gente passa por tanta coisa é tanta proximidade das nossas histórias que a gente se emociona.

É uma história só, contada com diferentes referências. Mas é a história única da nossa comunidade, nossa história.

E eu queria que dentro de tudo isso que você me falou, é que você narrasse quais os aspectos todos esses percalços, mas também os aspectos positivos e como isso influenciou na sua vida pessoal?

Tá, essa é uma pergunta complexa, mas é muito importante. Eu acho que a comunidade negra, falando um pouco de mim, que abdiquei de muita coisa para estar aqui, enquanto os meus amigos, às vezes era uma percepção que eu tinha, mas eu tinha sim. Às vezes eu estava na sala, na graduação, eu olhava meus colegas e muitos, acordaram sete e meia para ir para a escola, para ir para faculdade, para fazer a prova, eu acordei às quatro da manhã, porque eu precisava estudar coisas que eles já sabiam, que para eles era uma coisa muito simples, porque tiveram um estudo bem melhor que o meu, não tiveram que estudar Física nos cursinho, mas durante os três anos do Ensino Médio ou até antes do ensino fundamental. Então, isso é algo que sempre me marcou, eu sempre tive que estudar mais, mas e ao mesmo tempo, eu sempre tive que mostrar minha capacidade, isso é uma coisa que uma pessoa branca não tem que mostrar. Por quê? Porque para estar ali, e eu não estava ali porque alguém me colocou ali, estava pela minha capacidade. Eu não queria fazer iniciação científica porque iam me dar uma bolsa, eu queria fazer iniciação científica porque o professor pensava que eu podia fazer aquele trabalho. Então, eu tinha que todo momento mostrar o meu valor.

Eu sabia que eu tinha que ser mais. Eu sabia que eu não poderia ser nível mediano, sabia que tinha que ir além para mostrar minha capacidade e isso acaba cansando, isso nos cansa, porque é todo mundo diz 'se você vai ficar no emprego, tem que mostrar que você tem capacidade', de que aquilo não foi algo que você ganhou porque alguém que achou te bonito, não. Eu estou aqui pela minha capacidade. Então essas coisas eu posso dizer que configura a vida de qualquer pessoa negra, seja homem, seja mulher, mas principalmente mulher. A gente tem que mostrar que a gente é bom, por isso que a gente está ali e isso foi sempre, principalmente durante a graduação, mestrado, doutorado, para as pessoas acreditarem.

Eu lembro que no meu doutorado eu mudei de orientação, porque o orientador doutorado começou a ficar um pouco doente, e falou 'Olha, não sei se eu vou poder te acompanhar', eu mudei. E aí quando eu mudei, foi para uma área totalmente diferente, eu não conhecia essa área de Astrofísica, então eu fiz uma iniciação científica junto com o doutorado, porque era muito novo para mim. Eu lembro que o coordenador da pós-graduação intercedeu para o professor me pegar, para mudar o orientador de doutorado. E eu lembro que foi muita coincidência, eu estava saindo do banheiro e eles estavam conversando, aí eu voltei para escutar a conversa que o que estavam falando de mim. Aí ele falou assim, 'Ela não é da área, como que eu vou pegar um doutorado?'. E eu fui a primeira doutoranda dele, ele queria alguém da área, claro, o coordenador falou assim 'Olha, eu posso te garantir, tudo que ela pegou para fazer, seja no mestrado, monitoria, ela sempre foi excelência, então sim, eu posso colocar a mão no fogo, se ela não for boa para trabalhar com você, é porque ela não se adaptou área, mas não que ela não vai se esforçar para correr atrás'.

E aí eu sou muito grata ao coordenador por ter intercedido, essas pessoas são muito importantes nossa vida, e foi aí que ele me deu uma carta de confiança, esse orientador, eu terminei o doutorado, ele foi muito querido, como realmente ele é, mas eu não sabia na época, mesmo assim ele confiou, mas ele só confiou por causa dessa história, mas veja, como que foi muito importante, eu sempre me esforçar, eu sempre mostrar a qualquer pessoa, que eu não estudei mediano, não fui bem nessa prova, vou bem na próxima, eu não podia correr o risco, de não estar bem nesta, mas eu vou bem na próxima, não podia correr o risco, eu poderia reprovar, eu poderia fazer tal coisa, eu poderia passar por tal situação, então eu sempre tentei ser o máximo.

Na graduação eu tenho uma reprovação, Cinthia, porque realmente não consegui, foi uma relação com o professor, e eu comi bola na prova e realmente não fui bem, mas assim não foi falta de esforço, então acho que eu posso dizer para você quando você me pergunta, qual peso que isso teve e quais são as consequências disso na minha vida pessoal, eu posso dizer que isso me fez forte, mesmo tempo que você às vezes cansa, que você sempre tem que mostrar o seu o valor, mostrar que é capaz. Então, ao mesmo tempo me fez forte e me fez ver que se eu não tivesse mostrado, hoje eu não estaria aqui, acho que tudo é um processo de investimento que no futuro você vai colher. Acho que o coordenador da pós-graduação não daria carta de recomendação presencialmente, se ele realmente não confiasse em mim, se ele realmente não visse o quanto que eu evoluí desde quando eu cheguei lá no mestrado, acho que isso influenciou bastante a minha vida pessoal, a minha relação com outras pessoas. Tive que deixar de fazer muita coisa, se eu falar assim para você que eu fui a uma festa, eu nunca fui disso, sabia que eu tinha que deixar coisas de lado para eu poder estudar coisas que os meus colegas não precisavam deixar, mas era a minha realidade, era pegar ou largar.

Eu abracei a causa e deixei de fazer coisas, meus colegas sabiam inglês, eu fui aprender realmente inglês, me dedicar no mestrado, no doutorado, quando eu vi que o negócio bateu e ó ou você fala ou não fala, ou você escreve ou não escreve. Mas é, foi durante o processo a maioria dos colegas já estava aprendendo outra língua, mas a minha realidade era outra, foi mais difícil, posso dizer para você que foi, mas não foi impossível. Deixei de fazer muitas outras coisas, mas eu acho que valeu tudo a pena, eu faria de novo, sabe.

É uma coisa que sempre me marcou muito, e as pessoas às vezes falam. Eu tinha para mim que no Brasil é muita gente, são mais de 200 milhões de pessoas, e

as pessoas namoravam pessoas de outros países, estavam com gringos. Mas porque a gente tem esse negócio de complexo vira-lata, o que vem de fora é sempre melhor.

E eu sempre fui muito crítica em relação a isso, mas aí o que eu percebi, quais foram as possibilidades de relacionamento que eu tive desde na minha graduação? Quando eu me descobri, ali, uma mulher, que eu percebi quando você compara, quando eu comparo com as minhas amigas, que foram muito poucas. Por exemplo, muitos amigos chegavam para mim, me achavam assim um máximo, a ela é muito bacana, a muito divertida, mas nunca eles namoraram comigo. Eu nunca fui o ideal de namoro. Eu percebi que muitos, que às vezes chegavam em mim, e eu ficava toda animadinha, na verdade eles queriam chegar em mim porque sabiam que eu tinha um contato com todas as pessoas, para chegar em outras meninas, naquele ideal de beleza de mulher, branca, de cabelo claro, eu percebi que foi assim durante muito tempo.

E eu tenho essa questão de namorar gringo e tal, e aí é o tempo passou e no doutorado em tive um namoro, namorei um rapaz da Química lá em São Carlos, mas foi um namoro muito curto, ele era muito querido, mas não deu certo. E aí, para você ver de no mínimo 10 anos entre graduação, mestrado e doutorado, que eu tentei ali fazer seguidinho, tive um namoro. Se você perguntar para qualquer mulher branca, ela vai falar que é que foram muitos mais. É interessante que um dia comentando com uma amiga, ela falou assim 'Ah, mas talvez porque você sempre foi muito focada e tal', não foi isso, realmente não foi isso, nós não somos o ideal de beleza que o homem branco quer, ele quer uma mulher branca e homem negro também quer uma mulher branca, tanto é que quando eu conheci no doutorado, um rapaz negro, que era do Nordeste, fazia doutorado em São Carlos, ele falou para mim 'Eu quero namorar uma mulher branca, de preto já basta eu', ele falou isso para mim e eu fiquei olhando para cara dele, um rapaz que está fazendo um doutorado com uma mentalidade dessa. Tanto é que você vê, quando você vê os movimentos (negros), quando você vê as coisas, as mulheres são muito mais engajadas, tem muitos homens engajados, mas quem veste a camisa, são as mulheres. Se a mulher negra vai namorar um homem branco ela é a palmeira, mas quando o cara, o jogador de futebol, vai namorar uma mulher branca ninguém fala nada, ele namora quem ele quiser. E você vê que existe um preconceito além de tudo isso, de que eu te falei desse encargo que a gente tem quando é pesquisadora.

Você tem que pensar nos meninos, você tem que pensar nas meninas negras, você que tem que pensar tudo isso, você ainda tem essa parte que que nos afeta de uma forma muito intensa. Qual que a minha relação com a minha afetividade? Quer dizer que eu não sou desejada? Quer dizer que eu não sou querida, né?

Isso é tão verdade que é quando você olha um casal, minha irmã é negra e é casada com um homem branco. Por quê? Porque ele é de classe baixa, é um homem que não fez graduação. Se você olhar aí na Matemática, onde você está, olhar aqui, você vai ver que só um pouco dos docentes negros. E os docentes negros, a maioria quer mulheres brancas. O que acontece é o seguinte, se você está numa classe mais baixa, todos são pobres, talvez você consiga, talvez você se relacione com pessoas de cores diferentes. Isso é comum, você vê, quando você sobe um pouco de classe (social), no sentido de onde você convive, aqui eu convivo com os docentes, com os técnicos é a minha convivência. Essas pessoas, esse pessoal, eles não querem, eles não querem se relacionar com as mulheres negras. Por quê? Porque inconscientemente, a gente tem isso que se você tiver um filho da sua cor, que é uma mulata mais clara, ele vai sofrer menos se ele for mais claro que você vai sofrer ainda

menos. *Eu não sei se isso é inconscientemente ou então, uma coisa que algum uma colega uma vez me falou aqui 'Se você está com uma mulher branca ou com homem branco, você tem acesso a umas situações, a ambientes, que você não teria se fossem dois negros ou que o casal de negros'. Eu acho que as pessoas buscam isso. Então eu vou ser mais valorizado, se você é um professor negro com uma mulher branca ou vice-versa. E tudo isso me fez refletir, porque eu tive tão pouco os namorados, tive tão pouco interesse dos homens durante toda a minha vida, e eu cheguei num ponto, que não sou sozinha por opção, é a minha realidade.*

Esses dias eu conversando com um professor aqui que é muito meu amigo, muito querido, e ele tá namorando agora, e eu discutindo esse tema com ele, ele falou assim, que isso é coisa da minha cabeça. E eu disse para ele 'Você chegou aqui (na cidade) junto comigo, você estava solteiro, já namorou três moças, por que você nunca me namorou?' ele olhou para mim disse que eu estava muito faladeira.

Eu pensei porque ele não me colocou na lista de pessoas, a gente se dá super bem, que é porque somos amigos, mas ele também era amigo de fulana (com quem ele namorou). Então veja, muitos homens eles nos vêm como 'ela é superbacana', 'estar com ela é estar em diferentes ambientes', mas se casar, ter filhos com cores não-brancas. Então você vê que existe um preconceito muito grande, e dependendo de onde você está, com você que é técnica na Universidade, as pessoas que você convive são pessoas da Universidade e essas pessoas elas não querem se casar com pessoas negras, e isso é uma coisa que me marcou muito.

E aí, indo e vindo, eu conheci um polonês. Em 2019, eu fiquei 6 meses nos Estados Unidos e três meses na Alemanha, e conheci um polonês na Alemanha, muito querido, muito querido mesmo. Eu conheci sem interesse nenhum, pessoa muito bacana, muito bacana mesmo, ele se interessou por mim, isso em 2019 e a gente tá junto até hoje, eu espero continuar para sempre, porque ele é muito pessoa muito amada mesmo. E nessas idas e vindas, eu perguntei um dia para ele 'ô Polaco qual foi seu interesse em mim?', ele disse assim, "Para ser sincero com você, eu nunca reparei que você era preta, eu gosto de você porque você tem uma conversa muito inteligente, você é muito amável", ele fala que eu sou muito amável, 'e eu gosto disso em você, sempre gostei de você, é uma mulher guerreira, você quer você vai e faz. Depois que a gente começou a namorar que eu percebi que a gente tinha cor diferente, assim como eu sou mais alto que você e assim como eu não tenho cabelo'.

Eu acho que foi uma das coisas mais bonitas que já ouvi na vida, que é alguém olhar para você e ver o que é a Cinthia, como se eu estivesse conversando com você, não estivesse vendo você. Então eu gosto muito da Cinthia, eu gosto muito da conversa da Cinthia, independentemente do físico da Cinthia. E o que ele me falou, que são coisas que eu acho, na minha visão, nesses meus anos de vivência, que eu nunca escutaria de um homem brasileiro, porque no Brasil a gente tem isso, tanto é que a gente tem todo aquele histórico, de embranquecimento para população brasileira, para ela ser uma população mais bem valorizada internacionalmente. E veja, isso é tão verdade, eu não estou falando que nenhum homem, então quando namorei um rapaz lá no doutorado, mas a porcentagem de homens namora mulheres negras é muito pequena, porque o branco não quer, e o negro também não quer, ele quer muito menos.

Um dia eu discutindo isso com esse professor, ele falou assim, 'Mas você tem uns casais negros', e aí que o pessoal começa a me dar os exemplos. Tem um exemplo, é o Lázaro Ramos e a esposa, mas aquilo ali é uma exceção. Não é assim,

you see many couples in the United States, there is another type of racism that is not the type of structure that would be, there is well segregated even.

But in Brazil you are much more seen, if you date a white person, and this affects you, because it is as if you were walking with your work, and your emotional? You also want a companion or a companion on the side. But for you to see that it is a weight that the black woman carries, that the black man does not, because there are many white women who are interested in the black man, who like a man of vigor, of the beauty of the black man. This is what people suffer from prejudice, suffer equally, but you have this side, it is that you see many couples, it is of white women with black men, even more, if he is in the middle class. But the man, he will be the provider of the house, then he will have a problem, it is that you have black couples, couples of black man with white woman, that you see that the woman cannot talk, because she is not at the same level, that the man, you see that he is in a field of his own, but you see that she is not, she stays in her little corner, but she is white, she is the prize, she is the white one, then it is great for me and I have seen a lot of this.

But I think that this is a very important point, because it affects the way people relate to each other and the way people see society, also, because it ends up being a way that makes our insertion emotionally, sexually and in society, I think that is what it is a weight. I realized, I never had realized, I am a bit slower for these things, I started to realize when, here, I always talk, I never had anyone that I always was very focused, I have a lot of people that are super focused that are married, then there is nothing to see, it is a question of race even. People, our black woman carries this too, this difficulty. And here, the weight is greater for the woman, the weight is always greater for the woman.

I see a lot of people in Brazil, in many environments that I have passed, in many friends that I made in graduation, in masters and in doctorate, now I date a Polish, I am doing super well, I have a good dialogue with a Polish. But for you to see, 'ah it is because I found', I did not find, it was a girl that I knew and she valued me, but for you to see, what I can say that it is a weight that the woman (black) carries, see my sister, she is the director of a school there in my city, she is a public servant in the city and she has 2 children. Her husband left her and she married a white woman. This is already going to be eight or nine years, my mother and my father, we are very Catholic, my mother told my sister, look, stay single and take care of your children. Do basically what your mother did, Cynthia. After she appeared to someone, you will see if you pay attention to this.

Then she ended up having to give up these responsibilities, this side more effective of her. But see, in all these years that my sister is single, it is as if she is in a situation, in fact, the world in which she lives, as a professor, she is single until today, or rather, she does not have many different possibilities of a woman, but if she were white it would be different, I think that this is a weight that people carry, a consequence of racism that people carry every day and it is more that people have in their account. In fact, I think that it is an important point, sometimes people talk, that I am single, with all this history, it is that I chose to be single, because I think it is wonderful, no, with all this history. And not only me, you see many women, black women who relate, it is that I have even a thesis that I read, that I found very interesting, I do not know if it was masters or doctorate, in which she describes this, she comes from a woman who is simple and she

'Porque que você alisa o cabelo?', ali ela fala assim, *'Eu aliso o cabelo porque meu marido ele não gosta do meu cabelo natural e ele gosta de passar a mão no cabelo lisinho.'*, uma mulher bem simples. Então ela (autora da tese) faz umas entrevistas com mulheres negras e conta que tem alguns casos, de uma entrevista com uma juíza negra, que ela teve uma dificuldade imensa, ela não conseguiu, tentou com um, ficou muito tempo sozinha e no final ela conseguiu se relacionar com a pessoa de outro país. Você tem o preconceito em outros países muito forte, se você for ver na Polônia a questão do racismo é muito grande, e em outros sentidos até. Mas é mais fácil, você encontrar pessoas que não são racistas, às vezes fora do país, porque lá fora ou a pessoa é ou não é, aqui no Brasil a gente tem aquela coisa camuflada. A pessoa é racista, mas fica naquilo, aí que bonitinho. E a gente não consegue se inserir dentro da sociedade como um todo, de uma forma inteira. Quando você encontra uma pessoa, seja um americano, seja de outro país, a pessoa que é, é, a pessoa que não é não é. Tanto é que ele nem reparou, na concepção dele que eu era uma mulher negra. Mas enfim, eu acho que é uma discussão muito importante, porque aqui nos afeta, tem muita mulher negra que fala para mim, que isso é um sofrimento. Eu não tenho a possibilidade de relacionamentos bons, de eu conhecer uma pessoa bacana por eu ser negra. Se você é pobre, você tem mais chances, por incrível que pareça. Porque o mundo ali é o número de pessoas ali, brancos e negros pobres é muito grande. Agora, se você é, tem uma classe social um pouco maior, você já tem mais dificuldade.

Eu passo por isso também, e hoje eu falo, não, eu estou sozinha por opção, e minha mãe tira sarro de mim, ela fala por falta de opção, né?

Mas é verdade, Cinthia, parece que é brincadeira. Isso é verdade.

Porque nós somos vistas como amigas.

É verdade, Cinthia.

E a gente acaba ficando sozinha essa. Visão da mulher negra que é muito comum, e eu optei por não ter filhos também, por isso que eu tinha medo dos meus filhos passarem. E eu também não queria ter um filho com a pele muito mais clara que a minha.

Porque você é clara, e dependendo de com quem você casar, Cinthia, é seu filho vai ficar claro, né, ficaria claro.

Ele ficaria claro, porque eu tenho a pele mais clara, porque o meu pai era branco. Então, mas eu não quero ter um filho muito mais claro que eu, porque eu não quero ser a babá do meu filho.

Ah, é verdade, tem essa, né, tem essa.

Então a gente passa, mas você sequestrou, a minha mãe passava isso com a minha irmã. Você sequestrou a criança, minha irmã era loira, minha mãe é da minha cor, você sequestrou de quem que é essa criança? Essa criança não é sua, você é a babá?

Mas é cada coisa que a gente tem que ouvir..., mas Cinthia, é veja que é uma... É quando você pensa na população negra do Brasil, né, essas coisas de cota. Isso daí é tão um pouco, né? É tão nada, né? É um nada perto do que nossos

antepassados passaram e a gente e se a gente for ver a dita Abolição da Escravatura, porque não foi abolido nada?

Os nossos antepassados foram jogados na lata do lixo eles querem a liberdade de vocês vão, mas vão sem nada.

Aí começou a escravidão do racismo não tem um negro, outra pessoa não pode ficar, né?

E ela é muito recente, tem três ou quatro gerações. Então, se a gente tiver a nossa geração, a sua mãe, a minha mãe, as nossas tias. É, se a gente tivesse nascido trinta anos antes, como você falou, a gente ia estar limpando banheiro.

Bem, essa coisa de sorte, da gente ter nascido aqui, para você ver o quanto é triste a gente falar sobre isso. É triste é essa estória, triste ou sem dizer com uma pessoa que ela vai ser escrava por causa da cor.

A gente precisa enfiar o dedo nessa ferida. Sim, é eu tenho dias que é muito difícil, mas eu. Eu venho criando forças para continuar cutucando essa ferida.

Tem, Cinthia, eu acho que você tem tudo para terminar seu doutorado com louvor. Depois que, em que você pode tentar pedir como você é técnica, servidora, você pode pedir que o afastamento fazer um pós doc. Depois volta para fazer concurso. Então, Cinthia, você pode contribuir com muita coisa. A gente precisa de pessoas como você, que têm essa visão que tem essa experiência, que tem essa objetividade. Acho que o Brasil vai mudar com mais Cinthias, essa nossa experiência.

Tem que pensar positivo, a gente já passou por tanta coisa, tem que pensar que as coisas vão mudar, e são passos pequenos. Mas só o fato de a gente estar tendo esse diálogo, você depois poder fazer um trabalho em cima disso, já é um gritinho aqui, um gritinho ali a gente vai mudando essa realidade, essa é a nossa esperança, a gente vai morrer e deixar um legado, deixar um caminho um pouco mais suave para os que virão.

Então vou foi encerrar a gravação aqui, te agradeço imensamente pela conversa.

ANEXO VIII – TRANSCRIÇÃO COMPLETA ENTREVISTA KATHERINE.

Então vamos lá, como você se autodeclara com relação à sua raça, preta ou parda?

Parda

Na sua família, os seus antepassados os pais, avós, irmãos, o núcleo familiar mais próximo, quantas pessoas tinham ensino superior antes de você?

Ninguém.

Quantos anos você tem?

50

Você é casada, tem filhos?

Casada com uma filha, uma filha de 4 anos.

E você encontrou muitas dificuldades em ser mãe e pesquisadora?

Muita dificuldade, nível máximo de dificuldade. Eu deixei para ter filho muito tempo depois, ou seja, na idade biológica da mulher eu já estava bastante atrasada. Devido a isso, eu tive uma gravidez de risco, por conta dessa demora. Porque a gente sempre prioriza a parte profissional. Então, eu acho que essa demora foi em função das dificuldades que eu encontrei ao longo do percurso profissional.

E você considera que você demorou para conseguir, se estabelecer na carreira de pesquisadora? E ser aprovada em um concurso, quais as dificuldades que você enfrentou nesse período?

O meu início, na universidade, foi um período muito difícil por conta da dificuldade da falta de apoio. Eu iniciei a minha pós-graduação trabalhando fora ao mesmo tempo.

Então, não foi nada tão fácil comparado com alunos que tinham dedicação exclusiva. Outro fator foi não ter o apoio da família, talvez com uma estrutura melhor, com a família por perto fosse diferente, eu tinha que correr atrás de tudo! Então, isso fez com que eu demorasse um pouco mais de tempo, mas como eu tinha uma lucidez muito grande, muito jovem e eu já tinha um objetivo. Eu percorri esse caminho sempre na esperança de que eu fosse me tornar uma pesquisadora, uma docente pesquisadora, entendeu? Eu não tive dúvidas quanto a isso, então eu acho que por isso que eu não desviei muito o caminho, só foi um pouco mais demorado.

E como que era a estrutura da sua família?

Morei com minha família até os 18 anos, depois do divórcio dos meus pais, segui em frente sozinha. A minha mãe, por conta disso, ela perdeu um pouco o eixo de família. E aí ela também se isolou. Então eu fiquei sozinha e os meus outros irmãos também, cada um procurou o seu caminho, por isso que eu aos 18 anos de idade, eu fiquei literalmente sozinha. E aí, isso para mim foi difícil, porque daí eu tive que trabalhar. E custear meus estudos e buscar estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Então essa falta também dessa estrutura familiar também dificultou um pouco.

Os seus irmãos eram mais novos?

Não, eu sou a caçula da família.

E vocês tinham alguma religião?

Tivemos uma base cristã. E aí depois da separação dos meus pais, que eu tive que buscar a minha independência, independência forçada, vamos dizer assim. Eu continuei frequentando a igreja católica e continuo até hoje. Então eu acredito em

Deus e tenho fé! E, por isso é que eu acho que talvez para mim um apoio na religião também me ajudou um pouco.

O seu esposo tem religião também?

O meu esposo é agnóstico.

Voltando um pouco para a sua infância, antes da dissolução da estrutura familiar, de uma certa forma, vocês tinham o hábito da leitura, ele era incentivado pelos seus pais?

Sim, até à época que o meu pai estava em casa com a gente, isso foi passado, com muita ênfase, pelo meu pai. Meu pai gostava muito de ler, então o hábito da leitura foi bastante incentivado até os meus 18 anos. Então, esse hábito da leitura a gente sempre teve, muitos livros em casa, a gente tinha uma estante que tinha muitos livros. É, foi um hábito que foi inserido, até os meus 18 anos, então eu me lembro muito disso. Eu acho que esse hábito da leitura foi que também me motivou a eu pensar, já naquela época ter essa maturidade da pesquisa.

E dentro da família, qual era o papel social de cada um?

Nós somos uma família do norte do Amazonas. Nós morávamos na capital, Manaus. E a zona Franca de Manaus, naquela época, ela era muito forte. Então existiam muitas indústrias e fábricas de montagens, então a minha família, todos eles trabalharam, em empresas, em montadoras de eletrodomésticos. O meu pai e meus irmãos, eles trabalharam na Philips, por muitos anos. Naquela época onde tinha, ainda, essa infraestrutura muito forte da Zona Franca, de Manaus. E a minha mãe, ela era do lar, ela não tinha uma profissão. E a minha mãe, ela não foi alfabetizada quando jovem, ela deixou para se alfabetizar depois do divórcio. Mas ela sempre naquela base da estrutura, da família. E o só o meu pai, que trabalhava na época e os meus irmãos.

E qual era a profissão do seu pai?

Ele era, contabilista.

Então você diria que a condição social de vocês era de qual classe?

Eu acho que de baixa, né? De média para baixa.

E você se lembra do espaço físico da casa ou das casas que vocês moravam?

A casa... era uma casa pequena, não era uma casa muito grande, para uma família de 6 pessoas. Então era uma casa pequena. Nós tínhamos apenas 2 quartos, o quarto dos meus pais e o outro quarto era para os irmãos (risos). Todo mundo junto. Eu lembro dos beliches, e a gente tinha que dividir o espaço físico.

E vocês tinham outros bens?

Na época tinha, né, aquelas ações telefônicas. Não sei se você recorda, mas naquela época tinha aquelas ações de telefone? A gente tinha apenas um fusca. Na época, não era um carro muito caro. Era uma condição que na época, a gente via como muito boa! Na minha cabeça, nossa, um carro era muito bom (risos).

Eu acho que todas nós temos isso em comum (risos), todas as entrevistadas dizem “meu pai tinha um fusca”. O meu (pai) tinha um fusca que não tinha assoalho. E você se lembra de alguma atividade cultural assim que vocês faziam em família?

Sim, nós tínhamos uma atividade. Nossa! Como era na região norte do país, a gente sempre estava envolvido muito com essa questão cultural, então sempre tinha alguma brincadeira, que o meu pai sempre colocava para gente. Então, meu pai nunca gostava que brincássemos com jogos de azar, sabe? Ele sempre dizia para a gente que isso não era permitido, então eu lembro da sexta-feira Santa que a gente sempre se reunia para fazer orações, então a gente brincava entre si. Mas, culturalmente falando, tinha a questão lá das festas juninas e isso era muito forte. O bumba meu boi, as brincadeiras de roda. Então, isso sempre foi muito forte.

E você diria que seus familiares tiveram alguma influência nas suas escolhas profissionais? E qual que era a profissão que você exercia durante o curso superior?

Eu sempre exerci a profissão da docência, quando eu estava no mestrado eu tive que trabalhar, e eu já fui docente em universidades particulares. Eu já dava aula, desde sempre. Eu lembro que na época com 18 anos de idade, quando eu entrei na universidade, a primeira coisa que eu fiz foi em busca de uma bolsa, porque eu não tinha mais o pai e a mãe para me dar o sustento. Então, estava sozinha, a gente tinha casa, não tinha que pagar aluguel, mas a gente tinha que sobreviver do restante. Então, higiene pessoal, transporte, tinha que correr atrás. Desde o início, eu sempre procurei, né, então eu disse no meu pensamento, se eu ficar dentro da universidade ganhando alguma coisa, vai ser mais fácil do que arranjar um emprego fora, que tentar conciliar as 2 coisas. Então, desde a iniciação científica, sempre trabalhando com pesquisa, que foi o que fez eu amadurecer sempre essa ideia de ser pesquisadora e docente. Então, eu lembro que eu ganhava 242,24 reais, esse valor não sai da minha cabeça porque foi com o que eu me sustentei, durante muito tempo, então, desde cedo, sempre trabalhando, e eu acho que veio daí essa ideia de fazer pesquisa.

Isso foi amadurecido dentro da própria universidade porque antes disso, no ensino médio, os meus pais me sustentavam, eu ficava sempre numa zona de conforto, essa zona de conforto até os 18 anos de idade, partir do momento que eu perdi, é que fez eu buscar o meu sustento e eu sempre dava aulas particulares antes de entrar no mestrado, eu fazia iniciação científica, mas eu também dava aulas particulares.

E dentro desse ambiente da universidade, você teve professores e professoras negras? E de alguma forma eles tiveram um papel marcante assim, então, para você dizer “esse é o meu lugar”.

Não tive professores negros. Sempre professores de cor (pele) branca, não me lembro de ter professor de cor (pele) negra. E isso chama atenção, né, porque no contato é que você percebe que são poucos os que alcançam, esse nível. Então eu não me recordo sinceramente de ter tido um professor da cor (pele) negra.

E dentro da universidade, teve alguma figura que te marcou? Te influenciou também a permanecer nessa carreira. Porque, como você disse, você já trazia isso dentro de si. Mas o teve alguma influência na sua permanência nessa carreira?

Sim. Teve uma professora que ela não era de Manaus, ela era de Ribeirão Preto. Eu assisti uma palestra dessa professora na universidade. Ela era uma professora convidada que tinha ido para dar uma palestra e eu fui assistir a palestra dessa professora. E aí, nesse dia que eu assisti a palestra e me encantei com ela. É...

eu já tinha saído da iniciação científica e eu já estava buscando fazer o meu mestrado e as condições eram muito precárias naquela época, sabe? A gente não tinha muito incentivo, não tinham muitos consumíveis, para fazer pesquisa. A gente tinha muita matéria prima da região para trabalhar, mas a gente não tinha muita infraestrutura, de equipamentos, de insumos... E aí, é com toda essa dificuldade e assistindo a palestra dessa professora, eu fui até ela e perguntei “você não quer me adotar?” (risos). E daí, ela falou assim para mim, ela falou, eu te adoto, desde que você consiga o dinheiro para a tua passagem, se você for para Ribeirão Preto, eu te sustento por um período até você conseguir obter os teus dados.

E aí eu lembro disso como se fosse hoje, eu e uma amiga minha, também na mesma situação, a gente começou a bater nos gabinetes dos vereadores dos deputados e pedir dinheiro da passagem para a gente para poder ir para Ribeirão Preto, e a gente conseguiu o dinheiro da passagem e foi para lá. E foi lá que abriu meus horizontes, de pensar em fazer um doutorado e ganhar mundo. Então, foi a partir daí que tudo mudou.

E como você avalia o ambiente escolar, desde a infância até o doutorado? Você considerava um ambiente hostil, um ambiente opressor ou não? Você se sentia livre e acolhida?

O ambiente escolar ele era difícil, eu lembro que um pouco antes do ensino médio, ainda era naquela época da tabuada e palmatória (risos) era extremamente hostil. E eu lembro de ter levado umas palmadas de palmatória da professora, sabe? De castigo mesmo, de ir para o canto da sala de ficar de joelho, olhando para de cara para a parede. Então a gente levava isso com muita naturalidade, mas era hostil, pelo menos na nossa época, era hostil.

E no ensino superior, como foi? Você se sentia reprimida por ser mulher em um ambiente majoritariamente masculino e também por ser negra? Como que você se sentia?

Na universidade, no nosso caso, pelo fato de ter ascendência indígena eu senti muitas vezes esse olhar diferente. Pelo fato do sotaque também, e isso marcou um pouco para mim, então como nortista, eu sempre fui uma pessoa que a gente chama de ressabiada, eu sempre tinha um pé atrás e sempre tentei marcar o meu território com uma voz mais altiva, mas um conselho que eu sempre tive do meu pai, que antes dele sair de casa, ele falou para mim: ‘minha filha, independente da cor da sua pele ou da sua ascendência, se você estudar bastante, você terá o que é teu, é o teu ensino, isso ninguém vai tirar de você’. Então a gente ganha das outras pessoas com inteligência.

Bom, a gente falou da trajetória, atividades extracurriculares, você se lembra de mais alguma que você fazia quando estava no ensino fundamental?

Bom, eu amo e sempre fui muito envolvida com esportes. Eu acho que também ajudou bastante, sabe? Essas atividades extra, curriculares, vamos dizer assim. Eu também fazia bastante jogos, de xadrez. Lá tinha bastante, de órgãos (entidades) de xadrez assim para a população, encontros de xadrez e esporte também. Eu sempre me dediquei muito ao atletismo na época, gostava bastante e de capoeira, isso ajudou bastante a dar uma disfarçada.

E isso é o relacionamento com os professores, os colegas de escola, de faculdade e no geral?

Ah... era muito bom e eu tenho amigos até hoje, assim que eu tenho contato, nunca perdi contato, o meu professor de iniciação científica da época, a gente conversa até hoje, ele já está aposentado, inclusive ele mora num sítio recluso, sabe autossustentável, e fiz muitos amigos, que até hoje eu tenho contato.

E você participou de algum movimento estudantil durante o ensino superior ou sindicatos, quando você já estava trabalhando?

Nunca participei, eu nunca pensei nisso, não porque não fosse importante, mas como eu acho que eu comentei, a minha preocupação maior era a minha sobrevivência. Então, eu sempre pensava primeiro em comprar a minha marmita antes, de qualquer coisa (risos).

E cargos de liderança, você exerceu o cargo de liderança na sua carreira, coordenação, chefia, direções?

Isso na realidade começou depois, já na universidade, nas universidades particulares a gente não tinha muito isso acessível, você entrava como professor e ficava como professor por muito tempo. Agora, esses cargos de liderança eles vieram depois que eu passei no concurso, isso daí começou, veio de uma forma mais natural, mas antes, não.

E como você foi designada para esses cargos?

Na realidade, eu acho que sempre tive o pensamento altruísta, de acreditar e de ver as coisas funcionando, você querer ver a coisa acontecendo, então às vezes algumas situações se você quiser que a coisa seja bem-feita, faça você mesmo, então mais ou menos nesse sentido, é que eu fui buscando esses cargos, então, sempre envolvida nas comissões, coordenações de alguns grupos específicos e, por exemplo, aqui no nosso programa de pós-graduação, na central analítica. Então, a gente sempre pensa no melhor, colocar de uma maneira melhor o serviço, o acesso a comunidade científica, pensando nesse sentido.

E essa central analítica como que foi o caminho que você percorreu para conseguir esses equipamentos? Quais as dificuldades que você teve na submissão dos projetos?

Muito difícil, muito difícil. Eu julgo que você está lidando com muitos grupos de pesquisas que já estão há muito tempo. Os equipamentos de médio e grande porte, eles são custeados com dinheiro, principalmente da Finep. Os editais, por exemplo, os editais do CT Infra, para custear esses tipos de equipamentos, sempre difícil! Por exemplo, a gente competir com os grupos que já são muito fortes. Então, quando eu comecei, iniciei de uma maneira muito modesta, o nosso Programa de Pós-Graduação na realidade, já tinha algumas pessoas envolvidas, mas sempre a gente submetendo propostas, mas essas propostas geralmente, sempre batiam na trave. Porque sempre grupos fortes é que sempre levavam.

Eu acredito que se você não se une, também com as outras equipes, também fica mais difícil ainda. Então, eu sempre pensei em sempre participar das outras equipes para a gente poder estar contribuindo e ganhando os editais, mas é muito difícil quando você começa, que você, tipo assim, uma Andorinha só não faz verão, né? Então, os outros grupos também muito fechados. Cada grupo do seu setor muito

fechado, então na realidade eles tão certo que eles estão unidos, são grupos maiores, mas quando você está em um grupo que você não tem muito apoio você sempre está sozinho. É mais difícil, eu acho que a dificuldade foi muito grande.

Você diria que, exatamente com o mesmo currículo e com a mesma produção que você tem, se você fosse um homem branco, as portas teriam sido abertas de maneira mais fácil? Você teria encontrado menos barreiras para se inserir?

Eu acho que sim. Eu sempre digo que eu acho que na próxima vida eu quero ser homem (risos). Mas, brincadeiras à parte, eu acho que sim, algumas situações, pelo fato, inclusive acho que não só na nossa profissão, mas quando, inclusive, quando você está num trânsito dirigindo, os homens, só pelo fato de olhar para você e ver uma mulher na direção, eles já te olham de maneira discriminatória. Eu acredito que sim.

Você sofreu situações que você viu que eram permeadas pelo sexismo e racismo? Se sim, gostaria que você as descrevesse.

É, eu acredito assim que os envolvimento que eu tive em grupos, para angariar algum tipo de fomento, eu acho que eu não tive muito apoio, não no sentido do sexismo, mas pelo fato mesmo da situação. Então, eu acho que o tipo do envolvimento das pessoas na época dos grupos, e eu acho que é pela falta do interesse mesmo sabe, não pelo fato do sexismo em si, nesse sentido eu acho que não, mas que é óbvio é que a gente sempre vê as lideranças mais masculinas, e pelo fato de as lideranças serem mais masculinas, isso já impõem, entendeu? É... e isso já faz com que a grande maioria das mulheres não se envolvam. Por conta de você ter geralmente essas lideranças serem mais masculinas, eu acredito que mais com relação a isso.

E nas relações interpessoais com seus pares?

Aqui é muito tranquilo, sabe? Eu acho que aqui onde eu estou lotada, a gente não tem tanto isso, comparado quando a gente vê outros departamentos. Aqui, eu acho que é mais tranquilo. Não vejo tanto essa situação, aqui muito mais calmo, com relação a isso. Mas eu acredito que nos outros departamentos tenha mais isso.

E antes disso durante o mestrado, doutorado, se lembra de alguma situação que te marcou em relação ao sexismo e racismo?

É durante o meu mestrado, é aquilo que eu tinha te falado, pelo fato de a gente ter ascendência indígena, eu acho que isso sim. Quando eu lembro, da época que nós éramos poucos, em números, também não era um número tão grande de alunos entrando no programa de pós-graduação, nós tínhamos bastante professores de fora, não eram tantos professores, de lá da terra. Aí a gente percebe que existe um certo um bairrismo, com relação ao tipo de aceitação. A gente sente de fato que algumas pessoas elas realmente agem com você com uma certa discriminação, isso lá era bastante forte nesse sentido, talvez por isso que eu tenha já criado uma armadura para isso. Então no doutorado, quando eu saí do estado, saí do Norte e fui para o sudeste, mudou um pouco, porque lá tinham pessoas de todos os lugares. Então tinha gente do norte, do nordeste, do sul. Então as pessoas elas se apoiam mais, isso mudou um pouco. Mas no mestrado, eu lembro que era mais era mais difícil.

Poderia destacar, os principais aspectos positivos e os principais aspectos negativos **de ser uma pesquisadora negra na área científica?**

Os aspectos positivos eu sempre pensei nessa maneira, com relação a essa diferença que você vai criando uma armadura ao longo do tempo. Eu criei essa armadura, eu já não me vejo mais tão frágil, por exemplo, se uma pessoa falar alguma coisa para você e você ficar quieta, não retrucar, não se impor. Mas eu acredito que muitas pessoas não consigam fazer isso, né? Então muito do que eu consegui para mim como profissional e o fato de onde eu chegar onde eu cheguei é que eu fui muito positiva com relação a isso. Então a minha luta ela foi mais diária comigo mesma do que com o que estava me atacando, então por conta de eu criar essa armadura, eu consegui ir mais longe, sem muito sofrimento.

Lógico, é óbvio que a gente sente, ainda tem algumas lembranças ruins, de alguns episódios, que aconteceram, quem diz que não existe racismo, está mentindo, existe hoje em dia, muito próximo da gente, a gente ainda tem isso, as pessoas fecharem os olhos para isso é que é o pior ainda, né? É, e o fato de eu sempre lidar de uma maneira muito natural com isso, pelo fato dessa armadura que eu criei, é que fez com que eu chegasse onde eu cheguei. Então, existe os processos aonde você tropeça, existe, por conta do racismo, existe. Inclusive eu sempre brinco com meu esposo, existe o racismo, isso é fato, é óbvio. É pelo fato, por exemplo, de ele ser branco ou de ele ser de olho azul e ele não tem sentido tanto isso, ele brinca comigo, mas eu falo para ele, a sua família é racista, o seu pai é racista, os parentes próximos, alguns são racistas, e eu senti esse racismo quando entrei na família, entendeu?

Então é... a gente sente isso, inclusive até próximo dos familiares, imagina com pessoas que você não conhece, no trabalho? Os pontos positivos são você poder lutar contra isso e fazer outros entenderem que não pode continuar assim. Eu lidei com isso com muita maturidade, pelo fato da armadura, que eu criei, mas que existe, existe. E a gente lida com isso quase no dia a dia. Quanto aos aspectos negativos, é que você sempre vai ficar lidando com algumas pessoas racistas ainda hoje em dia.

E você se preocupa que isso afete sua filha de alguma maneira?

Eu me preocupo muito (ênfase) com isso, tanto é que eu sou muito forte nesse sentido, e mantenho uma voz muito ativa em qualquer comportamento ou qualquer desvio de conduta dela nesse sentido. Então, uma simples brincadeira eu não tolero. Mesmo que você brinque, eu não tolero. Algumas pessoas muito próximas de mim, dizem nossa, mas só está brincando. Eu falo, não, não admito nenhum tipo de brincadeira nesse viés. É, eu criei essa armadura para mim, beleza, mas eu não sei até que ponto uma outra pessoa também vai ter esse vai conseguir receber isso de forma tão natural. Então não pode, se magoar, se ofender e criar um trauma psicologicamente, eu sou muito dura nesse sentido. Eu não tolero nenhum tipo de brincadeira nesse nível.

E você se preocupava que se ela tivesse a pele mais escura, ela se pudesse sofrer algum tipo de preconceito por parte da família?

Me preocupava, porque quando você passa por um momento ou por vários momentos de racismo, você sabe o quão dolorido isso é. Então eu ficava imaginando, será se a minha filha vai aguentar essa barra? Será se ela vai conseguir superar e criar armadura como eu criei? E eu me preocupava, tanto é que quando ela nasceu com a pele um pouco mais clara, com o cabelo, com o tom mais claro, eu me senti

aliviada, confesso para você, eu me senti mais aliviada porque com certeza ela não vai passar, por momentos pelos quais eu passei.

E para finalizar. Eu queria que você... Você já falou de algumas coisas em relação à sua filha e as suas perspectivas, mas eu queria que você narrasse para mim, você me dissesse como que todos esses aspectos, todas essas, situações têm afetado a sua vida atualmente? Como que essa, essa pressão que você sente por ser mulher, mesmo tendo essa barreira que você criou. Como isso afeta a sua vida pessoal? Como que você está lidando com isso nesse momento. E se você acha que isso te prejudica de alguma forma, o que é óbvio, mas como isso te prejudica?

Eu acho que prejudica em todos os sentidos, nós mulheres, todas nós mulheres, né? Nós sempre temos algo que nós deixamos de fazer a contento por conta de sermos mulheres, porque ainda nós vivemos numa cultura machista e a gente lida com isso. Tanto é que a gente ainda, além de ser mãe, tem que ser esposa, tem que ser pesquisadora, tem que professora e a tem que ainda ser amiga.

A gente ainda tem os amigos, né? A gente tem que viver uma vida social e é muito difícil para nós, como mulheres, porque a gente sempre tem que estar fazendo alguma coisa a mais, temos que trabalhar mais porque nós somos mulheres? Eu sempre discuto isso em casa, porque nós somos pesquisadores, o meu marido é também pesquisador e professor, e pai. Eu sou mãe, pesquisadora, mas com certeza, por exemplo, se eu chego em casa, eu ainda vou trabalhar? E a gente discute muito isso, porque existem alguns homens que pensam: ah, porque, eu sou homem, eu vou chegar em casa, eu vou sentar, vou ficar de perna pro ar.

Não, não é assim. A mesma coisa que eu, eu estou trabalhando fora, por que que eu tenho que sair do trabalho e ir para casa, e fazer mais coisas sem ter um apoio do meu cônjuge? Porque que eu não posso ter o privilégio também, de sentar e descansar, eu acho que o pensamento deles ainda continua muito machista, é por conta da cultura machista que ainda impera. Então, é essa dificuldade, eu poderia fazer mais coisas, vivenciar mais coisas, e ter prazer em mais coisas. Eu poderia ter tudo isso a mais, se eu fosse um homem? Sim, é verdade, isso é verdade, para algumas famílias. Por que, que eu tenho que sofrer tudo isso?

Então a gente ainda tem, né? Então, por isso que eu acho que é hoje em dia, isso tudo tem que ser debatido, isso tudo tem que ser discutido. A criação que você dá ao seu filho, ela pode mudar tudo isso. Porque a partir do momento que você diz para o teu filho, olha, você tem que chegar em casa, você tem que lavar o copo da água que você tomou, esse seu sapatinho que você jogou aqui, você vai lá e põe numa sapateira, você arruma a sua cama, você vai ter que ir lá, você tem que lavar a louça, não quer lavar louça, mas você vai então vai fazer a janta. Então, se você criar este menino, nesta cultura, ele não vai ser aquele adulto com aquele pensamento machista que ele tem que chegar em casa, sentar no sofá e assistir televisão enquanto que a irmãzinha dele, a menina tem que ir para a cozinha e tem que cozinhar. Entende?

Então, nós, mulheres, por conta da gente ter vivido dentro dessa cultura machista, a gente ainda continua com alguns hábitos machistas, a gente já chega em casa, já vai assim doutrinado, chega e vai fazendo as coisas. Não, não tem que fazer as coisas, você tem que dividir primeiro porque eu tenho o mesmo trabalho que o seu. Eu trabalho, inclusive até muito mais, entende? Por que que eu tenho que fazer tudo? Não, não tenho que fazer tudo, né? E eu acho que essa cultura machista ainda está

ainda na nossa cabeça, como uma tatuagem e a gente tem que mudar esse ponto de vista. É, a gente tem que dividir mais, né? E, principalmente, a contribuição do parceiro. Ela é fundamental dentro desse ciclo vicioso.

Então como que você se autodeclara preta ou parda?

Parda.

E a sua idade?

58 anos.

Vou iniciar perguntando um pouco da sua família, dos seus antepassados, quantos membros da sua família tiveram um curso superior antes de você, seu pai, tios, avós, mãe?

Pai e mãe, não, eu tenho uma tia que é formada em Direito, exerceu a advocacia até se aposentar. Os demais não têm curso superior, então só essa tia que eu conheço, que é formada em Direito os outros tios, tias, não tem formação superior.

E ela é a filha mais nova dos irmãos?

Não, ela era meu tio, meu pai. E ela é a terceira.

Você é casada ou tem alguma relação afetiva estável?

Não, eu sou solteira.

Quantos filhos tem filhos?

Uma filha.

E a sua religião e da sua família?

Eu sou espiritualista, em casa somos espíritas. Mas cada um, apesar de ser todos criados no espiritismo seguem diferentes religiões, principalmente a católica. Minha mãe era católica. Tenho irmãs que são católicas e acompanham a religião dos maridos, mas quando eu fui criada, desde criança dos 3 anos é no espiritismo, todos os filhos.

E a função de cada membro da sua família, por exemplo, o pai trabalhava, mãe ficava em casa com os filhos, os irmãos ajudavam a prover o sustento?

Isso, meu pai, era militar do exército, então ele trabalhava e minha mãe era dona de casa, porque tiveram 8 filhos, atualmente somos 7. Minha avó morava conosco e ajudava minha mãe criar os filhos, ela cozinhava, pois foi por muitos anos cozinheira do governador do estado do Mato Grosso e empregada doméstica, morava na casa dos patrões, enquanto minha mãe e meu tio ficavam com minha bisavó, pois o avô materno foi trabalhar no garimpo e minha avó não quis acompanhar por conta das crianças e da febre amarela na época, minha mãe tinha 5 anos quando isso aconteceu e nunca mais tiveram notícias dele. Meu pai na sua infância também trabalhava no garimpo com o pai, mergulhava no rio na Bahia procurando pedra preciosa. E é isso mesmo nós, a partir dos 13 (minhas irmãs mais velhas) e 14 anos (eu e a quarta filha), nós mais velhas trabalhamos com registro em carteira porque o meu pai dizia assim, quando terminamos a oitava série, 'se for fazer um Ensino Médio, particular, pago, ele não teria condições de pagar para todo mundo'. Se a gente fizesse numa escola pública que fosse estadual, municipal, que é o meu caso, eu fiz na municipal que tinha o ensino médio no municipal, ... ele poderia comprar o material escolar, ele poderia prover, mas se quisesse fazer qualquer um outro curso que era instituição privada, então a gente teria que trabalhar. Então, eu trabalho com carteira assinada, trabalhei desde os 14 anos e minhas quatro irmãs mais velhas.

E quanto tempo você teve de docência entre o início e o e a aposentadoria?

Olha, eu já tinha 2 anos e meio no estado em SP, como aqui chama PSS, em São Paulo chama contrato temporário, ACT, e quando eu fazia o mestrado, logo que eu formei na graduação. Então, 2 anos e meio e na universidade foram 27 anos e 10 meses como docente no ensino superior.

E a organização do cotidiano familiar na sua casa, a sua mãe era a principal responsável pela organização, já que seu pai era o provedor, como que funcionava?

Sim, a grande parte do tempo era minha mãe, assim que até os dez anos, minha avó morava conosco. Então, por exemplo, minha avó cuidava da cozinha, porque ela era cozinheira, ela foi cozinheira a vida inteira, doméstica, é inclusive trabalhava, né, ela foi cozinheira do governador do estado do Mato Grosso e inclusive minha mãe, o governador, conseguiu uma vaga para ela na escola colégio de freiras. Então, por isso que ela estudou lá da primeira à quarta, nesse colégio, meu tio estudava no colégio de padres, mas ele não ficou, ele fugia do colégio, ele não gostava de lá, não ficou. Então minha avó, como foi a cozinheira, ela cozinhou, porque a minha mãe, com esse tanto de filhos, minha mãe que cuidava, da gente, da criação, roupa, essas coisas, limpar a casa, a gente também ajudava tinha que ajudar desde os 10 anos, enfim, mas era sempre minha mãe que cuidava da casa mesmo.

Sua mãe, em algum momento, ela ajudou financeiramente a prover o sustento da casa?

Foi quando já estava quase todos nós maiores, ela fez um concurso numa escola para uma vaga de pessoal da limpeza, de fazer café, essas coisas, só que não ficou muito tempo, porque meu pai era muito machista, ele não aceitava, ficava incomodado, só que ela trabalhou por pouco tempo porque meu pai implicava muito, até que ela tinha voltado a estudar, porque minha mãe fez até a oitava série, mas a oitava série ela não concluiu lá no Mato Grosso, ela explicou que era um exame que fazia tipo, no ginásio da cidade, então aquele monte de gente, aquelas cadeiras todas. Eu lembro que a gente sabia que ela tinha oitava série incompleta antigamente, que hoje é nono ano, mas era o oitavo incompleto, então lá em Franca a os filhos já adultos, eu já nem morava em casa mais, ela tem uma escola próxima que tinha EJA, ela fez e terminou oitava série depois ela começou o ensino médio. Mas aí não deu conta, por causa de biologia, química, física, disciplinas que ela achava difícil. E aí teve esse concurso nessa escola, mas eu acho que não durou nem um ano, porque meu pai implicava demais, queria que ela saísse, e ela acabou saindo... pediu, né, exoneração, enfim. Mas ela sempre foi dona de casa, cuidava dos filhos sempre, depois de casada. Antes ela trabalhava em lojas de armarinhos de balconista.

E você se lembra do espaço físico da casa ou das casas que vocês moraram?

Sim, a casa sempre foi grande, três quartos por causa do número dos filhos, meu pai, como militar, as cidades que a gente morava que tinha Vila militar, então, nós morávamos na casa da Vila militar, e aí as casas eram bem grandes. Tinha, geralmente, o jardim, quintal... e eram casas grandes. Então os quartos, a gente tinha beliche, porque nós quatro, tirando as duas mais velhas, tinham um quarto, que era sempre o quarto menor, no maior colocava dois beliches, então dormimos em quatro, e depois que meu irmão nasceu, ele tinha o quarto dele, mas a gente sempre morou assim, em beliche, porque eram várias pessoas, vários filhos no mesmo quarto.

E além da casa quais outros bens materiais que vocês tinham?

É, tinha o telefone na época que o pessoal tinha linha telefônica, então a gente tinha automóvel, meu pai sempre teve, era kombi porque a família era grande. E logo que ele se casou com a minha mãe, que a gente era pequeno, lembro que tinha uma lambreta, primeiro, depois que foi a kombi e depois carro menor, a casa que ele demorou para adquirir, acho que foi com quase 45 anos que ele financiou, comprou uma casa financiada, era na caixa econômica estadual e quando enquanto ele pagava o financiamento, que era uma casa daquelas tipo de conjunto, e aí fez toda a reforma, aumentou, enquanto isso a gente morava na Vila Militar. Quando essa casa ficou pronta por dentro, antes de terminar por fora, que nós mudamos para a casa, mas aí ficou o quintal, e a frente sem fazer ainda, foi aos poucos, que terminou. Meu pai ajudou a construir, ajudava os pedreiros na construção toda. Aí nessa época eu acho que eu já nem estudava, eu já estudava fora, acho que nem morava mais lá.

E dentro da família vocês tinham hábito de leitura?

Sim, todos inclusive os sobrinhos e netos, porque nós todos gostávamos muito de ler, então a gente lia muito na escola, íamos muito bem na escola. Os netos, como algumas de nós irmãs, são professores. Então, gostava de ler, minha filha mesmo, e o meu irmão, lembro que a minha filha ia na livraria pedia para comprar uns 5, 10 livros, trazia tudo aqueles livros, eram de criança, para ler, meu irmão, era a mesma coisa, aquelas obras das edições Saraiva, que era aqueles contos. Ele trazia um monte e lia, lá em casa todo mundo sempre leu muito, gosta muito de ler até hoje, todos.

E as atividades culturais em família tinha alguma atividade?

É a gente ia ao centro espírita, então a gente participava de mocidade, fazia teatro na mocidade. E os locais que nós moramos, porque a gente morou em vários lugares no interior de São Paulo, e quando tinha clube na cidade, quando o meu pai era sócio, a gente ia ao clube, assim fim de semana na piscina ou represa, às vezes rio assim. Então, quando tinha um clube na cidade que os, os militares podiam frequentar, a gente ia depois que meu pai foi para a Franca-SP, ele era sócio também, de um clube. E a gente ia também, mais fim de semana, mas fora isso não tinha muita, quando mais, mais criança, não tinha muita, muita opção. Me lembro que a minha mãe me levou ao cinema uma vez. Então, eram os churrascos do pessoal do exército, o pessoal quando formava uma turma, eles fazem um churrasco, os sargentos levavam a família e eu lembro que a gente ia também, né, é mais nesse sentido. Talvez circo, uma vez e outra, mais visitar os parentes, então a gente ia de ônibus, e os parentes mais longe, e os mais perto às vezes quando já tinham carro e era de carro. Aí também, às vezes é quando tinha aquela (excursão) no litoral para os sócios, o pessoal que era militar, tinha um lugar que a gente podia ir na praia, então tinha o local que a gente podia ficar lá, os apartamentos. Então isso também eu me lembro que já fomos nesse tipo associação, dos militares, por exemplo, no litoral de São Paulo.

Como você descreveria a posição social da sua família?

Aí eu acho que a gente, falando atualmente, eu acho que é classe média mesmo. Não uma classe média alta, mas classe média sim, porque em casa assim, nunca faltou alimento, comida, meu pai podia (comprar) porque tinha o convênio dos

supermercados com o exército. Sei que na infância quando meu pai mudava para uma cidade que não tinha vila, me lembro minha mãe contar que, uma vez, chegou e não tinha o que dar para comer porque ainda não era a data de pagamento, ela fez uma limonada e deu para gente na mamadeira, eu tinha 5 anos. Aí num determinado momento que ele pôde pagar, a gente tinha Unimed, tinha outros convênios lá que eu não vou lembrar o nome, dependendo da cidade. E, todos nós estudamos mesmo que em escolas públicas, tivemos acesso à educação escolar. Todos os filhos têm curso superior completo, pelo menos. E todos os nossos filhos, hoje todos têm curso superior, todos nós somos servidores públicos, ou municipal, ou estadual ou federal. Então meu pai teve condições de (dar estudo), quem estudou fora (da cidade), como eu, eu fui a primeira, acho que a única que estudou fora, então o foi a única que ele teve que manter, apesar de eu trabalhar, quando eu estudava na universidade e nas férias, quando eu voltava, eu trabalhava também, então acho que posso dizer que a classe média.

Porque a gente teve acesso cinema, um pouco de cultura, livros. A gente podia comprar, clube. Então acho que a gente pode considerar assim, eu quando era bem mais nova, é antes dos seis anos, vamos dizer assim, cinco ou seis anos, eu sei que pela mãe que eles passaram bastante, dificuldade, pelo que a minha mãe conta, eu lembro dela falar quando a gente chegou lá, vindo do Mato Grosso, de Cuiabá para Uberlândia, que mudou, e não tinha que não tinha saído o pagamento do meu pai, não tinha dinheiro nem para comprar leite, essas coisas. Ela disse que fez suco de limão, uma limonada, deu para gente, aí a gente deitou e dormiu, no outro dia, parece que ela conseguiu, na cidade tinha o irmão do meu pai, meu tio, e aí foi lá, acho que emprestou de alguém, meu padrinho, alguma coisa assim, eles emprestaram esse dinheiro e até ele receber. Então, eu considero, que a gente era da classe média.

Os seus familiares tiveram alguma influência na sua na escolha da sua profissão? Assim, quando você entrou no ensino superior?

Não, eu desde os 10 anos eu dizia que eu queria... eu lembro na quarta série, a professora passou um questionário lá e dentre as várias perguntas, eu lembro que perguntava: o que você queria fazer quando crescer, profissão. E eu já falava que eu queria fazer Química. Então não teve influência nem do meu pai, nem por parte da minha mãe.

Mas de alguém externo a isso ou alguma ocasião te influenciou?

Não, que é assim, por exemplo, as minhas duas irmãs mais velhas, como elas estavam um ano à frente, uma um ano a outra dois anos à frente na escola. É o que eu me lembro, assim que ela, eu pegava o livro dela de Ciências, vi aqueles experimentos, e aí eu fazia no fundo de casa. Sabe aquele punha água com o sal, um ovo para ficar boiando, aqueles experimentos simples de Ensino Fundamental. E eu sempre falava que queria fazer Química, mas não teve nenhuma influência de ninguém da família.

E como que você avalia o sistema de ensino, as escolas que você estudou?

Eu estudei em escola pública. Até oitava série, que seria o ensino fundamental hoje. Então, todas as escolas do estado e teve algumas cidades que eram escolas municipais da prefeitura. E todas muito boas, sabe? Eu participava bastante, participava dos times, eu sempre joguei vôlei, e tinha as festas Juninas, a gente

participava, sempre participei ativamente de todas as atividades das escolas e das escolas, as atividades culturais. Enfim, das comemorações, então eu considero, que na época que eu estudei, aquela época que tinha educação moral e cívica, que a gente cantava um hino no pátio antes de subir para a sala. Então assim, eu considero que escolas, sendo as escolas públicas, que eu estudei até a oitava série, eram muito boas, sim, de boa qualidade. O ensino médio, o primeiro ano foi em uma escola municipal em que se pagava uma taxa mensal de manutenção, eu já trabalhava e pagava essa taxa. Depois meu pai foi transferido e na nova cidade eu trabalhava e pagava uma escola particular. Então, concluí meu ensino médio em escola privada.

E além dessas atividades esportivas, tinha alguma outra atividade extracurricular que suas escolas ofertavam?

Não, na minha época, falo sobre curso de inglês, não. E, outras coisas assim não, não tinha. No ensino médio trabalhava o dia todo e estudava à noite. Então não tinha tempo.

E como era seu relacionamento com os professores e com os colegas?

Era muito bom, eu sempre fui uma pessoa que sempre fez amizade com todo mundo. Sempre gostei muito de estudar, com os amigos, participava das festas, aniversários. Sempre que tinha nas casas, aquelas épocas que a gente, a gente às vezes dançava, participava, fiz ginástica olímpica, fiz além do vôlei, eu jogava desde os dez anos. Aí, fiz ginástica olímpica, teve na sétima série, eu fiz, fiz atletismo, salto em altura, corrida. Então, eu sempre participei de tudo, ia na casa dos colegas, estudar para prova, fazer exercício, fazer tarefas. Então, sempre tive uma relação muito boa com meus colegas e com meus professores também.

E o seu desempenho como estudante?

Eu sempre fui das três melhores alunas da classe. Então eu sempre gostei muito de estudar, fazia todos os trabalhos apresentava, então o meu desempenho sempre foi muito bom assim na escola.

Na escola e já não pode ser no ensino médio também, mas no ensino superior você participou de algum movimento estudantil e depois na tua carreira de sindicatos?

Não, eu já fui representante do curso de licenciatura na graduação, que era no Setor de Ciências Exatas, dos cursos de Matemática, Química e Física, no que hoje a gente chamaria de Setor, que lá era centro, aqui seria a Direção do Setor de Ciências Exatas, então eu já fui representante dos estudantes, na Direção do Setor de Exatas, lá na Universidade Federal de Uberlândia, onde estudei. E lá também, eu joguei no primeiro ano e no segundo ano, tinha os jogos da Primavera, que é os jogos universitários, então também junto com alguns alunos da Química, da Matemática e da Física. A gente juntava e participava, também. Agora de movimento estudantil, não, eu participar ativamente não, quando tinha as atividades, dependendo, eu ia sim, se eles fossem fazer alguma reunião, comunicar alguma coisa, eles convidavam, passavam nas salas convidando os alunos, em algumas delas eu ia, mas assim, não (participei) ativamente, no movimento estudantil não, foram essas duas que eu participei mais.

Passando então para a sua carreira de pesquisadora e de docente, o que você diria que te levou a escolher carreira de pesquisadora?

Olha, Cinthia, vou ser sincera assim, porque eu sempre quis fazer Química, como todo mundo não pensava nem inicialmente em licenciatura. Tanto que eu prestava para Química bacharel e cheguei a prestar Engenharia Química, porque, na verdade, a partir dos quatorze anos comecei a trabalhar, então todo o meu ensino médio eu trabalhava e estudava à noite, e aí eu no último, no terceiro ano, eu prestei vestibular e não passei no estado de São Paulo, fazia Unesp, fazia USP, os cursos que tinham no interior de São Paulo mesmo. E aí, não tive a aprovação, eu trabalhava, então, eu fazia cursinho à noite, eu cheguei a fazer mais de um ano de cursinho, então eu levei dois anos para entrar, ingressar no ensino superior. Ingressei com 20 anos no curso de Licenciatura em Química na UFU.

E aí, no ensino superior, eu participei de alguns projetos da CAPES, do PADCT, que era dessa área de produzir material didático, experimentos, enfim, e aí eu gostei e vi realmente que o que eu queria fazer era Química, porque depois que eu tive algumas disciplinas que no meu curso, de operações unitárias, eu entendi o que que o Engenheiro Químico faz, e não era aquilo que eu queria fazer, então eu gostei muito do curso. Me formei só que o meu curso era licenciatura, não era bacharelado. Terminei o curso e no último ano eu tive a minha filha. Então, como eu imaginava assim, olha, acho que com o salário de professor, da educação básica, eu não vou dar conta, de manter, de criar uma filha. Então eu fui fazer um mestrado, uma porque eu gostava de estudar, gostava de Química e queria continuar, então eu fiz um mestrado na USP de Ribeirão Preto, que era perto de Franca onde meus pais residiam. No início viaja todos os dias, depois me mudei com minha filha para Ribeirão Preto.

E assim mesmo, fiquei seis meses sem bolsa, dei aula, foi quando eu também dei aula no estado, no fim do mestrado e que naquela época o mestrado era 3 anos, então ao final do mestrado e... é, desculpe, no final da graduação no começo do mestrado, até que 6 meses depois veio a bolsa. Aí eu fiz todo o mestrado com a bolsa. E terminando o mestrado, eu já entrei direto no doutorado, só que aí abriu a inscrição para o concurso, aqui na UFPR, e aí eu prestei o concurso, passei, então eu tranquei o doutorado e vim para cá, e com um ano e meio, eu consegui voltar, consegui afastamento para concluir o doutorado. Então, na verdade, eu escolhi a carreira, a princípio foi por essa questão de subsistência mesmo, de que era um salário melhor, eu sabia que fazendo mestrado, doutorado, eu poderia ingressar como docente no ensino superior e teria um salário melhor para criar minha filha.

E como foi esse percurso da saída da graduação, ser mãe, quais foram as dificuldades que você enfrentou neste caminho que você percorreu até concluir o doutorado?

Sim, porque na graduação foi o último ano, meu namorado, era da cidade onde eu morava, eu engravidei e faltava um ano para me formar, só que eu terminei com quatro anos e meio, ele não assumiu (a paternidade) e eu tive que criar minha filha sozinha, no início com o apoio da família. E aí foi difícil por conta da família, meu pai sempre deu apoio, mas minha mãe era muito, muito difícil, assim de aceitar, enfim, tanto que teve as férias, no meio do ano naquele ano, que eu engravidei em janeiro, fevereiro, no meio do ano, ela não disse que não queria que eu fosse passar as férias em casa e eu fui. Fiquei na casa de uma amiga dela, na verdade, era amiga da família, aí depois meu pai foi me buscar, então a maior dificuldade foi assim, esses problemas

com a família. E na graduação, é com os colegas, colegas homens, por exemplo, tinha um amigo, muito amigo mesmo, aí coisas que você tem que ouvir assim, como que foi que ele disse? Ele disse assim é 'Ah, você sabia que a mulher, quando está grávida, tem mais desejo sexual?'. Então ele se colocou à disposição, se eu quisesse, ele estaria ali disponível, e se tipo de coisa, isso porque era meu amigo, um dos meus melhores amigos. Então, esse tipo de questões, os colegas não falavam nada, os professores. Mas você via pelos olhares, assim de alguns professores, mas eu fui sempre muito bem, e a gravidez, não foi, para, vamos dizer, diminuir meu desempenho na faculdade, no curso, fui uma das melhores alunas do curso.

No pensionato, eu morava no pensionato, também foi um pouco difícil, porque já estava na época de comprar o berço, e aí a dona do pensionato falou que eu não poderia montar lá e acabou que a minha tia, que era esposa do irmão mais velho do meu pai, eles moravam na mesma cidade e aí no final, da gravidez, para eu ter minha filha, que foi outubro, eles me chamaram agosto ou setembro para eu morar lá com eles. Aí foi quando eu fui, eu dei à luz, foi meu tio que me levou. Enfim, me deixou lá (no hospital), ele tinha acabado de chegar de uma viagem muito cansativa, porque ele era comerciante, eles me deixaram no hospital e voltou, aí eu tive a minha filha bem cedinho, de madrugada. Depois eles foram me buscar e eu fiquei lá, acho até o fim de outubro ou novembro, aí já veio férias em dezembro, lá já era férias. Aí eu voltei para a casa dos meus pais, no outro ano essa minha tia arrumou uma amiga que ela era da igreja lá de congregação cristã, então essa amiga dela tinha um cômodo na frente da casa, que era perto até da universidade, era caminho perto da casa da minha tia também, que não era longe. Aí eu alugava e aí eu morava ali, com a minha filha. E essa mulher cuidava dela, então de manhã amamentava, tirava leite e deixava, aí eu ia para a faculdade, na hora do almoço eu corria, vinha para amamentar.

Aí que teve um período que ela falou olha, você vem correndo... daí ela começou a comprar leite da padaria, leite C, e dava para minha filha, ela falou olha é melhor você ficar lá, você vem debaixo de sol com os peitos cheios de leite, ela ficou bem não teve dor de barriga, nada. Então ela amamentava, ela dava e aí eu voltava, se tinha aula tarde, eu ficava assim, se não tinham ia embora. Então, aí eu terminei a graduação assim, porque foi em outubro e no meio do outro ano que eu me formei, que aí foi com quatro anos e meio, que eu concluí a graduação.

E nesse meio tempo, eu volto para casa da minha família e em abril fui aprovada em mestrado na USP de Ribeirão. E lá eu prestei, eu passei isso em segundo ou terceiro lugar, só como era um curso novo as bolsas demoraram para vir, foram quase seis meses, nesses seis meses eu fui dar aula no estado, contrato temporário, e aí saiu a bolsa, aí veio tudo retroativo, aí que eu aluguei três cômodos em Ribeirão, fui para lá com a minha filha, na rua tinha uma escolinha. Então eu colocava ela na escolinha, ela ia de manhã e voltava à tarde, e aí eu ia para a USP, fazia disciplina, quando era a época dos experimentos trabalhava também, que a gente já na Química, a gente já trabalha (nos experimentos), faz as disciplinas, já vai para o laboratório, fazendo as medidas. E foi assim, então ela ficou seis meses assim, e outros seis meses voltou para a Franca, porque ela era pequena, e aí eu entreguei lá, acho que foi um ano, eu fiquei ali de aluguel. Depois eu viajava todo santo dia, comprava vale do ônibus mesmo, do Cometa. Eu pegava seis da manhã, o ônibus chegava às sete e trinta na Rodoviária, em Ribeirão, pegava o ônibus oito horas, estava na USP, porque ali a caminho também, aí às oito, aí às cinco e meia, eu pegava ônibus de volta, todo santo dia, amamentando ainda, chegava tinha roupa, fralda para lavar, para passar, e foi assim até terminar o mestrado.

E aí o doutorado eu comecei, inclusive meu orientador queria que eu fizesse uma disciplina na USP em Ribeirão, não foi no mestrado isso, é. Então, um dia da semana eu ia para São Paulo, então eu chegava e saía às cinco e meia, saía de madrugada para ir para São Paulo porque a disciplina era à tarde, fazia disciplina, voltava para Ribeirão, uma amiga deixava ficar lá no apartamento que eu só dormia no outro dia eu já tinha aula na USP, às oito horas, aí terminava disciplina, voltava para Franca. Terminando o mestrado que eu defendi no meio do ano, eu já entrei no doutorado, mas aí abriu um concurso, essa vaga aqui, eu me inscrevi, foi em 92, que eu terminei o mestrado, meados de 92 e já ingressei no doutorado. E em dezembro é eu vim prestar o concurso, passei, e assumi na universidade. Eu vim, ela veio comigo, com o salário, um pouco melhor, eu tinha condições, eu pagava uma pessoa que ficava com ela o dia inteiro. Tentei creche aqui perto, creche da prefeitura, mas aí ela apanhava, pegava piolho aquelas coisas assim, que é uma creche pequena que tem aqui, tinha eu acho, que não tem mais aqui no bairro. Aí acabou, essa eu consegui contratar uma menina, de confiança que me indicaram, então ela ficava, com ela eu ia no almoço para almoçar com ela, e à tarde, a menina trazia na escolinha, depois com um ano e meio eu saí para o doutorado, porque as condições eram difíceis aqui para a pesquisa, era uma universidade estava iniciando no departamento que a gente estava, pessoal mais dava aula, eram professores que vinham dar aula e não tinha essa pesquisa, eram poucos que faziam pesquisa.

Eu voltei e fiz o doutorado, sem bolsa, fui só com meu salário, porque também o doutorado era novo em São Carlos, se eu mudasse de área, não a área que eu fiz, aí sim teria bolsa, mas eu não quis mudar, porque eu saí daqui para fazendo uma determinada área, a área que eu que eu era professora aqui, então eu não quis, fui só com meu salário. Mas consegui, terminei, fiz em 3 anos e meio doutorado para voltar. Foi bem difícil, porque você com o filho, ela teve pneumonia, internou, ficou uma semana internada. Enfim, essa dificuldade de mãe que tem que trabalhar e cuidar do filho pequeno, é sempre difícil, a minha mãe tinha épocas em que ela estava boa, em época que não. Então, teve períodos que ela ficou lá, mas eu pagava escola, tinha que pagar manhã e tarde, porque ela reclamava muito de olhar minha filha, então ia de manhã, buscava almoçava em casa, ia de novo, e às vezes ela não queria ir, mas foi.

Eu terminei o doutorado e voltei, e aí que posso dizer assim que começou mesmo a minha carreira, e sempre aquela tentativa, você tentando agrupar com outras pessoas no LACTEC, enfim, sempre sem recursos para iniciar. Na universidade, então não só durante quando eu quando eu fiquei grávida, essa questão desse preconceito, mesmo que eu como mulher solteira, enfim, e grávida, na universidade é muito isso de machismo, né. Também existe muito isso, a gente sofre até hoje, essa questão, por exemplo, de você ser solteira, ter filho, até as mulheres. E digamos, se você tem um amigo, alguém que você conhece, que é o casal, essa questão, tipo ciúme, achar que você vai dar em cima do marido da pessoa, então você vê, você percebe, você sente. Só não é declarado, mas você percebe nessas questões. E aqui na universidade também, que teve um período que como a minha filha saiu dessa creche, não deu certo porque ela vinha às vezes machucado, uma semana eu trouxe, eu lembro que a pessoa que era chefe do departamento, era uma professora, ela veio, me chamou, chamou a atenção dizendo que ela não podia ficar aqui no departamento, aí que eu consegui a escolinha, ali que ela ficava o dia inteiro.

Então, na universidade é sempre isso, né, quando você vai, por exemplo, disputar recursos, tanto para o espaço físico como uma para vaga docente. Você

percebe aquele machismo, se é que a gente pode falar em machismo estrutural, que o pessoal se reúne sempre tentando te desqualificar de alguma forma, nas reuniões, quando você representa. Quando eu fui representante ali da nossa área de ensino, nas reuniões, era sempre assim, você percebia como se fosse um assédio moral mesmo, querendo sempre, sempre exigindo mais de você do que das outras áreas, por exemplo, quando eram homens que eram representantes, e aí você tem que ter jogo de cintura para não brigar, não é assim declaradamente, mas tentando conversar para também não prejudicar o seu trabalho.

Então sempre comentários, aqueles comentários que eu acho que toda mulher sofre, né. Se a gente tá brava, tá nervosa, porque estava menstruada, falta de homem, nessas questões aí, eu sempre sentia, sempre existiu, e quando não era comigo, percebia que se fazia com outras colegas, que alguém que, por exemplo, numa reunião é se manifestava contra, fazia às vezes um discurso mais eloquente, não era mais, vamos dizer assim, mais afetiva, demonstrava, um sentimento assim, ou extrapolava, ficava um pouco mais nervosa, falava mais um pouco mais, o tom de voz acima do normal.

Aí esses comentários a gente ouvia, né, nos corredores ou mesmo na reunião, num canto ou no outro, que não se falava alto, mas você ouvia os esses comentários maldosos nesse sentido. Então na universidade o que eu mais senti foi nessa questão, é de você ser mulher. Então, nessa condição de sempre, você tem que fazer um esforço sempre maior para provar a sua competência para provar que você dá conta e para conseguir qualquer coisa, questão de espaço físico para trabalhar, vaga docente para a sua área, nas discussões, sempre tem esses comentários, e até hoje a gente vê colegas fazendo comentários, dos alunos, quando eu fui coordenadora de curso também a gente percebia muito, em relação às alunas, elas se queixavam muito, dessa condição meio que de assédio sexual por parte dos professores. Então isso até hoje, no dia a dia, coisas que você vai contratar um serviço, seja de um construtor, de alguma coisa assim, de um pedreiro, qualquer serviço, terceirizado. Quando eles percebem que é você sozinha, é mulher que está contratando o serviço, então tem sempre essa, esse viés, aparece essas questões aí, pelo fato de você ser mulher, de estar ali sozinha, eles querem muitas vezes passar a perna, te enrolar como você não soubesse, não entendesse, como se fosse assim burra, não conhecesse a respeito.

Então você tem que estar sempre provando e o pessoal passando a perna. Então, isso eu sinto muito, como eu falei no dia a dia mesmo até hoje isso, e na universidade era sempre assim, sempre foi assim, até os últimos dias e horas que eu trabalhei eu sentia isso. Esse conchavo entre os professores para geralmente diminuir as mulheres, diminuir a sua competência para poder desqualificar e para você não conseguir aquilo que você estava almejando. Então foi muito difícil no início por conta disso, os grupos que chegaram aqui, porque eu entrei só com mestrado, aí depois com um ano e meio que eu saí para o doutorado, quem já chegou com doutorado, ou naquele ano concluiu, foi o pessoal que já pode fazer grandes projetos, grandes chamados CNPq, PRONEX, enfim que conseguiram, recursos então esses foram se estabelecendo, conquistando mais espaços, espaço físico, fazendo reformas, enfim, estabelecendo inclusive, um Programa de Pós-Graduação em Química. Então sempre foi assim quando resolvemos também criar a área de Ensino, e isso era diariamente, dependendo da chefia, a gente sofria muito disso para conseguir estabelecer, a partir do momento que a gente conseguiu apoio de outros colegas, estabeleceu a área de ensino, aí fomos também criar o programa de Ensino de Ciências na Pós-Graduação, que também foi outra batalha internamente, com outros setores, mas também nesse

mesmo sentido, de sempre desqualificar reuniões na Reitoria, na Pró-reitora, para conseguir é criar. E como eu disse, é constante esse preconceito, essa desqualificação aí, sempre do trabalho feminino, de você ser menos competente para fazer as coisas, mas na verdade, é uma artimanha, um recurso que eles utilizam para poder não deixar. Eu acho que quando eles percebem que hoje as mulheres, elas estão aí desempenhando várias funções com muita competência, desenvolvendo, estudando, com muita capacidade. Eu acho que isso, muitas pessoas temem, e a mulher, eu acho, que tem um olhar, um outro cuidado assim de querer pensar no coletivo, aproximar outras pessoas, que também estão mais ali na periferia do trabalho acadêmico da universidade, querer incluir todo mundo.

É cada um de acordo com o que pode fazer, e o homem acho que foi muito criado que essa questão da competição, da competitividade, então é melhor ir tirando, vamos dizer assim, os mais fracos do caminho para conseguir aquilo eles almejam. Então, eu acho que é bem árduo, a mulher em qualquer carreira, seja qual for, qualquer ambiente que ela queira se destacar, queira se desenvolver, sempre é muito mais duro, muito mais árduo. Então você vai ter sempre, vamos dizer assim, que lutar o dobro, o triplo para estar ali, a pau a pau, é porque é com os homens.

Já em relação à questão do preconceito racial, talvez seja, na minha visão, eu percebi pouco, não sei se é porque a gente está num ambiente na universidade, de estar numa área que é na área de educação, na área de ensino. Essas questões a gente discute para trás, trouxe essas discussões para o curso de licenciatura. Essas questões de Direitos Humanos, aí tem um episódio que eu me lembrei agora, quando foi aprovar, no Departamento de Química, as disciplinas do novo currículo e a de Direitos Humanos é uma das disciplinas, que com a diretriz de 2015 para formação de professores na formação inicial e continuada é obrigatório.

Então, toda uma discussão na universidade, foi feita uma proposta pela PROGRAD para os cursos, que inclusive não era só para o curso de licenciatura, era para todos os cursos e eu me lembro que eu fui mostrar quando fui fazer a reforma curricular, teve um professor depois que eu apresentei, ele foi lá na onde eu estava sentada, e falou assim, "Direitos Humanos, né, no curso de química, né?". Então, é que você percebe essa dificuldade, que tem de muitos professores, e esse daí eu nunca esqueci. E também não só em relação é a essa questão, eu lembro também que quando veio, eu fui coordenadora de curso, veio um e-mail, um ofício da PROGRAD, sobre aquela questão do uso do nome social, que os alunos poderiam usar seu nome social. E aí eu tive que informar porque muitos que tinham optado pelo uso do nome social, quando veio no sistema para os professores lançarem as notas era outro nome. Então, o professor tinha o nome do aluno, que ele se matriculou que estava no documento, e aí não tinha como lançar, né? Então eu tive que comunicar aos docentes do curso que tinha esse ofício, repassei e um me mandou também um e-mail dizendo para essa era só faltava agora.

Então, você percebe essa incompreensão, porque eu penso que se você não entende alguma coisa, o motivo, a justificativa, o porquê dessas questões que foram colocadas, eu acho que eu sua obrigação como profissional principalmente na universidade, porque você está formando recursos humanos, é você ir atrás, entender o porquê, então para mim foi mais fácil nesse sentido, porque você tinha que fazer aquelas leituras, você tem que escrever um PPCs, ficar por dentro de todas as diretrizes de formação de professores, mesmo de outros cursos, de você entender, de acompanhar, óbvio que toda essa discussão na sociedade, desta questão do preconceito, do racismo, que existe estrutural, então foi bem interessante em 2019,

que foi bem ao final do ano que eu me aposentei, foi quando a gente implementou o curso, o novo curso e no primeiro ano tinha essa disciplina que incluía Direitos Humanos, chamada Seminários de Educação em Química. Então eu trazia convidados, porque como não era da minha expertise.

Então, eu trouxe convidados, pessoas que trabalhavam com isso da área de Ensino de Biologia, Ensino de Física, para fazer essa discussão, tanto da Educação Inclusiva, da questão dos Direitos Humanos, da questão do preconceito, racismo. E foi bem interessante, a gente percebeu que os alunos aceitaram bem e você mesmo se perceber. Então é pelas falas desses profissionais que nós trouxemos, também tínhamos alunos de mestrado, doutorado em Educação, que também é militam, nessa área foi bem interessante, porque você começa até entender um pouco, porque essas pessoas que a gente encontra no trabalho, vamos dizer assim, na vida, trazem esse preconceito, então, quando ela trazia alguma, por exemplo, algumas expressões. Quando aquela expressão que fala assim, vai fazer 'não é nas coxas'. E eu lembro que eu falava, que minha avó era do Mato Grosso, minha bisavó e essa expressão que a gente usava. Aí que eu fui entender que era quando os escravos moldavam as telhas nas coxas e não saíam todas iguais, então era o que fazia o telhado ficar torto, então algumas das expressões que muitas vezes a gente utiliza que a gente então percebeu que era um que era preconceito.

Então, essa disciplina me ajudou muito, falamos sobre autismo, falamos sobre altas habilidades, inclusão, todo um histórico. Historicamente você percebe como que isso aconteceu vem caminhando na sociedade. O significado sobre isso e é algo que eu considero importante, estar nos cursos de formação justamente por isso, porque se existe essa estranheza entre os professores, sobre essa necessidade dessas disciplinas, você conhecendo historicamente como foi esse processo que chegou até hoje, essa violência, essa violação dos Direitos Humanos, que nós temos e preconceito, você percebe da importância delas.

Só uma pergunta complementar, você teve a sua filha sozinha no hospital, sem a presença de um familiar?

Sim, porque era hospital público, lá chamava hospital universitário, então é como se fosse um Hospital de Clínicas. Então ela me deixou às duas (horas da manhã), eu acho que é... as duas horas que eu cheguei no hospital, meu tio me deixou, como eles disseram que eles achavam, como era o primeiro (parto), era para eu voltar, que achava ia ser das dez às onze (da manhã), mas como eu já estava com a dilatação, eles falaram que ia demorar, então, meu tio foi embora. Aí eu tive minha filha lá no hospital sozinha mesmo, cinco e meia não tinha parentes, não tinha ninguém não, amiga nenhuma não, ninguém, só eu. Aí depois que acho que aí eu saí no outro dia, no fim da tarde, que meus tios vieram me buscar.

E como foi para você essa experiência?

Olha para mim assim, porque você está numa situação de dor, foi parto natural. Então, é... é um pouco assim, você se assusta porque você nunca passou por isso, foi a primeira filha, então não imaginava como era. Mas, para mim, hoje foi tranquilo, porque aí você começa a ver, tinha uma moça também, a menina tinha o que uns quatorze ou dezesseis anos, aí tinha uma pessoa que era o pai da criança, que o pessoal achou que era o avô, a diferença de idade do senhor que estava lá com ela. Eu dividi o quarto com uma moça, essa moça tinha 30 anos, mas era o nono filho dela. Então, pensando nesse sentido, você pensa que está bem. Então para mim foi

tranquilo, porque nesse sentido, de você pensar que não tem ninguém da família etc, né? Então eu acho que eu não senti muito, que eu comecei perceber ali só a situação, vendo essas situações, essa moça que estava no que dividiu o quarto comigo, que estava numa situação, como ela tinha 9 filhos, ela queria fazer ligar as trompas, para não ter mais filhos, só que o marido esteve lá, era pedreiro, disse que precisava trabalhar e queria que a mulher voltasse, e eles falaram que se ela saísse e voltasse para casa não teria como fazer, ela teria que entrar na fila de novo, por ser hospital público, entrar na fila para conseguir fazer a cirurgia e acabou que ela foi embora, ela também teve eclampsia, passou mal, e demorou assim uns dias para sair e ela acabou indo embora, porque o marido precisa trabalhar e não tinha que ficasse com as outras crianças, acho que era um vizinho que estava tomando conta.

Então, diante dessas situações que eu percebi ali, eu achei que para mim foi tranquilo que embora eles não tivessem lá, porque como eu nunca tinha (dado à luz), foi o primeiro filho. Então, eu não tive uma experiência de ter, sei lá, um companheiro, alguém da família junto. E naquela época, eu nem sei ainda se podia, é, foi 87 e tinha esse negócio do marido assistir porque só tira fotos, filma, né? Se era permitido naquela época, eu não tenho essa noção, hoje que não é mais assim, que é que é autorizado, mas para mim não foi nada assim, nem de trauma de nada, assim eu não sinto.

E quantos anos você tinha?

23 anos, engravidei com 22, ela nasceu eu tinha 23 já.

Então, voltando um pouco a sua carreira de docente e pesquisadora, como você diria que é ser uma docente pesquisadora negra, além de todas as coisas que você já me falou na Área de Ciências Exatas, e eu queria que você falasse também dessa sua migração da Química Analítica que você trabalhava para a área de Ensino, como e por que ela ocorreu?

Então eu vou começar por aí, essa migração foi quando, comecei a dar aula formação professores, nós começamos então a dar curso para os professores, os professores de Ciências da rede, que foi um edital da CAPES para a docência que foi aberto, que oferecia bolsas para os professores virem fazer cursos aqui, atualizações, aperfeiçoamento na universidade, então o departamento enviou o projeto, uma proposta que foi aprovada, e os professores começaram a fazer esses cursos.

Então, a partir do momento que eu conheci, comecei a formação continuada, a ter contato com esses professores, perceber as dificuldades que eles tinham para ensinar Química, aí eu me interessei bastante. Inicialmente, geralmente quando a gente migra de uma área dura como área, de Química da área de Exatas para área de Ensino, área de Educação, Humanas. Então, inicialmente eu comecei a produzir material, eu tive projeto aprovado na Fundação Araucária, no CNPq e na CAPES com bolsistas para desenvolver experimentos e materiais didáticos, para ensinar Ciências na educação básica, então é a partir dessas dificuldades, que eu me interessei. E aí então, acabamos lentamente migrando para essa área, da produção de material, veio também esse interesse de pesquisar mesmo, produzir conhecimento na área, sobre como se ensina, como se aprende, como são essas relações entre professor e aluno, aluno e aluno, professor e professor na escola.

E aí, então eu comecei a participar de alguns projetos em um projeto de Educação Ambiental que foi o PROAR foi por dez anos, nas escolas em que fazia o monitoramento da qualidade do ar, vinham os professores que a gente dava a

formação aqui e aí eles na escola, eu tinha que desenvolver as atividades com as crianças, esse foi o processo de migração, foi a partir do momento que eu passei a observar as dificuldades que os professores tinham, que eram muito grandes de ensinar Química, como trabalhar esses conhecimentos científicos em sala de aula, é uma dificuldade muito grande, e aí nesse processo, como eu falei, além de desenvolver material, esse interesse em pesquisa

Eu cheguei a entrar no programa de Pós-Graduação em Educação, no ano de 2000, cheguei entrar e orientar lá dois alunos de mestrado, mas é uma área que era de Educação em Trabalho e o referencial teórico era o marxismo, então você tinha que usar a materialismo histórico-dialético, mas os nossos alunos aqui tinham dificuldade de nos enxergar, a Química ou Ensino de Química nessa linha. Então, eu cheguei a orientar dois alunos, me descredenciei e aí depois, quase dez anos que foi em 2009 nós mandamos o projeto aqui do PPGECM, fomos reunindo conhecendo essas pessoas que trabalhavam com Ensino de Ciências na universidade, não só aqui na exatas, mas lá na área de Educação, fizemos vários projetos também juntos antes, e aí fazíamos as discussões das reuniões pensando em abrir esse programa. Tivemos muita dificuldade porque o Setor de Educação que não queria. A ideia deles era que eles já estavam a mais tempo trabalhando com o Ensino de Ciências, que nós deveríamos ir para lá, e não criar algo aqui. Então, internamente houve esse embate, foi bem complicado, aquela questão de “se adonar”, achar que você é dono daquela área.

Até aí fizemos a proposta, e eu fui lá apresentar, eles vinham nas reuniões, sempre participava, mas a impressão que dava, é de querer o que a gente queria fazer. Mas eles ao final acabaram não participando, só um pessoal novo que entrou lá que acabou se agregando. Eu cheguei lá a apresentar o projeto, as disciplinas, e aí, ele quando foi para o Conselho Universitário, o pessoal baixou vistas do processo, aí o Pró-Reitor de pesquisa nos chamou lá, fomos diretora do setor nos acompanhou e a discussão era um nível que até as disciplinas que a gente queria dar, a disciplinas era deles. Então a gente discutiu bastante, e aí o que o Pró-Reitor mesmo falou é que mandasse para CAPES, porque se fosse aprovado, eles diziam que não seria aprovado por conta dos nossos currículos, que a gente não tinha produção na área ainda era uma produção muito incipiente. E nós enviamos e o projeto foi aprovado.

Então aí a gente iniciou aqui e acabou, porque na verdade é, pensamos até em um Mestrado Profissional, trouxemos na época o Marco Moreira que foi um dos criadores lá na CAPES do Mestrado Profissional em Ensino para dar uma palestra, para conversar, explicar, mas o pessoal da Educação também era contra, porque achava que o Mestrado Profissional, a ideia deles naquela época, era que como não se dava uma formação inicial boa, então era, na verdade a necessidade de um Mestrado Profissional em Ensino para complementar essa formação inicial, que não foi boa. Só que a gente sabe que a formação inicial está acoplada à formação continuada, o professor tem que estar continuamente estudando, se desenvolvendo, formando e estudando.

Então a formação não acaba na formação inicial e tanto que hoje eles têm uma formação, mestrado profissional lá em Cultura e Escola, eu acho. É até hoje, eles também têm, e acabou que o programa já está aí, tem doutorado.

Então foi esse processo, diversas dificuldades, dos professores, e você pensar junto com eles nesses cursos, todos os cursos, eles tinham que desenvolver material didático para ensinar Ciências na Educação Básica, e aí o esse interesse para a pesquisa. Mas aí já era além de ser essa visão, desenvolver material, de produzir

material didático, mas de pesquisar mesmo, de entender esse processo mesmo enquanto pesquisa, então essa foi a transição. E sempre muito difícil, porque todo programa que você começa, também na Área de Ensino, o departamento sendo e o pessoal sendo da área de exatas, e não consegue entender muitas vezes, acham que que a pesquisa Ensino é só produzir material didático. A gente ouvia isso dos alunos, nas disciplinas, a partir do momento que eles começaram a fazer a disciplina de Introdução à Pesquisa no Ensino de Química que desenvolveu também de um Projeto de Pesquisa I e II que eles começaram a ter essa noção do que que é uma pesquisa nessa área. E então a gente começou a formar também um pouco os alunos que passaram a se interessar, querer fazer Iniciação Científica nessa área, entrar no mestrado, aí surgiu o PIBID, hoje Residência Pedagógica. Então eu acho que a gente se estabeleceu, mas é sempre uma luta, porque sempre tentam desqualificar, se a gente ouvir assim 'aí nós também aqui também formamos professores porque eles dão aula Química para os alunos da licenciatura'. Então, eles têm uma dificuldade de enxergar aqui é uma área de pesquisa. Então, isso é sempre, quando você, como eu falei, vai lutar para ter um espaço físico, para ter recursos dentro da Universidade, projetos, projetos de extensão, projetos de pesquisa, bolsa para alunos, vaga docente, então é tudo muito difícil nesse sentido, e qual que foi o outro, Cinthia, que você falou? Eu esqueci.

Como foi para você se estabelecer como uma docente-pesquisadora negra, mas eu acho que você até já respondeu, né?

É, na verdade é isso aí, sempre que talvez é a gente que não perceba, né, Cinthia? Assim, é essa questão de a gente achar, por exemplo, como eu falei que eu sempre achei, foi pela questão é feminina, sexista, você é mulher. Mas também poderia estar por trás disso, essa questão de ser negra também. Então eu pelo menos nunca ouvi explicitamente de ninguém, assim no meu ambiente profissional, é pouquíssimas vezes, eu acho que eu fui aquilo que eu te falei. Eu acho que por estar na Universidade, um ambiente que acho que os professores, por mais que tenham preconceito, mas eles conhecem um pouco mais as consequências desse tipo de atitude racista, de preconceito, eles podem até pensar, mas eu acho que eles evitam falar, sabe, mas o que eu senti mais mesmo na pele, isso é, até hoje, até hoje, o lugar que você vai, você toma Uber, a pessoa pergunta, mas você é casada? Você mora sozinha? Umas coisas assim que se fala. E qual que é o problema? O que é então isso até hoje isso aí... eu acho que é isso é muito forte, sabe? É muito forte.

E você acha que por que ser uma mulher negra de pele mais clara, isso facilitou de alguma forma, do que você fosse uma negra de pele mais escura?

Ai, eu acho que sim, eu acho que sim, eu acho ô Cinthia, acho que se fosse pelo que a gente vê, o que a gente vê é horrível. A gente vê, tem amigas, tenho é essa questão, mais inclusive de conotação mais sexual, né, como se estivesse, é disponível, como se a mulher negra tivesse aí para isso, servisse para isso. Então, pode até ser que seja as duas coisas. Mas não tenha dúvida, eu tenho certeza que sim.

E isso que local, que você entra, acho que principalmente aqui no sul do país, sabe? Eu acho que em Curitiba tem lugares que você vê, percebe, a forma que a pessoa te trata, te olha, eu tenho certeza que sim, não tenho dúvida nenhuma.

Para finalizar essas questões que eu queria que você considerasse principalmente a questão da afetividade, mas também a financeira e outros aspectos como esses, esses fatos todos que você narrou influenciam hoje a sua vida pessoal?

Na verdade, a vida pessoal eu sempre me coloquei assim, você está sempre é, vamos dizer assim, com a faca, com as armas, está armada, para tudo, porque você, como você passou por isso, sentiu e aí como eu te falei ainda passo por isso. Se a gente se cala, se você não fala, se você não exige, se você não se impõe, eles passam por cima. É essa a impressão que eu tenho, sabe? Então, a gente passa por ser, às vezes assim belicosa, briguenta. Enfim, mas eu sempre fui assim porque eu penso que a gente tem que mostrar para as pessoas, não é porque eu sou mulher, não é porque eu sou negra, eu sou menos. É, vamos ver assim, pela competência, pela habilidade, enfim, do que você tem, mas a capacidade que você tem que desenvolver. Então isso influenciou, eu penso nisso, eu sempre já vou armada, esperando que isso possa acontecer mais, já vamos dizer com o argumento, e já esperando que isso pode acontecer, porque algo assim que eu acho que deve ser muito difícil, no dia a dia você se deparar com isso não estar esperando.

Então você está sempre armado assim, sabe? Você está sempre pronta, né, para essas coisas, como responder, como enfrentar esses problemas, suas dificuldades, seja com homem, seja cantada, seja algumas coisas que você ouve no pessoal do interior, eu já fui em festa de família, família não a minha, família de parente, do meu cunhado, que é como o pessoal, bem assim da roça, pessoal muito machista mesmo, 'você é solteira?', 'Você é xoxoteira?' Esse tipo de coisas. Então influencia na minha vida isso, eu estou sempre armada, sempre preparada, estou sempre me defendendo, tô armada, pensando em argumentos. De como me defender, porque senão se defender, se você deixar, o pessoal tratora, passa por cima.

Então eu não me calo não, sabe? Não me deixo nem abater, não deixo ser algo, se alguma coisa assim que não vale a pena, se eu tenho outra opção, que é um serviço, alguma outra coisa e tal, deixo para lá, mas é, a gente não pode, que eu acho que isso aí é uma luta que se a gente aceitar. É o que acontece que a gente vê aí na televisão, né? Quantas mulheres negras aí que são mortas diariamente, né? Por marido, por parente, pelo pai. E a gente tem filhos e essa sociedade, se a gente não lutar... Eu acho que a esperança nunca a gente pode perder e lutar sempre, sabe? Então acho que isso influencia muito nesse meu jeito de me impor, a sociedade, em todas as situações da minha vida, acho que é isso.

Isso, muito obrigada, vou encerrar a gravação.